

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
NÍVEL DOUTORADO

Gabriele Rodrigues de Moura

"ESCREVO À TU CURIOSA ERUDICION UNA BUENA PARTE DEL NUEVO MUNDO":

a prática historiográfica na obra *Historia de la Conquista del Paraguay, Río de la Plata y Tucumán*, de Pedro Lozano, S.J. (c. 1745)

São Leopoldo - Rio Grande do Sul

2019



Este mapa se pone en la orden de Latitud y Longitud de los pueblos de dichas Misiones, y a las relaciones antiguas y modernas de los Padres Misioneros de ambos rios.

El Rio Uruguay tiene su origen en el lago de los Xarayes en la Laguna de los Charcos al Sur de la Laguna de los Charcos, y se dirige por la parte del Noreste, y se divide en dos rios, uno que se llama Rio Negro, y otro que se llama Rio de la Plata.

Este mapa se pone en la orden de Latitud y Longitud de los pueblos de dichas Misiones, y a las relaciones antiguas y modernas de los Padres Misioneros de ambos rios.

Este mapa se pone en la orden de Latitud y Longitud de los pueblos de dichas Misiones, y a las relaciones antiguas y modernas de los Padres Misioneros de ambos rios.

M929e Moura, Gabriele Rodrigues de.
“*Escrevo à tu curiosa erudicion una buena parte del nuevo mundo*”: a prática historiográfica na obra *Historia de la conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán*, de Pedro Lozano, S.J. (C. 1745) / Gabriele Rodrigues de Moura. – 2019.
310 f. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2019.

“Orientadora: Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck”.

1. Companhia de Jesus. 2. Discurso narrativo. 3. Historiografia. 4. Intertextualidade. 5. Lozano, Pero, S. J.. I. Título.

CDU 989.2

GABRIELE RODRIGUES DE MOURA

“ESCREVO À TU CURIOSA ERUDICION UNA BUENA PARTE DEL NUEVO MUNDO”: A PRÁTICA HISTORIOGRÁFICA NA OBRA HISTORIA DE LA CONQUISTA DEL PARAGUAY, RÍO DE LA PLATA Y TUCUMÁN, DE PEDRO LOZANO, S.J. (C. 1745)

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em História, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Eliane Cristina Deckmann Fleck.

GABRIELE RODRIGUES DE MOURA

“ESCREVO À TU CURIOSA ERUDICION UNA BUENA PARTE DEL NUEVO MUNDO”: A PRÁTICA HISTORIOGRÁFICA NA OBRA HISTORIA DE LA CONQUISTA DEL PARAGUAY, RÍO DE LA PLATA Y TUCUMÁN, DE PEDRO LOZANO, S.J. (C. 1745)

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Eliane Cristina Deckmann Fleck.

Aprovada em __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Daniel Paz – Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires (UNCPBA)

Prof. Dr. Artur Henrique Franco Barcelos – Universidade Federal de Rio Grande (FURG)

Prof. Dr. Guilherme Galhegos Felipe – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Bohn Martins – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Prof^a. Dr^a. Eliane Cristina Deckmann Fleck (orientadora) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

São Leopoldo – Rio Grande do Sul
2019

Às duas pessoas que eu queria
muito que estivessem aqui neste
momento, vizinha e vizinho (*in
memoriam*).

À minha mani, por sempre estar ao
meu lado.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a Eliane Cristina Deckmann Fleck, pela orientação, seus questionamentos sempre instigantes, apoio e compreensão nos momentos mais difíceis da escrita, além de todo o incentivo e paciência quando eu pensava em desistir. Muito obrigada por ter aceito ser minha orientadora. Também lhe agradeço muito pela oportunidade de conviver com a senhora, que me ensinou como ser mais organizada e sempre se mostrou uma pesquisadora tão correta nos seus métodos de pesquisa e generosa com os seus orientandos. Lembro que, certa vez, eu lhe disse que a senhora era para mim um exemplo como historiadora e que foi a primeira referência bibliográfica feminina que eu li sobre missões. Agora posso dizer que se tornou um exemplo de conhecimento, pesquisa e ensino.

Ao Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz, S.J., pela colaboração na pesquisa com o empréstimo de bibliografia, do auxílio na busca de referências sobre o Pedro Lozano, e por sempre me incentivar nas horas de cansaço durante a pesquisa realizada no Instituto Anchietano de Pesquisas. Obrigada por nunca ter deixado de me perguntar como estava o Lozano, fazendo com que eu buscasse me empenhar mais para que este “nosso amigo” estivesse sempre bem representado na tese. Me faltam palavras para agradecer ao senhor por toda a ajuda proporcionada e por sua disposição em ouvir algumas das minhas teorias sobre a escrita da Companhia de Jesus.

Agradeço aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, por todos os seus ensinamentos e debates sempre esclarecedores nas aulas.

À CAPES, pelo financiamento da pesquisa de Pós-Graduação, pois sem este auxílio financeiro a escrita da tese e a conclusão dos créditos não teriam sido possíveis.

Ao Prof. Dr. Carlos Paz, pelo envio das Cartas Anuais, tanto dos originais, quanto das traduções feitas pelo padre Carlos Leonhardt, S.J., e à Prof^a. Dr^a. Maria Laura Salinas, pelas imagens do manuscrito da *Historia de la Conquista*. Muito obrigada pela ajuda e gentileza!

Agradeço aos meus amigos de sempre, Moacir Josué Dias Soares, Maitê Peixoto, Márcia Mello da Silva, Juliana Preto e Amarillys Krug. Sem esquecer dos novos, que não são menos importantes, Thaís Macena de Oliveira, Belisa Cassel e Andreza Estevam Noronha.

Ao meu avô, José dos Santos Rodrigues (*in memoriam*), por ter me incentivado a prosseguir mesmo nos dias frios do vestibular de inverno da PUCRS, por ter iniciado conversas sobre os assuntos mais aleatórios, enquanto eu tentava escrever a minha monografia e por ter sido o melhor pai que eu poderia ter tido na vida. Vôzinho, saiba que se, naquela época, eu reclamava das conversas que atrapalhavam a minha escrita, hoje eu sinto uma falta sem tamanho da tua capacidade de sempre me fazer rir de coisas absurdas. Onde quer que você esteja vôzinho, cada página escrita foi dedicada para ti.

À minha avó, Odete de Freitas Rodrigues (*in memoriam*), a quem todos os agradecimentos não seriam suficientes e as palavras não bastariam. Eu queria ter sido uma neta melhor, eu queria ter passado muito mais tempo ao teu lado, pois, mesmo que todos digam que eu fiz muito, ao ter aberto mão de tantas coisas para cuidar de ti, eu sinto que não fiz o suficiente. Vózinha, não há dia em que eu não sinta a tua falta em casa e em que eu queira que estivesses aqui comigo.

E, por último, mas nunca menos importante, agradeço à minha mãe, Margarete de Freitas Rodrigues. Obrigada pelo incentivo, carinho, amor, apoio e força. Mani, eu te agradeço por sempre teres tentado entender os meus períodos de ausência e por teres tentado me ajudar, nem que fosse apenas para me ouvir reclamar das coisas que eu não achava corretas.

*De sua arte, Aracne era ciosa
A ponto tal, conta um poeta antigo,
Que a mediu com Minerva, frente a
frente,
E da deusa sofreu atroz castigo.
Tem cuidado, Cloé, sê cautelosa.
Ah! Não queira Minerva castigar-te,
De despeito, por teres, certamente,*

Muito mais que Minerva, engenho e arte

(GARRICK *apud* BULFINCH, 2018).

RESUMO

A presente tese prevê a reflexão sobre a prática historiográfica da Companhia de Jesus, atestada na vasta produção legada por cronistas e historiadores jesuítas acerca da atuação missionária em solo *paraguayense* nos séculos XVII e XVIII. Para tanto, nos detivemos nas obras e na trajetória do padre jesuíta Pedro Lozano – o primeiro a receber o título de *Historiador da Província* – por entendermos que seu desempenho nesta função e sua produção foram fundamentais tanto para um padrão de escrita e para um método historiográfico adotados pela Companhia, quanto para a consolidação de uma identidade e de uma memória oficial sobre a atuação da Ordem na Província Jesuítica do Paraguay. Foram analisados, os livros *Descripcion chorographica* (1733), *Historia de las Revoluciones* ([c.1738] 1905), *Relacion de la vida y virtudes del venerable martyr P. Julian de Lizardi* (1741), *Historia de la Compañía de Jesús* (1754-1755), e, de forma mais detida, a obra *Historia de la Conquista* ([c. 1745] 1873-1875; 2010). Teórica e metodologicamente, a tese se fundamenta nos pressupostos da História Cultural, com destaque para os referenciais da História das práticas de escrita e de leitura, fundamentais para a discussão do discurso narrativo e das evidências de inter/intratextualidade, arquitextualidade e censura presentes nas obras do historiador jesuíta Pedro Lozano.

Palavras-chave: Companhia de Jesus. Pedro Lozano. Historiografia. Discurso Narrativo. Intertextualidade.

RESUMEN

La presente tesis prevé la reflexión sobre la práctica historiográfica de la Compañía de Jesús, atestada en la vasta producción legada por cronistas e historiadores jesuitas a lo largo del siglo XVII y del XVIII, privilegiando las obras escritas por el padre Pedro Lozano, especialmente, el libro *Historia de la Conquista del Paraguay, Río de la Plata y Tucumán* ([c. 1745] 1873-1875; 2010). Para ello, nos detuvimos en las obras y en la trayectoria del padre jesuita Pedro Lozano - el primero en recibir el título de *Historiador de la Provincia* - por entender que su desempeño en esta función y su producción fueron fundamentales tanto para un patrón de escritura y para un método historiográfico adoptados por la Compañía, como para la consolidación de una identidad y de una memoria oficial sobre la actuación de la Orden en la Provincia Jesuítica del Paraguay. Se analizaron los libros *Descripcion chorographica* (1733), *Historia de las Revoluciones* ([c.1738] 1905), *Relacion de la vida y virtudes del venerable martyr P. Julian de Lizardi* (1741), *Historia de la Compañía de Jesús* (1754-1755), e, de forma más detenida, *Historia de la Conquista* ([c. 1745] 1873-1875; 2010). Teórica y metodológicamente, la tesis se fundamenta en los presupuestos de la Historia Cultural, con destaque para los referenciales de la Historia de las prácticas de escritura y de lectura, fundamentales para la discusión del discurso narrativo y de las evidencias de inter-intratextualidad, arquitekstualidad y censura presentes en las obras del historiador jesuita Pedro Lozano.

Palabras clave: Compañía de Jesús. Pedro Lozano. Historiografía. Discurso Narrativo. Intertextualidad.

ABREVIATURAS OU SIGLAS

AGN - *Archivo General de la Nación.*

ARSI – *Archivum Romanum Societatis Iesu.*

ARSI, PARAQ. 6 - *Archivum Romanum Societatis Iesu, Paraquaria 6, Paraquaria Catalogus. Trienalæ 1703-1762.*

ARSI, PARAQ. 8 - *Archivum Romanum Societatis Iesu, Paraquaria 8, Litterae annuae 1608-1649.*

ARSI, PARAQ. 9 - *Archivum Romanum Societatis Iesu, Paraquaria 9, Litterae Annuae 1650-1700.*

ARSI, PARAQ. 10 - *Archivum Romanum Societatis Iesu, Paraquaria 10, Litterae Annuae 1735-1743.*

ARSI, PARAQ. 13 - *Archivum Romanum Societatis Iesu, Paraquaria 13, Historia 1710-1767.*

BAV - *Biblioteca Apostolica Vaticana.*

BCM – *Biblioteca Universidad Complutense de Madrid.*

BCS – *Biblioteca del Colegio del Salvador.*

BM – *Biblioteca de Montserrat-Biblioteca de ciències humanes i de teologia.*

BNB - *Biblioteca Nacional do Brasil.*

BNCF – *Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze.*

BNCR - *Biblioteca nazionale centrale di Roma.*

BNE - *Biblioteca Nacional de España.*

BNF - *Bibliothèque Nationale de France.*

BNM - *Biblioteca Nacional de Maestros.*

BNPY - *Biblioteca Nacional del Paraguay.*

BNP - *Biblioteca Nacional de Portugal.*

BPBA – *Biblioteca Publica del Estado Bartolomé J. Gallardo (Badajoz).*

BSF - *Biblioteca do Senado Federal.*

BVB - *BibliotheksVerbund Bayern.*

BUS – *Biblioteca de la Universidad de Sevilla.*

BUZ - *Biblioteca de la Universidad de Zaragoza.*

C.A. – *Cartas Ânuas.*

CDL – *California Digital Library.*

CONST - *Constitvtiones Societatis Iesv, cum earum Declarationibus; Constitvtiones Societatis Iesv et examen cvm declarationibvs; e, Constituições da Companhia de Jesus e NORMAS Complementares.*

CRAI – *Centre de Recursos per a l'Aprenentatge i la Investigación (Universitat de Barcelona).*

DCO - *Documenta Catholica Omnia.*

DHA - *Documentos para la Historia Argentina.*

DHCJ - *Diccionario histórico de la Compañía de Jesús.*

DNB - *Deutsche National Bibliothek.*

DUL – *Duke University Libraries.*

EE - *Exercitia Spiritvalia; Espistolae et Instruciones; e, Exercícios Espirituais – Escritos de Santo Inácio.*

HCJB - *História da Companhia de Jesus no Brasil.*

HS - *Historia Societatis.*

KB - *Koninklijke Bibliotheek (Nationale bibliotheek van Nederland).*

IAP - *Instituto Anchietano de Pesquisas.*

JCB – *The John Carter Brown Library.*

MCA - *Manuscritos da Coleção de Angelis.*

MHSI - *Monumenta Historica Societatis Iesu.*

MI Epp - *Monumenta Ignatiana ex autographis vil ex antiquioribus exemplis collecta.*

NKCR - *Národní knihovna České republiky.*

NYPL – *The New York Public Library.*

ÖNB – *Österreichische Nationalbibliothek.*

RAH – *Real Academia de la Historia.*

RATIO STVDIORVM; RATIO STUDIORVM - *Ratio Ataqve Institvtio Stvdiorvm Societatis Iesv; e, Ratio Atqve Institvtio Studiorvm.*

UANL – *Universidad Autónoma de Nuevo León.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa de Machoni (1732?)	144
Mapa de Quiroga (1749)	147
<i>Conquista del Paraguay y do Río dela Plata</i>	170
Trecho do § III	171
Trecho do § II	172
Trecho do Capitulo X.....	173
<i>Litteræ annuæ Provinciæ Paraquariæ Societatis Jesv ab ann 1730 ad annum 1735</i>	174
Trecho Capitulo IV.....	175
Capa da Descripción chorographica (1733), com as especificações de onde incidem as informações legais necessárias para a publicação do livro.....	220
Fac-símile do manuscrito da <i>Hiftoria delas Revoluciones</i> (na edição de 1905).....	221
Manuscrito da <i>Historia de la Conquista</i> (presente na edição de 2010)	222
Capa da edição da obra <i>Historia de la Compañía de Jesús</i> (1754)	223
Capa do livro <i>Relacion de la vida, y virtudes</i> (1741)	224
Apresentação <i>A las Religiofsimas, y Doctifsimas Prouincias</i>	227
<i>Licencia de la Religion</i>	228
<i>Censura</i>	229
<i>Licencia del Ordinario</i>	230
<i>Aprobacion</i>	231
<i>Suma del Provilegio, Fee del Corrector e Suma de la Taffa</i>	232
Introdução <i>Al lector</i>	233
<i>Indice</i>	234
<i>Aprobacion</i>	236
<i>Licencia del Ordinario</i>	237

<i>Censura</i>	238
<i>Licencia del Consejo, Fee de Erratas e Suma de la Tassa</i>	239
<i>Licencia de la Religion e Protesta del Autor</i>	240
<i>Prologo</i>	241
<i>Tabla de los párrafos</i>	242
<i>Licencia de la Religion e Licencia del Consejo de Indias</i>	243
<i>Censura e Licencia del Ordinario</i>	244
<i>Aprobacion e Licencia del Consejo</i>	245
<i>Fee de Erratas e Tassa</i>	246
<i>Prologo</i>	247
<i>Protesta del autor</i>	248
<i>Indice</i>	249
<i>Fee de Erratas</i>	240
<i>Tassa</i>	251
<i>Apendix</i>	252
<i>Indice</i>	253
<i>Indice (parte) e Protefta del Author</i>	255

LISTA DE QUADROS

Quadro comparativo 1: Montenegro (1711) e Lozano (1733)	204
Quadro comparativo 2: Montenegro (1711) e Lozano (1873)	211
Quadro comparativo 3: Montenegro (1711) e Lozano (1873)	213

SUMÁRIO

1. Introdução.....	17
PARTE I – PEDRO LOZANO: O “ARQUIVO VIVO” DE TODAS AS NOTÍCIAS	
2. <i>Historiographus provinciæ</i>: as práticas de leitura, escrita e a formação teológico-filosófica de Pedro Lozano.....	37
2.1 Pedro Lozano: o “arquivo vivo” de todas as notícias.....	41
2.2 Servir em missão: a formação teológico-filosófica e as práticas de leitura na Companhia de Jesus.....	54
3. As diferentes formações, o arquiteito jesuítico e os graus de instrução da Companhia de Jesus	75
3.1 <i>Letras contínuas</i> : o arquiteito jesuítico	81
3.2 A presença e influências da historiografia leiga e de outras Ordens religiosas nas práticas de escrita jesuítica	99
PARTE II – A PRÁTICA HISTORIOGRÁFICA DE PEDRO LOZANO	
4. Normatização e erudição na prática historiográfica de Lozano.....	124
4.1 O discurso narrativo e a reescrita do passado nas obras de Pedro Lozano.....	129
4.2 Para além de uma narrativa sobre o Paraguai, Río de la Prata, Tucumán e o espaço <i>chaqueño</i> : as redes de formação discursiva de Pedro Lozano e o processo da construção de sua figura como um historiador erudito	142
5. <i>Saberes, leituras e citações</i>: os livros e as referências que constituíram as obras de Pedro Lozano.....	159
5.1 Como referenciar um texto?: transcrições e citações nas obras do historiador jesuíta.....	167
5.2 A <i>gramatização</i> e a <i>dicionarização</i> do idioma como parte da escrita da história.....	182

5.3 Como escrever a História oficial da Companhia de Jesus na Província Jesuítica do Paraguay?: o intertexto na Historia de la Conquista de Pedro Lozano	190
5.3.1 <i>Eu te defino, mas eu te domino?</i> : as denominações da fauna e flora nos livros de Pedro Lozano.....	201
6 Como publicar um livro? As questões que circundavam o processo de impressão, censura e aprovações nas obras de Pedro Lozano	216
6.1 <i>Eu, realmente, aprovo este texto?</i> Os privilégios e as censuras positivas e negativas recebidas pelos textos durante o processo de publicação e circulação.....	256
Considerações finais	266
Referências bibliográficas.....	276

INTRODUÇÃO

Las verdades basadas en la experiencia de los sentidos o halladas por la inteligencia del alma han de ser defendidas por la razón; más en aquellas otras que sobrepasan la experiencia de los sentidos y la inteligencia no ha podido ni puede alcanzar, en éstas, sin ningún género de duda, debemos creer a los testigos (SAN AGUSTÍN, 1958, pp. 466-467).

A presente tese prevê a reflexão sobre a prática historiográfica da Companhia de Jesus, atestada na vasta produção legada por cronistas e historiadores jesuítas ao longo do século XVII e do XVIII, privilegiando as obras escritas pelo padre Pedro Lozano.

Foram treze os jesuítas¹ que se dedicaram à história da atuação da Ordem na Província Jesuítica do Paraguai, razão pela qual foram identificados como *paraguayenses*, de forma a enfatizar que suas obras tratavam de uma região específica e não consistiam de uma história *geral* da Companhia em todas as suas províncias. Dentre estes, Pedro Lozano foi quem ressaltou a importância de seus antecessores Antonio Ruiz de Montoya e Nicolas del Techo, por sua intrínseca relação com a história das *reducciones*² fundadas e administradas pela Ordem de Santo

¹ Ao que informa Pedro Lozano (LOZANO, 1754) e Guillermo Furlong (FURLONG, 1984), treze jesuítas foram chamados para executar esta tarefa de redigir ou escreverem crônicas ou histórias referentes à Província Jesuítica do Paraguai (incluindo a Província do Chile e as ilhas de Chiloé, que só se tornaram uma província separada depois de 1620) foram: Luis de Valdívía (1612), Antonio Ruiz de Montoya (1639), Juan Pastor (1645), Alonso de Ovalle (1648), Diego de Boroa (não escreveu), Juan Baptista Ferrufino (não escreveu), Nicolas del Techo (1673), Pedro Lozano (c. 1745), Pierre François Xavier de Charlevoix (1756-1757), José Cardiel (1758), José Guevara (c. 1766), José Sánchez Labrador (1769-1770) e José Manuel Peramás (c. 1767-1770).

² Aqui reutilizamos a explicação que já foi dada em nossa dissertação sobre a opção pelo termo *reducciones*. A *Missão*, conforme Giuseppe Buono tem duas realidades: o envio de uma pessoa por alguém que tem o poder de enviar, e, a tarefa específica daquele que é enviado. No entanto, o conceito de missão, vai exprimir uma realidade diferente: a missão que é confiada ao enviado, o objetivo desta missão e os destinatários da mesma (BUONO, 2008, pp. 29-30. *Tradução nossa*). Há uma diferença entre os conceitos de *Missão* e *Reducción*, que é uma experiência de contato. Nesse caso, é o missionário que vai ao encontro do outro, com a finalidade de fazer com que esse outro conheça uma nova história da qual ainda não ouviu nada: a história de Jesus” (MELIÁ, 2010, p. 7). Enquanto que *reducción*, segundo o que expressou Antonio Ruiz de Montoya seria: “llamamos reducciones a los pueblos de Indios, que viviendo a fu antigua vfança em montes, fierras, y valles, en efcondidos arroyos, en tres, quatro, o féis cafas folas, feparados a legua, dos, tres, y más vnos de otros, los reduxo la diligencia de los Padres a poblaciones grandes, y a vida politica y humana” (RUIZ DE MONTOYA, 1639, f. 6r). Dessa forma, “a missão por redução é um método e uma história, um modo de proceder e uma atuação do mundo colonial” (MELIÁ, 1989, p. 24). O *Diccionario da Lingua Portuguesa* de Moraes e o *Lexicon Totius Latinitatis* definem redução como: “O acto de reduzir; v.g. redução da coisa de hum lugar para outro, de hum estado para outro. Arraes, 8. 17 [...];-reducção do herege ao gremio da Igreja;

Ignacio na Província Jesuítica do Paraguai, e, ainda, por terem sido testemunhas de muitos acontecimentos dentre aqueles que relataram.

Como procuramos demonstrar na tese, as crônicas produzidas por estes dois jesuítas foram utilizadas para embasar a obra *Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán* ([c. 1745] 1873-1875; 2010), que tratava da conquista e colonização espanhola na Província do Paraguai, Rio da Prata e Tucumán.

Considerando os anos em que Pedro Lozano atuou na Província, a tese se detém no período que se estende de 1714 a 1752, isto é, desde sua chegada em Buenos Aires até o seu falecimento no *pueblo* de Humahuaca. Em alguns momentos, no entanto, retornamos ao século XVII, em função das obras e dos cronistas aos quais ele recorrerá para fundamentar sua narrativa.

O primeiro historiador³ da Província nos legou uma considerável produção, resultante tanto de suas pesquisas (FURLONG, 1930, p. 249) quanto de suas leituras:

reducção dos rebellados á obediencia, da Prada á obediencia do Principe; do osso a seu lugar” (MORAES E SILVA, 1813, pp. 574-575). Segundo Forcellini, “*Reductio* (- ònis) viria da raiz *reduco*, i.e., levar ou trazer de volta; um restabelecer, restauração (muito rara): quoniam senatūs consultum nullum exstat, quo reductio regis Alexandrini tibi adempta sit, Cic. Fam. 1, 7, 4 (pouco depois: ut per te restituatur et sine multitudine reducat): per cujus (clipei) reductiones et de missiones, a partir do surgimento da redução, Vitr. 5, 10 fin. [...] ã-dũco, xi, ctum; ou (rẽduco ou redduco, Lucr. 1, 228; 4, 992; 5, 133; antigo emprego: redduce, Ter. Hec. 4, 2, 29), v. a. [...] Para levar ou trazer de volta, para conduzir de volta (muito freq. e class.; syn redigo). No participio, Reducere aliquem domum (opp. Deducere), para conduzir ou acompanhar em casa Plaut. Merc. 5, 4, 19: ‘(P. Scipio) cum senatu dimisso domum reductus ad vesperum est a patribus conscriptis’, Cic. Lael. 3, 12; cf. Liv. 4, 24; cf.: ‘quos Elea domum reducit Palma’, Hor. C. 4, 2, 17. – Assim, sem domum: ‘in ludum (puellulam) ducere et reducere’, Ter Phorm. 1, 2, 36: ‘aliquem ad suam villam’, Cic. Ac. 1, 1, 1: ‘bene comitati per fórum reducuntur’, Quint. 12, 8, 3: ‘quantã reduci Regulus solet turbã’, Mart. 2, 74, 2: assurgi, deduci, reduci, Cic. Sem. 18, 36” (FORCELLINI, 1828, p. 383). Entendemos que a utilização do termo *reducção* em português traz um problema, pois o seu significado, atualmente, vem de *reducere* (diminuir, restringir, limitar), enquanto o termo em espanhol, *reducción*, está intrinsecamente ligado a *reductio* (conduzir, levar a, acompanhar, trazer de volta para casa/civilização).

³ Embora possamos ser levados a, erroneamente, traduzir *historiographus* como *historiógrafo*, visto que este cargo existia na Espanha, na França, em Portugal e em outros países no Setecentos; a tradução mais coerente com o termo e que elucida o seu significado é *historiador de/dol/da*. Esta questão relativa à tradução mais adequada do termo nos interessa, pois pudemos observar que o termo *historiographus provinciae* foi traduzido de duas formas, dependendo dos autores e de seus propósitos ao descrever/discutir a biobibliografia de Pedro Lozano SJ. André Lamas (1873, pp. I-CXLVIII), Carlos Sommervogel (1872-1876; 1890-1960), Samuel Lafonte Quevedo (1905, pp. IX-XX), Daniel García Acevedo (1909, pp. 147-193), Efraim Cardozo (1959), Ernesto Maeder (2010, pp. 3-37) e Giana Marras (2011, pp. 7-44) apresentam Pedro Lozano como *historiador*; Pablo Hernández (1904, pp. 457-460, 589-590), Carlos Leonhardt (1925, pp. 201-232), Guillermo Furlong (1930, pp. 241-342; 1959, pp. 5-154) e Josefina Cargnel (2015) o definem como *historiógrafo*. Estes autores, no entanto, não se detiveram na forma como Lozano se descrevia ao desempenhar a tarefa de escrever a história oficial da Companhia de Jesus ou de que forma ele se referiu aos seus antecessores que realizaram o mesmo trabalho. Lozano se autodenominava como “choronifita de fu Provincia del Tucumán” (LOZANO, 1733, s.p.) e observa que alguns dos seus companheiros de Ordem, já no século XVII, receberam a posição e a incumbência de “Hiftoriador del Paraguay” (LOZANO, 1754, s.p.). Na tese, optamos por denominá-lo *historiador*, como ele próprio se definia, mantendo a palavra *historiógrafo* apenas nas citações que transcrevemos e nas quais este termo foi empregado por determinado autor para designar a tarefa desempenhada pelo jesuíta.

Descripción chorographica de Terreno Ríos, Arboles, y Animales de los dilatadísimas provincias del Gran Chaco, Gualamba (1733); *Historia de las Revoluciones de la Provincia del Paraguay en la America Meridional* ([c.1738] 1905); *Cronologia Genealógica de Europa*⁴ e *Breve Compendium extractatus de Casibus reservatis elaborato a Patre Didaco López, Soc. Jesu*; *Relacion de la vida y virtudes del venerable martyr P. Julian de Lizardi, de la Compañía de Jesus de la Provincia del Paraguay* (1741); *Historia de la Conquista* ([c. 1745] 1873-1875; 2010); e, *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay* (1754-1755). Outras delas consistem de traduções de obras escritas por outros autores: *Relacion Historial de las misiones de los índios, que llaman Chiquitos* (1726); *Justificacion de lo que hasta ahora han practicado los Religiosos de la Compañía de Jesús del Madurey, Maymux y Carnate, Sucesion Genealógica de los príncipes* (1736)⁵ e *Maximas Eternas propuestas en lecciones, para quien se retira à los Exercicios Efpirituales de San Ignacio* (1754). Suas obras, cabe ressaltar, resultaram da incessante busca e, conseqüentemente, da referência a um grande número de fontes documentais, sobretudo, cartas⁶ e crônicas escritas por missionários que, durante o século XVII e o XVIII, atuaram na conversão dos indígenas da vasta região que esta Província jesuítica abarcava.

Em uma leitura preliminar da obra *Historia de la Conquista*, constatamos que ela, na verdade, se constitui – quando a lemos em ordem cronológica inversa –, de uma espécie de introdução para todos os livros que a antecederam e que existem significativas diferenças entre esta obra e as demais escritas por Lozano, tanto em termos de padrão do discurso narrativo, quanto em relação à história que elas se propõem a relatar.

Acreditamos que as modificações operadas na redação⁷ e no uso que era feito das fontes documentais nestas obras revelam as transformações que vinham ocorrendo dentro da própria Companhia de Jesus durante o século XVIII e os objetivos que a Ordem visava alcançar através da escrita – e da revisão da sua própria história

⁴ Sabemos, pelas considerações feitas por Guillermo Furlong, que estas obras datam de 1736, e que se tratam de edições que estão desaparecidas (FURLONG, 1930, pp. 241-342).

⁵ Estes três livros encontram-se em forma de manuscrito no Archivo General de la Nación, em Buenos Aires.

⁶ Conforme Castillo Gómez, as cartas são uma fonte valiosa de informações históricas. Para o autor, o conteúdo permite que haja um aprofundamento da trajetória de certos personagens, assuntos políticos, econômicos, culturais e religiosos (CASTILLO GÓMEZ, 2005, p. 850).

⁷ Esse pressuposto vem do conceito de *escritura* de Michel de Certeau (DE CERTEAU, 2000).

–, como uma forma de defesa ou, então, de celebração da memória que já havia sido construída sobre a Companhia. É importante ressaltar que a descrição que Lozano faz da atuação da Ordem Jesuítica é tributária, em grande medida, dos ataques que os jesuítas vinham sofrendo por parte de seus detratores, tanto de outras Ordens religiosas, quanto de setores leigos⁸ que compunham o governo civil colonial (membros da Corte, Vice-Reinado, Vice Províncias e Governações) e, especialmente, dos *encomenderos*, que atuavam no território que abarcava a Província Jesuítica do Paraguay (RUBERT, 1992, pp. 341-343).

Se, por um lado, constatamos essas diferenças, que decorrem de fatores conjunturais e institucionais – que nos propusemos a explorar nesta investigação –, por outro, cabe destacar que a *forma mentis* – formação intelectual e pessoal, conforme veremos ao longo dos capítulos – deste jesuíta também se fez presente nas suas obras, embora Lozano não tivesse autonomia sobre os temas (e sua forma de apresentação) que deveria abordar em suas obras, ele podia decidir como desenvolvê-los ao longo do texto.

Desempenhando a função de “archivo vivo de todas las noticias” (FURLONG, 1930), Pedro Lozano dedicou 26 anos de sua vida aos estudos e à escrita da história da Companhia de Jesus na Província Jesuítica do Paraguay. Em seus textos, o século XVII constitui-se na época legitimadora da atuação da Ordem Jesuítica, razão pela qual descreve os primeiros missionários como verdadeiros heróis da Companhia *paraguayense*, por terem se dedicado à evangelização dos povos indígenas. O século XVIII seria, em razão disso, apenas uma continuidade (ou uma consequência) do que estes homens *ilustres* haviam feito. Lozano se coloca, assim, junto daqueles outros

⁸ Segundo o *Vocabulario Portuguez e Latino* define o termo como: Laicâl. Cousa de Leigo, ou de Irmão Leigo em ordem Religiosa. *Vid.* Leigo (Cuja humildade, & grandeza de espirito o inclinarão ao estado laical. Vergel de Plantar, & 35.), (BLUTEAU, 1716, p. 25); enquanto o *Diccionario de la lengua castellana*: “Laical. Adj. de una term. Lo que pertenece à los legos. Lat. *Laicalis*. Zuñig. Annal. Año 1407. num. 6” (DICCIONARIO, 1734, p. 353). No caso do termo *leigo*, e no mesmo *Vocabulario Portuguez e Latino*, a palavra tem o seu sentido detalhado por quase uma página inteira, significando: “He adjectivo derivado da voz Grega *Laos*, que val o mesmo que *Povo*, & *Leigo* significa cousa vulgar, & não sagrada. Neste sentido chama a Escritura paõ leigo ao não sagrado [...] por isso chamamos *Leigos* a todos os que não são Clerigos, nem ordenados. E este mesmo nome, tomado em toda sua latidão, compreende o secular, & Profano; & neste sentido não chama *Leigo* o Religioso, porque realmente he Ecclesiastico; porèm quando se condistingye o ordenado do que o não he, *Leigo* val o mesmo que *não Clerigo*. De forte, que quando se condistinguem os seculares dos Ecclesiasticos, *Leigo* he o mesmo que *Secular*; & quando se faz distincção entre Ecclesiasticos, val o mesmo *Leigo* que *não ordenado*; & como nas Religioes os irmãos *Leigos*, *não ordenados* de ordinário não são letrados, tambem aos seculares pouco instruidos nas sciencias, chamamos *Leigos*” (BLUTEAU, 1716, p. 70). Mesmo que a *grosso modo*, as duas palavras tenham sentidos próximos, optamos pela última para nos distanciarmos do sentido dando a palavra *laico*, no século XIX, em que esta passa a ser associada a um sujeito que não pertence e/ou não professa nenhuma religião.

jesuítas que atuaram nos colégios ou nas *reducciones*, tidos como legítimos herdeiros e mantenedores exemplares desta *conquista espiritual*.

“Temos plena consciência que a análise aqui proposta não esgotará o tema. A documentação consultada abriu novos horizontes e perspectivas de pesquisas, instigando-nos a percepções e ideias que podem gerar outros tantos estudos” (MOURA, 2013, p. 45). Foi com estas palavras que concluímos a introdução de nossa dissertação de mestrado, intitulada “*Señores de la palabra*”. Palavras que sinalizavam o nosso interesse em dar continuidade à investigação iniciada no mestrado. Foi justamente durante a escrita da dissertação, e, em especial, ao longo da análise do livro *Conquista Espiritual* (1639), que surgiu a inquietação sobre quando se iniciava propriamente a produção historiográfica da Companhia de Jesus. Muitos autores, como Furlong, Efraim Cardozo, Carlos Alberto Page, Francisco Esteve Barba, Martín María Morales, dentre outros, afirmam que ela se iniciou no século XVIII com os padres Pedro Lozano e Pierre François Xavier Charlevoix, enquanto que outros enfatizam que a escrita da História na Companhia se iniciou somente no século XIX, após sua Restauração, como uma forma de recuperar a memória dos jesuítas enquanto grupo religioso.

Em nossa dissertação, no entanto, sustentamos que, apesar de não ser reconhecida como tal, a obra de Antonio Ruiz de Montoya se constituiu na primeira tentativa de escrever uma história sobre a região que abarcava a grande Província Jesuítica do Paraguay, da qual ele foi um dos principais missionários. Desta forma, propusemos que a “*historiografia paraguayense*” surgiu, de fato, no século XVII.

Muito embora fosse um método de escrita ainda bastante embrionário, com influências de historiadores da antiguidade e do medievo, é nela que se faz presente o estabelecimento da estrutura que estes livros deviam ter e que já estavam indicadas nas várias instruções do *deber escribir* – presentes nas *Constituições* (*Const.* §§ 655-676) – escritas por Ignacio de Loyola e por seu secretário, Juan Alfonso de Polanco – e nas *letras continuas* (**MI**, *Epp.* I, pp. 536-541; 542-549) – regras feitas por Polanco para a regulamentação da escrita das Cartas ânuas – e, ainda, na reestruturação feita pelo Prepósito Geral (ou Superior Geral), Claudio Acquaviva – destinada à Província da Nova Espanha (1598), para certas categorias de informações (LAMALLE, 1981-1982, p. 95; ALCANTARA BOJORGE, 2008, pp. 1-10; ALCANTARA BOJORGE, 2009, pp. 57-80) –, que permaneceram válidas nos séculos XVII e XVIII para os livros escritos pelos padres da Companhia de Jesus. Essas foram, inequivocamente, as

instruções que serviram de base para uma escrita da “História oficial” da própria Ordem de Santo Ignacio. Considerando-se o século XVIII e, ao nos determos na produção de Lozano, vemos que este *padrão* toma a forma definitiva da historiografia, documentada e organizada racionalmente pelo autor (mesmo quando testemunha os fatos).

A temática desta tese pode não parecer nova, tendo em vista o número expressivo de estudos que enfocam o caráter apologético das obras produzidas por membros da Companhia nos séculos XVIII, XIX, XX e início do século XXI, sobretudo, em função dos eventos acadêmicos alusivos à Restauração, que ocorreram no ano de 2014. Não conhecemos, contudo, trabalhos voltados para a discussão sobre os efeitos destas instruções na prática historiográfica da Ordem e sobre como todas foram aplicadas nos textos formando um arquitepo jesuítico. Da mesma maneira que não localizamos, até o momento, nenhum estudo que seja destinado às relações intertextuais que se estabeleceram entre as obras destinadas a narrar a história oficial da Ordem Jesuítica.

Por outro lado, observamos que esta preocupação em relação à prática de escrita da Companhia de Jesus tem se manifestado tanto em pesquisas que discutem o “nascimento” da historiografia sul-rio-grandense (TORRES, 1997) e a construção de uma utopia nas missões indígena-jesuíticas (KERN, 1994, p. 9), quanto naqueles estudos que se detêm nos relatos de viagem, nas Cartas Anuais, nas crônicas ou, então, nos diários de campo daqueles que estiveram explorando ou missionando nas regiões de São Vicente, São Paulo de Piratininga, São Sebastião do Rio de Janeiro e Bahia de Todos os Santos (MELLO E SOUZA, 1993; MONTERO, 2006; CASTELNAU-L’ESTOILE, 2006; AGNOLIN, 2007). O mesmo pode ser dito em relação aos trabalhos que privilegiam as crônicas dos missionários que relataram os anos em que estes viveram na Província do Grão-Pará e Maranhão (CARVALHO, 2012).

Em se tratando da historiografia produzida na América Latina e na Europa, a discussão sobre a escrita jesuítica já se apresenta muito mais desenvolvida, o que se pode constatar, em especial, nos estudos já realizados sobre as missões no Japão, China, Brasil, Peru e México (CHINCHILLA PAWLING E ROMANO, 2008). Constata-se, no entanto, que, quando existe interesse em relação ao que foi produzido e publicado pela Companhia sobre a Província do Paraguai, as pesquisas acabam privilegiando os séculos XVIII e XIX e considerando que o que foi produzido e publicado antes destes séculos se enquadraria no gênero de relato de viagem

(FURLONG, 1984; MORALES, 2012; CARGNEL E PAZ, 2012, pp. 9-33). Esta visão desconsidera questões importantes em relação à escrita histórica dos séculos XVI e XVII, período no qual a História ainda era vista como *magistra vitae* e a sua autenticidade era oriunda do fato de que seu autor testemunhou ou ouviu pessoas que vivenciaram os fatos narrados (ARIÈS, 1987, p. 11; WOODMAN, 1998, p. 74; AUBERBACH, 2001, p. 17; MOMIGLIANO, 2004, pp. 17-18; CATROGA, 2006, pp. 7-34).

Desta forma, a pesquisa que nos propusemos desenvolver, diferentemente dos trabalhos que mencionamos acima, está voltada para a análise da prática de escrita jesuítica evidenciada nos livros escritos pelo padre Pedro Lozano, prevendo, também, a identificação dos textos de outros jesuítas que este historiador utilizou, dentre os quais se destacam Antonio Ruiz de Montoya, Nicolas del Techo, Juan Pastor, José Quiroga e José Cardiel, bem como de Antonio Machoni e José Guevara, que o auxiliaram na escrita de algumas de suas obras. Um estudo com esta abordagem ainda não foi realizado, assim como inexistem trabalhos que analisem comparativamente as obras escritas por Lozano, procurando evidenciar a importância que o século XVII e os acontecimentos que envolveram os jesuítas no século XVIII terão na construção de uma historiografia oficial da Companhia de Jesus.

A unicidade dos livros de Pedro Lozano, a princípio, pode ser observada quando consideramos os seus destinatários ou o público leitor, isto é, para quem ele estava escrevendo. Entretanto, após uma segunda leitura emergem as diferenças, a partir do momento em que percebemos o seu envolvimento com as questões que estava tratando. Devemos, ainda, ter presente, que os livros que ele escreveu se completam e se complementam. O envolvimento de Lozano com traduções, com a escrita de livros históricos e/ou corográficos e com uma biografia do padre Julian de Lizardi demonstram o seu comprometimento com a missão que lhe foi dada: a de ser o historiador da Província e escrever uma história oficial da Companhia de Jesus.

Percebemos, ainda, que Pedro Lozano demonstrava, claramente, através de sua escrita, a sua pretensão de conquistar apoiadores e simpatizantes à Ordem de Santo Ignacio, em meio às crescentes críticas que os jesuítas vinham sofrendo já nas primeiras décadas do século XVIII. Lozano se via como um herdeiro destes missionários e alguém que deveria seguir os exemplos dados, tanto como padre, quanto como escritor que perpetuaria a história jesuítica *paraguayense*.

Foi a partir do contato com as obras de Pedro Lozano e com a produção bibliográfica que trata da prática de escrita da Companhia de Jesus, e que se debruça sobre a trajetória do historiador, que surgiram os questionamentos que procuramos responder: a) Quais foram os critérios observados e as razões para que a Ordem Jesuítica tenha designado o padre Pedro Lozano como seu primeiro historiador da província, especificamente, no início do século XVIII? b) Quais são as particularidades que emergem da prática de escrita deste jesuíta, que se dedicou à (re)constituição da história da Companhia no Paraguay?

Partindo destas questões, reconstituímos a trajetória e a produção do historiador jesuíta Pedro Lozano, levando em conta justamente os aspectos acima referidos, privilegiando a discussão de seu último livro, *Historia de la Conquista*, e considerando suas peculiaridades em relação aos que o precederam, recorrendo, para tanto, aos pressupostos teórico-metodológicos dos estudos sobre práticas de escrita e de leitura. Ao analisarmos esta obra, nos detemos no diálogo que Lozano mantém com outros jesuítas-autores, sobretudo, com Montoya e Del Techo, com o propósito de evidenciar a importância que o século XVII e os acontecimentos que envolveram os jesuítas no século XVIII terão na construção de uma historiografia oficial da Companhia de Jesus⁹.

Assumindo uma postura de historiador em *Historia de la Compañía* e de cronista em *Historia de la Conquista* e em *Historia de las Revoluciones*, Lozano não deixa de se inspirar nos jesuítas do século XVII para escrever. Em seus livros autorais, constatamos que ele considerou o século XVII como a época mais importante para a construção da imagem de uma Ordem religiosa que atuou heroicamente nos territórios que abarcavam a Província Jesuítica do Paraguay e suas áreas de missão – Guayrá, Tape, Itatim, Paraná e Uruguay – e para a concepção, desenvolvimento e consolidação de uma historiografia oficial da Ordem no Paraguay. Pois, assim como o século XVI foi o século das Taxonomias¹⁰, com José de Acosta; o século XVII foi considerado o século das crônicas, com Luis de Valdívía, Antonio Ruiz de Montoya,

⁹ Em sua tese de doutorado, Josefina G. Cargnel realiza um estudo historiográfico sobre a atuação da Companhia de Jesus na Província Jesuítica do Paraguay e as tensões que envolveram o processo de escrita, não se detendo, no entanto, na circulação e repercussão que as obras tiveram *a posteriori* (CARGNEL, 2015).

¹⁰ Nesta tese, o conceito de *taxonomia* (taxionomia, taxonomia) remete à ideia de catalogação da fauna e flora ou, como pode ser percebida na escrita jesuítica, a uma “ordenação do mundo”, de forma que lugares e populações pudessem ser descritas para os povos europeus.

Nicolas del Techo e Juan Pastor; sendo que a primeira metade do século XVIII seria, consequentemente, o século da História com Pedro Lozano e seus livros.

Neste esforço, Lozano evoca a *Conquista Espiritual* dos primeiros anos do século XVII e, especialmente, Ruiz de Montoya, apresentando-o como o *herói* ou *modelo de missionário ideal* para aquela região¹¹, que, ao lado de José Cataldini, teria sido o responsável por promover o encontro catequético. Em relação a Del Techo, percebemos também sua influência e o quanto inspirou Lozano, em especial, no procedimento de busca pelos autores clássicos¹² e de utilização das crônicas escritas pelos viajantes e conquistadores na escrita da *Historia de la Conquista*. Através destas obras, Lozano buscou ordenar o mundo de maneira que ele pudesse ser organizado, catalogado e internalizado de forma inteligível para aqueles que não haviam tido a oportunidade de vivê-lo ou, então, para que servisse de exemplo para as gerações futuras.

É, no entanto, na *Historia de la Conquista*, dividida originalmente em 2 tomos, compostos de 5 livros no total, que observamos o maior número de evidências do diálogo que Lozano mantém com os demais cronistas da Província, o que torna sua obra extremamente interessante para estudos que consideram as práticas de escrita do período. Os autores destas obras, em sua maioria, jesuítas do século XVII, são apresentados como inigualáveis exemplos de vida, virtudes e coragem, não apenas para os noviços, mas para todos os jesuítas. É, portanto, um livro que enaltece a própria Ordem religiosa, a Companhia de Jesus, como aquela que fundou as *reducciones*, catequizou os indígenas, povoou e defendeu, com os seus catecúmenos, as fronteiras coloniais dos territórios pertencentes à Espanha, em meio a uma proposta de escrever uma história civil da região da grande Província Jesuítica do Paraguay e as suas respectivas três governações, Rio da Prata, Tucumán e Paraguay, conforme evidenciado no título completo da obra. Mas, não se tratava apenas de defender a Ordem, mas de criticar também os abusos cometidos pelos colonos espanhóis e os problemas trazidos com o Tratado de Limites (1750).

¹¹ O que pode muito bem representar a figura do um missionário do século XVIII, como José Cardiel, por exemplo, que apresentava uma história de *insubordinações* que, em alguns momentos, lembra a de Montoya.

¹² A presença de autores clássicos era recorrente nos livros da Companhia de Jesus. O que Del Techo trouxe de *novidade* para esta escrita foi ter passado a referenciar ou citar estes autores que fizeram parte da sua formação como jesuíta, no que condiz com o grau de instrução em Letras Clássicas e Humanidades.

Para fundamentar a discussão acerca das práticas de escrita, fizemos uso de teóricos como Michel de Certeau, que em sua obra *A Escrita da História* nos ajuda na identificação das diferentes formas de abordagens históricas elaboradas ao longo do tempo. Consideramos como as mais importantes para a investigação em andamento, as que tratam sobre a *produção do tempo*, como uma forma de *arqueologia religiosa e os sistemas de sentido: o escrito e o oral* (DE CERTEAU, 2000, pp. 109-188;189-255). Considerando os nossos objetivos, a construção dos sentidos e a percepção das mudanças dentro da própria Companhia ao longo da primeira metade do século XVIII, deverá ter presente a *visão de mundo* de Pedro Lozano e como ele retratou a Ordem, numa forma de *representação individual* sobre o grupo ao qual pertencia.

O segundo autor que utilizamos é Roger Chartier, que tem se dedicado ao estudo das práticas de leitura e escrita e aos conceitos de autoria e de representações (CHARTIER, 1990; CHARTIER; CAVALLO, 1998; CHARTIER, 2002; CHARTIER, 2009, pp. 113-162). Para Chartier, importam também as descrições técnicas, as questões editoriais, a sociologia das práticas de escrita e leitura, além dos processos cognitivos de leitura e apropriação do texto. O autor observa que mesmo com a possibilidade da existência de livros impressos, os manuscritos não deixaram de existir, coexistindo sem que um não tirasse a importância e a representatividade do outro (CHARTIER, 2002, p. 8). No caso de livros que descrevem vidas exemplares, sua leitura acabava sendo feita pelos religiosos no silêncio do claustro ou em voz alta na hora do almoço, com a finalidade de garantir a salvação das almas (CHARTIER; CAVALLO, 1998, p. 21). O ato de escrever e formular uma narrativa constitui-se como reconstrução ou perpetuação de lembranças (CHARTIER, 1990, p. 302), necessitando da descrição das marcas do vivido (HARTOG, 1999, p. 273). Ou seja, os enunciados operam como uma forma de *ritmar* a narrativa, destacando ou atenuando aquilo que está sendo lembrado e relatado.

Como já observado, a descrição de fatos e de personagens para a escrita de uma história *paraguayense*, apesar de oriundas de uma percepção individual dos fatos, deveriam seguir certas regras tendo em vista o seu maior objetivo: a defesa e exaltação dos trabalhos apostólicos da Companhia de Jesus. Quanto à circulação da produção jesuítica, é importante ponderar que temia-se que as obras pudessem chegar às mãos de detratores da Ordem, empenhados em manchar a imagem criada sobre o desenvolvimento e perpetuação dos métodos de missão adotados pelos

seus membros, como forma de promover a constituição de Estados com menos intervenção da Igreja e/ou que apresentasse ideias anticlericais.

Também Enrique Florescano nos ajudou a refletir sobre as teorias e as mudanças no conceito de História durante os séculos XVII e XVIII, e sobre a importância dos historiadores para a sociedade nestes dois séculos (FLORESCANO, 2012). Florescano analisa os pilares da construção historiográfica (a prova, a explicação dos fatos e a representação literária da realidade) e considera seu papel social e científico, sua função como forjadora de identidades, e, principalmente, como uma reconstrução crítica do passado. Consideramos importantes as reflexões do autor sobre o uso da documentação pelos antigos historiadores, bem como sobre a história que produziram, suas ideias e a prática de escrita histórica adotada.

Dentre os autores utilizados, podemos ainda destacar Robert Darnton, que, por tratar sobre a questão da circulação de livros e da censura própria do século XVIII, contribui significativamente para as reflexões que estamos propondo. Em seu livro *Censores em ação*, Darnton discute como a censura de livros podia se manifestar através de diferentes estratégias e apresentar diferentes efeitos. Segundo o autor, a censura na época dos Bourbon era feita a partir da leitura e avaliação dos textos pelos censores, os responsáveis pela autorização real para a impressão e circulação ou pela restrição de partes de um texto ou da versão completa uma obra. Darnton ainda discute como estas restrições de publicação impostas pelos censores reais gerou um movimento de *contracensura*, que fez com que obras publicadas na clandestinidade passassem a circular por meio do contrabando de livros e pirataria (DARNTON, 2016, pp. 17-98).

Os trabalhos de Chartier e Darnton, sem dúvida, nos auxiliam no estudo sobre a escrita jesuítica e sobre a fiabilidade do processo que ia desde o ato de escrever uma Carta Ânua ou uma *relación* até a construção de uma historiografia oficial da Ordem, contribuindo para a reflexão sobre a circulação dos livros escritos por jesuítas e na análise das matrizes norteadoras das práticas de escrita da Companhia de Jesus.

No que se refere ao conceito de autoria, recorremos a Roger Chartier, que ao discutir o texto clássico de Michel Foucault sobre o que é um autor, acaba por abordar a existência desta figura dentro dos livros, não necessariamente como *aquele que escreve*, mas, também, como aquele que dá nome ao livro ou é citado por aqueles que escrevem uma obra (CHARTIER, 2012). Ou seja, para Chartier, o autor é a figura que assina o texto e não necessariamente quem o escreve. Assim sendo, as Cartas

ânuas receberiam como autores os provinciais que as assinaram, assim como os livros escritos por Lozano, que apesar de terem contado com o auxílio de outros jesuítas, acabaram recebendo apenas o seu nome como autor.

Ao debater o conceito de autoria, Chartier busca relacionar as questões que envolvem as práticas de escrita, a importância da discursividade e o paradigma científico que envolve a ideia de autoria. Ao analisar cada ponto do texto de Foucault, o historiador acaba por apresentar os problemas na fundamentação histórica e a falta de cronologia na argumentação do filósofo. Este aspecto foi bem observado por Priscila Faulhaber e José Sérgio Leite Lopes,

Com base na discussão teórica sobre a definição de 'propriedade literária', Chartier analisa de forma detalhada a história da autoria, contribuindo para a discussão sobre apropriação intelectual, mostrando, em suas dimensões históricas, sociológicas, antropológicas e políticas, dissociação dos direitos de autor e de outros agentes que interferem na produção e comercialização editorial. Para Chartier, é importante circunstanciar as materialidades discursivas na história do livro e da leitura (FAULHAUBER E LOPES, 2012, pp. 13-14).

Foucault, por sua vez, nos possibilitou as primeiras incursões na discussão sobre a intertextualidade, apesar de não trabalhar diretamente com ela, isto porque, ao finalizar sua conferência sobre *A ordem do discurso*, faz a seguinte afirmação:

E compreendo melhor porque eu sentia tanta dificuldade em começar, há pouco. Sei bem, agora, qual era a voz que eu gostaria que me precedesse, me carregasse, me convidasse a falar e habitasse meu próprio discurso. Sei o que havia de tão temível em tomar a palavra, pois eu a tomava neste lugar de onde o ouvi e onde ele não mais está para me escutar (FOUCAULT, 1999, p. 79).

Se, para Foucault, a “ordem do discurso” se assenta na figura do erudito ou escritor do passado que serve como referência e ronda os novos textos, através das citações ou referências, fazendo com que este tipo de narrativa, para Gerard Genette, o discurso não é uma espécie de “monólogo textual”, mas um “coro de referências”, em que as vozes daqueles que antecederam o autor surgem e se misturam a partir das palavras daquele que conta ou escreve uma história (GENETTE, 2010, p. 16).

Dentre os autores que contribuem para as reflexões sobre intertextualidade, destacamos Tiphaine Samoyault (SAMOYAULT, 2008), Antoine Compagnon

(COMPAGNON, 1996) e o já mencionado Genette (GENETTE, 2010). Estes autores, em seus respectivos livros, discutem o uso de citações e a reescrita, apresentando-os como a relação existente entre duas ou mais coisas que mantêm entre si uma conexão. Para Compagnon:

Talvez o estatuto dessas unidades não tenha uma diferença essencial, que elas sejam citações ou não, nem que alterem muita coisa na escrita. [...] O trabalho da escrita é uma reescrita já que se trata de converter elementos separados e descontínuos em um todo contínuo e coerente, de juntá-los, de compreendê-los (de tomá-los juntos), isto é, de lê-los. [...] Reescrever, reproduzir um texto a partir de suas iscas, é organizá-las ou associá-las, fazer as ligações ou as transições que se impõem entre os elementos postos em presença um do outro: toda escrita é colagem e glosa, citação e comentário (COMPAGNON, 1996, pp. 38-39).

Refletindo também sobre a relação de co-presença indireta (*alusão*) ou efetiva (*citação*) de um texto dentro de outro (GENETTE, 2010, p. 12), Samoyault afirma que:

É impossível assim pintar um quadro analítico das relações que os textos estabelecem entre si: da mesma natureza, nascem uns dos outros; influenciam uns aos outros, segundo o princípio de uma geração não espontânea; ao mesmo tempo não há nunca reprodução pura e simples ou adoção plena. A retomada de um texto existente pode ser aleatória ou consentida, vaga lembrança, homenagem explícita ou ainda submissão a um modelo, subversão do cânon ou inspiração voluntária (SAMOYAULT, 2008, pp. 9-10).

Este grupo de referências, em que um texto efetivamente se torna parte estrutural de outro, seja pela *citação* ou por uma *alusão* (GENETTE, 2010, p. 12), pode ser observado nos livros de Lozano e na forma como ele se refere ao uso que faz de textos de outros autores para redigir os seus próprios livros¹³.

Em relação à esta questão, podemos pensar no que Genette chama de *autotextualidade* ou *intratextualidade*, que seria “a sequência e as inumeráveis formas de integração narrativa que a ela se ligam”, que faz com que o autor “imite a si mesmo de alguma forma [*trazendo*] *vários textos*, que de algum modo remetem uns aos outros” (GENETTE, 2010, pp. 57-58). Esta relação intra/intertextual é responsável por parte do que compõe a *arquitextualidade* do texto, ou seja, “o conjunto de categorias gerais ou transcendentais – tipos de discurso, modos de enunciação, gêneros

¹³ “Autores, que fe citan al margen” (LOZANO, 1733, p. 25).

literários, etc. – do qual se destaca cada texto singular” (GENETTE, 2010, p. 11). Para este autor, a arquitextualidade seria a estrutura formadora do texto e, neste caso específico, seria responsável pela posição em que os temas das *instruções* da Companhia de Jesus assumiriam na historiografia jesuítica.

Os autores acima referidos nos auxiliam, ainda, no desvendamento das razões da *homogeneidade heterogênea* da escrita da Companhia de Jesus, e, sobretudo, em nosso propósito de analisar e relacionar a escrita de Pedro Lozano com as obras dos cronistas do século XVII que ele utiliza e cita em seus livros. É importante salientar que aplicamos e discutimos a intertextualidade a partir das evidências da relação existente entre obras e autores e do acionamento e da citação de textos escritos por outros jesuítas que precederam aquele que escreve – no caso, Lozano –, como forma de legitimar o discurso que cria uma representação da Companhia como uma Ordem missionária, educadora e homogênea.

Esta *homogeneização* dentro da *heterogeneidade* de temperamentos, formações e, sobretudo de vivências, transparece quando observamos a utilização recorrente dos mesmos autores nos mais diversos livros escritos sobre o Paraguai por membros da Ordem de Santo Ignacio. Dentre eles, se destacam Antonio Ruiz de Montoya, Nicolas del Techo, Juan Pastor, Pierre François Xavier de Charlevoix, José Cardiel, José Guevara, José Sánchez Labrador, Martin Dobrizhoffer e José Manuel Peramás, para citar apenas alguns jesuítas que foram frequentemente utilizados por membros dos quadros da própria Companhia, e, desde o século XIX até a atualidade, também por historiadores, historiógrafos e arquivistas.

A pesquisa realizada tem caráter bibliográfico e documental, uma vez que a natureza das fontes investigadas é composta, em grande parte, de fontes primárias já editadas. A obra *História de la Conquista*, como já informado, está dividida, originalmente, em dois tomos, que somam cinco livros no total, os quais, na versão impressa por Lamas (LOZANO, 1873-1875), se transformaram em tomos. No caso da edição feita por Ernesto Maeder (LOZANO, 2010), a divisão original dos tomos foi mantida. Adiantamos que optamos por fazer a transcrição dos documentos respeitando a ortografia original, mesmo que, num primeiro momento, isto possa incorrer em dificuldades para a leitura.

Dentre os acervos consultados, estão a Biblioteca Central da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, o do Instituto Anchietano de Pesquisas (IAP) e o do Archivo General de la Nación (AGN); além dos acervos digitais da Biblioteca Nacional de

España (BNE), da Biblioteca Nacional da Argentina (BNA), da Bibliothèque Nationale de France (BNF), Biblioteca Pública de Nova Iorque (NYPL), Biblioteca Estadual da Baviera (BVB), Biblioteca Nacional da República Tcheca (NKCR), Biblioteca da Universidade Complutense de Madrid (BCM) e a Documenta Catholica Omnia (DCO). Cabe lembrar que as edições em latim e alemão de alguns livros de Pedro Lozano são citadas para mostrar o número de edições que alguns de seus livros tiveram, o que demonstra o interesse do público leitor por alguns temas tratados pelo jesuíta. Ainda sobre os textos em latim, vale mais uma vez salientar que, muitos deles, são referências diretas aos textos que Lozano leu para escrever seus livros e, na tese, eles são utilizados apenas como referência às leituras feitas pelo autor estudado. Desta forma, buscamos utilizar as traduções em português ou espanhol, que respeitam a composição dos textos originais¹⁴.

Utilizamos alguns documentos publicados no Monumenta Historica Societatis Iesu (MHSI), muitos deles depositados no Archivum Romanum Societatis Iesu (ARSI) e as versões originais ou as primeiras edições impressas dos livros de Pedro Lozano, todas digitalizadas para cotejo. Do MHSI usamos somente a *Epistolae et Instructiones* (MI, *Epp.* I, pp. 536-541; 542-549) e o *Chronicon Societatis Iesu* (**Chronicon**, 1894-1898). No caso dos *Exercitia Spiritvalia* (**EE**, 1635; 2000), do *Ratio Stvdiorvm* (**Ratio Stvdiorvm**, 1606; **Ratio Studiorvm**, 1636; “Ratio Studiorum Oficial 1599”, 1999), e das *Constitutiones et Regulae Soc. Iesu* (**Const.**, 1606; **Const.**, 1997), assim como edições de época para conferência de parágrafos e novas inserções com as que foram traduzidas para o português ou espanhol¹⁵.

Alguns documentos do ARSI nos auxiliam na reconstituição das orientações pedagógicas, filosóficas e teológicas que faziam parte da formação dos missionários e, por conseguinte, da *forma mentis* do jesuíta-autor-historiador, cujas obras de forma geral, e a *Historia de la Conquista*, de modo específico, analisamos. Desta documentação, usamos, especificamente, os documentos relativos à Província Paraquaria, muitos dos quais publicados em coletâneas de documentos da Companhia de Jesus (**MCA I, II, III e IV; DHA I e DHA II; DE ANGELIS**, 1836;

¹⁴ Ressaltamos que, nesta tese, utilizamos as obras digitalizadas por estas bibliotecas.

¹⁵ Os *Exercícios Espirituais*, o *Ratio Studiorum* e as *Constituições* apresentam sempre a mesma ordem de títulos, artigos e parágrafos. É importante o uso dessas edições originais, pois, em grande maioria, era, as que estavam vigentes na época de Lozano e são estas normas que guiam a sua formação e, posteriormente, a sua escrita. Outra questão é que, embora a estrutura textual se mantenha, alguns destes artigos foram supressos ou alterados após a Restauração.

MAEDER, 1984 e 1990; PASTELLS, 1912-1949). Utilizamos, ainda, a versão da transcrição e tradução, feita por Carlos Leonhardt, das Cartas Anuais escritas por Pedro Lozano, na condição de secretário do Provincial (**C.A. 1720-1730; C.A. 1730-1735; C.A. 1735-1743**).

Reafirmamos que o principal objetivo desta tese é o de contribuir com os estudos já realizados sobre a produção historiográfica da Companhia de Jesus acerca da atuação missionária em solo *paraguayense* nos séculos XVII e XVIII. Para tanto, nos detivemos nas obras e na trajetória do padre jesuíta Pedro Lozano – o primeiro a receber o título de *Historiador da Província* – por entendermos que seu desempenho nesta função e sua produção foram fundamentais tanto para um padrão de escrita e para um método historiográfico adotados pela Companhia, quanto para a consolidação de uma memória oficial sobre a atuação da Ordem na Província Jesuítica do Paraguay¹⁶.

Entre os objetivos secundários, está o de realizar um estudo biobibliográfico de Pedro Lozano, que atuou como cronista e como historiador oficial da Companhia de Jesus, visando à identificação desta prática e deste método historiográfico. Para melhor embasar esta intenção, nos detivemos em certas particularidades da formação filosófico-teológica dos membros da Ordem Jesuítica, bem como nas mudanças e crises que a Companhia sofreu ao longo da primeira metade do século XVIII.

O segundo objetivo secundário consiste em identificar as matrizes norteadoras (além das *Instruções de Juan de Polanco* e de *Claudio Acquaviva*) desta prática de escrita/historiográfica. Desta forma, ao compreender as principais características narrativas desta *história oficial* da Ordem de Santo Ignacio na Província Jesuítica do Paraguay, podemos observar que qualquer produção escrita da Ordem seguia, primeiramente, as recomendações de Ignacio de Loyola, escritas juntamente com o seu secretário e arquivista Juan de Polanco, sobretudo, as que se encontram nas *Constituições*, refletindo, assim, a cristalização de certos padrões estilísticos que deveriam ser observados e, que, aos poucos, foram incorporados como próprios e típicos de uma escrita jesuítica. É dentro deste procedimento de escrita que podemos evidenciar a singularidade textual de Lozano. Apesar de observarem a recomendada padronização [do que poderia e deveria ser escrito], constata-se, nas obras do jesuíta que nos propusemos a analisar, variações tanto na forma, quanto no conteúdo,

¹⁶ As obras de Pedro Lozano analisadas nessa tese referem-se direta ou indiretamente à Província Jesuítica do Paraguay (LOZANO, 1873-1875/2010).

tornando-as diferentes entre si. Desvendar as razões desta *homogeneidade heterogênea*, ou seja, de escritas oficiais cujos temas são diversificados, apresentando as suas variações e sua evolução, constitui-se, portanto, em um dos objetivos da tese.

O terceiro objetivo secundário foi o de relacionar a prática historiográfica de Pedro Lozano com a dos *cronistas* do século XVII (Antonio Ruiz de Montoya e Nicolas del Techo), visando à identificação e à discussão sobre como foram construídas as imagens da natureza e das populações indígenas da Província Jesuítica do Paraguay, através da análise das evidências de intertextualidade e autotextualidade presentes em seus livros escritos no século XVIII.

Considerando os objetivos acima expostos, a tese está dividida em cinco capítulos, divididas em duas partes, subsequentes à Introdução. A primeira parte da tese, intitulada *Pedro Lozano, o “arquivo vivo” de todas as notícias*, inicia com o capítulo 2, chamado *Historiographus provinciæ: Pedro Lozano, o primeiro historiador da Companhia de Jesus na Província Jesuítica do Paraguay*, apresenta um estudo biobibliográfico de Pedro Lozano como jesuíta e historiador da Ordem, a partir da análise das biografias que foram escritas sobre este jesuíta. O capítulo visa, ainda, contextualizar a sua formação e atuação como professo da Ordem de Santo Ignacio, sua inserção no grupo dos jesuítas que escreveram a História da Companhia em solo *paraguayense* e o seu envolvimento (ou distanciamento) dos fatos que descreve em seus livros.

No capítulo 3, *As diferentes formações e o arquiteito jesuítico e os graus de instrução da Companhia de Jesus*, apresentamos, a partir de um breve estudo sobre a formação teológico-filosófica dos membros da Companhia de Jesus, quais foram as suas principais influências teóricas e práticas, com o objetivo de, a partir delas, compreender e discutir a escrita de Pedro Lozano enquanto jesuíta e historiador. Além disso, buscamos identificar as matrizes norteadoras (além das *Instruções* de Claudio Acquaviva) desta prática de escrita/historiográfica nas obras de Pedro Lozano e como elas foram elaboradas pelo historiador em seus livros. Destacamos, ainda, a importância do período de estudos de Lozano, tanto na Espanha, quanto na Argentina, para refletir sobre sua inserção no grupo dos cronistas e historiadores da Província do Paraguay.

Na segunda parte da tese, o capítulo 4, intitulado *Normatização e erudição na prática historiográfica de Lozano*, discutimos as questões arquiteituais que orientaram

a escrita dos livros de Pedro Lozano, apresentando os autores que consideramos terem sido fundamentais para a estruturação de suas narrativas. Esta abordagem possibilitou o aprofundamento do debate em torno do intertexto, iniciada no segundo capítulo, através da identificação do discurso narrativo que orienta as obras do jesuíta. O capítulo 5, *Saberes, leituras e citações: os livros e as referências que constituíram as obras de Pedro Lozano*, traz a análise das citações, alterações e atualizações feitas por Pedro Lozano, quando este se apropria de obras de outros membros da Ordem, de autores leigos ou de seus próprios textos. Essa análise, igualmente, nos permitiu observar como se deu a inserção de Lozano no grupo dos cronistas e historiadores da Província e o diálogo que buscou manter com os demais membros da Companhia que lhe eram contemporâneos. Este ponto é desenvolvido, a partir da identificação da presença de frases ou parágrafos inteiros de obras de autores como Martín del Barco Centenera (1601), Antonio Ruiz de Montoya (1639), Nicolas del Techo (1673) e Pedro Montenegro (1711) nas obras de Lozano, apontando para sua utilização tanto para reforçar, quanto para atualizar certas versões ou imagens construídas sobre a natureza do território da Província Jesuítica do Paraguay.

O capítulo 6, nomeado *Como publicar um livro? As questões que circundavam o processo de impressão, censura e aprovações nas obras de Pedro Lozano*, se detém, ainda, na prática da censura (real/estatal ou eclesiástica) a que os livros estavam sujeitos no Setecentos e sobre a censura que os livros de Lozano receberam no âmbito da Companhia de Jesus, de maneira que, além de contextualizarmos a censura praticada no período, discutimos como estas incidiram nos textos de Lozano e nos paratextos que os compunham (desde as capas dos livros até as aprovações necessárias para a edição destas obras).

Ao longo da tese, procuramos, também, ressaltar a nossa compreensão de que Pedro Lozano foi oficialmente o primeiro historiador da Companhia de Jesus na Província Jesuítica do Paraguay, e, nos arriscamos a dizer, o único do século XVIII, se considerarmos que os livros de José Guevara, José Sanchez Labrador e José Cardiel, dentre outros, foram impressos somente após a expulsão da Companhia de Jesus da Espanha e de suas colônias. Mesmo que Pierre François Xavier de Charlevoix tenha publicado a *Histoire du Paraguay*, em 1756, temos que considerar o fato de que Lozano, ao contrário de Charlevoix, viveu na Província que descreveu. Assim, mesmo que Pedro Lozano tenha sido um *padre do Colégio* e não tenha atuado como missionário, seu conhecimento em relação ao território e o acesso que teve à

documentação e às informações que lhe foram repassadas por outros jesuítas ou moradores da região, fazem com que seja difícil dissociar este *conhecimento pessoal* da sua *compreensão intelectual* em relação ao que estava descrevendo em seus livros.

Ainda mereceram nossa atenção tanto a formação de Pedro Lozano, quanto o processo de escrita de suas obras, bem como o diálogo que ele manteve com a produção escrita da Companhia de Jesus do século XVII, como, também, em alguns momentos com a produzida no século XVIII, tendo em vista a identificação de um arquitepo jesuítico e de referências a obras de outros jesuítas e, portanto, das evidências de intertextualidade presentes em seus livros, sobretudo, na *Historia de la Conquista*.

Nosso maior esforço foi, sem dúvida, o de analisar, à luz dos referenciais teórico-metodológico das práticas de escrita e de leitura e sob uma perspectiva comparativa, as obras escritas pelo padre Pedro Lozano, não apenas em relação às obras de outros membros da Ordem (com ênfase naquelas às quais ele recorreu para redigir os seus próprios textos), mas também entre si, procurando demonstrar e discutir as mudanças que a sua escrita sofreu ao longo dos anos em que se dedicou à escrita de uma *historia oficial* da Companhia. Por último, mas não menos importante, procuramos evidenciar, a partir da análise das obras de Pedro Lozano, a importância que a produção jesuítica do século XVII e das primeiras décadas do século XVIII teve para a historiografia oficial da Companhia de Jesus.

Capítulo 2

Aunque de tierna edad, pero de muy buen talento, se formó bien, durante su noviciado, en la virtud religiosa, la cual, en adelante, nunca se le borró. Al solicitar las misiones, alcanzó ser enviado a las del Paraguay. Allí, ejerciéndole en los ministerios de la Compañía, hizo bastantes cosas, que merecerían ser mencionadas en nuestros anales; hasta que, al fin, se le encargó la redacción de la Historia del Paraguay. En este su retiro ocupadísimo trabajó 26 años, alcanzando escribir cinco volúmenes grandes sobre nuestra historia, sin contar varios opúsculos sobre otras materias (C.A. 1750-1756, f. 177).

2. *Historiographus provinciæ*: as práticas de leitura, escrita e a formação teológico-filosófica de Pedro Lozano

O presente capítulo se detém nas práticas de leitura e escrita, com ênfase nos elementos *architextuais* que caracterizam a escrita jesuítica, identificáveis nas obras de Pedro Lozano, que atuou como cronista e como historiador oficial da Companhia de Jesus.

Sabemos que o primeiro estudo feito sobre as obras escritas por Pedro Lozano com vistas à escrita de sua síntese biográfica ou carta necrológica se encontra na *Carta Ânua de 1750-1756* (C.A. 1750-1756, ff. 177-179). Nela, o Provincial da Província Jesuítica do Paraguai, padre José Isidoro Barreda, escreveu o elogio fúnebre de Lozano, especificando a data do seu ingresso na Companhia de Jesus, suas qualidades como jesuíta e o local de seu falecimento em 1752. Mas, foi somente a partir de 1873, portanto, após a Restauração e o início das publicações e reedições dos livros tidos como mais importantes para a história da Companhia de Jesus, que autores como André Lamas (LAMAS, 1873, pp. I-CXLVIII), Carlos Sommervogel (SOMMERVOGEL, 1872-1876; 1890-1960), Pablo Hernández (HERNÁNDEZ, 1904, pp. 457-460, 589-590), Samuel Lafont Quevedo (LAFONE QUEVEDO, 1905, pp. IX-XX), Daniel García Acevedo (GARCÍA ACEVEDO, 1909, pp. 147-193), Carlos Leonhardt (LEONHARDT, 1925, pp. 201-232), Guillermo Furlong (FURLONG, 1930, pp. 241-342; FURLONG, 1959, pp. 5-154), Efraim Cardozo (CARDOZO, 1959), Ernesto Maeder (MAEDER, 2010, pp. 3-37), Gianna Marras (MARRAS, 2011, pp. 7-44) e Josefina Cargnel (CARGNEL, 2015) retomaram o interesse em analisar as obras

do padre Pedro Lozano e a sua trajetória como jesuíta. Embora estes autores sejam referência para as investigações relativas aos livros *Descripción chorographica*, *Historia de las Revoluciones* e *Historia de la Conquista*, apenas cinco se dedicaram a pesquisar mais profundamente a biografia e as obras deste jesuíta.

Cabe destacar a importância de André Lamas tanto para o conhecimento da biografia de Pedro Lozano, quanto para o despertar do interesse dos historiadores por seus livros, após a edição e publicação da *Historia de la Conquista*, entre os anos de 1873 e 1875. Na Introdução, escrita por Lamas, constam diversas informações sobre quem era este jesuíta, sua formação, a chegada à cidade de Buenos Aires (em 1714) e, também, considerações sobre a escrita do livro que estava sendo impresso. Por desconhecimento ou por não ter tido acesso às Cartas Ânuaas, Lamas acabou deixando em aberto a data de falecimento de Lozano, conjecturando a possibilidade de ele ter retornado à Espanha no ano de 1752, se apoiando, para tanto, na não localização de registros relativos ao padre por ocasião do decreto de expulsão da Companhia dos territórios espanhóis em 1767 (LAMAS, 1873, pp. XI-XII). Em relação a esta questão, ressaltamos que a confirmação da data de falecimento do jesuíta nos auxilia na verificação de sua inserção ou não no grupo dos membros da Companhia de Jesus que foram expulsos. Isto parece justificar o debate em torno desta data, que perdurou até o ano de 1904, por parte de alguns dos autores citados, principalmente, de Guillermo Furlong, devido ao seu estudo sobre a produção textual de Lozano como historiador da Companhia de Jesus.

Diferentemente do afirmado por Josefina Cargnel em sua tese, entendemos que Carlos Sommervogel não deve ser considerado como o segundo biógrafo de Pedro Lozano (CARGNEL, 2015, p. 104). Na sua primeira tentativa de criar um dicionário biobibliográfico dos jesuítas, em complementação à edição de *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jesus*, de Augustin de Backer e Alois de Backer, Sommervogel realizou uma breve compilação dos títulos dos documentos, manuscritos ou impressos produzidos ao longo dos séculos XVI e XVIII, conhecidos e acessíveis na época, apontando para a produção de livros históricos, filosóficos, místicos, teológicos e linguísticos por padres da Companhia. Na *Bibliothèque des écrivains*, a referência ao trabalho de Lozano, na condição de historiador e de secretário de alguns provinciais, está relacionada com a descrição da documentação por ele produzida entre os anos de 1733 e 1752 (DE BACKER; DE BACKER; SOMMERVOGEL, 1872, pp. 847-876). No caso da *Bibliothèque de La Compagnie de*

Jésus, embora conste na sua capa que ela se trata de um conjunto de biografias, as únicas informações fornecidas por Sommervogel sobre Lozano são a data de seu nascimento, de ingresso na Ordem Jesuítica, de chegada a Buenos Aires (em 1712) e a data que informa ser a de falecimento do jesuíta (1759), (SOMMERVOGEL, 1894, pp. 130-133. Tome V). Sommervogel, na realidade, se limita a fazer uma listagem dos livros e cartas ou representações jurídicas escritas por Lozano durante o período em que esteve nas regiões do Paraguai, Rio da Prata e Tucumán, como já havia feito anteriormente na *Bibliothèque des écrivains*.

Em razão disto, entendemos que Pablo Hernández deva ser considerado como o segundo biógrafo de Pedro Lozano. Em seu artigo, *El Padre Lozano*, datado de 1904, apesar de trazer uma série de informações já presentes em Lamas e Sommervogel, Hernández diverge dos outros autores quanto à data de chegada do jesuíta em Buenos Aires (1717), tendo sido o primeiro a publicar que o historiador da Companhia de Jesus havia falecido em Humahuaca, no ano de 1752, dando apenas a notícia de que *um sábio jesuíta* estava de posse de uma Carta Ânua, em que constava esta notícia (HERNANDEZ, 1904, p. 457)¹⁷.

Data também do século XX um ensaio biobibliográfico de autoria de Guillermo Furlong, escrito em 1930, sob o título *El Padre Pedro Lozano, S.J.*, e que, posteriormente, foi ampliado como introdução do livro *Pedro Lozano, S.J. y sus "observaciones a Vargas"* (FURLONG, 1930, pp. 241-342; FURLONG, 1959, pp. 5-154). Neste artigo, Furlong apresenta uma série de novas referências e averiguações sobre a biografia de Pedro Lozano, a partir da consulta a documentos que encontrou em arquivos do Chile, Brasil, Uruguai, Espanha, Argentina, dentre outros citados ao longo do texto. Na listagem que Furlong elaborou dos relatórios jurídicos, Cartas Ânua, manuscritos, cartas enviadas a outros jesuítas, livros e traduções produzidas por Lozano até a sua morte, encontramos a informação sobre o número de edições e reedições que cada obra do historiador da Província teve até a primeira metade do século XX.

Cabe destacar, também, o estudo feito por Gianna Marras, que, na Introdução feita para a edição italiana do livro *Descripción chorographica*, apresenta as questões nas quais a Companhia de Jesus se encontrava envolvida à época e as razões para a escrita de uma obra sobre as características físico-histórico-geográficas do Chaco

¹⁷ Possivelmente, Pablo Hernandez estivesse se referindo à Carta Ânua de 1750-1756.

(MARRAS, 2010, pp. 7-44)¹⁸. Marras demonstra, através de documentos, que o jesuíta descreveu uma região que não chegou a conhecer pessoalmente em toda sua extensão, sendo a única, dentre os que biografaram Lozano, a mencionar o fato de ele não ter atuado como missionário na região da Província Jesuítica do Paraguay, tendo se dedicado, exclusivamente, à escrita e à reunião de documentos que começavam a se dispersar.

Dentre os trabalhos produzidos sobre Pedro Lozano que mais se aproximam do que estamos propondo nesta tese está o de Josefina Cargnel, que procura apresentá-lo como o primeiro historiador social da Argentina. A maior contribuição de Cargnel reside nas referências diretas feitas à documentação, sobretudo, aos *Catalogus Publicus Provinciæ Paraquaria* e os *Catalogus Secretum Provinciæ Paraquaria*¹⁹, que trazem informações sobre os traços psicológicos do jesuíta (CARGNEL, 2015, pp. 120-121). A autora, no entanto, prioriza a análise de *Historia de la Compañía de Jesús*, sem se deter nas demais obras escritas por Lozano e nos motivos que levaram o jesuíta a abandonar sua escrita.

Não localizamos, portanto, estudos que tenham se dedicado à análise da relação que pode ser estabelecida entre as obras escritas por Lozano e sua formação, das semelhanças e diferenças entre as obras que escreveu, ou, ainda, das mudanças que seu estilo e a sua narrativa sofreram ou não ao longo do tempo. Partindo desta constatação, e demarcando a originalidade e a relevância desta tese, iniciamos este primeiro capítulo discutindo a formação intelectual da Companhia de Jesus, como forma de inserir Pedro Lozano no contexto que o cercava, apresentando quais foram as interpretações e observações que o jesuíta fez sobre os autores que havia lido nas obras que escreveu. Para melhor embasar o que estamos nos propondo a fazer e nos

¹⁸ Cabe ressaltar que, no entendimento do historiador da Companhia de Jesus, descrever ou falar sobre o Chaco Gualamba representaria dar a conhecer um território indígena ainda indômito. Mas, neste território, que se dividia em duas regiões de características físico-geográficas distintas, a de Santa Fe e a de Tucumán, também existiam cidades como Salta, San Salvador de Jujuy, Tucumán, Córdoba de Tucumán, Santa Fe de la Vera Cruz e Nuestra Señora Santa María de Asunción, como bem observado por Carlos Paz (PAZ, 2009, p. 5). A visão de Pedro Lozano sobre o Chaco Gualamba será abordada nas próximas páginas da tese.

¹⁹ Ou *Catalogus Primus* e *Catalogus Secundus*, respectivamente. Conforme Edmond Lamalle, o *catalogus primus* trazia a lista dos membros da Companhia de Jesus (casa por casa), apresentando a nacionalidade, idade, estado de saúde, posição dentro da Ordem, estudos e quais as suas funções desempenhadas; enquanto que o *catalogus secundus* recebia o nome de *secretus*, por não possuir o nome dos jesuítas aos quais se referia, trazendo apenas um nome que referencia quem está sendo descrito. As informações trazidas por este catálogo eram privadas porque se referiam às características psicológicas do sujeito. Ainda existia um terceiro catálogo, o *catalogus tertius rerum*, que era destinado a relatar, de forma esquematizada, a situação econômica da residência (LAMALLE, 1981-1982, pp. 100-101. *Tradução nossa*).

diferenciarmos do que já foi escrito anteriormente sobre este padre jesuíta, nos deteremos, primeiramente, em certas particularidades da formação filosófico-teológica dos membros da Companhia de Jesus, demonstrando o dinamismo intelectual, a prática da leitura de textos escritos dentro e fora da Ordem e a *visão de mundo* que estes homens apresentavam em seus livros. Estes serão os temas abordados em nosso segundo capítulo, que inicia com a biografia de Pedro Lozano encerra com a formação filosófico-teológica da Ordem Jesuítica.

Assim sendo, consideraremos a distinção que Pierre Bourdieu faz entre *autor* e *leitor*, sendo que para ele “o *auctor* é aquele que produz ele próprio e cuja produção é autorizada pela *auctoritas*, a de *auctor*, o filho de suas obras, célebre por suas obras. [Enquanto que o] *lector* é alguém muito diferente, é alguém cuja produção consiste em falar das obras dos outros” (CHARTIER, 2009, p. 232. *Grifo nosso*). Para além dos textos que Pedro Lozano leu e que influenciaram diretamente sua escrita, daremos especial atenção também às instruções formativas que deveriam nortear os textos produzidos por membros da Ordem Jesuítica.

Antes de iniciarmos a discussão do tema do presente capítulo, consideramos importante expor a compreensão de *texto* que adotamos na tese. Na definição de Julia Kristeva, texto é um aparelho *translinguístico*, que objetiva o compartilhamento de informações diretas com diversos enunciados anteriores e sincrônicos a ele. Como está duplamente orientado para o sistema de significante no qual é produzido, enquanto representação da língua e da linguagem de uma sociedade e de uma época determinada, um texto busca e pretende traduzir este contexto para um provável leitor. Ao mesmo tempo, como parte constituinte, necessária, mas não indispensável, todo texto é influenciado pelo processo social do qual participa enquanto discurso (KRISTEVA, 2005, p. 83). Quanto a este último, o discurso, entendemos que deve ser visto como uma “idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento”, ou seja, uma “palavra em movimento, [uma] prática de linguagem” (ORLANDI, 1999, p. 15), que pode se traduzir através do texto, que representa a união de palavras, de conjunções verbais, de preposições e de conjunções que formam uma narrativa e convertem a fala em argumento escrito. Já Kristeva defende a ideia de que o texto não se constitui apenas de um conjunto de enunciados *gramaticais ou agramaticais*, pois, o resultado de qualquer escrita é *aquilo* que se deixa e é possível ler através das particularidades apresentadas por esta conjunção feita por diferentes estratos de significância presentes em uma mesma língua (ou variantes de um mesmo idioma),

cuja memória é despertada durante a leitura (a história ou a estória), (KRISTEVA, 2005, p. 20).

Para a melhor compreensão sobre como um texto é estruturado, recorreremos ao conceito de arquiteyto, que nos auxilia na análise da estrutura textual que a escrita jesuítica deveria observar. Mesmo que se trate de um conceito *trans-histórico*, ou melhor, que apresenta “um ritmo sensivelmente mais lento do que aqueles que a História – ‘literária’ e ‘geral’ – tem habitualmente que conhecer” (GENETTE, 1987, p. 93), ele se configura em determinações temáticas e em características formais que orientam a estruturação de um texto. Através do aprendizado da arquitetura do texto e do ofício, aquele que escreve passa a montar, desmontar e refazer os modelos de escrita que foram herdados dos seus antepassados, de modo que

quiere sobre todo representar la realidad del pasado, y para ello comienza por seleccionar las fuentes idóneas y comprobar la veracidad de su contenido; luego, para fijar la dimensión de esos datos, está obligado a confrontarlos con su contexto espacial y temporal, y finalmente tiene que darle a todo ello un acabado, una presentación escrita (FLORESCANO, 2012, p. 258).

Além disso, este conceito, que privilegia a relação entre textos, se apresenta como uma possibilidade de entender as relações *transtextuais*, que transcendem o texto, ultrapassando e incluindo a *arquitextualidade*, e outros tipos de vinculações transtextuais como o *intertexto* e o *intratexto* (GENETTE, 2010, p. 11). O primeiro, no sentido estrito do termo *intertexto*, significa que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 2005, p. 68), formando uma conexão entre livros de autores diferentes que se referenciam direta ou indiretamente na formulação de suas obras. O segundo, chamado por Gérard Genette de *intratextualidade* ou *autotextualidade*, configuraria o elo que associa os textos produzidos por um mesmo escritor e faz com que este seja reconhecido apenas pela sua redação (GENETTE, 2010, p. 58). Estes conceitos, quando reunidos, nos auxiliam na compreensão de como surge a figura do autor – aquele que assina um texto, sem necessariamente ser quem o escreveu –, e da concepção de autoria, que conota a familiaridade entre o ato de escrita com a questão da assinatura de um texto, como afirmam Michel Foucault e Roger Chartier (FOUCAULT, 1999, p. 26; CHARTIER, 2009, pp. 240-242).

Estes conceitos nortearão a discussão que faremos nos tópicos que compõem este capítulo, bem como os demais, tendo em vista o atendimento dos objetivos propostos na Introdução da tese.

2.1 Pedro Lozano: o “arquivo vivo” de todas as notícias

Pedro Lozano nasceu em Madrid, no dia 17 de junho de 1697. Filho de Juan Antonio²⁰ e irmão de Pablo Lozano y Casela, Lozano estudou, desde cedo, no Colégio Imperial o de Reales Estudios de San Isidro, em Madrid, onde fez os *Estudios Inferiores* e, em 1711, ingressou na Companhia de Jesus. Ao encerrar esta etapa de ensino, iniciou os *Estudios Superiores* em Letras Clássicas e Humanidades, no Colégio de Santa Catalina de Córdoba. Estes foram interrompidos em 5 de abril de 1714, sendo que, em julho de 1714, Lozano chegou ao porto de Buenos Aires, cidade de onde, posteriormente, partiu, acompanhado de Julian de Lizardi, para a cidade de Córdoba de Tucumán (LOZANO, 1741, ff. 18-21).

As informações relativas à chegada em Córdoba de Tucumán e o ingresso no Colégio Máximo da Companhia de Jesus, em 14 de setembro de 1715, são fornecidas pelo próprio Lozano (LOZANO, 1741, f. 21) e podem ser encontradas também no *Catalogus Publicus Provinciae Paraquariae anno 1715*, no qual aparece o nome deste jesuíta pela primeira vez. No catálogo, o Provincial Luis de la Rocca²¹ nos informa que Lozano era *íntegro*, gozava de boa saúde e se encontrava entre os estudantes de Gramática (Latinidade) no Colégio Máximo de Córdoba de Tucumán, onde ainda não ocupava nenhum cargo (ARSI, Paraq. 6, f. 61r). Já no *Catalogus Secretum Provinciae Paraquariae* do mesmo ano, o jesuíta é apresentado como módico de juízo, com prudência suficiente, inteligente, como alguém que não possuía experiência, mas apresentava boa aprendizagem. Quanto ao temperamento, Lozano é descrito como colérico e com talentos restritos ao trabalho entre os espanhóis (ARSI, Paraq. 6, f. 71r). Foi neste mesmo ano de 1715, que ele iniciou os estudos de Retórica

²⁰ De acordo com o historiador Guillermo Furlong, o nome da mãe de Pedro Lozano é desconhecido (FURLONG, 1930, p. 246).

²¹ Luis de la Rocca [ou Roccafiorita] (1658-1734), foi Provincial do Paraguai entre 1713 e 1717, retornando, posteriormente para o cargo, nos anos de 1722 a 1726), (STORNI, 1980, p. 242).

(FURLONG, 1959, p. 13), além de dar continuidade aos de Letras Clássicas e Humanidades.

Neste mesmo colégio, concluiu os cursos de Letras Clássicas, Humanidades e Retórica, além de ter cursado Filosofia (1716-1718) e Teologia (1719-1722), como se pode constatar no *catálogo público* de 1720, que registra que ele também fez os *votos de biénio* (LAMAS, 1873, p. VIII; ARSI, Paraq. 6, f. 80r). No *catálogo secreto*, as informações dadas pelo Provincial José de Aguirre²² são de que Lozano possuía bom caráter, pouca prudência e juízo intermediário. Seu temperamento continuava sendo descrito como colérico, mas seus talentos para missão já iam além da aptidão para o ofício da missa e dos sermões entre espanhóis, sendo também considerado como capaz de atender os indígenas. No ano seguinte, conforme o próprio Lozano,

al fin de el tercer año de Theologia le mandaron [a Julian de Lizardi] los Superiores recibir los Sagrados Ordenes, que le confirió año de 1721, el Ilustrísimo Señor Doctor D. Alonso de el Pozo y Silva, Obispo de Tucumán [...] Sabado, que fue circunstancia de aprecio para su tierna devoción con Maria Santissima, y dia 15 de Noviembre, en que esta Provincia de el Paraguay celebra regocijada la memoria de sus Protomartyres los tres Venerables Padres Roque Gonzalez, Alonso Rodriguez, y Juan de el Cañillo (LOZANO, 1741, ff. 31-32. *Grifo nosso*)²³.

Juntamente com Lizardi e Bruno Morales, Lozano foi ordenado sacerdote, em Córdoba de Tucumán. Entre 1722 e 1723, fez a sua *terceira provação*, pois estava cursando o 4º ano de Teologia, com especial atenção nos estudos de *ascética* e *mística*, sendo que, posteriormente, seguiu para a cidade de Santa Fe de la Vera Cruz (FURLONG, 1959, p. 14). Estes dados fornecidos pelo próprio autor podem ser confirmados no *catálogo* de 1724, escrito pelo Provincial De la Rocca, no qual consta que o jesuíta se encontrava já no Colégio de Santa Fe de la Vera Cruz como professor de Gramática (ARSI, Paraq. 6, f. 115v), e que estava atuando como *operário* na congregação de índios e negros (*ethiopes*). No *catálogo secreto*, a única mudança que encontramos na descrição do jesuíta é em relação ao seu temperamento, que, de colérico, passou a ser sanguíneo (ARSI, Paraq. 6, f. 130r). Neste Colégio, entre os anos de 1724 e 1727, Lozano ainda exerceu as funções de Prefeito de Saúde, Prefeito

²² José de Aguirre (1661-1727) foi Provincial entre 1719 e 1722 (STORNI, 1980, p. 4).

²³ Aproveitamos esta primeira citação para reiterar, o que já havíamos salientado na introdução, que optamos por fazer a transcrição dos documentos respeitando a ortografia original.

de Estudos e Resolutor de Casos de Consciência (FURLONG, 1959, p. 15)²⁴. Quanto às cátedras de Filosofia e Teologia, não se sabe ao certo se foram concluídas no mesmo Colégio de Santa Fe da Companhia de Jesus ou se Lozano era o responsável pelas aulas (LAMAS, 1873, p. VIII; FURLONG, 1959, p. 14).

Embora não conste qualquer informação relativa aos trabalhos intelectuais de Pedro Lozano nos *catálogos públicos* de 1724 e 1730, sabemos que durante estes anos o jesuíta se dedicou à tradução de *Relazione istorica dela nuova chriffianità degl'Indiani detti cichiti* (1726), de Domingo Bandiera, juntamente com Juan Patricio Fernandez, obra que tratava sobre as missões entre os *Chiquitos*. Tradução esta que acabou sendo impressa, sob os cuidados Procurador Jeronimo Herrán²⁵, com autoria atribuída a Fernandez (CHARLEVOIX, 1913, p. 160). Posteriormente, o livro recebeu a impressão em seu idioma original, embora se tratasse de uma tradução do castelhano para o italiano, tendo como responsável o jesuíta Juan Baptista Memmi (1729).

Em 1728, Lozano saiu de Santa Fe e foi para San Juan de las Siete Corrientes, acompanhando o Provincial Lorenzo Rillo²⁶, seu secretário Sebastián de San Martín e outros três membros da Ordem (LOZANO, 1905, p. 275). De Corrientes, foi para a estância de San Lorenzo, onde permaneceu com os jesuítas que haviam sido expulsos pelos *antequeristas*, do Colégio Máximo de Asunción. Ao longo destes dois anos, circulando entre as cidades de Corrientes e Nuestra Señora Santa María de Asunción, reuniu documentação para a escrita de uma história civil e religiosa da Província do Paraguai, observando de perto a *Revolução dos Comuneros* e colhendo informações para a sua *corografia* da região do Chaco Gualamba.

No *catálogo secreto* de 1730, escrito pelo Provincial Herrán, Lozano foi descrito como um missionário de boa capacidade intelectual, com juízo suficiente e temperamento moderado (ARSI, Paraq. 6, f. 149v). O *catálogo público*, que também traz informações a respeito de Lozano, nos indica que ele professou os quatro votos solenes no dia 15 de agosto de 1730. Além disso, indica que ele havia saído de Santa Fe para ingressar como visitante no Colégio Máximo de Córdoba de Tucumán e que já estava encarregado do cargo de *historiographus provinciae* (ARSI, Paraq. 6, f.

²⁴ As definições para estes cargos se encontram nas *Constituições* (**Const.**, §§ 303-304) e no *Ratio Studiorum* (**Ratio Studiorvm**, pp. 23-30).

²⁵ Jerónimo Herrán (1672-1743) foi Provincial da Companhia de Jesus entre 1729 e 1733.

²⁶ Lorenzo Rillo (1676-1729) foi Provincial da Companhia de Jesus entre 1727 e 1729.

168v). Sabe-se que o cargo de historiador “era muito valorizado, pois as narrativas de cunho histórico geralmente eram produzidas por membros da própria Província Jesuítica do Paraguai, e requeria um exame minucioso antes de serem publicadas. [Pois,] tais textos deviam apresentar de forma exemplar e edificante a história dessas *reducciones*” (NEUMANN, 2016, pp. 40-41).

A designação para desempenhar este cargo voltado para a escrita da história da Província Jesuítica do Paraguai, segundo Carlos Leonhardt, pode ter decorrido do reconhecimento de seu trabalho como tradutor do livro de Bandiera e Fernandez (LEONHARDT, 1925, p. 207). Sua tarefa consistia em, a partir de sua formação filosófico-teológica, (re)escrever uma história por ele vivenciada ou conhecida – através da documentação disponível e da leitura das crônicas escritas por outros missionários –, perpassada pelas transformações e as crises que a Companhia de Jesus havia vivenciado ao longo de dois séculos (XVII e XVIII).

Valendo-se, tanto do acesso que lhe foi facultado à documentação disponível no arquivo do Colegio Máximo de Córdoba de Tucumán, que lhe foi facilitado por ter sido designado como secretário do Provincial e encarregado da escrita das Cartas Anuais, quanto das observações que fez enquanto esteve na região *chaqueña*, Lozano escreveu a *Descripción chorographica de Terreno Ríos, Arboles, y Animales de los dilatadísimas provincias del Gran Chaco, Gualamba, y de los Ritos y Costumbres de la innumerables naciones de barbaros e infieles que le habitan* (1733), entre os anos de 1726 e 1730, contando com a colaboração de Antonio Machoni²⁷.

O trabalho destes dois padres foi mencionado por Furlong (1959, pp. 21-22), quando refere-se à censura feita ao livro por Cristobal de Cabrera, embora não especifique se esta informação já aparecia na apresentação feita por Machoni dedicada a *las Religiosas, y Doctísimas Provincias de la Compañia de Jesus de*

²⁷ Antonio Machoni, Antonio Machoni (1672-1753) foi sócio (companheiro ou substituto, dependendo da função desempenhada pelo outro jesuíta) do Provincial José de Aguirre; e, Provincial do Paraguai entre 1739 e 1743. Também foi autor das seguintes obras: *Arte y Vocabulario de la lengua Lule, y Tonocote* (MACHONI DE CERDEÑA, 1732); *Palatij Eloquentiae Vestibulum Sive Tractatus duo de methodo varianda Orationis, ac de Prolisionum preceptionibus Studiosis a primo limine suave loquentiom salutantibus valde utiles* (MACHONI DE CERDEÑA, c. 1739); *El Nuevo Superior Religioso: instruido en la práctica y arte de gobernar, por varios dictámenes de la religiosa prudencia, sacados de la Sagrada Escritura, Santos Padres y de las Vidas y hechos de Varones Ilustres en prudencia, santidad y experiencia* (MACHONI DE CERDEÑA, 1753); *El nuevo Superior religioso instruido en la practica, y arte de gobernar* (MACHONI DE CERDEÑA, 1753); *Dia Virgineo ó Sabado Mariano; que exortando á la devoción de Maria Santísima, en su sagrado día del Sabado; ofrece á la Piedad Christiana, y dedica á la misma Soberana Reyna de los Angeles* (MACHONI DE CERDEÑA, 1753).

Europa, na qual o jesuíta se refere à impressão da obra da seguinte forma: “Assi lo espero yo (Religiosissimas Provincias) de todos los que diereis para la labor preciosa de los dilatados campos, que os describo, y os presento en este libro” (LOZANO, 1733, s.p.). Cabe ressaltar que o próprio Lozano acaba mencionando o auxílio dado por Machoni na escrita da *Descripción chorografica*, quando este destaca que: “En confirmacion de esto suelo referir el Padre Antonio Machoni, Rector de este Colegio máximo de Cordova, y Procurador electo à Roma por esta Provincia, algunos casos, que le passaron los nueve años, que trabajó en la conversion de esta gente” (LOZANO, 1733, f. 98).

Além disso, o livro descreve a história das campanhas militares (de Ángel de Peredo – no século XVII – e Esteban de Urizar y Arzapochaga – no século XVIII²⁸) e dos primeiros missionários na região, como Alonso de Barzana e Francisco Solano, desde a primeira metade do século XVII, até aproximadamente 1730, com as notícias sobre os trabalhos de Juan de Montenegro (CARGNEL, 2015, p. 149). Apresenta, ainda, o relato de Machoni sobre a expedição chefiada pelo governador de Tucumán, entre os anos de 1710 e 1711, destacando o cuidado descritivo e pautado em informações documentais. Por este detalhamento, a *Descripción chorographica* é considerada como a primeira obra dedicada a relatar o descobrimento e a conquista da região *chaqueña* (LAMAS, 1873, p. XV).

Enquanto esteve no Colégio Máximo de Córdoba de Tucumán e, antes de seguir para a *reducción* de Miraflores, Machoni auxiliou Lozano na escrita da *Descripción chorographica*, repassando suas experiências e conhecimentos sobre esta expedição, da qual participou como confessor do grupo militar chefiado por Urizar y Arzapochaga, e, também, sobre as características geográficas e etnológicas do chamado Chaco Gualamba. Podemos dizer que a presença do relato de Machoni no livro de Lozano revela a continuidade, dentro da Companhia de Jesus, da associação entre a *sophía* (saber) e o *pláne* (viagem), onde “o privilégio do olho como modo de conhecimento” (HARTOG, 2004, p. 14) dá a quem narra o *status* de autoridade no assunto tratado. Entretanto, se a escrita, a formação e a cooperação foram a marca de igualdade entre os dois jesuítas, a “chancela” da assinatura os distinguiu. Na

²⁸ As expedições e os indígenas da região do Chaco foram estudadas por Guillermo Furlong, Ernesto Maeder, Beatriz Vitar e Carlos Paz, dentre outros historiadores (FURLONG, 1939; FURLONG, 1941; MAEDER, 1996; VITAR, 1997; PAZ, 2009; PAZ, 2011, p. 373-388; PAZ; CARGNEL, 2012, pp. 9-33; PAZ; MOURA, 2014, pp. 428-454).

definição do livro como “uma obra intelectual ou estética identificada pelo nome de seu autor” (CHARTIER, 2002, p. 22), a presença da autoria pressupunha a autoridade daquele que fala em nome de um grupo (CHARTIER, 2002, pp. 25-26).

Ao retornar para a estância de Santa Catalina, Lozano não deu continuidade à escrita de *Historia de las Revoluciones de la Provincia del Paraguay en la America Meridional desde el año de 1721 hasta el de 1735* ([c. 1738] 1905), pois acabou atendendo outras questões que estavam sob seus cuidados, tais como a tradução de obras relativas aos temas piedosos, a escrita de biografias e a redação de informações e representações jurídicas e/ou políticas, sob a sua assinatura ou para a utilização de seus superiores (MAEDER, 2010, p. 16)²⁹. Desta produção bibliográfica, podemos destacar os livros a *Cronologia Genealógica de Europa* (1736) e o *Breve Compendium extractatus de Casibus reservatis elaborato a Patre Didaco López, Soc. Jesu* (1736) e a tradução de *Justificacion de lo que hasta ahora han practicado los Religiosos de la Compañía de Jesús del Madurey, Maymux y Carnate* (1735), *Sucesion Genealógica de los príncipes* (1736), *Maximas Eternas propuestas en lecciones, para quien se retira à los Ejercicios Efpirituales de San Ignacio* ([1737] 1754) e *Ejercicios Espirituales de San Ignacio* ([c.1737] 1754).

Historia de las Revoluciones é uma obra de escrita contemporaneamente à *Descripción chorographica*, mas só foi concluída cerca de cinco anos depois, devido aos acréscimos de documentos e correções feitas no texto a partir de informações que faltavam ou que apresentavam imprecisões. Trata-se de uma obra que descreve os acontecimentos da chamada *Revolução dos Comuneros* entre os anos de 1721 e 1735 e os ataques sofridos pela Companhia de Jesus neste período³⁰. Em relação às correções pelas quais o livro passou, vale lembrar que “os descuidos do autor, os dos tipógrafos, as inadvertências dos revisores [contribuem] para a construção dos sucessivos textos do ‘mesmo’ trabalho” (CHARTIER, 2002, p. 40), como aconteceu, depois, com a *Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán* ([c. 1745] 1873-1875; 2010).

²⁹ Vale lembrar que durante este período, que se estendeu até sua morte, Pedro Lozano foi o responsável pela escrita das Cartas Anuais e de alguns informes.

³⁰ Não foram poucos os autores que trabalharam com o tema da Revolução dos Comuneros e sua importância para a história das independências das nações argentina e paraguaia. Como não é o nosso objetivo nos determos no conflito propriamente, mas, sim, na descrição que Pedro Lozano fez dele, referenciamos alguns autores que trabalharam com este tema: AUTOR ANONIMO, 1759-1768; GARAY, 1897; ASTRAIN, 1925; PASTELLS; MATEOS, 1946-1948; DÍAZ PEREZ, 2007, pp. 201-227. AVELLANEDA, 2008, pp. 78-98; CERVEIRA 2012, pp. 101-115; CERVEIRA, 2013, pp. 59-73; CERVEIRA, 2014; AVELLANEDA, 2014.

Diferentemente da *Descripción chorographica, Historia de las Revoluciones*, contempla a revolta dos *antequeristas* e, posteriormente, a dos *comuneros*, tendo sido escrita, simultânea ou conjuntamente³¹ com José Cardiel³², no calor dos acontecimentos e polêmicas que envolveram a questão. Na Introdução do livro, Lozano manifesta sua preocupação em relação à escrita tão contemporânea aos acontecimentos:

La pluma entra con recelo, porque la mano trémula, con el susto, apenas la puede gobernar. Tales son y tan lastimosos los sucesos que ocurren á la memoria para la narración. Aun sólo considerados con distancia de trecientas leguas causan temor y asombro: considérense cuáles habrán sido en la realidad. Ha se visto reducida aquella miserable gobernación al más lamentable estado en que la pudieran poner sus más crueles enemigos, siendo los que han causado tamaños estragos no otros extremos sino sus mismos patricios (LOZANO, 1905, p. 1.Tomo II).

Entre os anos de 1727 e 1728, Pedro Lozano se encontrava entre os jesuítas de Asunción, na cidade de Corrientes, e, por isso, testemunhou a situação conflituosa entre os religiosos e os membros d' *El Común*. Ele também se encontrava entre os jesuítas que retornaram à cidade de Asunción em 18 de fevereiro de 1728, acompanhados pelo governador Martín de Barúa e demais autoridades locais (C.A. 1720-1730, pp. 107-112; MAEDER, 2010, p. 15).

Por ter tido acesso à documentação e ao testemunho dos sete jesuítas expulsos do Colégio Máximo de Asunción, com os quais se reuniria em 1728, e por ter ele próprio presenciado alguns eventos, *Historia de las Revoluciones*, é uma obra que se divide em três atos temporais, considerados pelo autor como principais: de 1717 a 1725 – a deposição de Diego de Reyes e Balmaceda, do cargo de governador do Paraguay, e a primeira expulsão da Companhia de Jesus do Colégio de Asunción

³¹ Pensamos que possa existir uma possibilidade remota de que Lozano tenha escrito a *Historia de las Revoluciones*, contando com o apoio de Cardiel, direta ou indiretamente. No entanto, o mais provável é que Lozano tenha se valido dos documentos produzidos pelos demais padres, como os de Cardiel, para elaborar e fundamentar alguns pontos da sua história sobre a Revolução dos Comuneros.

³² José Cardiel (1704-1782) foi missionário e autor das seguintes obras: *Carta del padre jesuita José Cardiel, escrita al señor gobernador y capitán general de Buenos Aires, sobre los descubrimientos de las tierras patagónicas, en lo que toca a los césares* (CARDIEL, 1746 [mss], 1836); *Extracto o resumen del diario del padre José Cardiel en el viaje que hizo desde Buenos Aires al Volcán y de este siguiendo la costa patagónica hasta el arroyo de la Ascensión* (CARDIEL, 1836); *Misiones del Paraguay* (CARDIEL, 2002); *Declaración de la verdad* (CARDIEL, 1900); *Breve relación de las misiones del Paraguay* (CARDIEL, 1913); *De moribus guaraniorum A. I. C.* (CARDIEL, 1918); *Carta relación de las Misiones de la Provincia del Paraguay* (CARDIEL, 1747 [mss], 1953); *Compendio de la Historia del Paraguay (1780)*, (CARDIEL, 1984).

– de 1725 a 1731 – o centro de batalha se volta para os tribunais da Real Audiência de Charcas –, e de 1731 a 1735 – que se inicia com a morte de José de Antequera y Castro e o reativamento dos ideais da *doctrina d'El Común*, sob o comando de Fernando Mompox y Zayas, e com as milícias rurais tomando o poder na cidade de Asunción. No livro, fica, ainda, evidente o propósito de defesa da Companhia e de resposta às críticas e acusações que os padres e irmãos pertencentes à Ordem de Santo Ignacio sofreram durante o conflito d' *El Común*. Ao contrário da *Descripción chorographica*, onde a preocupação em descrever os feitos militares, se confundia, em alguns momentos, com os trabalhos apostólicos e a fundação e estabelecimento das *reducciones* pelos jesuítas.

Pelas indicações dadas pelo próprio jesuíta, entendemos que, concomitantemente à escrita de *Historia de las Revoluciones*, Pedro Lozano dedicou-se ao *Diccionario Historico-Índico* (c. 1748)³³ e deu início a uma obra que deveria versar sobre a história política, civil e religiosa da extensa Província Jesuítica do Paraguay, inicialmente abarcando também a Província do Chile e as suas três governações, Rio da Prata, Tucumán e Paraguay. Nos catálogos da Companhia de Jesus, só temos alguma notícia sobre a escrita destes livros no *Catálogo Secreto* de 1744, no qual consta que, dentre os talentos de Lozano estava o de *ad concionandum* (para pregar) e de *scribenda historiae* (para escrever história)³⁴. Quanto às demais informações, elas se repetem nos *Catálogos Públicos* de 1735 (ARSI, Paraq. 6, f. 175v) – do Provincial Jaime Aguilar³⁵ –, 1739 (ARSI, Paraq. 6, f. 216r) – do Provincial Antonio Machoni – e 1744 (ARSI, Paraq. 6, f. 253r) – do Provincial Bernardo Nusdorffer³⁶ –, atualizando-se apenas os dados relativos aos anos em que Lozano atuou como *operário* na Província e se dedicou à tarefa de historiador.

De acordo com a Carta Ânua de 1750-1756 e com os autores que escreveram sobre Lozano, sabemos que no ano de 1738, Pedro Lozano passou a residir na estância de Santa Catalina, ao norte de cidade de Córdoba de Tucumán, onde

³³ O manuscrito do *Diccionario Historico-Índico* foi encontrado em duas bibliotecas nos Estados Unidos, após doação feita à Biblioteca da American Philosophical Society do Texas. Ver: OBERMEIER, 2014, n. 13, pp. 1-12.

³⁴ O catálogo também informa que o temperamento de Lozano era colérico (ARSI, Paraq. 6, f. 267r), repetindo a informação que já havia constado no do ano de 1739 (ARSI, Paraq. 6, f. 233r).

³⁵ Jaime Aguilar (1678-1746) foi Provincial do Paraguay entre 1733 e 1738

³⁶ Bernardo Nusdorffer [ou Nusdorff, Nusderffer, Neusdorffer] (1686-1762) foi Provincial da Companhia de Jesus entre 1743 e 1747.

permaneceu até os seus últimos anos de vida. Sobre este período, Ernesto Maeder observou:

Recluido en la bella estancia de Santa Catalina, en el valle de Asconchinga, tuvo allí el sosiego necesario para esas labores, que alternó con la capellanía del lugar. Reunió en su habitación libros y documentos y paciente y laboriosamente, redactó sus obras principales. Sus ocasionales viajes le permitieron en más de una ocasión compulsar personalmente libros y documentos y además, formarse una idea más clara del ámbito territorial de su provincia (MAEDER, 2010, p. 15).

Ainda em relação à instalação do jesuíta nesta estância, Page ressalta que os *cronistas* jesuítas, de modo geral

tenían su residencia en la estancia de Santa Catalina en Córdoba, lugar perteneciente al provincialato donde seguramente encontraban la serenidad y tranquilidad necesaria, aunque viajaban periódicamente a la ciudad a dar clases y por toda la provincia jesuítica a recolectar información para sus estudios (PAGE, 1999, p. 20).

Além de dar continuidade ao seu trabalho como historiador da Companhia, Lozano assumiu as funções de Procurador e de capelão, tendo finalizado, em 1740, o livro voltado à narrativa do martírio de Julian de Lizardi, ocorrido em 1735. Este livro, que pode ser considerado um menológico, foi enviado para publicação sob o título de *Relacion de la vida y virtudes del venerable martyr Padre Julian de Lizardi, de la Compañía de Jesus de la Provincia del Paraguay (1741)*³⁷.

Ainda em 1740, ele foi encarregado de assistir à Congregação Provincial, em Córdoba e, posteriormente, em 1744, recebeu a indicação para o reitorado de Monserrat (FURLONG, 1930, p. 258). Aproveitou esta indicação para viajar e recolher mais documentos³⁸ e, também, para ouvir relatos dos missionários que estavam nas *reducciones* e de descendentes dos conquistadores da região de Tucumán. Entretanto, devido à sua ocupação com as investigações históricas, acabou não sendo eleito reitor. Tais fatos, contudo, possibilitaram a continuidade da escrita de sua

³⁷ Neste caso específico, sustentamos que, devido ao número de páginas, a biografia tende a ser mais extensa do que o menológico.

³⁸ Atitude que, como ressalta Norma Durán, remete aos bolandistas, que, além de terem como característica a erudição e o domínio de um número considerável de idiomas, deveriam apresentar entusiasmo na busca e rastreio de documentos e capacidade de trabalho na escrita de livros (DURÁN RODRÍGUEZ ARANA, 2018, p. 129).

História civil e religiosa, para a qual contou com o auxílio de José Guevara³⁹, seu sucessor no cargo de *historiador da Província*. Embora tenham sido publicados após a sua morte, os livros *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay* (1754-1755) e *Historia de la Conquista* já se encontravam prontos em um volume único no ano de 1745 e passaram por revisão de dois *amanuenses* – possivelmente os estudantes Manuel García e Juan Cayetano Iburguren, que interromperam seus estudos para auxiliar na escrita do livro – antes de serem enviados para os censores (LIBRO de Consultas de la Compañía de Jesús (1731-1747), f. 60; MAEDER, 2010, p. 19). Ainda com relação à escrita da *Historia de la Conquista*, é importante ressaltar que:

Por una parte es obvio que ambas eram complementarias. También sabemos que Lozano puso punto final a cada una de ellas en Córdoba, cinco años después, el 8 y el 11 de junio de 1745. Y que en ese quinquenio retocó y complementó con sus índices copiosos la Historia de la conquista, mientras que su Historia de la Compañía, redactada también en dos gruesos tomos, sólo alcanzaba a cubrir el período 1585 e 1614, y que carecía de índices, al estilo de su otra obra (MAEDER, 2010, p. 22).

Voltada para o final do século XVI e início do XVII, *Historia de la Compañía* se divide em dois grandes tomos, cada um deles com quatro livros. O primeiro tomo inicia com a chegada dos primeiros espanhóis à cidade de Tucumán e encerra com os primeiros anos do Seiscentos. O segundo faz um balanço do Provincialato de Diego de Torres Bollo, apresentando as congregações provinciais realizadas e as vidas dos *ilustres varones* símbolos de *vida exemplar* e os demais jesuítas cujas vidas serviriam como *exemplos para imitação*. O livro ainda conta com alguns documentos civis e eclesiásticos da época, como nos informa o próprio Lozano:

Despues será único assumpto de mi pluma, referir quanto se há obrado en la Provincia propriamente del Paraguay, en la qual fuè siempre comun deseo de los Nuestros, ver Historia separada en nuestro Idioma, para comunicar las noticias à nuestra Nacion, que ha sido la que principalmente empezó à labrar, y ha cultivado con sus

³⁹ José Guevara (1719-1806) foi designado para o cargo de historiador após a morte de Pedro Lozano (1752). Foi o autor das seguintes obras: *Dissertatio Antiblasiana seu Blasius admonitor in Blasium Commynitorem* (GUEVARA, 1775); *Dissertatio histórico-dogmatica de Sacrarum imaginum cultu religioso* (GUEVARA, 1789); *Riposta all'anonimo dela lettera sopra la vicinanza del giudicio universala* (GUEVARA, 1790); *Dissertazione sopra gli oracoli nella quale si fa manifesto contra Fontanelle che il demônio ebbe parte negli oracoli degli antichi* (GUEVARA, c. 1790); *Historia del Paraguay, Río de la Plata y Tucumán* (GUEVARA, [c. 1767] 1836, 1882, 1908).

fatigas, sudores, y sangre esta Heredad del Señor, llamando tambien à la parte de sus trabajos à los Jesuitas de las otras Naciones más célebres de Europa, como la Italiana, Alemana, y Flamenca, que han contribuido para esta labor insignes Operarios (LOZANO, 1754, s.p).

De modo geral, os dois tomos apresentam a descrição *corográfica* das regiões que formavam a Província Jesuítica do Paraguay à época, que incluía o Chile e as ilhas de Chiloé, além de descrever o indígena como parte da natureza exuberante que circundava os primeiros membros da Ordem Jesuítica que missionaram na região. A exclusividade de *su pluma*, se dá apenas na *Historia de la Conquista*, em que pouco se fala na Província do Chile, dando maior ênfase à Província Jesuítica do Paraguay, após o ano de 1617.

Já *Historia de la Conquista* começa com a chegada dos conquistadores espanhóis e descreve os acontecimentos da Província, aproximadamente, até o ano de 1745, com base na documentação disponível nos colégios da Companhia de Jesus, nos quais Lozano esteve, e nos testemunhos de jesuítas – que missionaram na região – e dos descendentes dos primeiros conquistadores – principalmente para escrever o tomo relativo à governação de Tucumán. Originalmente, a obra contava com dois tomos, sendo que o primeiro conta com três livros relativos às Governações do Paraguay e Rio da Prata, e, o segundo, com dois destinados à de Tucumán. No entanto, *Historia de la Conquista*, ao ter como proposta inicial a de escrever uma história dedicada a uma extensa região geográfica, que contava com três bispados, três divisões territoriais e três governações políticas (Paraguay, Tucumán e Rio da Prata), conhecido sob o título único de Província do Paraguay, acabou se tornando a introdução para os demais livros de Pedro Lozano. Em 1745, com a finalização das correções, *História civil e religiosa* se dividiu em duas obras.

De acordo com Pedro Lozano, não existia outra forma de relatar os *sucessos* da Companhia de Jesus, sem antes descrever o *teatro* (*Historia da Conquista*), onde *atuaram* os padres e irmãos da Ordem Jesuítica dos séculos XVI, XVII e XVIII, principalmente, aqueles que se destacaram nos primeiros anos de missionação na Província Jesuítica do Paraguay e fundaram as primeiras *reducciones* (*Historia de la Compañía*)⁴⁰. Esta divisão acabou também servindo para uma separação definitiva dos dois livros, como se observa na versão final da *Historia de la Conquista*. Vale

⁴⁰ Definição feita por Pedro Lozano sobre os seus dois livros no *Prefacio del Autor* e no *Proemio* (LOZANO, 1873, p. 1. Tomo I; LOZANO, 2010, p. 45. Tomo I).

lembrar que Pedro Lozano já havia sido informado da decisão dos Superiores de que a tarefa de escrever a história religiosa da Companhia seria de Pierre François Xavier de Charlevoix⁴¹, alguém de *mejor pluma y fama* (MAEDER, 2010, p. 25). Assim, além de remeter informações sobre a Província Jesuítica do Paraguay relativas aos anos de 1746 e 1747 a Charlevoix, Lozano alterou os parágrafos iniciais do primeiro tomo, anunciando que a história *civil* seria desvinculada da *religiosa* (MAEDER, 2010, pp. 24-25).

Há algumas hipóteses para a divisão em dois livros. A primeira está relacionada com sua extensão, que, passava de sete mil páginas, o que, certamente, acarretaria altos custos de impressão. A segunda talvez tenha se dado com o objetivo de priorizar as partes que abordavam os trabalhos da Companhia de Jesus na região, separando os sucessos profanos dos religiosos. A terceira pode estar relacionada com a percepção de que um livro destinado à conquista espanhola não seria de interesse para a Ordem Jesuítica. Retomando o proposto por Maeder e, buscando ir um pouco mais além, aventamos que talvez tenha contribuído para a escolha de Charlevoix a percepção de que este jesuíta pudesse atender e responder à curiosidade dos leitores, devido à sua escrita *mais fluída* para as questões civis e a “*mejor pluma*” para as religiosas, o que era esperado pela Companhia e pelos responsáveis pela edição do livro. Deve-se, ainda, considerar os cuidados inerentes à escrita de um livro desta natureza, que abordaria temas muito contemporâneos e traria informações relativas a pessoas ainda vivas, podendo provocar hostilidades contra a Ordem (FURLONG, 1930, p. 28).

⁴¹ Pierre François Xavier de Charlevoix (1682-1761) foi historiador e autor dos seguintes livros: *Histoire de l'Établissement, des Progrès, et de la Décadence du Christianisme dans l'Empire du Japon, ou l'On Voit les Différentes Révolutions qui Ont Agité Cette Monarchie Pendant plus d'un Siècle* (CHARLEVOIX, 1715); *La Vie de la Mere Marie de l'Incarnation, Institutrice & Premiere Superieure des Ursulines de la Nouvelle France* (CHARLEVOIX, 1724); *Histoire de l'Isle Espagnole ou de S. Domingue, Ecrite Particulierement sur de Memoires Manuscrits de P. Jean-Baptiste le Pers, Jesuite, Missionnaire à Saint Domingue, & sur les Pieces Originales, qui se Conservent au Dépôt de la Marine* (CHARLEVOIX, 1730-1733); *Histoire et Description Generale du Japon: ou l'On Trouvera Tout Ce qu'On a Pu Apprendre de la Nature & des Productions du Pays, du Caractere & des Coûtumes des Habitans, du Gouvernement & du Commerce, des Révolutions Arrivées dans l'Empire & dans la Religion, et l'Examen de Tous les Auteurs, qui Ont Écrit sur le Même Sujet, avec les Fastes Chronologiques de la Douverte du Nouveau Monde* (CHARLEVOIX, 1736); *Histoire et Description Generale de la Nouvelle France, avec le Journal Historique d'un Voyage Fait par Ordre du Roi dans l'Amérique Septentrionale* (CHARLEVOIX, 1744); *An Account of the French Settlements in North America: Shewing from the Latest Authors, the Towns, Ports, Islands, Lakes, Rivers, &c. of Canada, Claimed and Improved by the French King* (CHARLEVOIX, 1746); *Histoire du Paraguay* (CHARLEVOIX, 1756); *A Voyage to North-America: Undertaken by Command of the Present King of France, Containing the Geographical Description and Natural History of Canada and Louisiana, with the Customs, Manners, Trade, and Religion of the Inhabitants, a Description of the Lakes and Rivers, with their Navigation and Manner of Passing the Great Cataracts* (CHARLEVOIX, 1766).

Antes do envio de suas três “Histórias” – *Historia de las Revoluciones*, *Historia de la Compañía* e *Historia de la Conquista* – para impressão na Europa, Lozano ainda escreveu *Diario de un viaje a la costa de mar Magallanica* ([1746] 1756), a partir dos relatos de José Quiroga, Matías Strobel e José Cardiel, que fizeram esta viagem exploratória em um contexto marcado pelas “reformas ilustradas” implantadas pela Coroa Espanhola (MARTINS, 2014, p. 48). Esta obra, além de cartas náuticas, dos relatos sobre as dificuldades de implantação dos povoados, sobre a escassez de água doce e sobre a busca pela *Ciudad de los Césares*, fornece um acurado estudo topográfico da região da baía de San Julian. Além desta narrativa, Lozano iniciou, ainda, a tradução das *Meditaciones sobre la vida de Nuestro Señor Jesu-Christo* (1747-1748), obra escrita originalmente em latim pelo padre Fabio Ambrosio Spinola, em 1670.

Em 1748, conforme o *Catálogo Público* assinado pelo Provincial Manuel Querini⁴², Pedro Lozano dedicou-se, dentre as suas ocupações, ao ofício de *Consultor do Provincial* (ARSI, Paraq. 6, f. 233r)⁴³, função que nos leva a considerar as características psicológicas informadas sobre ele no *Catálogo Secreto*. Nele, Lozano apresentava inteligência suficiente, juízo e prudência e sua opinião e conselhos deveriam ser ouvidos pelo Superior (ARSI, Paraq. 6, f. 321r).

A partir do início da década de 1750, Pedro Lozano recebeu também a incumbência de escrever cartas e representações jurídicas relativas ao Tratado de Madrid. Em relação a este tratado, vale lembrar as consequências que estas resoluções trariam para as *reducciones* instaladas no território das colônias hispânicas. No entanto, o envio destes documentos não foi considerado suficiente pelo Padre Provincial José Isidoro de Barreda⁴⁴ e seus consultores, que decidiram enviar alguém que expusesse verbalmente ao Vice-rei e à Real Audiência de Charcas as conclusões já expostas textualmente. Por ter assumido o cargo de Procurador, Lozano foi encarregado dessa representação diante das autoridades e, por isso, foi enviado para Chuquisaca (FURLONG, 1930, p. 262). Entretanto, não pôde concluir a

⁴² Manuel Querini [ou Emmanuele Cherini] (1694-1774) foi Provincial da Companhia de Jesus entre 1747 e 1751.

⁴³ O *Consultor de Provincia* ou *Casa* era o conselheiro do Provincial, tendo direito a voto consultivo sem necessitar de validação do ato. “El hecho de la consulta añade autoridad al gobierno del superior, pues sus decisiones van respaldadas por el prestigio de los consultores” (DHCJ, 2001, p. 935. Volume I).

⁴⁴ José Isidoro Barreda (1687-1763) foi Provincial da Companhia de Jesus entre 1751 e 1757.

sua viagem, pois adoeceu no *pueblo* de Humahuaca, onde acabou falecendo no dia 8 de fevereiro de 1752.

No entanto, ficam as perguntas sobre quais foram as motivações que levaram Pedro Lozano a ser escolhido, entre tantos outros jesuítas, para dedicar-se à escrita da história da Companhia de Jesus. O que o diferenciava dos demais membros da Ordem? Existiria alguma relação entre a formação filosófico-teológica e os níveis de graduação entre os seus integrantes que tornavam uns mais aptos do que outros para a tarefa de escrita? Este será o tema do nosso próximo subcapítulo.

2.2 Servir em missão: a formação teológico-filosófica e as práticas de leitura na Companhia de Jesus

Para aprofundar a questão dos métodos de instrução e compreender a *forma mentis* de Pedro Lozano, abordaremos a formação que ele e outros jesuítas tiveram desde o ingresso na Companhia de Jesus. A formação filosófico-teológica da Companhia de Jesus se iniciava através do que Ignacio de Loyola chamou de *Exercício do Reino* (EE, §§91-100), que faz parte da segunda semana dos *Exercícios Espirituais*⁴⁵, e consiste na resposta dada à *convocação* feita por Jesus Cristo aos bons *súditos*, constituindo-se em um dos momentos mais importantes desta

⁴⁵ Conforme Jean Delumeau, os *Exercícios Espirituais* eram “um método de oração e meditação dos mistérios da fé, distribuído por vários dias ou várias semanas, pelo qual o retirante se põe em ordem e escolhe seu estado de vida” (DELUMEAU, 2000, p. 251). Já para Raul Paiva, os *Exercícios Espirituais* são “no seu conjunto orgânico, uma pedagogia espiritual, mediante a qual se dá espaço para que o Espírito Santo possa atuar, instruindo, movendo e robustecendo o exercitante. É preciso que o Espírito Santo seja o mestre interior que orienta a pessoa: ora chamando a atenção para um aspecto do assunto proposto; ora despertando sua memória para algo já conhecido, relacionando com o que está tomando; ora iluminando ou propondo algo para sua vida através de moções espirituais...” (PAIVA, 2011, p. 11. *Nota de rodapé*). As autoras Mariana Barros e Marina Massimi afirmam que, “nos Exercícios Espirituais há a descrição de um caminho para a mais sincera incorporação do sujeito à realidade, exercitando seu espírito de maneira a vivenciar a amplitude de sua fé, pois, para ele, é através da ação que o sentido religioso da experiência humana se realiza de forma verdadeira e plena. E este profundo senso de apego à realidade para que o ser humano não se perca em suas ilusões, leva em conta a ideia aristotélico-tomista da ação voltada a um objetivo final, pois quando se incorpora um sentido último à vida, a ação é guiada numa direção tal que possibilita o reconhecimento do desejo como autêntico, o que realiza e satisfaz” (BARROS; MASSIMI, 2005, p. 199. No entanto, Eunícia Fernandes vai além da questão de que os *Exercícios Espirituais* são um conjunto de práticas que os noviços deveriam seguir como forma de “garantir os recursos interiores exigidos por um compromisso vitalício”, ao afirmar que a aplicação dos *Exercícios* se estenderia também ao valor da palavra. Tanto a oratória, quanto a palavra desenvolvida através da escrita, deve ser vista como uma estratégia devocional, pois a missão assumida pela Companhia de Jesus “é o próprio missionar, o levar adiante a *palavra*, reunindo o descontínuo formalizado nos infieis, pagãos e hereges” (FERNANDES, 2009, p. 203-204).

caminhada espiritual e de autoconhecimento. Este período equivale ao início de um tempo de dedicação à prática de recolhimento simbólico e afetivo, se caracterizando pelo exame de consciência (meditação), pela contemplação e pela oração (para “escutar” a voz de Deus e discernir o “chamado”). De maneira mais ampla, essa semana consiste em um conjunto de técnicas dirigidas à distinção da vida espiritual, renovação e transformação interior (FABRE; GALÁN TAMÉS, 2018, p. 455).

Esta convocação se dividia em dois níveis: o primeiro, destinado para aqueles que tivessem *juízo e razão*, que se ofereceriam inteiramente a participar da vida religiosa e levar os ensinamentos de Cristo adiante (*EE*, §96). O segundo nível estava destinado àqueles que quisessem se *afeiçoar e distinguir-se mais em todo o serviço* (*EE*, §§97-98), ou seja, os que apresentassem uma maior aptidão para se entregar ao “serviço do Rei eterno e Senhor universal” (SALVAT, 2002, p. 21). A diferença entre estes dois níveis estava ligada à qualidade de resposta e entrega do exercitante diante de cada nível de exigência, baseada na generosidade inerente a cada indivíduo, como observado por Jesus Maria Sousa:

A ordem, a organização, a disciplina e o domínio da vontade são outras características de ordem pessoal [...] através de um exercício mental, físico e religioso intensivo, prescrito em detalhes nos Exercícios Espirituais de Loyola. Estes exercícios dão conta dum conhecimento minucioso da natureza humana e das relações recíprocas entre os estados psíquicos e fisiológicos (SOUSA. 2003, p. 43).

Cabia ao diretor espiritual acompanhar o exercitante, apresentando-lhe o exercício à medida que houvesse evolução na jornada espiritual. No caso daqueles que ingressavam na Companhia de Jesus, após o término da *Primeira Provação*, durante a qual eram realizados os *Exercícios Espirituais*, conforme as *Constituições* (§§65-70), iniciava-se a segunda experiência, que consistia em passar um mês prestando serviços a doentes e sãos dentro dos hospitais. A terceira seria reservada à peregrinação (essa prática poderia variar entre dois meses de serviço em hospitais ou dois meses de peregrinação) e, a quarta, após ingressar na residência destinada aos que foram aceitos na Companhia, compreendia em se exercitarem em ofícios tidos como humildes e baixos. A quinta referia-se ao ensino do Evangelho às crianças e para as pessoas incultas, enquanto que a sexta baseava-se em pregar ou confessar, conforme os lugares, tempo ou a própria capacidade dos ingressantes na Ordem.

Quanto aos estudos de formação escolástica, baseados no *Ratio Studiorum* durante o noviciado, vale observar que:

perfaz o tempo de um biênio, quando outras Congregações Religiosas se contentavam com um único ano. E, somente depois, de se haver colocado esta base religiosa sólida, inicia-se com a formação científica, a qual consiste em três cursos superiores: Humanidades ou Letras Clássicas, Filosofia Eclesiástica e Teologia, segundo o espírito tomista (RABUSKE, 2003, p. 77).

Este tempo de dois anos de noviciado, finalizados com os votos do biênio, eram considerados a *Segunda Provação*, e, após essa formação, o *frater* (*irmão*, como forma de diferenciar os *irmãos escolásticos* dos *coadjutores temporais*) passava por um período que totalizava dez anos de estudos, dedicados, inicialmente, aos *Estudos Inferiores*⁴⁶, e, posteriormente, às *artes liberais*, o que permitia aos estudantes um preparo intelectual que propiciava uma visão global de mundo e saber enciclopédico (SOUSA, 2003, p. 38). Estas *artes*, ou *studia humanitatis* (estudos da humanidade), orientadas para a instrução e honradez do homem livre, estavam distribuídas em sete, que se dividiam em dois grupos, ou seja, o *Trivium* (Linguística/Gramática, Retórica e Dialética/Lógica⁴⁷), voltado para o conhecimento nas *letras*, e, o *Quadrivium* (Aritmética, Geometria, Astronomia e Música), destinado às *ciências*. Como pode ser observado na definição que consta no *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús*:

En los estudios, ha de integrar cada uno, en los que ya tenía antes de entrar en la Compañía de Jesús, las materias y cursos necesarios para prepararse a los estudios de filosofía y teología, si no se puede todavía comenzarlos inmediatamente. Por lo general se trataba de lenguas clásicas (luego, también modernas), literatura (humanidades) y retorica (modo de proponer y medios de expresión), según el orden del *modus parisiensis* (DHCJ, 2001, p. 1490. Volume II).

⁴⁶ As regras destinadas ao Prefeito dos Estudos Inferiores e os estudos das vocações nos fornecem informações importantes quanto às classes estudadas e ao tempo de duração dos estudos escolásticos (*Ratio Studiorum*, 1606, pp.77-91). Há também as regras relativas ao que deveria ser estudado pelos escolásticos nas *Constituições* (§§ 351-359 e 392-399).

⁴⁷ Conforme Michel Pêcheux “a lógica (e a ‘teoria do conhecimento’ que lhe corresponde) é o fundamento primeiro, e a ‘arte de falar’ não tem outra finalidade senão a de se conformar às regras que a constituem, enquanto regras imanentes à própria ordem das essências. Nessa perspectiva, o *bom uso da palavra* é o de reconduzir o sujeito às verdades do mundo das essências, a ‘arte de falar’ é constitutivamente uma pedagogia: a *explicação* torna-se assim *aquilo pelo que se reabsorve o desencontro* entre meu pensamento e os seres aos quais meu discurso se refere [...] ao mesmo tempo como um sistema de erros pedagogicamente necessários para atingir a verdade” (PÊCHEUX, 1995, p. 45). Tais questões levantadas pelo autor seguem, especificamente, as instruções sobre a *arte do bem falar e do bem escrever* estão presentes na obra de Quintiliano (1836).

Após o término desta etapa, e demonstrando a aptidão necessária aos estudos, o irmão escolástico seguia para os chamados *Estudos Superiores* (**Const.**, §§ 400-452; 471-480), no caso específico, as Letras Clássicas e Humanidades⁴⁸. É importante sublinhar que este grau de instrução previa o estudo de autores clássicos – Heródoto, Tucídides, Tito Lívio, Tácito, Plutarco, Suetônio e Eusébio de Cesaréia – e os estudos bíblicos – Antigo e Novo Testamento –, considerados *cânones* historiográficos e tidos como muito relevantes para a escrita da história da Companhia de Jesus, sobretudo, durante o século XVII, por estarem “coberto[s] de olhos”, para que não houvesse o “risco de ter os outros membros de seu corpo mutilados: o corpo maravilhoso do discurso deve seguir os cânones da anatomia humana, fiel às proporções do corpo do orador” (COMPAGNON, 1996, p. 83). A presença desses autores, aos quais ainda se somam os nomes de Horácio e Quintiliano, serviam, equitativamente, para “neutralizar” o latim *rústico* ou *imperfeito* adotado pela escolástica e ao estudo do latinismo *mais puro* e *erudito* dos cânones. Esta orientação tinha como finalidade a formação de um estudante que dominasse à *arte do bem falar* e, conseqüentemente, do *bem escrever* (DURÁN RODRÍGUES ARANA, 2018, p. 133).

Quanto a isso, vale lembrar que “a lista de leituras gregas e latinas aconselhadas por Quintiliano ao futuro orador menciona, além da história, a filosofia, e, naturalmente, a eloquência” (GENETTE, 1987, p. 40), que visavam aprimorar os conhecimentos retóricos, da oratória e da escrita, através do constante exercício para a criação de uma “memória artificial e de seu exercício, segundo o princípio, mais uma vez, de um tópico. O processo de memorização se dava através da cópia de relações léxicas e sintáticas, para a familiarização do vocabulário, obtidas nos textos de autores latinos que formavam um acervo de frases úteis à escrita e para a elocução, como ressaltado por Jeronimo Nadal em *De studiis Societatis* (1551), obra anterior ao *Ratio Studiorum* (1599), (**MonPaed.**, pp. 89-107). A fim de memorizar um discurso, o orador “[deveria] represent[ar] uma arquitetura estruturada em lugares (*loci*) onde dispor[ia] as imagens (*formae, notae* ou, notadamente, *simulacra*)” (COMPAGNON, 1996, p. 86. *Grifo nosso*). Assim, o *orador*, dotado do pleno domínio dos exercícios retóricos e de

⁴⁸ As regras para os professores de Retórica, Humanidades e Gramática (neste caso, os estudos *médios* e *ínfimos*, são igualmente importantes, pois apresentam os estágios de graduação nos estudos de gramática que os estudantes deveriam passar) e nos ajudam a entender quais eram os métodos de ensino nos *Estudos Superiores* e quais eram os livros utilizados durante o curso das Letras Clássicas e Humanidades (**Ratio Studiorum**, pp. 112-143). Na edição do *Ratio Studiorum*, de 1636, encontramos informações sobre os autores e os livros que são estudados pelos alunos de Letras Clássicas e Humanidades (**Ratio Studiorum**, pp. 203-30).

sua prática, demonstraria segurança, competência e excelência, além da propriedade e elegância em relação aos temas apresentados em suas arguições e debates públicos.

No entanto, a oralidade é “uma musa leiga”, que poderia fugir do controle do orador; a escrita, por sua vez, se exporia à verificação, ao monitoramento e à supervisão atenta, fazendo com que o discurso que a havia antecedido fosse mantido. Após o aprendizado da *ars rhetorica*, que aprimorava a argumentação e a expressão, para que fossem recebidas de uma melhor forma pelo receptor da alocução, o *frater* estava apto a concluir estes estudos iniciais e ser admitido nos *Estudios Superiores*, passando a estudar Filosofia, Filosofia Moral, Dogmática e Eclesiástica (para uma formação filosófica aristotélico-tomista), Teologia, obtendo, assim, as cinco virtudes intelectuais necessárias⁴⁹, além dos princípios básicos do modelo iniciano: o romanismo (fidelidade incontestável ao papa), a polivalência (além de religiosos, teriam outras aptidões) e o ascetismo (uma vida moral plena), (*Ratio Studiorvm*, pp. 171-197, 79-168; BARROS; MASSIMI, 2005, pp. 201-202; SALVAT, 2002, pp. 86-87). Em alguns casos, os jesuítas que mostrassem talento para as *ciências duras* recebiam formação complementar nas Matemáticas, que compreendiam, grosso modo, os conhecimentos científicos sobre a matemática e a física (*Ratio Studiorvm*, pp. 198-201). Para Maria de la Soledad Justo:

Los estudios de matemáticas y de filosofía natural tuvieron desarrollo muy incompleto en las escuelas y universidades jesuitas. En la mayoría de los establecimientos se dictaba cuando mucho algún curso de matemáticas, geometría o esfera y en algunas escuelas se impartían cursos de cosmografía, geografía, balística y construcciones, y solamente en instituciones que estaban en lugares centrales de Europa (JUSTO, 2011, p. 158).

Além do aprendizado das matérias acima citadas, os membros da Companhia estudavam Lógica, Física e Metafísica. Já os estudos matemáticos, feitos *separadamente*, estavam voltados às *ciências puras* (Geometria, Aritmética, Álgebra, Trigonometria e Logarítmica) e às *mistas* (Música, Mecânica, Estática, Óptica e a

⁴⁹ Para São Tomás de Aquino, as cinco virtudes intelectuais seriam o intelecto, a ciência, a sabedoria, a prudência e a arte. O estudo de Tomás de Aquino, a partir de Aristóteles, encontra-se na Suma Teológica, (ST, Ia-IIæ, q. 56, q. 57, q. 58, q. 61; ST, IIa IIæ, q. 58), (SÃO TOMÁS DE AQUINO, 1980, pp. 102-139, 160-172, 54-76. Volume IV e VI). No *Ratio Studiorum*, as regras de estudos sobre a Suma Teológica de São Tomás de Aquino estão divididas em três partes (*Ratio Studiorvm*, pp. 102-119).

Cosmografia, esta última com as suas especificidades: a Astronomia - estudo dos corpos celestes – e a Geografia – conhecimento da Terra e das suas características físicas), (XAVIER, 2012, p. 45). Como observado por Newton Xavier, os cartógrafos jesuítas “não tinham formação padronizada, pois, não havia uma escola ou aulas específicas sobre o tema. Apesar disso, o zelo pela matemática se encontrava presente, como evidenciam as “aulas de esfera”, que perpassaram séculos e foram constantemente modificadas” (XAVIER, 2012, p. 46).

Entretanto, mesmo tendo classes especiais e lições específicas em algumas universidades, os que dirigiam sua formação às Matemáticas e à Astronomia, se comparados com os que se dedicavam às Humanidades, constituíram uma minoria dentro dos quadros da Companhia de Jesus (JUSTO, 2011, pp. 157-158). Em relação a esta questão, Domingo Ledezma e Luis Millones Figueroa ressaltam que:

El saber de los jesuitas debe entenderse como una combinación de, al menos, tres coordenadas: la herencia del conocimiento aristotélico y de la tradición hermenéutica cristiana; la orientación humanística de su régimen educativo (*Ratio Studiorum*) y sus prácticas institucionales (o cultura corporativa). Debe añadirse que la sólida formación que recibía cada hermano jesuita se beneficiaba, en su afán por desarrollar sus conocimientos, de adherirse a una posición dinámica (LEDEZMA; MILLONES FIGUEROA, 2005, p. 9).

Os fundamentos da leitura escolástica previam a memorização de certos textos, implicando no estudo de fragmentos ou considerações a respeito de obras de diversos autores, tidas como merecedoras de atenção e tempo dedicado para a sua leitura. Esta memorização pode ser percebida como uma prática estratégica, mediante a qual se escolhe e se retém – para si e para o seu grupo – um saber considerado inolvidável e que deve ter seu acesso disponibilizado em livros ou anotações. Estas frações de temas e argumentos tinham como objetivo a facilitação da leitura e a supressão de conteúdos que não seriam debatidos em aula. Deduz-se disso, que era oferecido um conhecimento amplo em relação a um número relevante de autores e textos clássicos, mas de maneira subdividida e segmentada, de forma que poucas obras eram conhecidas em sua totalidade (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 22). Cabe lembrar que o ato de ler nos séculos XVI e XVII pode ser visto como um exercício espiritual, através do qual se desenvolviam os graus de instrução, preservando uma atitude sagrada (DARNTON, 1992, p. 219), ou seja, tratava-se de “uma prática erudita que acumula as leituras, que procede de trechos, deslocamentos, aproximações e que,

para os mais letrados [*que, no caso da Companhia de Jesus, seriam os professores e os coadjutores espirituais de votos solenes*], traz o exercício da crítica filológica” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, pp. 28-29. *Grifo nosso*).

Em relação aos conhecimentos teológico-filosóficos, os escolásticos estudavam, além das matérias já mencionadas, as *exempla vitae* (*vida exemplar*) de Ignacio de Loyola e Francisco Javier, entre outros jesuítas considerados como *exempla ad imitandum* (*exemplos para imitar* ou *exemplos de imitação*). Conforme Federico Palomo, estas leituras sobre a vida daqueles que eram considerados como modelo apostólico serviam

de acicate a la vocación de los miembros de la Compañía y, por consiguiente, orientados a la definición de un *modum agendi* y a la adquisición de un determinado *habitus* apostólico, es decir, de ciertas disposiciones a la acción *ad proximos*, las relaciones y cartas de misión articularon toda una serie de “topos”, recurrentes en este tipo de literatura, que, como se verá a continuación, remitían a aspectos cardinales de la propia espiritualidad ignaciana, haciendo de la acción y del sujeto misioneros expresiones extraordinarias de la idiosincrasia y la identidad jesuitas (PALOMO, 2004, p. 133).

Em relação a esta questão, é plausível supor que a formação dos jesuítas no século XVIII incluísse a leitura dos cronistas das Províncias Jesuíticas, pois estes haviam sido os responsáveis pelas descrições dos martírios dos padres e irmãos que missionaram nestes territórios. A recomendação pode ser pensada como uma extensão das instruções, presentes nas *Constituições*, relativas à leitura de livros de edificação pelos futuros missionários da Ordem e, também, aos que já exerciam o apostolado. No que diz respeito ao capítulo I, da Terceira Parte, dedicado à “Conservação quanto à alma e ao progresso nas virtudes”, os membros da Companhia eram orientados a “enquanto se dá a refeição ao corpo, dê-se também ao espírito a sua, com a leitura de algum livro, antes piedoso do que difícil, que seja proveitoso a todos” (*Const.*, §§ 251-252; § 277; § 289).

As recomendações seguem dizendo que estas leituras, quer fossem de cartas edificantes ou de livros que trouxessem algum crescimento espiritual e intelectual, deveriam cumprir “a função de atualizar a missão apostólica e a palavra de Deus, e tanto melhor o fazem quanto mais incendeiam escritor e leitor numa mesma febre de fé, que os irmana em tremendas experiências devocionais” (PÉCORA, 1999, p. 382). Assim, tanto por meio da repetição de gestos, fórmulas, recordações, quanto através

da cópia da postura de uma pessoa e de seu estilo de escrita, estas interpretações e reflexões com relação à edificação trazida pelos livros podem ser vistas como um processo de apropriação de uma imagem ou objeto, que está representado como símbolo de lembrança e exemplo de imitação, ou, também, de citação e criação de um novo texto (COMPAGNON, 1996, p. 14). Isto também pode ser entendido como a conformação de uma memória pessoal, enquanto componente da individualidade do sujeito. O que sucede, do mesmo modo, com a memória coletiva, ou em relação àquilo que a pessoa pretende ser enquanto parte de um grupo, traduzida em como lê, interpreta e compartilha o seu conhecimento relativo à história da sociedade da qual pertence (FONTANA, 2011, p. 145).

Ao mesmo tempo, podemos considerar que a leitura de vidas exemplares, somada aos conhecimentos retóricos, levavam a uma escrita que mantinha os “gêneros” (*genera*), divididos em três modos platônicos separados em “espécies” (*species*), que seriam: o *genus imitativum* (dramático); o *genus ennarrativum* (narrativo) – que nos interessa na tese – voltado para a compreensão da “espécie narrativa propriamente dita, sentenciosa (gnômica?) e didática” (GENETTE, 1987, p. 41); e o *genus commune* (misto). É a narrativa que traduz e designa o sentido do seu enunciado, seja ele voltado ao discurso oral ou ao relato escrito, que assume uma correlação direta com um acontecimento ou uma série de fatos desencadeados no momento em que é contado ou recitado por alguém (GENETTE, 1995, pp. 23-24). Existe, ainda, a possibilidade de que isto aponte para a conexão necessária entre o relato impresso e a oralidade, a despeito das intervenções no texto, do formato do papel, dos caracteres, da presença ou não de ilustrações, orientadas para uma maneira de destinar o texto a um público específico (CHARTIER, 2002, pp. 67-68).

A identificação ou não da presença dos *cânones greco-romanos* nos textos escritos por membros da Companhia de Jesus e, no caso desta tese, na produção de Pedro Lozano, nos permite refletir sobre os conceitos de intertextualidade e intratextualidade e, em especial, sobre a autoria de um texto. Afinal, quem é o autor de um determinado texto: aquele que o escreve ou aquele que tem seu nome impresso na publicação? Entendemos que cabem, aqui, algumas considerações sobre esta questão, na medida em que contribuem para a compreensão do que denominamos de “práticas de leitura e escrita” da Companhia de Jesus. Priscila Faulhauber e José Sérgio Leite Lopes contribuem para a nossa reflexão sobre esta questão, ao afirmarem que a assinatura

assume, [...] diferentes significados, que correspondem a diferentes momentos na história do livro. A assinatura pareceu como uma designação utilizada para montar a encadernação de livros impressos até o início do século XVII. Neste modelo, os cadernos eram classificados por letras do alfabeto ou por números (FAULHAUBER; LOPES, 2012, p. 12).

Vale lembrar que esta técnica de encadernação, que dependia do formato do livro, além de auxiliar na contagem de páginas, facilitava a identificação de cada um dos cadernos. Já as assinaturas acabavam servindo como um registro de quem havia escrito e/ou assinado e, ainda, dos temas que poderiam ser encontrados no compêndio. Isso se refletia na produção dos textos científicos e literários, os quais, a partir dos séculos XIV e XV, passaram a evidenciar as diferenças, já ressaltadas por Roland Barthes, entre *écrivains*, cujo reconhecimento estava relacionado a sua função social, e *écrivants*, que eram identificados pela atividade de escrita (BARTHES, 1964, pp. 147-154). Tais diferenças traziam consigo a dissociação entre o *escritor* e o *autor*, como duas figuras diferentes, o autor – em francês *auteur*, transformado mais tarde em *auteur* –, e os *actores* – escritores da época, que, por muito tempo, foram considerados simples compiladores e comentaristas (CHARTIER, 2012, p. 58). Cabe destacar, também, que a partir do século XVII,

a tradicional e dominante definição do códice [...] foi confrontada por uma nova concepção de livro, que incluía as obras de um único autor, ou mesmo apenas uma de suas obras. Esta era, de certa forma, uma construção paradoxal, numa época em que a escrita era frequentemente considerada uma compilação ou reutilização, cuja imagem mais frequente era a do colhedor juntando o grão deixado pelos grandes ceifeiros do passado. A unidade estabelecida entre a integridade material do livro e a singularidade das obras originadas de uma mesma pena mostrava claramente que alguns autores daquele tempo, incluindo alguns que escreviam em língua vernácula, tinham a mesma “dignidade codicológica” das antigas autoridades (CHARTIER, 2012, pp. 60-61. *Grifo nosso*).

Em relação a estas novas concepções de livro, é preciso considerar que o nome do autor e o título informado na capa formam o denominador comum que une todos os exemplares que se encontram dispersos. São, ainda, informações definidoras do espaço social de leitura a que o livro se destinava e de seus potenciais leitores. Além disso, ter o nome junto ao título na capa de um livro exprime “o engajamento de sua pessoa, único fator comum e único referente, em última instância, da variedade das

enunciações pelas quais ele se reconhece responsável” (COMPAGNON, 1996, p. 101). É preciso, ainda, considerar que:

Nos séculos XVI e XVII, era a indicação do nome do príncipe que validava a verdade do texto científico, assim como na Idade Média o nome do autor validava a verdade do texto científico (...). No que diz respeito às composições literárias, o sistema de apropriação imbricou as duas noções, passando a se referir a uma produção cultural fundada na ideia romântica do autor individual, encarnando aquela da criatividade divina que substitui a autoridade do relato primordial ou tradicional (FAULHAUBER, 2012, p. 32).

Esta prática se alterou somente a partir dos séculos XVII e XVIII, quando

a assinatura passa[sse] a receber o significado moderno, ou seja, a atribuição da autoria de um texto ao nome de um autor individual. Nesta mesma época, criaram-se as formas jurídicas que implementavam a cessão de direitos do autor às casas editoriais, que se tornavam assim proprietários dos direitos de autoria. Criava-se assim uma dissociação entre os interesses do autor e dos livreiros (FAULHAUBER; LOPES, 2012, p. 13).

Estas alterações na noção de autoria, com certeza, se refletiram na leitura e na utilização dos cânones clássicos, aos quais nos referimos anteriormente, bem como de obras de autores jesuítas pelos membros da Ordem. No caso de Pedro Lozano, podemos conjecturar que ele tenha tido acesso e feito a leitura dos livros escritos por Antonio Ruiz de Montoya⁵⁰, Juan Pastor⁵¹ e Nicolas del Techo⁵², durante a sua formação no Colégio de Santa Catalina de Córdoba⁵³ (mais especificamente, os livros

⁵⁰ Antonio Ruiz de Montoya (1585-1652) foi autor dos seguintes livros: *Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañía de Jesus, en las Prouincias del Paraguay, Parana, Vruguy y Tape* (RUIZ DE MONTOYA, 1639); *Tesoro de la lengua gvarani* (RUIZ DE MONTOYA, 1639); *Arte, y vocabulario de la lengua gvarani* (RUIZ DE MONTOYA, 1640); *Catecismo de la lengua gvarani* (RUIZ DE MONTOYA, 1640); *Sílex de el Divino Amor y Rapto activo de el Anima, em la Memoria, Entendimiento y Voluntad quese emprende el Divuino fuego mediante vn acto de Fé, que es el fundamento de esta obra* (RUIZ DE MONTOYA [c. 1648] 1991); *Apología en defensa de la doctrina cristiana que en la lengua guaraní tradujo el venerable padre fray Luís de Bolaños de la familia franciscana por el mismo Antonio Ruiz de Montoya* (RUIZ DE MONTOYA, [1651] 2008).

⁵¹ Juan Pastor (1580-1658) foi o responsável pela escrita da *Historia del Río de la Plata y del Paraguay* (1649).

⁵² Nicolas du Toit [ou Nicolas del Techo] (1611-1685) foi autor das obras *Synopsis Chronologica Historiæ Paraqvarie Provincie Societatis Iesv* (DEL TECHO, 1630); *Relatio Triplex de Rebus Indicis* (DEL TECHO, 1654); *Historia Provincie Paraqvarie Societatis Iesv* (1673).

⁵³ O artigo intitulado *La Biblioteca del Antiguo Colegio de Santa Catalina de la Compañía de Jesús de Cordoba (España)*, de María de la Soledad Justo, Marcela A. Suárez e Luis Sánchez traz algumas informações relativas ao número de estudantes matriculados neste colégio e os títulos encontrados nas seções de “Filosofia e História Profana” da Biblioteca (SUÁREZ; SÁNCHEZ; JUSTO, 2016, pp. 1-97).

de Ruiz de Montoya, uma vez que algumas cópias da *Conqvista espiritval hecha por los religiosos de la Compañía de Iesus, en las Prouincias del Paraguay, Parana, Vrugway y Tape* (1639) e *Historia del Río de la Plata y del Paraguay* (1649) permaneceram na Espanha) ou no Colégio Maximo de Córdoba de Tucumán, onde Lozano pode ter acessado qualquer um destes livros, como também pode ter lido a *Historia Provinciæ Paraquariæ Societatis Iesu* (1673), uma vez que ele menciona as obras de Ruiz de Montoya, de Pastor e de Del Techo nos livros que escreveu.

Os cronistas da Companhia se valeram, portanto, da documentação que lhes foi disponibilizada, relacionando-a com a historiografia da Antiguidade Clássica, principalmente, com a história-testemunho de Heródoto, a história-documento de Tucídides, a história política de Tito Lívio, a história militar de Tácito, a história sagrada e cíclica do Antigo e Novo Testamento, a história biográfica de Plutarco e Suetônio, e, a história eclesiástica de Eusébio de Cesaréia (HARTOG, 1999, pp. 97- 141; 229-367; 372-375). Estas *histórias* eram vistas como modelos de escrita, por propagarem, dada a sua multiplicidade de temas e abordagens, que as vidas dos homens *ilustres* deveriam ser tidas como exemplo para as gerações futuras, ou seja, difundiam a história como *magister vitae* ou *magistra vitae* (mestre da vida), (MOMIGLIANO, 2004, pp. 17-18; CATROGA, 2006, pp. 7-34).

Não deve-se, contudo, desconsiderar que a leitura e apropriação destes cânones e de documentos eclesiásticos ou jurídicos traziam para o texto a personalidade de quem os havia escrito (CHARTIER, 2012, p. 38)⁵⁴. Isto pode ser percebido no número de vezes que algumas palavras e expressões aparecem nas obras, apesar das diferenças existentes entre os trabalhos de um mesmo autor (CHARTIER, 2012, p. 43). Ou, então, na *marca do autor*, cujo nome é transformado em indício da autoria que “em determinados casos [era] famosa, vendável, cobiçada” (FAULHAUBER, 2012, p. 34), como se constata nas inúmeras edições dos livros de Charlevoix ainda no século XVIII. Da mesma forma, se fazem presentes as leituras feitas pelo autor, que transparecem nas citações, reinterpretações ou nas menções que traduzem o processo dual de seleção e exclusão e traziam a unidade e a

⁵⁴ Esta questão remete à especulação em torno da possibilidade de a *Conqvista espiritval* ter sido muito mais uma obra do escrivão contratado do que de Ruiz de Montoya, em função das diferenças constatadas na composição deste texto quando comparado às demais obras do jesuíta. Já para Lozano, mesmo que este tenha contado com o auxílio de outros membros da Companhia de Jesus para compor/escrever suas obras, existe uma “marca do autor”, que transparece no seu estilo de escrita e se impõe no texto.

coerência necessárias para o embasamento argumentativo de uma obra (CHARTIER, 2012, p. 40). As variações múltiplas que são impostas aos textos através das preferências, dos hábitos e dos erros daqueles que copiaram, modificaram ou corrigiram, acabam, por isso, não destruindo as ideias de seus autores e assegurando uma identidade perpetuada e reconhecível pelos seus leitores e ouvintes (CHARTIER, 2007, p. 60).

Estas questões próprias da dinâmica da escrita na Modernidade, com certeza, se refletiram na produção historiográfica da Companhia de Jesus. Assim, a despeito da marca identitária da Ordem, que aparecia nos livros publicados pelos jesuítas, neles se encontrava também presente o autor, aquele que procurava conciliar sua individualidade, sua apreensão das leituras realizadas, com os preceitos formais – reguladores da escrita – e doutrinários da Companhia (COMPAGNON, 1996, p. 91). Estes últimos parecem explicar a ênfase dada às virtudes teológicas (como a fé, a caridade e a esperança), nas virtudes cardeais (prudência, justiça, fortaleza e temperança), nas potências ou faculdades da alma (memória, inteligência e vontade) e nas qualidades pessoais dos *homens ilustres* da Companhia (a caridade, penitência ou disciplina, exemplaridade, humildade ou pobreza, virtude, mansidão, generosidade, zelo ou fervor, castidade, apostolicidade, santidade, devoção, temperança e pregação), (EE, 2000, p. 146; SÃO TOMÁS DE AQUINO, 1990, pp. 463-499; 44-108, 159-188, 212-311, 356-437, 469-474 e 492-528 [ST, Ia-IIæ, q. 61-66; ST IIa-IIæ, q.1-9, q. 17-19, q. 23-33, q. 44-52, q. 57, q. 60-63]). Vale lembrar que, como bem observado por Michel de Certeau,

[a] vida de santo se inscreve na vida de um grupo, Igreja ou comunidade. Ela supõe que o grupo já tenha uma existência. Mas representa a consciência que ele tem de si mesmo, associando uma *imagem* a um *lugar*. [...] O texto refere também a uma rede de suportes (transmissão oral, manuscrita ou impressa) da qual estanca, num momento dado, o desenvolvimento indefinido. [...] Ele *distingue* o tempo e o lugar do grupo. Por um lado, a “vida de santo” articula dois movimentos aparentemente contrários. Assume uma distância com relação às origens (uma comunidade já constituída se distingue do seu passado graças à distância que constitui a representação deste passado). Mas, por outro lado, um retorno às origens permite reconstituir uma unidade no momento em que, desenvolvendo-se, o grupo arrisca se dispersar. Assim como a lembrança (objeto cuja construção está ligada ao desaparecimento dos começos) se combina com a “edificação” produtora de uma imagem destinada a proteger o grupo contra a dispersão (DE CERTEAU, 2000, pp. 292-293).

A observância destes preceitos, que aparecem nos livros de Montoya e Del Techo, no século XVII, e, em menor medida, nos textos de Lozano, escritos na primeira metade do século XVIII, aponta para a existência de modelos comportamentais e de valores, nos quais um sujeito ideal, no caso, um jesuíta, deveria pautar sua conduta. As vidas exemplares, vale lembrar, “son exactamente eso: vidas que una cultura propone como modelos de comportamiento, las cuales representan, a su vez, la jerarquía de los valores que esa sociedad determina como base de sus relaciones individuales y sociales” (BORJA GOMEZ, 2007, p. 56).

Em razão disso, este tipo de escrita ainda apresentava características típicas da hagiografia medieval, quando se referia a tais virtudes como *heroicas*, pois remetiam à ideia de heroicidade presente no sistema narrativo das *vidas paralelas* de Plutarco e Suetônio (BORJA GOMEZ, 2007, pp. 54-56), ao mesmo tempo em que serviam também à narrativa da ascensão à santidade de Santo Agostinho. No entanto, a existência de jesuítas cuja vida seria exemplo de imitação (sem que necessariamente fossem santos, como os das hagiografias), por serem descritos através da representação do *varão ilustre*, fazia com que existissem conjuntamente cinco tipos de escrita com o mesmo propósito. Isto é, gêneros de repetição, cujo objetivo seria a formação de um retrato moral (SAMOYAULT, 2008, p. 75): a biografia, a hagiografia, o martirologio, o menológico e o elogio fúnebre como parte da crônica da Companhia de Jesus.

A manutenção destes gêneros, baseada na leitura de cânones e na imitação das suas formas de escrita, foram utilizadas até o final da primeira metade do século XVIII, porque não existia uma ruptura clara entre a *história sagrada* – a vida exemplar – e a *história humana* - os feitos heroicos (REBESCHINI, 2006, pp. 427-446). É preciso ressaltar, no entanto, que a jornada do martírio e a narrativa da vida dos *exempla ad imitandum* é anterior ao século IV, tendo início, conforme Arnaldo Momigliano, na escrita da história hebraica do pós-êxodo. A principal característica deste tipo de narrativa era o uso de longas citações de documentos – não com a concepção que temos hoje ou a que se tinha nos séculos XVI ao XVIII, informando o nome de quem relatou, escreveu ou recebeu o título de autor do texto referenciado – e o recurso do contexto novelístico, que caracterizaria a saga de um *herói* ou, especialmente, a figura do *patriarca* (MOMIGLIANO, 2004, p. 31).

Cabe salientar que Momigliano defende que o Primeiro Livro dos Macabeus e a saga do *filósofo mártir*, na *Apologia de Sócrates*, devem ser vistos como os primeiros

relatos de martírio e de *vidas exemplares*, servindo como um *ejemplo de imitación* para gerações futuras. As figuras de Jasão e os Argonautas, juntamente com a de Sócrates, acabariam influenciando, posteriormente, a narrativa de tradição cristã em relação aos informes referentes ao martírio, por mostrarem o mesmo princípio descritivo. Mesmo manifestando e exibindo diferenças quanto as suas preocupações ou na descrição dos fatos, estas obras convergiam no exame de uma autoridade oriunda dos vários testemunhos que atestavam a veracidade dos fatos. Além disso, ainda conforme o mesmo autor, esta ponte entre o pensamento grego e hebraico, que se traduz no Segundo Livro dos Macabeus, serviu de inspiração para a escrita do *Acta Martyrium* (257-258), (MOMIGLIANO, 2004, p. 41). Pode-se, portanto, cogitar que este tipo de narrativa possa ter servido como modelo para a construção textual da imagem do herói-mártir jesuíta, considerando os procedimentos escriturários e a valorização das adversidades encontradas pelos membros da Ordem Jesuítica nos trabalhos apostólicos (BAPTISTA, 2004, p. 32). De igual forma, se tem a representação do *guerreiro incansável* que triunfa diante do *inimigo*, através do *batismo de sangue* que a terra em que ocorre o martírio recebe (DEL VALLE, 2009, p. 19)⁵⁵.

Para Enrique Florescano, no entanto, essa narrativa é, igualmente, fundamentada na escrita medieval, pois o triunfo do cristianismo se baseou fortemente na Paixão de Cristo e tornou o martírio mais celebrado e conhecido. Questão que, durante o Renascimento, passou a dividir espaço com outros tipos de narrativa biográfica, embora ainda mantivesse sua posição em grau de relevância na sociedade (FLORESCANO, 2012, p. 79). O que levantaria a hipótese de que, de acordo com as considerações feitas por Ivonne del Valle quanto ao tema do martírio, este assunto ainda apresentasse como característica o viés de espetáculo e a representação de uma vocação do sacrifício do corpo como uma forma de mediação entre a *razão ética* e a *razão política*. Em outras palavras, o suplício corpóreo, ofertado para garantir o cumprimento de um objetivo, no caso, a evangelização e a *civilização* dos nativos, oscilava entre o espetáculo epifânico do cristianismo e a teatralidade do ato de fé em nome de Deus (DEL VALLE, 2009, p. 155).

⁵⁵ A autora ressalta que “leer la muerte de los jesuitas en la lógica del martirio es privilegiar la epistemología occidental-cristiana sobre el aparato semiótico de los indígenas para quienes la muerte de los jesuitas seguramente significaba una cosa muy distinta a la señalada por la hagiografía” (DEL VALLE, 2009, p. 19).

Durante o século XVII, a preocupação com estas narrativas, que visavam à construção de *modelos de virtude*, levou a Companhia a publicar uma espécie de “enciclopédia”, na qual eram relatadas as vidas dos santos com a utilização de documentos que atestassem a existência histórica destes homens e mulheres, que, de algum modo, seguiram a sua jornada de santidade imitando a vida de Cristo (DURÁN RODRÍGUES ARANA, 2018, pp. 123-126). Sob a denominação de *Acta Sanctorum*⁵⁶, ela apresentava a biografia dos santos, referindo, também, as datas em que deveriam ser lembrados e celebrados.

Vale lembrar que a hagiografia, entendida como o ato de narrar a história dos santos, surgiu no século IV, diferenciando-se da narração da vida dos mártires (narrativa da morte) e da vida dos bispos (narrativa sobre a vida), por mostrar as virtudes do santo como mecanismo de cristianização durante a Alta Idade Média (DE CERTEAU, 2000, pp. 292-293). No século XIV, as *vidas exemplares*, apesar de influenciadas pelas novelas históricas e por romances de cavalaria, estavam voltadas para a espiritualização do corpo, tema que perdurará até o século XVIII. No século seguinte, o século XV, estes elementos foram associados ao humanismo, razão pela qual observa-se a exaltação do individualismo e das ações dos santos, bem como uma ênfase maior nas virtudes do que no milagre. Para conferir legitimidade ao seu trabalho, o autor de livros voltados às *vidas exemplares* deveria deixar claro na introdução de seus textos que estava escrevendo uma história, explorando minuciosamente a documentação e os relatos de “testemunhas confiáveis” para atestar a vida e as virtudes do sujeito objeto de estudo como *exemplos de imitação e alimentos para a alma* para as gerações futuras. De acordo com Jaime Humberto Borja Gómez:

De este modo, *vidas ejemplares* es el nombre más apropiado para acercarse a ellas, pues el término *hagiografía* como categoría o género clasificatorio propone un sistema de lectura que no parece corresponder a la intención de los autores. Estos textos pretenden narrar la vida de un sujeto ejemplar, no buscan una determinación hagiográfica, luego el término, y con él la práctica, no se encierra en estos espacios tipológicos (BORJA GOMEZ, 2007, p. 62).

⁵⁶ O nome decorre da *Acta apostolarum*, na qual eram nomeados, a partir da *Vulgata*, os feitos dos apóstolos e as perseguições que estes sofreram por parte dos romanos (DURÁN RODRÍGUES ARANA, 2018, p. 124).

A narração de uma *vida exemplar*, então, se divide entre a biografia (que tem sua origem na Antiguidade Clássica e que ensinava sobre virtudes e vícios, através da explanação da saga de um herói, com o intuito de apresentar sua ascensão e queda, e, posteriormente, sua trajetória de *correção de vida*) e a já citada hagiografia (a vida do santo, desde seu nascimento até sua morte, mostrando suas virtudes teologais e humanas, através da descrição de traços psicológicos e de caráter). A escrita biográfica podia se apresentar sob duas formas: a *biografia leiga* ou descrição de homens ilustres e virtuosos, que serviam como exemplo de vida política ou militar, e que remete diretamente à escrita greco-romana, e o *elogio fúnebre*, que se volta para a descrição da vida do religioso morto, cuja trajetória serviria como exemplo para as gerações futuras.

Também a hagiografia podia se apresentar sob duas formas, dependendo do tratamento que lhe era dado. A primeira seria o *menológico*, *atas de virtude* oriundas dos *elogios fúnebres*, nas quais se descrevia a *vida exemplar* que havia sido ou não canonizada e tinham como uma de suas finalidades ser complementar ao martirologio; enquanto que a segunda, o *martirologio*, se referia exclusivamente à vida do mártir (PAGE, 2014, pp. 6-8). Conforme o *Traslado del Menologio*, “en el Menologio no fe escriven los dias de nuestros Santos Canonizados, porque estos, tienen todos rito en la Compañía, y para su imitación se leen sus Vidas en el Refectorio” (**TRASLADO del Menologio**, 1729, s.p.). A diferença entre elas é que o *menológico* apresentava as suas referências mais desenvolvidas em relação ao *martirologio*, mesmo que ambos se dedicassem ao culto litúrgico (RODRIGUES, 2011, pp. 1-19). Ou seja, a utilização destes modelos de descrição das *vidas exemplares* seria uma prática de escrita profundamente voltada a um propósito pedagógico (BORJA GOMEZ, 2007, p. 56) e, por isto deveriam ser histórias inspiradoras para os ingressantes na Companhia de Jesus, para que estes seguissem os exemplos louváveis de seus antecessores, sobretudo, de Ignacio de Loyola e Francisco Javier.

A leitura destes textos, nos refeitórios ou em práticas escolares, era feita em voz alta e tinha como função “comunicar o escrito àqueles que não sabem decifrá-lo e também a de consolidar formas de sociabilidade” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 8). No entanto, as leituras edificantes não ocorriam apenas nestes espaços, podendo acontecer também dentro das celas e claustros, com vistas à reflexão e memorização das vidas exemplares que estavam sendo narradas, pois, “o modelo de leitura que impregna profundamente o escrito, esclarece o comentário e difunde sua autoridade”

(CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 22). A Companhia de Jesus se utilizava deste tipo de textos, assim como de outros produzidos por escritores leigos ou por membros de outras Ordens religiosas, com o propósito de ensinar as virtudes e verdades dogmáticas, através da narração dos feitos que deveriam ser imitados, pois a história era tida como a *mestre da vida*.

Considerando esse propósito, pode-se afirmar que este tipo de narrativa, mais do que nortear e motivar os religiosos, procurava orientar a existência de todos que faziam parte da *nação cristã*. Assim, os feitos e as conquistas do cristianismo, especificamente, do catolicismo, neste caso – traduzidos nas figuras dos mártires, dos varões ilustres ou dos santos –, deveriam influenciar a vida de todos os fiéis católicos, guiando-os na presença e no fundamento do convívio em sociedade.

Mas isto não impediu que a distinção existente entre a esfera civil e a eclesiástica se manifestasse, por vezes, nos textos jesuíticos, em especial, nas *histórias da Companhia de Jesus*. Nas narrativas sobre o apostolado entre indígenas ou entre os colonos espanhóis nas Províncias do Paraguay, Rio da Prata e Tucumán, percebe-se um exercício contínuo de tentar apresentá-las, ora como parte da grande Província Jesuítica do Paraguay, desconsiderando a divisão política e as governações a que estavam sujeitas, ora como três regiões distintas, sem qualquer vínculo com a jurisdição da Província. Nos livros de Del Techo e de Lozano, no entanto, percebe-se que as duas histórias, a história civil e a eclesiástica, acabam se confundindo.

Essa desordem na escrita se dá porque, aparentemente, não há como desvincular os dois temas, quando estes operam conjuntamente para a produção de uma história relativa a um determinado território e a como as cidades, as pessoas e a religião se estabeleceram nele. Isto se deve, sobretudo, ao fato de que a escrita da história, até então, estava vinculada à descrição do que ocorreu em um país, uma instituição ou uma época (FLORESCANO, 2012, p. 73). Assim, os acontecimentos que envolveram a chegada dos missionários da Companhia de Jesus, a implantação de igrejas, colégios, *reducciones* e estâncias, a fundação, destruição ou continuidade dos trabalhos jesuíticos nas cidades coloniais ou entre os indígenas, se fundem com a história política dessas regiões. Isto porque “as relações muito terrenas mantidas por esta instituição divina com outras instituições em termos de poder, violência e mesmo reivindicações territoriais” (MOMIGLIANO, 2004, p. 199) faziam com que, dificilmente, houvesse uma clara separação em relação ao território no qual a Igreja (ou qualquer instituição a ela ligada) exercitava o seu poder.

Para além das orientações que destacamos acima, deve-se, também, considerar aquelas que foram dadas por Cícero, para quem a escrita da história deveria ser bem narrada, épica e cativante, o que acabava também convergindo com a ideia de uma *história exemplar e pedagógica*. Sua elaboração servia como modelo moral, edificante e pragmático, não devendo haver preocupação com a cronologia (WOODMAN, 1998, p. 74). Nestas instruções, o discurso deveria apresentar uma divisão “com *exórdio, narração, argumentação e conclusão*. Centra[ndo]-se, entretanto, no exórdio e nas ‘cores’ (as *figuras* ou *ornatos da elocução*), que têm a função de fazer com que o público fique ‘atento’, dócil e bem-disposto (*attentio, docilitas, captatio benevolentiae*” (PÉCORA, 1999, p. 375. *Grifo nosso*).

Estas leituras *edificantes*, aliadas às leituras de Teologia e Filosofia, tinham como propósito a ampliação na formação intelectual e espiritual dos *fraters*, colaborando ou favorecendo para a capacidade de reflexão e discernimento acerca dos fatores positivos ou negativos das escolhas que estes jesuítas viriam a tomar, independentemente do apostolado ao qual se dedicariam (BARROS; MASSIMI, 2005, p. 200). Para Martín María Morales, essa necessidade constante de leitura das narrativas de vida ou das crônicas escritas pelos e sobre os padres e irmãos da Companhia, como parte do “ejercicio de la imitación”, era uma forma de “manifestación y el ocultamiento del ‘yo’”, que buscava tornar-se parte de um grupo ou um *corpo*, como a própria Companhia de Jesus se autoproclamava (MORALES, 2014, p. 62). Entretanto, o próprio autor considera que

la imitación, que juega un rol tan importante en nuestra vida espiritual, debe ser concebida en el justo modo precisamente para ayudarse a crecer, encontrar la propia identidad y no alienarse detrás de modelos deformados o estereotipados. Francisco Javier sería el primero en corregir nuestra ingenuidad respecto a la pretensión de imitarlo en su concepción teológica o en sus métodos misioneros (MORALES, 2006, p. 7).

Aspecto que, portanto, não deve ser negligenciado na análise das práticas de leitura e escrita da Companhia de Jesus, e que determinariam a escrita de sua história, é que:

Os dois gêneros [*a história exemplar e a história como crônica de uma vivência ou descrição de uma viagem ou região específica*] têm, com efeito, em comum uma mesma preocupação de verdade e de autenticidade dos factos, sempre rodeados de todas as garantias de

lugar e de data. Perseguem o mesmo objectivo: evitar que factos notáveis caiam no esquecimento (BOURDÉ; MARTIN, 1990, p. 17. *Grifo nosso*).

Ao final deste segundo capítulo é importante lembrar que, se, por um lado, “os jesuítas cultivavam o *savoir-faire* do cortesão, as boas maneiras e a habilidade do bom diplomata” (SOUSA, 2003, p. 44), por outro, nem todos os membros da Ordem, ao final da sua formação no noviciado, obtinham os mesmos graus de admissão, condição que, posteriormente, teria peso na questão da escrita e na forma como os livros seriam por eles compreendidos, dados os diferentes níveis de instrução que recebiam. Estas questões serão tema do nosso próximo capítulo.

Capítulo 3

Acerca de la capacidad y talento para predicar o gobernar, que deben tener aquellos a quienes se concede ser admitidos a la teología escolástica, aunque solo medianamente hayan aprovechado en filosofía, o para que prosigan en la misma escolástica, aunque en su adelanto no hayan superado la medianía: el Provincial considere seriamente con sus consultores y otras personas graves, que los conozcan bien y puedan juzgar de tales asuntos (Ratio Studiorum, 1999, p. 22).

3 As diferentes formações, o arquiteyto jesuítico e os graus de instrução da Companhia de Jesus

Para os membros da Companhia de Jesus havia quatro graus de admissão após a conclusão do noviciado e dos estudos: *profissão dos quatro votos solenes*, *profissão dos três votos solenes*, *profissão dos três votos simples* e os *votos simples* (que, embora fossem feitos os votos de castidade, pobreza e obediência, o noviço não era ordenado sacerdote). Estes graus de admissão são importantes para a tese, pois entendemos que estas distinções, além de constituírem a estrutura hierarquizada da Ordem de Santo Ignacio, se estenderam para as práticas de escrita e fundamentaram a formação e a admissão dentro dos quadros de organização da Companhia (CASTELNAU-L'ESTOILE, 2006, p. 51)⁵⁷. Em relação a esta questão, Cargnel afirma que, “una vez ordenado debía realizar la Tercera Probación después de la cual se lo consideraba coadjutor espiritual y por último podía o no realizar la Profesión de cuarto voto al Papa dependiendo la evaluación que hicieran sus superiores” (CARGNEL, 2015, p. 121).

Os membros que faziam a *profissão dos quatro votos solenes* eram aqueles que haviam sido aprovados no exame para a qualificação necessária à obtenção do título de doutor em Teologia (como foi o caso de Nicolas del Techo e Pedro Lozano), além de apresentar qualidades de caráter, demonstradas através de longas e cuidadosas provas, que eram conhecidas pelo Prepósito Geral ou pelo Provincial da

⁵⁷ Esta relação entre os diferentes níveis de formação e as práticas de escrita da Companhia de Jesus pode ser observada até a supressão da Ordem em 1773. Após a Restauração, em 1814, além das alterações feitas nas *Constituições*, observou-se que também leigos passaram a escrever sobre a Companhia e a estudar a historiografia e a escrita jesuítica.

Ordem (neste caso específico, seria devido à distância de algumas províncias em relação à Roma, ficando a critério do Provincial a admissão do jesuíta para os votos solenes), (**Const.**, §§ 516-517). No caso dos jesuítas que tinham realizado a *profissão dos três votos solenes* (reprovados neste mesmo exame de doutorado em Teologia ou não considerados aptos para a admissão pelos seus superiores), embora tivessem a mesma formação nos *Estudos Superiores*, prosseguiram como *coadjutores espirituais*, diferindo dos *professos* na leitura dos votos (os *professos de três votos*, não faziam o voto de obediência ao Papa, ou seja, o voto que se refere diretamente às missões), (**Const.**, §§ 525-532).

Houve alguns raros casos de formação *apressada*, tendo em vista o envio às missões, o que acarretava em uma educação incompleta em Teologia e Filosofia, antes da ordenação sacerdotal. Os jesuítas que tiveram a sua instrução apressada ou que interromperam seus estudos, mas que, mesmo assim, prosseguiram dentro da Companhia de Jesus, também foram chamados de *coadjutores espirituais* (ROUILLON ARRÓSPIDE, 1997, p. 57. *Nota de rodapé*). Estes membros faziam a *profissão dos três votos simples e não solenes*, mesmo que, em alguns pontos, ela não diferisse muito dos votos feitos pelos *professos*, e receberiam a ordenação sacerdotal (**Const.**, §§ 533-535). Para exemplificar uma formação *apressada*, destacamos a que teve Ruiz de Montoya, pois sabe-se que ele concluiu o primeiro grau dos *Estudos Superiores*, se formou em Letras Clássicas e Humanidades, mas não finalizou os estudos filosófico-teológicos (RABUSKE, 1985, p. 51). No que concerne a estes graus de conhecimento, verificamos que este jesuíta recebeu ensinamentos básicos de Filosofia Eclesiástica, Filosofia Moral e Teologia (no caso específico, os chamados *Casos de Consciência*, para que estivesse apto a ouvir confissões), razão pela qual, ao contrário do que afirmamos em nossa dissertação, não se pode afirmar que tenha sido um coadjutor espiritual de voto simples ou de votos solenes (ROUILLON ARRÓSPIDE, 1997, p. 57; **DHCJ**, 2001, p. 3436 [Volume IV]; MOURA, 2013, p. 72).

Existiam, ainda, os casos dos jesuítas de *votos simples*, que eram chamados de *coadjutores temporais* ou *irmãos* (como era o caso de Pedro Montenegro)⁵⁸, função

⁵⁸ O coadjutor temporal Pedro Montenegro teve o seu manuscrito, intitulado *Libro Primero y Segundo de la Propiedad, y Birtveds, edlos Arboles, l Plantas*, mencionado nos livros *Descripción chorographica e Historia de la Conquista* de Pedro Lozano (MONTENEGRO, 1711). Posteriormente, o manuscrito foi impresso com o nome de *Materia Medica Misionera* (MONTENEGRO, 1945).

na qual permaneciam ao longo de sua vida como membro da Companhia. Os votos simples feitos por estes coadjutores tinham suprimida a questão referente à educação das crianças, sendo que as *Constituições* enfatizavam que, nos casos dos coadjutores que não soubessem latim, a fórmula dos votos deveria ser traduzida para a língua vernácula, de forma que este pudesse lê-la por si mesmo ou pudesse repetir as palavras enquanto outro a estivesse lendo (no caso daqueles que tivessem pouca instrução), (**Const.**, §§ 537-540). Estes irmãos viriam a desempenhar a atividade de auxiliares na evangelização, se ocupando das questões práticas na vida cotidiana dos colégios e das *reducciones*, exercendo as funções de enfermeiros, boticários, cozinheiros, arquitetos ou marceneiros (**Const.**, §§ 114-119). No caso de Montenegro, vale ressaltar que este irmão jesuíta, antes de ingressar na Ordem, havia iniciado a sua formação técnica nas *artes de curar* (boticário e/ou cirurgião) no Hospital Geral de Madrid (FLECK, 2014, p. 126). No Colégio de Córdoba e nas *reducciones* em que atuou, seguiu se dedicando aos estudos da farmacopeia, o que o auxiliou no desempenho de suas funções como boticário e enfermeiro até o final de sua vida.

Três pontos devem ser considerados em relação aos estudos e aos níveis de instrução que os jesuítas recebiam, pois influenciavam nas práticas de leitura e, posteriormente, na escrita. A primeira diz respeito às competências de interpretação textual, pois, como ressaltam Guglielmo Cavallo e Roger Chartier, as divisões feitas entre aqueles que haviam sido ou não alfabetizados não esgotam as discussões que circundam as práticas de leitura, uma vez que

todos aqueles que podem ler os textos não os lêem da mesma forma e, em cada período, é grande a distância entre os grandes letrados e os menos hábeis leitores. [...] Dessas determinações, que comandam as práticas, dependem as maneiras pelas quais os textos podem ser lidos, e lidos de formas diferentes por leitores que não partilham as mesmas técnicas intelectuais, que não mantêm uma mesma relação com o espírito, que não atribuem nem a mesma significação nem o mesmo valor a um gesto aparentemente idêntico: ler um texto (CAVALLO; CHARTIER, 1998, pp. 6-7).

Assim, as formas de leitura acabavam por influenciar o ato de escrever ou de interpretar um texto. Vale ressaltar que a análise e compreensão do conteúdo de certos textos, quer fossem eles manuscritos ou impressos, estavam vedadas aos não professos, embora isto não conste claramente nas normas da Companhia de Jesus, se tratando de uma orientação de caráter interno. Possivelmente, como proposto por

Chartier, havia um controle sobre a leitura e o entendimento possível em relação ao seu conteúdo. Dito de outro modo, a provável restrição estava relacionada com o processo de significação e apropriação do texto (CHARTIER, 2007, p. 52). O segundo ponto está, por isso, relacionado ao fato de que apenas os professos tinham permissão para escrever e publicar livros, como também de ministrar as cátedras nos Colégios ou Universidades. Eram raros os casos, tais como os de Antonio Ruiz de Montoya e Pedro Montenegro, que, apesar de não possuírem a formação exigida, foram referidos por Lozano em suas obras. Em relação a Montoya, é plausível supor que sua ascendência (Antonio Ruiz⁵⁹ era sobrinho do jesuíta espanhol Diego Ruiz de Montoya e, primo do confessor de Felipe IV, o frei Andrés de Montoya)⁶⁰ tenha tido alguma influência, e, no caso de Montenegro, o conhecimento farmacológico e médico que ele possuía.

O terceiro e último ponto diz respeito aos diferentes níveis de estudo e à sua influência na decodificação dos livros ou na estruturação dos textos. Quer fossem eles professos ou coadjutores espirituais ou temporais, os membros eram formados para sempre se apresentarem como homens dotados de espírito crítico e mentalidade preparada para as dificuldades e adversidades surgidas durante a *conquista espiritual* de índios ou a *conquista* de apoiadores para a Ordem Jesuítica (FRANZEN, 1999, pp. 21-22). Para a defesa dos trabalhos apostólicos e sustentação da representação que os padres da Companhia faziam de si mesmos e de seus companheiros de missão, a Ordem de Santo Ignacio empenhava-se na exaltação da dedicação exemplar de padres e irmãos que seriam tomados como modelo para as futuras gerações de jesuítas. Essa representação do grupo justificava sua existência e continuidade, reforçando a identidade de seus integrantes enquanto Ordem religiosa (FLECK; FANTIN, 2012, p. 59).

Entendemos que esta imagem de exemplaridade pode ser considerada como

⁵⁹ Cabe lembrar que nos livros de Francisco Jarque (JARQUE [XARQUE], 1662; JARQUE [XARQUE], 1687), Nicolas del Techo (DEL TECHO, 1673) e Pedro Lozano (LOZANO, 1733; LOZANO, 1754-1755; LOZANO, [c. 1745] 1873-1875; LOZANO, [c. 1738] 1905; LOZANO, [c. 1745] 2010), o jesuíta é referido apenas como *padre Antonio Ruiz*, quando referido como missionário; e, *Antonio Ruiz de Montoya*, nas menções feitas à sua condição de autor de livros.

⁶⁰ Tivemos acesso a esta informação somente após a conclusão da dissertação, durante o desenvolvimento de pesquisa sobre as razões, para além da já consagrada de ter sido testemunha dos fatos, que justifiquem a autorização que Antonio Ruiz de Montoya recebeu para escrever um livro sobre a história das missões e da fundação de *reducciones* pelos jesuítas na Província do Guayra.

o “mundo do texto” um mundo de objetos, de formas rituais cujas convenções e disposições incitam e obrigam à construção do sentido. [...] Cada uma dessas comunidades [ou grupo] partilha, em sua relação com o escrito, um mesmo conjunto de competências, de usos, de códigos, de interesses (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 7. *Grifo nosso*).

Para exaltar as condutas inspiradoras, irrepreensíveis e moralizantes, imagens eram construídas textualmente, de forma superdimensionada, a fim de criar o símbolo do jesuíta-modelo, como se constata naquela que foi construída sobre Francisco Javier, que enfrentava todos os tipos de situação-limite sem medir esforços. A criação desses arquétipos foi observada por Lamas, que o destaca na introdução da edição do livro de José Guevara:

En la historia de la conquista nada hay más bello, más imponente, ni más edificante que las imágenes de los Jesuitas que apoyados en un bastón, coronado por la cruz, con el breviario debajo del brazo, y sin más propósito que el de atraer a los salvajes al gremio de su Iglesia, penetraban resueltamente los misterios de una naturaleza agreste y desconocida, sin que los detuvieran los bosques, casi impenetrables, los torrentes, casi invadibles, los peñascos altísimos, las tierras bajas y cenagosas que se hundían debajo de sus pies: - arrojando todas las fatigas y todas las inclemencias: entregando su vida a las fieras como iban a entregarla a los salvajes: no retrocediendo ante el martirio, y aceptándolo tranquilamente en el servicio y para gloria de su religión (LAMAS, 1882, pp. XXV-XXVI).

Todos deveriam “encarnar o missionário, o apóstolo jesuíta por excelência” (TORRES LONDOÑO, 2002, p. 22) e seguir o referencial de atuação da Companhia entre os infiéis. Mesmo que os jesuítas procurassem se adequar a este modelo e se autorrepresentassem como fisicamente incansáveis e dotados de zelo inabalável – com base nas figuras e personalidades dos fundadores Loyola e Javier⁶¹ –, devemos sempre ter em mente que não existiu um jesuíta-modelo, na medida em que foram homens de seu tempo, que, em sua prática e em suas obras, evidenciaram as preocupações e sentimentos próprios da sociedade a que pertenciam (LAMAS, 1882, p. X). Neste sentido, vale lembrar o que afirma Chartier, para quem “não existe, não pode existir uma pessoa-modelo, exterior ao curso da história humana, com as suas

⁶¹ Para os historiadores e cronistas, os “modelos” ou exemplos de imitação seriam Juan de Polanco (utilização e reunião de documentos para a escrita), José de Acosta (para os que escreveram sobre o Paraguai, Peru, Chile etc) e Eusebio de Nieremberg (referência na ênfase à exemplaridade dos membros da Ordem).

vicissitudes, as suas variedades conforme os lugares, as suas transformações conforme o tempo” (CHARTIER, 1990, p. 42). A incidência das transformações operadas em uma sociedade sobre os sujeitos e, conseqüentemente, sobre a escrita, é também apontada por Neumann, para quem:

A prioridade é conhecer as distintas intenções que nortearam o ato de escrever e as suas relações com o poder. Assim, a escrita é concebida como um conjunto de práticas que permite compreender distintas transformações operadas em uma sociedade, e que podem expressar os valores de uma época (NEUMANN, 2016, pp. 39-40).

Se, por um lado, a formação pessoal e intelectual e, sobretudo, a função que estes padres exerceram apresenta algumas diferenças (no caso Montoya, ele era coadjutor espiritual, enquanto Del Techo e Lozano eram professores); por outro, eles se aproximam e se assemelham quando relatam o que vivenciaram – com maior ou com menor intensidade – as transformações e as crises que a Companhia de Jesus enfrentou ao longo de dois séculos. Trata-se de uma historiografia oriunda de uma formação dinâmica e de instruções que tinham por objetivo atender às demandas da prática escriturária da Companhia, quer fosse a defesa dos trabalhos missionários ou da existência da própria Ordem religiosa. Como evidenciam Ledezma e Millones Figueroa, “los jesuitas no solo desarrollaron a su propio proyecto científico sino que sus aportaciones fueron significativos aun para quienes no compartían sus posturas intelectuales” (LEDEZMA; MILLONES FIGUEROA, 2005, p. 10).

Refletindo sobre como este projeto científico se estruturou e se fundamentou, sendo incorporado ao sistema de ensino jesuítico e à formação de seus membros, consideramos que a Companhia de Jesus, desde a sua fundação, teve a preocupação de construir e preservar a história da Ordem, e, também, de divulgar uma imagem voltada ao apostolado e à educação. Esta escrita, como informa Florescano, “es un producto social, un resultado de diversas corrientes colectivas; y de otra, un individuo acuciado por el deseo de darle continuidad a las herencias del pasado de los desafíos que le impone su presente” (FLORESCANO, 2012, p. 17). Em razão disso, os textos produzidos por seus membros eram pensados, formulados e construídos de maneira que incorporassem uma “retórica da realidade” (CHINCHILLA; ROMANO, 2008, p. 10), que pudesse persuadir os leitores a fim de conquistar apoiadores ou novas

vocações, como também, para a defesa diante dos detratores⁶². Através destes mecanismos, os membros da Ordem de Santo Ignacio retiveram e difundiram a sua história e a memória do passado considerado digno de registro (FLORESCANO, 2012, p. 17).

Aos relatos sobre as conversões e relativos ao estabelecimento das *reducciones* de índios; sobre os triunfos e dos fracassos, a descrição da natureza, o funcionamento dos colégios e o sistema educativo e as atividades políticas e econômicas, se somaram as gramáticas, catecismos e as vidas exemplares, que fazem parte de um sistema próprio de práticas de escrita e de leitura, e, também, de ordenamento e interpretações sobre o mundo que cercava os membros da Ordem Jesuítica. No entanto, ficam as perguntas, como o que orientava a produção destes relatos? Quais as normas que deveriam ser observadas? Quais as ênfases que estes temas deveriam receber nas narrativas? Como reescrever uma história que apresentasse os fatos, tal como eles foram, ou de forma que pudesse refletir como e por que a Companhia de Jesus ascendeu, enquanto Ordem religiosa, sendo constantemente questionada e alvo de ataques desde a sua fundação? Este será o tema do nosso subcapítulo.

3.1 Letras contínuas: o arquiteito jesuítico

Como ressaltado por Florescano, a escrita da história traz consigo uma função cultural de proteção e perpetuação de uma memória e de uma consciência histórica, que acaba delimitando o campo da própria vida, seja ela individual ou coletiva, de

⁶² Os casos de antijesuitismo em Portugal no período pré-pombalino, pombalino e pós-pombalino foram estudados por José Eduardo Franco. O autor, que aborda a criação e perpetuação dos mitos envolvendo a Companhia de Jesus desde a sua fundação até o período pós-expulsão de Portugal, Império Ultramarino e demais reinos da Europa, afirma que: “Os Jesuítas, sendo os mais temidos pela sua ascendência político-religiosa e pela sua capacidade de influir na opinião social, tornaram-se o alvo estratégico preferencial de um governo que fez deles a causa do mal; de um mal que era, no fundo, estrutural, mas mais fácil concentrá-lo; propagandisticamente num só grupo muito poderoso, para efeitos de mobilização e de exorcização” (FRANCO, 2006, p. 415 [Volume I]). Newton Xavier ainda acrescenta que “dentro desse cenário, uma profusão de imagens foi utilizada na campanha [protagonizada por Sebastião José de Carvalho Melo, Conde de Oeiras (futuro Marquês de Pombal), que reuniu todas as acusações feitas contra a Ordem Jesuítica desde a sua fundação para fundamentar os libelos difamatórios que fomentaram o surgimento e crescimento da iconografia antijesuítica, como forma de sintetizar as ideias que estavam sendo difundidas há dois séculos]. Os sacerdotes, invariavelmente, eram retratados como regicidas, servos da mentira do diabo e detentores de um poder que habilmente escondiam possuir” (XAVIER, 2012, p. 123. *Grifo nosso*).

modo que haja uma separação da vida *dos outros*, que são colocados como estranhos ou inimigos. De tal forma que a identidade acaba se desenvolvendo dentro de uma perspectiva temporal, de maneira idealizada, unindo o passado com o presente. Esta unificação tem como consequência a absorção de temores e perigos de tempos remotos no desenvolvimento individual e coletivo (FLORESCANO, 2012, pp. 22-23). O que nos faz pensar que a semelhança entre as narrativas produzidas por membros da Companhia, e que conferia a elas o que denominamos como uma *homogeneidade heterogênea* (a distinção de estilos e interesses temáticos dentro da similaridade estrutural), reflete também esta ideia de um passado/presente contínuo e formador de identificação jesuíta, mesmo que as personalidades de cada membro da Ordem não fossem abandonadas. Deve-se, ainda, considerar que

los mismos jesuitas se contradicen cuando hablan desde posiciones distintas. Sus lugares de enunciación son múltiples y desde ellos tenían que poner en juego un repertorio que les permitiera formar una frontera para un centro, o una frontera para sí, pero también tratar de poner en marcha un centro (la ciudad letrada) adecuado para determinada frontera. Finalmente, es un hecho que existen ciertos espacios en los hay menos restricciones genéricas, espacios determinados en gran medida por la naturaleza y la cantidad de los interlocutores, en los que es posible bajar la guardia y decir libremente, “soltar la lengua” (o la pluma). La interacción de estos espacios con aquellos en que cuestiones de género o intereses metadiscursivos marcan límites y necesidades distintas de las provenientes de lo local (DEL VALLE, 2009, p. 16).

A Companhia de Jesus empenhou-se, portanto, em ordenar esta escrita e *limitar*, através de temas específicos e questões norteadoras, a *liberdade da língua* e, principalmente, *da pluma*. Esta foi, aliás uma preocupação da Ordem de Santo Ignacio desde os seus primórdios, na medida em que buscou uma regulamentação e uma *homogeneidade* do que seria escrito pelos membros da Companhia e em relação a quais os aspectos que deveriam ser publicáveis e legíveis para aqueles que não faziam parte da Ordem Jesuíta. Mas como se operava esta orientação? Como ela se desenvolveu? Até que ponto pôde se manter distante ou se aproximou das influências externas?

A ideia de *homogeneização* da escrita da Ordem é tributária das instruções sobre o *deber escribir* concebidas pelo seu próprio fundador, Ignacio de Loyola, como exposto na epístola 58. Nesta carta, enviada ao padre Pedro Fabro, há o alerta e a

orientação de que as cartas deveriam passar a ter uma ordenação e que determinados assuntos, de foro íntimo ou reclamações, deveriam ser tratados, separadamente, de modo que os relatos pudessem ser mostrados para pessoas externas à Companhia. Seus autores deveriam estar atentos às expressões utilizadas, à clareza na exposição dos temas e à demonstração da erudição adquirida:

porque la escritura queda, y da siempre testimonio, y no se puede assí bien soldar ny glosar tan facilmente como quando hablamos. Y aun con todo esto yo pienso que mucho falta, y temo de faltar adelante; dejado para las hijuelas las otras particularidades inpertinentes para la carta principal, ó que no pueda edificar; en las quales hijuelas puede cada uno escriuir á priesa *ex abundantia cordis*, concertado ó sin concierto; mas en la principal no se sufre, si no va con algún estudio distincto y edificatiuo para poderse mostrar y edificar (**MI**, *Epp.* I, p. 237).

Organizadas por Juan de Polanco, posteriormente, estas instruções foram divididas em 20 pontos, que deveriam ser observados na formulação das *letras contínuas*, presentes na epístola 179:

La primera es, la unión de la Compañía, que anda, según su profesión, spartzida en varias partes, y assí más que otras tiene necesidad de alguna comunicación con que se junte y una, y esta es la de las continuas letras.

La 2.^a y conseqüente es la fortaleza della; que, quanto cada cosa es más unida, es más fuerte, ultra de que fortalecen las cosas escritas.

La 3.^a, el amor mutuo, el qual naturalmente con la ausentia y olvido se resfría, y al contrario se conserva y aviva con la memoria, que suple la presentia. Pues entre los que por el ordinario andan ausentes uno de otro, como los nuestros, puédesse ver cuánto es menester que se refresque la memoria de unos para con otros para entreter el amor. Haze también el mismo effetto la demostración de charidad de quien escribe, que, como obliga, así también ayuda á amar. Y estas tres ayudas aprenderemos de los herejes, que à costa grande del bien común de la christianidad, con el comunicar se unen, fortifican y aman. Y sería razón que no fuésemos nosotros para ayudar más perezosos, que ellos para destruir el bien común.

La quarta ayuda es, animarse unos á otros, y excitarse á santa emulacion de las virtudes y santos trabajos; porque mucho ayudan los exemplos para esto, especialmente domésticos y rezientes de los hermanos.

La 5.^a es, para confirmarse más contra el espíritu de la inconstancia en su vocación ó desplacer della en los que se hallan conturbados de tal espíritu; porque reconocen quánta merced Dios les haze en tenerlos en tal Compañía, donde se vee que los effetos del fruto espiritual dan

testimonio de la divina aprobación, y del cargo que tiene de los desta Compañía.

La 6.^a, que de aquí naçe, es, para creçer en esperança y amor de Dios, con experimentar tan particularmente su providencia y amor para la Compañía y los que della son.

La 7.^a es, para humiliarse; que los que se persuadían hazer mucho, visto lo que otros trabajan y lo que Dios dellos se sirve, tienen ocasión para humiliarse y reconocer su tibieza.

La 8.^a, que se acrecienta el buen odor de la Compañía, que, para nuestros fines, de más servir al autor de todo bien y ayudar á las ánimas de los próximos, es muy necesario, como todos saben.

Ay, sin estas, la 9.^a, que creçe con lo mesmo el número de los de la Compañía; lo qual muestra la esperientia de muchos, que, con la noticia, que de semejantes letras y nuevas tomavan, se han aficionado á ser de la Compañía (**MI**, *Epp.* I, pp. 537-538).

É importante ressaltar que este trabalho minucioso realizado por Polanco, no exercício de suas funções de secretário e arquivista, foi a primeira tentativa de organizar e estruturar as normas que deveriam assegurar a união dos membros da Ordem, através do contato regular, da permanente circulação de informações entre seus membros e do controle sobre aqueles que se encontravam ausentes ou dispersos. Esta sistematização acabou se tornando a base do arquiteito jesuítico, ou seja, o

pressuposto abstrato que em si concilia as formas conceptuais e categorias que regulam (ou apontam para) a ordenação textual; e o de, a partir daí, postular uma hesitação teórica que não é mais possível ignorar (que muitas vezes tem sido eludida ou inadvertidamente ultrapassada) e que pondere a definição, evolução e actualização da problemática dos géneros literários (GENETTE, 1987, p. 10).

Para melhor coordenar e ordenar a sequência do envio das cartas, Polanco propôs, ainda, que:

La décima, que muchos, por ser solos y muy ocupados en varios ejercicios, y tener varias ocasiones de turbarse, tienen necesidad de consejo en sí y en su modo de proceder; y estos se ayudarán del parecer del superior, avisándole de sus cosas continuamente y abriéndole su ánimo, etc.; y esta mesma utilidad se estenderá mucho, dándose aviso de todos los otros de la Compañía.

La unzena, que es gran consuelo y alegría la que se da y recibe con las letras á los de la Compañía; que, quando otro no ubiesse, debería hazernos á todos en esta parte diligentes, si amor no tenemos.

La 12.^a es, acrecentar la diligencia en la obra de Dios; que, habiendo de dar aviso de lo que se va haciendo de día en día, será este un estímulo más para despertarse y hazer algo que se pueda escribir.

La 13.^a, que con las nueuas buenas se animan los amigos que ayudan las cosas de la Compañía, conservándose y creciendo en afectión della, y otros se ganan de nuevo.

La 14.^a ayuda, que á la Compañía viene desta particular comunicación de cosas y de personas della, es, para que se vea si se emplea bien el trabajo en una cosa, ó si emplearía mejor en otra; si harían más provecho en el lugar donde están, ó transferidos en otro.

Sin estas 14 ayudas, que parece pertenecen al bien de la Compañía propriamente, ay la 15.^a para el bien de los otros próximos; que con oyr las nueuas de la que Dios haze por los medios que es servido, se edifican y animan á bien hazer.

La 16.^a se extiende más; porque serán mejor servidos y ayudados, quanto con más consejo se atendiere á sua bien, y mejores medios para ello se buscaren: y á esto ayudará el comunicar las cosas acá, y el representarlas al superior, en manera que se pueda ver toda la obra cómo procede, porque así podrá mejor pensar algo que ayude al que de cerca trabaja; que, por estar muy esparzido y ocupado en los particulares, es de creer que no cae en muchas cosas, que le ayudarían en la obra de Dios.

La 17.^a se estiende aún más al bien universal de la iglesia, que, viendo continuamente lo que passa en diversas partes, puédesse mejor socorrer á las mayores necesidades, y acudir á los mejores lanzes: que, aunque en una parte se haga algo, en otra se podría hazer mucho más con la misma diligencia, á honra de Dios y beneficio del próximo; y para esto, si no ay continuo auiso de lo que passa donde andan los de la Compañía, no veo manera; assí que muchas vezes será menester andar acaso. Bien sé que la divina providentia, sin saberlo nosotros, endereça nuestras cosas muchas vezes, y mejor que podríamos pensarlo no sperarlo; con todo esto se vey que quiere hagamos de nuestra parte lo que nosotros es, entonces esperando cierta su ayuda (**MI**, *Epp.* I, pp. 538-540).

Essa exigência e a ênfase dada à importância da troca de informações evidencia a função primordial desses registros escritos, e, também, a preocupação com a preservação da memória da Companhia de Jesus enquanto Ordem religiosa (JUSTO, 2013, pp. 2-3). Assim, a ideia de que os textos apresentam um viés renascentista – que se mistura ao *estilo jesuítico* pelas questões formais apresentadas, pelo ordenamento que os temas deveriam respeitar, como também pela presença de alguns pontos “do debate teológico típico presente na *invenção*

retórica dessas cartas” (PÉCORA, 1999, p. 373) – resultaria naquilo que podemos denominar de arquitetura do texto final (GENETTE, 1987, p. 15). Neste sentido, vale lembrar que Polanco, ao referir-se às regras das *letras contínuas*, observou que:

Quedan sin las dichas otras tres ayudas para con Dios.

La 18.^a es, tener ocasión de rogarle ayude á las empresas, que nos avisan ser encomenzadas en varias partes, renovándose con las nuevas el hervor para lo hazer más caldamente.

La 19.^a es, que con estas se da materia y ocasión de dar gracias en más partes y por más personas á la divina bontad por las merçedes que haze, así á los de la Compañía, como á otros por su medio.

La 20.^a y vltima es, que creçe con esto la gloria y alabança de Dios (la qual es fin de todo el uniuerso) assí en las obras, que, quanto mejor se hacen, tanto á mayor honrra suya son, como en manifestar lo que él obra por los instrumentos, que su onipotente mano quire usar (**MI**, *Epp.* I, p. 540).

As *letras contínuas*, cabe ressaltar, consistiram, efetivamente, de um esboço que, posteriormente, orientou a elaboração da primeira versão das *Constituições*, por Loyola e Polanco, durante a realização do Concílio de Trento (1545-1563). Elas forneceram as primeiras orientações sobre a relação vertical entre *a cabeça e os membros* e a horizontal de comunicação entre os jesuítas, que se traduziria nas Cartas Anuais. De tal forma que o mapa retórico, que guiava a escrita jesuítica, foi tomando forma à medida que a sua produção passou de um exercício de edificação mútua para a descrição de um “êxito da ação missionária jesuítica” (PÉCORA, 1999, p. 373).

No Primeiro capítulo (*Meios para união dos espíritos*) da Oitava Parte (*Meios de unir com a cabeça e entre si aqueles que estão dispersos*), (**Const.**, §§ 655-676) das *Constituições*, se encontram as resoluções relativas à troca de correspondências entre os membros e os Superiores, assim como entre as casas e províncias, além da orientação sobre como deveria se dar a circulação de informações, permitindo aos membros da Ordem o conhecimento de notícias e relatos e estabelecendo as obrigações quanto ao envio e à periodicidade, além da linguagem que deveria ser utilizada (vernáculo e latim) e o número de cópias que deveriam ser despachadas (seriam duas ou três), (**Const.**, §§ 673-676). As regras quanto à determinação de canais e formas de comunicação entre os jesuítas estava também especificada “para pôr o Geral ao corrente das múltiplas questões”, demonstrando o interesse constante

por notícias “por cartas, e pelas pessoas que devem vir das províncias” (*Const.*, § 679). De acordo com Cargnel:

Esta relación vertical de la escritura se materializaba también en los informes anuales o Cartas Annuas, una extensa información que cada año era elevada por los Padres Provinciales al Padre General de la Orden, residente en Roma, sobre diversos aspectos de las misiones, colegios y residencias que gobernaban. Estas cartas annuas se convirtieron en la fuente principal de conocimiento de las misiones, ya que eran informes remitidos al General firmados por los provinciales y redactadas por él mismo o por un secretario, en las cuales unía los informes individuales que pasaban después por un censor de estilo, y una vez aprobadas por los consultores eran enviadas a Roma (CARGNEL, 2015, p. 24).

Podemos conjecturar, também, que o esforço normativo de Polanco para reunir as correspondências recebidas e assegurar a permanente comunicação entre os jesuítas dispersos nos distintos continentes possa ter definido o modelo de *historiador* que a Companhia de Jesus adotaria posteriormente, pelo “lugar central dado a los registros escritos y por otro, el interés profundo por rescatar la memoria de la Orden” (JUSTO, 2012, p. 5).

Parece-nos que Lozano, quer como arquivista, quer como o primeiro jesuíta a refletir e escrever uma *história oficial* da Ordem de Santo Ignacio, com um viés mais voltado à história civil e militar, buscou seguir este modelo de escrita inaugurado por Polanco. A postura por ele adotada foi a de confrontar, comparar e verificar os textos, “para deles extrair citações e exemplos”, anotando o que considerava mais relevante para a sua argumentação “de maneira a encontrar e indexar mais facilmente as passagens que haviam chamado sua atenção” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 32).

Nesta perspectiva, a leitura, que precedia o ato da escrita, acabava por apontar para um “monopólio da leitura legítima” pelo escritor – antes leitor e, posteriormente, autor, caso seu nome constasse na capa do livro –, que implicava na validação de certos autores e textos em detrimento de outros, tidos como não merecedores de leitura e, por isso, não referenciados (CHARTIER, 2009, pp. 240-242). O que podemos observar, também, como uma seleção “aos leitores atentos e estudiosos [de] uma matéria para a constituição de seus próprios repertórios de *sententiæ* e de *exempla*, classificados segundo a ordem dos temas e dos tópicos” (CHARTIER, 2002, p. 95. *Grifo nosso*).

À medida que crescia o número de jesuítas e de regiões missionadas, a frequência da escrita e de envio dessas correspondências dentro da Companhia foi alterada. Os requisitos iniciais deram lugar a uma prática descrita na Instrução do Padre Geral Everardo Mercuriano, chamada *Formula Scribendi* ou *Ratio Scribendi*. A *Formula* foi incluída na *Regulae Societatis Iesu* (1580), que regulava desde a vida dos padres até as formas de escrita que melhor atenderiam as estratégias de governo, divulgação e representação da imagem da Companhia de Jesus. Já a indicação de como os assuntos deveriam ser dispostos no texto foi sendo alterada em suas edições posteriores⁶³. Em relação às Cartas Anuais e às Histórias escritas entre as décadas de 1580 e 1590, não podemos afirmar ao certo o quanto a ordem dos temas propostos por Polanco e Mercuriano foi seguida como disposto nas recomendações para a produção de uma escrita oficial nos livros. Em Acosta, por exemplo, os assuntos aparecem distribuídos sem que atendessem a uma disposição específica dos temas, pois a preocupação em dar notícias e descrever estava ainda influenciada pela *ars dictamis* que servia como parâmetro para o ordenamento textual. Além disso, deve-se considerar que suas obras estavam voltadas para o atendimento das normas do Concílio de Trento, em especial, para a ênfase às hagiografias, visando ao aumento das conversões e à divulgação dos valores morais e dogmáticos que deveriam ser implantados nas áreas de evangelização (CARGNEL, 2015, p. 81).

Dentre as razões para a busca de uma normatização e estruturação da escrita pela Companhia esteve, sem dúvida, a

desilusión de las expectativas, en el paso de la primera a la segunda generación de la Compañía, provocó la creación de nuevas reglas. Se instituyó la expresión del entonces secretario de la Compañía, Bernardo De Angelis en el prólogo de las *Instructio pro superioribus* (1606). Precisamente cuando el Fundador ya no está, en la medida que va entrando en el pasado y la primera generación con él, se impusieron instrumentos que fueran una ayuda para reconocer e identificar los “espíritus extranjeros”, así como aquellos que con las

⁶³ As primeiras instruções para a *ars scribendi*, posteriormente chamada de *ratio* ou *formula scribendi*, estão presentes nas *Reglas que deuen observar acerca del escribir los de la Compañía que están esparzidos fuera de Roma*, escrita por Juan de Polanco em 1547, na epístola 180 (MI, *Epp.* I, pp. 542-549; LAMALLE, 1981-1982, pp. 95, 98-99; PALOMO, 2005, p. 59. A *Formula Scribendi* foi uma instrução do Padre Geral Everardo Mercuriano, de 1580, que atende ao encomendado pela III Congregação Geral (1573) e se refere à aplicação das *Constituições* (§§ 629; 673-676) em relação à correspondência oficial. A *Formula* é constituída de três partes: a primeira, sem título, trata das cartas dos Superiores (1-25); a segunda, é relativa às “cartas anuais” (26-31); a terceira, regulariza os “Catálogos e informes anuais”; os números 12, 26 e 31 foram adicionados pelo Geral Claudio Acquaviva (Institutum S.I 3: 41-45), (DHCJ, 2001, p. 966. Volume I).

reivindicaciones o de partido amenazaban la unidad del cuerpo” (MORALES, 2018, p. 282).

O aperfeiçoamento destas regras institucionais e a regulamentação da estrutura textual da escrita jesuítica se traduziu nas *Instruções do Prepósito Geral Claudio Acquaviva* (1598), divididas em oito temas principais que deviam ser abordados para a composição *íntegra e contínua* de uma *História da Companhia de Jesus* desde as suas origens, que definiriam e afiançariam o chamado *nuestro modo de proceder* dos jesuítas. Segundo estas *Instruções*, os temas que deveriam ser abordados eram os seguintes:

- 1º Fundaciones de colegios y casas, excepto si hasta ahora han sido enviadas, con los nombres de los fundadores, sus progresos y su crecimiento.
- 2º Aprobaciones y consensos de las ciudades en el recibimiento de los nuestros.
- 3º Insignes benefactores y fautores [favorecedores].
- 4º Eventos prósperos y adversos a la Compañía.
- 5º Algunas virtudes y acciones especiales de aquellos que murieron dentro de la Compañía: santidad de vida, muerte preclara, enlistados los nombres y demás circunstancias.
- 6º Insignes y extraordinarias vocaciones de los nuestros.
- 7º Insignes cambios de ánimos: conversiones de herejes y de infieles.
- 8º Insignes calamidades de aquellos que abandonaron la Compañía (ALCANTARA BOJORGE, 2009, pp. 68-69).

Além das considerações feitas por Acquaviva em relação aos padres que poderiam exercer a função de historiador, havia a orientação sobre como deveriam ser tratados os assuntos diversos:

Finalmente, si algunas otras cosas vienen a la mente, [consignense] las que parezcan [convenientes] para la causa. Será oportuno que todo haya sido ratificado y confirmado de tal modo que no pueda mercedamente caer en duda la fe en aquéllas cosas, habiendo sido añadidas, en la medida de lo posible, todas las circunstancias, que crean confianza, de lugares, tiempos y personas. Envíense, primeramente por cada tiempo, los asuntos más antiguos, sucesivamente unos y otros, según lo pedirá la serie de los tiempos (ALCANTARA BOJORGE, 2009, p. 69).

As *Histórias* – história natural, moral, civil, religiosa, corográfica, da conquista etc. – deveriam apresentar coisas significativas, tanto boas, quanto ruins, desde que delas resultasse algo edificante a partir das situações relatadas, aspecto que se constituía em uma espécie de fórmula para a escrita destas obras. Sobre esta orientação, Antonio Astrain afirma que:

Los hechos del P. Aquaviva pertenecen á órdenes muy diversos, y al mismo tiempo los de cada orden guardan tan estrecha relación entre sí, que el mezclar la narración de los unos con la de los otros, nos ha parecido sumamente difícil y tan desacertado, como sería representar simultáneamente en un teatro dos dramas, intercalando las escenas del uno con las del otro. [...] Numerosos libros exegéticos, teológicos, ascéticos, filosóficos, históricos y lingüísticos, compuestos por jesuitas españoles, inundaron las universidades de Europa, y como contribuyeron á la defensa y esclarecimiento de la doctrina católica, suscitaron también no leves polémicas, entre las cuales debe mencionarse ante todo la célebre de auxilios con los dominicos (ASTRAIN, 1909, pp. VI-VII. Tomo III).

Como se pode constatar na passagem acima, “el mezclar la narración de los unos con la de los otros, nos ha parecido sumamente difícil y tan desacertado” (MORALES, 2010, p. 209), razão pela qual as obras produzidas por membros da Companhia deveriam considerar como confiáveis somente os relatos produzidos por ela própria. Pode-se, por isso, também conjecturar que não existiam somente orientações sobre o “melhor modo de escrever”, mas, também, em relação à “melhor forma de ler” um livro (KRISTEVA, 2005, p. 131), a partir da seleção do que deveria ser valorizado da leitura e, conseqüentemente, trazido para o corpo do texto.

Esta concepção de continuidade histórica, através da incorporação de notícias, teve papel fundamental na preservação da memória da Companhia de Jesus, bem como na conformação de uma identidade própria e, conseqüentemente, de um sentido coletivo aos homens que a constituíam, combatendo “el paso destructivo del tiempo” e dos inimigos, no tocante à sua fundação, às origens, ao estabelecimento e ao prestígio adquirido no passado e mantido no presente (FLORESCANO, 2012, p. 21).
O que fez com nos

tiempos en que se chocan dos o más interpretaciones del pasado se agudiza la sensibilidad de la conciencia histórica: grupos, clases, naciones e individuos particulares intentan sustentar y defender con mayor resolución sus raíces e intereses. Los protagonistas de esos momentos críticos redoblan entonces la búsqueda de testimonios para

fortalecer los intereses propios y combatir los del contrario. En los tiempos en que se lucha simultáneamente por el presente y por el pasado, suele florecer la crítica histórica, la revisión de los testimonios en que se funda la interpretación propia y la antagónica (FLORESCANO, 2012, p. 99).

Conciliando a forma de escrita adotada por Acosta na descrição das regiões nas quais esteve ou sobre as quais obteve notícias, com as instruções dadas por Acquaviva, os jesuítas passaram a escrever obras que se caracterizavam por ir além dos feitos virtuosos, sacrifícios e perigos, para apresentar uma ideia acerca do verdadeiro significado das missões em terras distantes. No caso de Pedro Lozano, há uma busca ininterrupta de fundamentar cada parágrafo e afirmação feita, o que denota uma preocupação em corrigir, reformular, verificar e repensar o que já havia sido escrito anteriormente ao seu livro.

Nestes textos, evidenciava-se o conhecimento arquivístico do responsável pela escrita, na medida em que são valorizados alguns temas principais, presentes nas normas, ou eram suprimidos outros (como, por exemplo, os casos de abandono ou expulsão de padres dos quadros da Companhia)⁶⁴, além da consulta à documentação produzida por cronistas leigos acerca de eventos anteriores à chegada da Companhia de Jesus, como forma de elaborar de uma história completa e contínua da região e da própria Ordem Jesuítica. Historiadores como Alcira Pécora (PÉCORA, 1999), Dante Alcantara Bojorge (ALCANTARA BOJORGE, 2008; ALCANTARA BOJORGE, 2009), Federico Palomo (PALOMO, 1997; PALOMO, 2005; PALOMO, 2007; PALOMO, 2013; PALOMO, 2014), María de la Soledad Justo (JUSTO, 2011; JUSTO, 2012), María Cristina Torales Pacheco (TORALES PACHECO, 2005) e Paulo Melo de Oliveira (OLIVEIRA, 2011; OLIVEIRA, 2015) já se debruçaram sobre a estrutura normativa da escrita dos textos jesuíticos. Estes autores, apesar de citarem

⁶⁴ Nas *Constituições* são apresentadas as instruções sobre *os que podem ser despedidos e por quem*, quais os *modos e motivos* para despedir aqueles que escondessem as suas condições psicológicas e físicas ou que apresentassem inaptidão para a vida religiosa e/ou às normas da Companhia de Jesus (*Const.*, §§204-242). Morales ressalta que a questão da ausência do tema, das expulsões e desistências dentro dos quadros da Companhia de Jesus, na escrita da história jesuítica está ligado ao “sistema de confrontación próprio de la Contrarreforma hizo que la historiografía eclesiástica abrazara decididamente la vía de los *exempla* y abandonase todo resto de tacitismo, renunciando a presentar atrocidades, rupturas y deficiencias que no fueran propedéuticas para la conversión y el triunfo definitivo de los valores que se deseaba implantar” (MORALES, 2007, p. 33). No entanto, se estes temas, juntamente com as questões que envolviam as rupturas internas, foram responsáveis por “un cúmulo de material que correrá como una literatura paralela”, tais como correspondências e memoriais reservados, atas de Congregações e Catálogos secretos, que constituíam a escrita *não mostrável* (MORALES, 2007, p. 35).

a supressão da 8ª instrução de Acquaviva, não se preocuparam, no entanto, em refletir sobre os prováveis motivos para a ausência deste tema nas obras de *história oficial* da Companhia. Nos parece bastante razoável, face aos propósitos que a Companhia tinha para a sua produção escrita, que assuntos internos, tais como a saúde mental, a expulsão ou abandono de alguns de seus membros, não deveriam vir a público (PÉCORA, 1999, p. 384). Evitar este tipo de tema era uma maneira de não comprometer a representação da Companhia como um grupo unido, estável e homogêneo, a despeito da falta de coesão e da heterogeneidade de ideias entre os seus membros (MORALES, 2011, p. 43).

Acreditamos que as Instruções de Acquaviva possam ter chegado à recém fundada Província Jesuítica do Paraguay através do grupo que acompanhava o padre Diego de Torres Bollo. Os jesuítas, recém-chegados a esta província, que havia sido separada do Peru e pouco trabalhada por Acosta na *Historia Natural y Moral*, deram início à elaboração de uma resenha histórica. Conforme o próprio Pedro Lozano nos informa no *Prólogo* da *Historia de la Compañía*, houve uma sucessão de tentativas para que este *projeto historiográfico* se tornasse possível na província, o que era definido pelo jesuíta como:

Ardua es la empresa, en que entro, de historiar los hechos, y acciones gloriosas de los Hijos de la Compañía en esta Provincia del Paraguay, desde que entraron à ella, con título de Mission, embiados de la muy cèlebre, y Apostolica Provincia del Perù, hasta que despues, formada en Provincia, fuè creciendo à tal magnitud, que se hizo forzoso dividir su vasto cuerpo en dos Provincias, que son la de Chile, y esta, que ha retenido el nombre primitivo del Paraguay. De ambas me serà preciso hablar hasta la separacion insinuada, aunque procurarè sea con tal claridad, y orden, que no se confundan los sucessos de una con otra, en quanto fuere possible (LOZANO, 1754, s.p.).

Embora Lozano não reconheça como *histórias oficiais* da Companhia de Jesus as obras escritas até o ano de 1639 – por serem anteriores ao que chamou de *elegantes histórias*, no sentido de conter expressões fraseológicas equilibradas de acordo com o *decorum* humanista de caráter ciceroniano –, ele faz referência tanto a Luis de Valdívia, quanto a Antonio Ruiz de Montoya em diversas passagens da *Descripción chorographica*, *Historia de la Compañía de Jesús* e *Historia de la Conquista*, o que nos leva a considerar que ele os tinha como fontes inestimáveis de informação sobre os acontecimentos mais relevantes nos anos de 1607 até 1639.

Essa revisão histórica, que insere diferentes narrativas e formas de escrita, mesmo que sejam regimentadas pelo padrão da disposição temática, segue o que foi proposto no *Ratio legendi et excerpendi*, como o método de estudos e de composição de trabalhos científicos, que regiam a leitura atenta, o fichamento de textos e a escrita de livros eruditos pelos membros da Ordem (CEVOLINI, 2018, p. 703).

A obra escrita por Luis de Valdivia, em 1612, intitula-se *Relacion de lo que svcedio en el Reyno de Chile*, e descreve o território do Chile e as ilhas de Chiloé, enquanto este ainda era parte da região que abarcava a Província *paraguayense*. Posteriormente, em 1639, seria escrita a *Conqvista espiritval*, por Antonio Ruiz de Montoya, atendendo ao pedido do Obispo de la Puebla de los Ángeles e Ouvidor de Indias, Don Juan de Palafox, para que escrevesse algo relativo a Província do Paraguay (HERNANDEZ, 1912, p. 216). Em seu relato, Montoya descreveu os territórios do Guayrá e Tape, enfatizando os feitos da Companhia na região e a destruição das *reducciones* fundadas nestes territórios devido aos ataques promovidos pelos bandeirantes (MOURA, 2013, pp. 125-135).

No já mencionado Prólogo, Lozano refere ainda outras obras produzidas sobre a Província, às quais recorre para reconstituir a história dos primeiros missionários da Companhia:

Aunque goza la luz pública la elegante Historia, que de esta Provincia diò à la Estampa el Padre Nicolàs del Techo; pero por el Idioma Latino, en que està escrita, puede ser menos general para nuestra gente, y por esto fe deseò siempre verla escrita en nuestra lengua Castellana. Esta razón moviò al Venerable Padre Juan Pastòr, Provincial de esta Provincia, à dedicarse con infatigable diligencia à rebolver los monumentos antiguos, no solo en estos Países, sino tambien en el Perù, y logró tan bien sus desvelos, que pudo dexar compuestos (quando passò à mejor vida el año de 1658) dos Tomos en folio, que ignoro el motivo, por què no se dieron à la Prensa. Valiòse mucho de ella, ò en la mayor parte, para la suya Latina el Padre Techo, y no se tratò mas de imprimir la del Padre Pastòr (LOZANO, 1754, s.p.).

Se Juan Pastor escreveu uma narrativa que descrevia toda a região até o ano de 1614, Nicolas del Techo ampliou o relato histórico, abordando a vida política e social, os povos indígenas e regiões que estes habitavam, apresentando também o Chile e tratando brevemente do Chaco – este separado em duas regiões, como afirma o jesuíta –, a fim de descrever mais amplamente a Província. É, aliás, em Techo que vemos mais claramente a prática de “mezclar la narración” com a de outros autores,

como ressaltaria Astrain, posteriormente, ao se referir aos textos de Acquaviva (ASTRAIN, 1909, pp. VI-VII. Tomo III. *Grifo nosso*). Em sua obra, encontramos referências aos autores clássicos com os quais, certamente, tomou contato durante sua formação, aos textos de autoridades espanholas e dos conquistadores sobre o território e a fundação das cidades, aos livros de Acosta, Montoya e Pastor, formando um *continuo historiográfico*, no qual os textos jesuíticos legitimam-se uns aos outros. No entanto, é preciso lembrar que, assim como o livro de Pastor, o de Del Techo também não foi publicado e teve sua circulação na forma manuscrita ou impressa restrita aos colégios da Companhia.

Depois de Del Techo, outros jesuítas – Pedro Cano, Diego de Lezana, Juan Bautista Peñalva – foram nomeados para escrever uma *história oficial* da Companhia na Província Jesuítica do Paraguai. Estes, no entanto, não chegaram a escrever qualquer relato. Sobre isso, Pedro Lozano escreveu:

Esta por fin se me encomendò à mì, con harto rubor, y repugnancia mia, por conocerme destituido de las prendas necesarias, para satisfacer à lo que requiere esta empresa; pero por cerrarse todas las puertas à mis representaciones, me fuè forzofo obedecer: y yà que no me he desempeñado, como quisiera, por no poder más, tengo siquiera el consuelo de aver obrado solo por obediencia. No ha dexado de fer dificultosa, aun en lo material; porque si bien me ayudaron no poco los trabajos del Padre Pastòr, del Padre Techo, y de otros, ha sido todavía no poco lo que he necesitado inquirir en muchos Papeles antiguos, con sobrada fatiga (LOZANO, 1754, s.p.).

Coube a Lozano a retomada da escrita das *histórias oficiais* da Província Jesuítica do Paraguai, que havia sido iniciada pelos seus antecessores, priorizando a descrição da região e das proezas de seus companheiros, tanto das atividades relativas ao apostolado, quanto de sua atuação nos acontecimentos civis. Esta atribuição pode ser observada no *Proemio*, no qual Lozano diz que foi obrigado a aceitar a responsabilidade de escrever e dar continuidade à história jesuítica, pois:

Habiendo de emprender por impulso de la obediencia el noble asunto de dar al público la historia de la Compañía de Jesús de esta Provincia del Paraguay, que contiene proezas esclarecidas y hazañas memorables con que los héroes jesuitas, sus hijos, supieron inmortalizar su nombre para la posteridad y adquirir muy principal lugar en el templo de la fama, me pareció conveniente y pareció también a otras personas, cuyo dictamen debo venerar con aprecio, adelantar la noticia de estos países, que fueron el campo, donde alcanzaron de la

idolatría y de los vicios los ilustres trofeos que eternizan su memoria, o como el teatro donde se han de representar los triunfos de la Fe y de la virtud contra la milicia del abismo (LOZANO, 2010, p. 45)⁶⁵.

Constata-se, assim, que a *ardua empresa de historiar los hechos e los fucessos* (LOZANO, 1754, s.p.) dos membros da Ordem e da própria Companhia enquanto instituição estava em reescrever, estruturar, inserir novas fontes e dar novos ares à uma narrativa que já era conhecida por muitos leitores. Em relação a esta orientação, ainda pode ser mencionado que o

relato formado con los testimonios confiables de sus propios hermanos misioneros, y con los documentos de los archivos que el historiador rescatará de ser comidos por la polilla se convierten en un lugar de memoria que es al mismo tiempo baluarte de la Compañía. Asimismo se mantendrá en la historiografía jesuítica el binomio adentro–afuera remarcando la necesidad de una historia que represente la historia al modo “nuestro”, propio de los jesuitas (CARGNEL, 2015, p. 107).

Como procuramos demonstrar até aqui, entendemos que a formação em Humanidades que todos os membros da Companhia de Jesus recebiam, bem como as influências que a própria dinâmica da escrita da História exerceu sobre a escrita jesuítica, no período de transição do século XVII para o século XVIII, se manifestaram no conteúdo das obras *Historia General*⁶⁶, *Historia Natural y Moral*, *Descripción chorographica*, *Historia de la Conquista* ou *Historia de la Compañía* de Pedro Lozano. Somam-se, evidentemente, a estes elementos conformadores da escrita, que resultam de sua formação, as experiências acumuladas por outros membros da Ordem e o contexto vivenciado tanto por ele, quanto pela própria Companhia de Jesus na primeira metade do século XVIII.

Mas, para a análise das obras de Lozano interessam tanto as mudanças que ocorreram nas concepções de história, quanto aquelas que as práticas de leitura sofreram ao longo do século XVII e XVIII, e que Darnton descreve como

⁶⁵ No *Prólogo* da edição de 1873, podem ser constatadas diferenças no texto (LOZANO, 1873, pp. 1-2), como acréscimos e modificações em algumas frases, como será mostrado no segundo capítulo.

⁶⁶ Quanto às Histórias Gerais da Companhia de Jesus, elas foram iniciadas com as biografias de Ignacio de Loyola escritas por Pedro de Ribadeneira e Juan de Polanco, e segue nos séculos XVII e XVIII com a escrita das *Historia Societatis Iesu*, divididas pelos generalatos e tendo como responsáveis pela escrita os padres: Nicolás Orlandini, Francisco Sacchini, José de Jouvancy e Julio Cordara (CARGNEL, 2015, pp. 88-97).

um processo muito mais profundo, muito mais vasto – o esforço eterno do homem para encontrar significado no mundo que o cerca e no interior de si mesmo. Se pudéssemos compreender como ele tem lido [*e observar o que ele leu*], poderíamos nos aproximar de um entendimento de como ele compreende a vida; e dessa maneira, da maneira histórica, poderíamos até satisfazer parte de nossa ânsia de significado (DARNTON, 1992, p. 234. *Grifo nosso*).

As leituras realizadas pelos membros da Companhia, durante o período de formação, mais do que uma outra forma de realizar os *Exercícios Espirituais*, podem ser percebidas como uma maneira de entender e de ampliar a percepção do mundo que os cercava. A prática de escrita, por sua vez, resultava de uma forma de ser, de agir e de exteriorizar as concepções, anseios, pensamentos e a interpretação dadas pelo grupo do qual faziam parte sobre os acontecimentos nos quais se viam envolvidos.

Antes de nos determos nos livros que foram lidos e escritos por Lozano, é importante ressaltar que, embora mantivessem uma estrutura rígida de escrita, na qual os temas estabelecidos por Polanco e Acquaviva, nas suas respectivas instruções, pudessem ser observados, as obras escritas pelos professos da Companhia, em sua grande maioria, acabaram apresentando textos com significativas particularidades, razão pela qual podemos falar em uma tipologia do *gênero jesuítico*⁶⁷. Assim, as obras jesuíticas se inserem em diferentes tipologias ou vertentes historiográficas, apresentando uma mesma estrutura, mas diferindo em relação à abordagem dada aos assuntos.

Partindo da análise que fez das obras escritas por trinta e um autores jesuítas, Artur Barcelos propõe a existência de uma tipologia para a produção textual da Companhia de Jesus, identificando as de *caráter histórico narrativo* e as *histórias naturais*; a *documentação administrativa da Companhia*, e a *documentação particular*. No que diz respeito à região platina, Barcelos contempla as narrativas produzidas desde Antonio Ruiz de Montoya até Pedro Lozano, ressaltando as diferenças entre suas abordagens sobre a história da região (BARCELOS, 2013, pp. 57-97).

⁶⁷ Se, anteriormente enfocamos o sistema de tipologias literárias e linguísticas, neste ponto, tratamos, exclusivamente, do que os autores definiram como tipologias ou gêneros dos livros escritos por membros da Companhia de Jesus.

Já Ines Županov, ao tratar das características comuns à escrita jesuítica, a divide em quatro tópicos, tipologias ou modos através dos quais responderiam aos interesses e ações da Companhia. Estes quatro modos seriam: *a reunião de informações e organização dos conhecimentos sobre os estrangeiros; a propaganda e os ministérios da Ordem; a união interna dos jesuítas; e, por último, as práticas espirituais*. Os quatro modos podem, ainda, ser observados como quatro tipologias ou tópicos destinados a atender quatro interesses textualmente específicos e definidos – no conteúdo presente nos livros que formam a historiografia da Companhia – como *polêmico-dialógico, geo-etnográfico, teatral e utópico*, que representariam mensagens diretas aos reis e aos nobres, aos leigos de forma geral, à Ordem Jesuítica e aos seus membros (ŽUPANOV, 1999, pp. 1-30).

Levando em consideração essas tipologias, de Barcelos e Županov, podemos observar que o primeiro livro escrito por Pedro Lozano, *Descripción chorographica*, se enquadraria na categoria de uma *história natural da geografia regional ou corográfica*, como parte da escrita *geo-etnográfica*, que constituía um dos objetivos dos membros da Ordem ao evangelizar o Novo Mundo e divulgar os seus trabalhos apostólicos na Europa. Já os demais livros de Lozano – *Historia de la Compañía de Jesús* e *Historia de la Conquista* –, poderiam se enquadrar na tipologia *histórico narrativa* e na *polêmico-dialógica e teatral*. *Historia de la Conquista* teria, ainda, a particularidade de contemplar a tipologia *geo-etnográfica*, já utilizada na *Descripción chorographica*, que também pode ser percebida no texto de *Diario de un viaje*.

Se distanciando das tipologias, Morales separa a escrita da história em três modelos de escrita específicos, que, mesmo versando e apresentando em seus aspectos conceituais os temas propostos por Županov, diferem em seus objetivos: a *paroxística*, a *moralizante* e a *obsidional* (MORALES, 2007, p. 39; MORALES, 2011, pp. 46-59). As duas primeiras, a *paroxística* e a *moralizante* buscavam a edificação mútua e corrigir os desvios comportamentais, o que Palomo considera como uma forma de remeter ao modelo narrativo do *exemplum*, como forma que apresentar analogias que robustecessem os escritos de caráter didático e religioso, dentro dos *compêndios* (PALOMO, 2004, p. 131). Esta tipologia poderia apresentar como característica o tópico *teatral* que reforçaria o aspecto moralizante da narrativa, tal como se observa na *Relación de la vida y virtudes*.

Para Morales, a *paroxística* era parte do *memorialismo*, que visava divulgar relatos testemunhais em relação à vida dos fundadores da Companhia de Jesus,

sobretudo, de Ignacio de Loyola e Francisco Javier, enquanto místico e missionário, respectivamente. Já a *moralizante* se referiria ao início da reformulação das primeiras biografias, por apresentar documentação, servindo, assim, para a historiografia jesuítica de forma geral. A *obsidional*, de acordo com Morales, seria uma consequência dos ataques e perseguições sofridos pela Companhia, o que levava o jesuíta a buscar a *verdade* dos fatos para defender o apostolado do qual fazia parte, como ocorre na *Historia de las Revoluciones* (MORALES, 2011, pp. 46-59). Carlos Page, por sua vez, distingue a escrita da história da Companhia em três vertentes: a *crônica*, a *história geral* e a *biografia*. Embora as três apresentassem o caráter *moralizante* e/ou *obsidional*, se distinguiam pela vivência de seus autores, pelo uso da documentação e pelos objetivos da escrita (PAGE, 1999, pp. 15-31).

Para Justo, a relação da Companhia com a História e, especificamente com a sua própria, pode ser vista com uma característica que a distinguiu das demais Ordens religiosas. As *Histórias*, que enfatizavam as *reducciones* indígena-jesuíticas e os trabalhos missionais da Ordem Jesuítica, se caracterizam por um discurso apologético, textos de caráter *moralizante* e *obsidional* (JUSTO, 2012, p. 43). Para esta autora, as *Histórias naturais* foram o primeiro passo para o início do grande projeto escriturário voltado à redação e divulgação da história oficial da Ordem de Santo Ignacio:

Los jesuitas en la primera modernidad conformaron un importante programa de escritura, el cual estaba dirigido y estimulado desde el centro de la Orden. Este programa tuvo dos ejes centrales que organizaron y sentaron las bases de los textos producidos por jesuitas en los siglos venideros: por un lado, un modelo preciso y tipificado organizado desde el centro romano, y por el otro, el influjo de la obra del padre José de Acosta, en especial su *Historia Natural y Moral de las Indias* (JUSTO, 2015, p. 239).

A presença desta *vertente historiográfica* pode ser percebida nas obras voltadas à *história civil, religiosa, geral* ou *regional* das Províncias Jesuíticas, especialmente naquelas que tratam do *Paraguay*, como se pode constatar no destaque dado por Furlong à contribuição da produção intelectual da Companhia de Jesus para a cultura rio-platense (FURLONG, 1984, pp. 73-80). Cabe ressaltar que, mesmo nos séculos XIX e XX, a presença da *História Natural*, em maior ou menor grau de relevância nos livros e compilações feitas por jesuítas *monumentalistas* ou

historiadores, ainda é perceptível, como ressaltado por Imolesi (IMOLESI, 2014, pp. 1-42). No entanto, os “modos de escrita”, as “tipologias” e/ou os “gêneros” não podem ser vistos como categorias estanques que caracterizariam integralmente um livro, pois estas formas textuais criam “especificações submodais nos pontos em que se correlacionam e determinam os padrões discursivos” (GENETTE, 1987, pp. 88-89).

Cabe lembrar que, “dada su preparación intelectual, los misioneros e intelectuales jesuitas fueron historiadores e intérpretes privilegiados de la naturaleza americana” (LEDEZMA; MILLONES FIGUEROA, 2005, p. 9). A importância dada à descrição da região *chaqueña* decorreria de dois motivos: o primeiro, era preciso escrever uma *historia exemplar* sobre os primeiros jesuítas que estiveram na região; e, o segundo, era necessário apresentar uma descrição completa sobre este território dando ênfase, também, à quantidade de almas que deveriam ser evangelizadas e levadas para as *reducciones*.

Para estas descrições muito devem ter contribuído as *histórias do Novo Mundo*, elaboradas desde o momento em que Cristóvão Colombo chegou à América e, que, seguramente exerceram influência sobre os textos que procuraram descrever este território ainda desconhecido e visto como apto para ser o receptáculo do Evangelho que veio a constituir a Província Jesuítica do Paraguai. Na continuidade, discutimos as influências que as narrativas produzidas por leigos ou outros religiosos, em especial, a produção ítalo-espanhola e francesa, exerceram sobre as práticas de escrita da Companhia e o quanto determinaram certas características da *historia como crônica* dos trabalhos apostólicos da Ordem.

3.2 A presença e influências da historiografia leiga e de outras Ordens religiosas nas práticas de escrita jesuítica

Muitas foram as influências nas práticas de escrita da Companhia de Jesus, sobretudo, nos textos de Pedro Lozano, devido aos inúmeros livros e textos que este padre jesuíta leu para a composição de suas obras. É, no entanto, preciso considerar que os métodos historiográficos contemporâneos a Lozano se (con)fundem com os que foram utilizados pelos autores aos quais ele recorreu para reconstituir a História da Companhia de Jesus e descrever o território em que ela se encontrava atuando.

Também se faz necessário observar que nos muitos livros utilizados por Pedro Lozano, tanto naqueles escritos por leigos, quanto por religiosos de outras Ordens religiosas ou da própria Companhia de Jesus predomina a ideia da história como crônica, pelo menos até a metade do século XVII (no caso francês) ou, em alguns textos, até o século XVIII (no caso espanhol). A diferença entre a escrita da história e a crônica, como observado por Jorge Lozano, ao tratar das teorias da história e da ascendência do pensamento de Benedetto Croce, está no fato de que enquanto a história pode ser observada como um pensamento vivo sobre o passado, a crônica já nasce praticamente morta e ininteligível, pois ela acaba se apresentando apenas compreensível a quem foi completamente contemporâneo e teve experiências semelhantes a quem a escreveu. Decorrem daí as diferenças entre os pontos de vista do cronista e do historiador no *fazer histórico*, o que permite dissociar a visão do autor e do narrador, fazendo com que o autor seja colocado na condição de testemunha dos acontecimentos que não presenciou. A crônica se inicia no momento em que o cronista começa a redigir seu texto, sendo que, muitas vezes, sua conclusão fica em aberto; enquanto que a história, tem um início e um fim, constituídos textualmente e cronologicamente, de maneira que seja coerente e significativo para o leitor (LOZANO, 1987, pp. 46-48).

Ainda em relação a esta mesma discussão, Jorge Lozano observa que para William Henry Walsh é possível encontrar dois níveis de crônica e de história propriamente dita em toda a escrita da história. Desta forma, torna-se possível encontrar elementos da crônica nas histórias mais elaboradas, do mesmo modo que, igualmente, pode-se localizar uma história propriamente dita dentro de uma crônica vista como primária.

O ideal, segundo Walsh, seria ultrapassar e superar a fase da crônica para se chegar à da história. Assim a história iria aos poucos se distanciando da presença de gêneros como os anais, as crônicas, as efemérides, as hagiografias, etc., que foram vistos entre os séculos VI e XVI como sinônimos de obras cujos autores relatavam eventos que realmente teriam acontecido (LOZANO, 1987, p. 45). Foi no século XVI que a história começou a se distanciar e se distinguir destes outros gêneros de textos, mais por conceitos retóricos e gramaticais do que propriamente pela escrita em si, devido ao avanço do pensamento histórico que estabelecia a necessidade de que os eventos fossem relacionados uns com os outros, assim como as consequências e os antecedentes.

Tais mudanças de pensamento e concepção sobre a escrita da história podem ser percebidas, em maior ou menor medida, nos textos dos viajantes, conquistadores, membros do clero regular ou das Ordens religiosas, funcionários do governo espanhol ou pessoas que vieram tentar uma nova vida na América. O mesmo pode ser também observado nos textos de José de Acosta e Antonio Ruiz de Montoya, dos séculos XVI e XVII, respectivamente, demonstrando que a escrita deste período, embora apresentasse propósitos diferentes, se assemelhavam no que se referia à narrativa sobre a conquista espanhola.

Após esta breve exposição acerca das diferenças entre crônica e história, cabe destacar o influxo que a escrita sobre as *expedições*, a *invenção do Novo Mundo*, a *vivência* e a *conquista* – observável nos livros de Acosta –, os textos sobre a *conquista*, o *povoamento* e a *defesa do território* – da forma como se manifestam na obra de Ruiz de Montoya – e a escrita da história espanhola voltada para a *moral*, a *política*, os *feitos militares*, a *economia* e as *transformações sociais* nos territórios coloniais se fazem presentes nos livros e textos de Pedro Lozano. De acordo com António Morales Moya:

Imperio y decadencia, “subir y bajar”, se manifiestan en el carácter de la *historia* que se escribe en España en los siglos XVI y XVII, al reflejarse en la *historiografía*, la conciencia histórica de un pueblo. Es, pues, muy distinta, la *historia* que se elabora en el siglo XVI, período de apogeo que la que se produce en la siguiente centuria, época declinante, y aún dentro de estos dos siglos es posible diferenciar fases, coincidentes a grandes rasgos con los reinados que se van sucediendo. En todo caso, esta *historiografía* se vincula estrechamente al arte literario y a la filosofía moral y política. Económica, política y socialmente, el siglo XVIII será un momento de recuperación y en él adquiere la *historiografía* carácter científico, abriéndose a orientaciones modernas, siquiera se trate de un proceso iniciado a fines de la centuria anterior (MORALES MOYA, 1996, p. 7).

As influências da escrita e da historiografia italiana e francesa são observadas em Nicolas del Techo – pela sua formação na Província Galo-Belga – e, também, em Pedro Lozano – através dos textos italianos que leu e, em alguns casos, traduziu, como também pelos relatos de viajantes que estiveram na América e apresentavam nos seus relatos o peso das narrativas de Marco Polo.

Através de textos – cartas, livros, relatórios e diários – como os produzidos por Cristóvão Colombo, Américo Vespúcio, Hernán Cortés, Francisco Pizarro ou Fernão

de Magalhães, que apresentavam o novo continente à Europa, se “difundió ese universo nuevo, poblado por geografías, bestiarios, civilizaciones, dioses y traducciones diversas” (FLORESCANO, 2012, p. 81). No que se refere a este tema, ainda podemos considerar que:

Vê-se, nos relatos de viagem, a tensão entre a repetição dos estereótipos, dos lugares comuns e a invocação ao “ver com os próprios olhos” – a “autópsia”, não no sentido de abrir alguém, mas de “ver com os próprios olhos”. O fato de ser a testemunha, de ter a credibilidade e aquela daquele que viu e que diz que viu vem minar a tradição de lugares comuns na qual a autoridade não é aquela daquela que viu, mas aquela dos enunciados coletados (CHARTIER, 2012, p. 107).

Nestes relatos, os olhos substituíam os ouvidos, tornando a visão o sentido privilegiado e tido como o mais confiável para a composição, reflexão e elaboração de um discurso sobre o Novo Mundo. A *escrita dos olhos* acabaria sendo a responsável por uma *história imediata*, que se distingue da *história reflexiva* e da *história filosófica*, como salienta Jorge Lozano, ao referir-se à concepção de história elaborada por Hegel (LOZANO, 1987, p. 18). Nesta história imediata, são incluídos Heródoto (viajante) e Tucídides (observador), por apresentarem relatos de cunho *semelhante* e por serem vistos como aqueles que escreveram os acontecimentos que testemunharam, mostrando o espírito destes autores, a sua cultura e como o espírito da ação faz com que narrativa e autor sejam um e o mesmo. Já Hartog coloca que a questão da fiabilidade dos textos estava garantida no momento em que o narrador se apresentasse e fosse testemunha, fazendo com que toda a organização textual se bastasse no “eu vi” e na intervenção direta da visão do autor no relato. O mesmo pode ser observado na questão de que o testemunho de algo dá ao agente que viu o *status* de autoridade e o que for dito por ele terá peso de verdade garantido por quem vier a ler ou ouvir o que por ele foi contado. O *eu vi* se transforma, conseqüentemente, no *eu digo* porque *eu sei* e empresta ao autor, em livros ou textos posteriores, a posição do *argumento da autoridade* (*argumentum ad verecundiam* ou *argumentum magister dixit*), pois, saber historicamente é ver e ser capaz de descrever os fatos (HARTOG, 1999, p. 273)⁶⁸.

⁶⁸ Conforme Jorge Lozano, a questão do argumento da autoridade ganha força com as ideias de Santo Agostinho, para quem a complexidade de experiência temporal demonstra que o passado não pode ser conhecido sem que haja o testemunho de uma fonte confiável, para alcançar o passado.

Outro sentido que dava autoridade àquele que escrevia era o “eu ouvi”, embora este o colocasse em uma situação de segunda categoria na questão do discurso *reflexivo* ou *filosófico*, ficando quase na condição de uma *narrativa de segunda mão*, sendo constantemente colocado sob suspeita de se tratar de uma fraude (LOZANO, 1987, p. 19). Essa percepção, que faz a audição perder a sua relevância tem como consequência o isolamento da fala dentro da escrita, pois ela se perde nos enunciados e nas leituras que seriam feitas (COMPAGNON, 1996, pp. 76-77). De acordo com Florescano:

Por primera vez el relato del viajero y del historiador registro las peripecias de la aventura humana en los escenarios más apartados y las comunicó a seres de culturas diversas. Gracias al libro impreso, el ciudadano de un país pudo ser contemporáneo de civilizaciones extrañas y llegó a conocer los itinerarios históricos de pueblos hasta entonces ignorados (FLORESCANO, 2012, p. 81).

Os *diários de viagem, relaciones e crônicas*, por trazerem descrições geográficas, etnográficas e da natureza das regiões, se estabeleceram como fonte incontestável sobre o que estava sendo narrado, ainda que dependessem, em alguns momentos, da descrição oral para existir (FLORESCANO, 2012, p. 184). Seguindo o exemplo de Marineo Siculo, no livro *De Hispaniæ laudibus* (1495), as descrições sobre o espaço geográfico e etnográfico, combinados com a história política, passaram a integrar levantamentos sistemáticos, que misturavam as influências de Tito Lívio (analista) com o de Biondo (sistemático), (MOMIGLIANO, 2004, pp.122-123).

Embora seguissem as orientações dos autores clássicos para a escrita dos relatos, muitos desses viajantes-cronistas observaram que tais procedimentos não eram suficientes para que conseguissem narrar os descobrimentos e conquistas. No caso dos primeiros exploradores, estes relatavam o que viam e o que passavam, sem descuidar de dar destaque à representação “do terror e da piedade, ou antes, dessa mistura específica de terror e de piedade que provocava no teatro a manifestação

Este pensamento permeou toda a Idade Média e fez com que o passado começasse a ser visto como um objeto de fé, oposto ao presente. Deste modo, os *cronistas* medievais tiveram que basear o que escreviam no que era proporcionado pela tradição e na autoridade reconhecida pela Igreja, tais como textos oriundos de representantes da monarquia; estudos sobre os mais diversos temas saídos das universidades; relatos feitos por homens de alta posição e vida comprovadamente exemplar ou qualquer manuscrito que corroborasse a santidade de quem o transmitia. Somente estes textos eram vistos como comprometidos com a propagação da fé e percebidos como uma narrativa *verdadeira* (LOZANO, 1987, p. 31). Esta concepção se mantém nos séculos XVI, XVII e XVIII, não apenas nos textos das Ordens religiosas, mas também nos livros dos cronistas oficiais.

cruel do destino” (GENETTE, 1987, p. 36). Seus textos mostravam a necessidade constante de buscar embasamento nos princípios da autoridade e tentavam imitar os exemplos e os modelos formadores da *arte da escrita*. Entretanto, a adoção desta prática se expunha de um modo reduzido e sem uma clara importância, se restringindo muito mais à estrutura do que propriamente à descrição precisa do que estava sendo visto. Isto se deve à conjuntura do Novo Mundo, que não tinha precedentes ou representações anteriormente mencionadas nos textos para que estes escritores pudessem se inspirar (LOZANO, 1987, p. 35).

Em razão disso, estes homens se tornaram autoridades nos assuntos relacionados ao território americano, pois, além de narradores dos acontecimentos que o cercaram e os envolveram, eles também figuravam como os *descobridores* que descreviam de forma fidedigna os acontecimentos, dos quais foram testemunhas. Conseqüentemente, as crônicas que eles produziram, como parte de um fenômeno literário (*relato de viagem*) e de uma narrativa histórica, apresentavam diferentes características. Quanto à esta forma heterogênea de escrita, deve-se

reconhecer a eventualidade de “grandes parâmetros” caracterizadores dos gêneros que remeterão para três espécies de “constantes” (temáticas, modos e formais), acrescentando ainda a sua convicção de que imobilismo e diferenciação constantemente se interligam na prática literária (quando se tem em conta qualquer obediência ao cânone tem sempre de partir de um esforço criativo que acentue o efeito de diversificação); e termina com a ideia de que “o estudo das transformações implica o exame, e portanto a tomada em consideração, das permanências” (GENETTE, 1987, p. 16).

Tal heterogeneidade de gêneros dentro de um *equilíbrio e distinção literários* se traduz na utilização de duas tradições narrativas: a italiana e a espanhola. A primeira, representada pelos textos de Colombo e de seu filho, que seguem o discurso narrativo de Marco Polo, viabilizava que os cronistas descrevessem “todo lo exótico y lo fabuloso que la imaginación de estos “viajeros” transfería a partir de aquellos datos que la nueva realidad les proporcionaba” (CALDERON DE CUERVO, 2001, p. 20). A respeito desta prática efetiva de abertura para o novo e de conhecimento de novos espaços, através dos intercâmbios, dos descobrimentos e das conquistas, houve a oportunidade de confrontar saberes próprios de culturas diferentes e fazer comparações e desdobramentos da realidade planetária manifesta até aquele momento. Em relação à escrita nos séculos XV e XVI, Chartier salienta que:

Así pues, la consciencia de la globalidad de los contemporáneos conduce, a su manera, a la de los historiadores. Por ello, una de las prácticas posibles de la historia global se apega a los pasajes entre mundos muy alejados unos de otros o bien reconoce en las situaciones más locales las interdependencias que las ligan a los lejos, sin que necesariamente los actores tengan una clara percepción de ello. La unión indisoluble de lo global y lo local ha llevado a algunos a proponer la noción de “global”, que designa con corrección, si no con elegancia, los procesos por los cuales son apropiados los referencias compartidos, los modelos impuestos, los textos y los bienes que circulan a escala planetaria, para cobrar sentido en un tiempo y en un lugar concretos (CHARTIER, 2007, pp. 80-81).

Esta escrita acaba trazando consigo una *história da historiografia ocidental* e as inspirações, as transformações e as percepções de como redigir os acontecimentos, como observado por Fontana, para quem:

Aunque los modelos clásicos proporcionaban unas interpretaciones formuladas en términos humanos, no sería su influencia literaria la causa principal que llevó a algunos historiadores a evolucionar hacia una historia de inspiración secular, sino las exigencias de la reflexión y de la práctica política (FONTANA, 2000, p. 66).

Há também que se considerar que Pedro Lozano era tradutor de livros italianos, o que permitiu que tomasse conhecimento dos debates do humanismo acerca da importância da *virtú* e da *fortuna*, como modo interpretativo das ações concretas dos homens, questão que, no entanto, era considerada passado para as historiografias francesa e espanhola. Além disso, em seus livros Lozano menciona quase todas as edições da *Historia Societatis Iesu*, principalmente a que havia sido escrita por José de Jouvancy, em 1710, o que nos leva a propor que este *modelo jesuítico italiano* de escrever uma história *geral e oficial* da Companhia de Jesus possa ter sido de igual relevância se comparado com os anteriores.

Quanto ao segundo *modelo* de história seguido pelo jesuíta, o espanhol, vale lembrar que foi iniciado por Cortés e Pizarro, e seguido por outros espanhóis responsáveis pelas expedições exploratórias, que, inicialmente, trazia relatos voltados à coleta de dados e informações territoriais como forma de apresentar os benefícios econômicos das colônias que estavam sendo conquistadas para a Coroa (ESTEVE BARBA, 1964, p. 8). São livros ou cartas-relatórios que carregam, por um lado, a

influência dos textos italianos sobre a chegada às *Índias*, e, portanto, um apreço pela narratividade própria de Marco Polo, apresentando, por isso, uma escrita de viés cavalheiresco, como a que era produzida a serviço da monarquia e da aristocracia nestes séculos, e, por outro, de uma escrita própria dos monastérios, voltada para os grandes feitos e as vidas exemplares (FONTANA, 2000, pp. 60-61).

Estes viajantes-cronistas do Novo Mundo atuavam como embaixadores, como missionários ou como exploradores, não se enquadrando na condição de escritores de profissão, assumindo a função de redatores e narradores do processo de conquista realizado pela Coroa espanhola. Estes narradores se somariam a uma série de *cronistas oficiais* que se encontravam em Castela, como Florián de Ocampo, Ambrosio de Morales, Juan Alfonso Guerra y Sandoval, Esteban de Garibay y Zamalloa e Antonio Herrera y Tordesillas, que, conforme Fontana, eram muito mais citados do que propriamente lidos. Já em Aragão, a preocupação com a manutenção da própria história, inserida em uma monarquia controlada a partir de Castela, aparece nas obras de Jeroni Pujades, tido como uma das figuras mais importantes da escrita da história espanhola. No mesmo período, surgia o livro do jesuíta Juan de Mariana, que acabou por mudar o panorama espanhol, se tornando uma obra de referência para os leitores espanhóis, tanto por seu valor científico, quanto por se distanciar dos *crônicones* e de obras de cunho mais literário, como o livro de Diego de Saavedra Fajardo (FONTANA, 2000, p. 75).

Estes livros acabaram servindo como base para os relatos das histórias que seriam produzidas na América, oferecendo, como no relato de Mariana, um viés de corrente humanista, ao qual se somaram recursos retóricos como aqueles empregados para o detalhamento, em longas citações, de cada uma das *maravilhas* do descobrimento de novas terras. Com o abandono da *fantasia da aventura* de Marco Polo e uma escrita que recordava as *histórias* de Heródoto, estes homens adotaram métodos que podem ser observados na diplomacia italiana, que requeriam um exame e uma observação atenta das tradições *estrangeiras* e, no caso da escrita religiosa, uma análise que auxiliasse na difusão da ideia da necessária conversão e civilização destes povos. De forma que, no século XVI, estes relatos têm como características uma narrativa feita em primeira pessoa, produzida por oficiais, soldados ou clérigos, que descreveram o seu próprio desempenho nas atividades para as quais foram destinados, fazendo com que a história da região se reduzisse a encontros e confrontos entre espanhóis e nativos. As divergências existentes entre estes relatos e

os debates acirrados que foram travados, em especial, sobre a humanidade dos nativos e a correção das ações dos espanhóis desde sua chegada à América, levaram o Conselho das Índias a criar o posto de *cronista mayor* da América, que deveria viver na Espanha e ser um funcionário integrado ao próprio Conselho (RABASA, 2009)⁶⁹. Dentre as razões para a criação deste cargo estava a de separar a escrita civil da escrita religiosa.

No entanto, paralelamente aos trabalhos produzidos pelos assim nomeados *cronistas oficiais das Índias* ou *cronistas mayores da América* – Juan López de Velasco, Antonio de Herrera, Gil González Dávila, entre outros –, foram sendo escritos os relatos de Hernán Cortés, Bernal Díaz del Castillo, assim como as crônicas voltadas à narrativa dos fatos que ocorreram durante as guerras entre Gonzalo Pizarro e Diego de Almagro ou as histórias particulares nas regiões do Peru, México, Rio da Prata, Córdoba de Tucumán e Paraguay. Na condição de *cronistas coloniais*, estes indivíduos exerciam o ofício, devido a sua ligação direta com a metrópole, quer fossem eles religiosos ou representantes do governo civil espanhol. Mas, caso fossem nomeados *cronistas oficiais*, passavam a ter um cargo vitalício, o que os impedia de desenvolverem outras funções.

Entre os cronistas coloniais que descreveram as regiões que abarcavam as províncias de Tucumán, Rio da Prata e Paraguay, se encontram Ulrico Schmidel, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, Martín del Barco Centenera, Ruy Díaz Guzmán. Estes autores, embora apresentassem relatos e visões distintas acerca dos acontecimentos relacionados à conquista e à fundação das cidades, foram utilizados por Pedro Lozano em seus livros. Dentre os cronistas religiosos, Lozano se valeu das obras de Pietro Martire de Anghiera, Gonzalo Fernández de Oviedo, Bartolomé de las Casas, Juan Ginés de Sepúlveda e Francisco López de Gómara, que, assim como os leigos, registraram suas primeiras impressões sobre as regiões em que atuaram e os indígenas.

⁶⁹ Dentre os debates sobre as consequências da conquista espanhola, destacamos o que envolveu Bartolomé de las Casas e Juan Ginés Sepúlveda e os debates filosóficos aristotélico-tomistas e humanistas ocorridos na Escola de Salamanca e no Colégio de Coimbra, protagonizados por jesuítas como Francisco de Vitória, Francisco Suárez, Diego Ruiz de Montoya, Manuel de Góis, Gil González Dávila, Sebastião de Couto, Francisco de Toledo, dentre outros e, em menor medida, Pedro de Fonseca. Estas discussões foram levadas ao conhecimento do Prepósito Geral da Companhia de Jesus, Francisco de Borja, e foram inseridos por Jerónimo Nadal no *Ratio Studiorum* como um dos temas relevantes para os novos jesuítas (PONCELA GONZÁLEZ, 2010; PONCELA GONZÁLEZ (ed.), 2015).

Vale também lembrar que na segunda metade do século XVII e início do século XVIII, a construção do textual dos territórios americanos começava a ser feita pelas Ordens religiosas, principalmente, pela Companhia de Jesus, que passaram a incorporar em suas obras os textos dos conquistadores e as fontes oficiais dos governos civis, referenciados de forma direta ou meramente mencionados em meio ao texto. De acordo com Jorge Lozano, estes primeiros autores se dividiram em três categorias distintas: a primeira seria a daqueles que tinham tido *acesso direto às informações* e tinham testemunhado os acontecimentos ou teriam sido os agentes causadores dos fatos; a segunda teria tido acesso às notícias *indiretas e não mediadas*, que poderiam ser narrativas daqueles que escreviam da Espanha sobre os acontecimentos na América, transcrevendo os relatos que vinham do continente, ou aqueles que viviam no território, presenciaram ou souberam dos eventos e se dedicaram a descrever o acontecido posteriormente; e, a terceira e última, seriam aqueles que tinham tido acesso a notícias *indiretas e mediadas*, caracterizadas por uma escrita feita a partir da Espanha e com um distanciamento temporal consideravelmente posterior às situações narradas e que estavam baseadas apenas em documentos (LOZANO, 1987, pp. 37-38).

A influência exercida por esses relatos produzidos por estes viajantes-cronistas na escrita jesuítica pode ser observada quando lemos os livros de José de Acosta *De Natvra Novi Orbis Libri Dvo. et De Promvlgatione Evangelii, apvd Barbaros, sive De Procvranda Indorvm Salvte Livri Sex* (1589) e *Historia Natvral y Moral de las Indias en qve se tratan las cosas notables del cielo, y elementos, metales, plantas, y animales dellas: y los ritos, y ceremonias, leyes, y gouiernos, y guerras de los Indios* (1590). Apesar de não estarem claramente expostas, encontramos nestas obras evidências de que havia uma circulação do conhecimento que estava sendo produzido acerca do Novo Mundo. Desde o século XVII, as obras de Acosta orientaram a escrita jesuítica, especialmente, a composição de uma História da Companhia na Província Jesuítica do Paraguay (LEDEZMA; MILLONES FIGUEROA, 2005, p. 10). Na *História Natvral*, o jesuíta se deteve nas regiões do Peru, México e do Paraguay (ainda integrando a Província do Peru), descrevendo as terras, a fauna, a flora e os habitantes (JUSTO, 2012, p. 44), orientado pela percepção de que “el encuentro con una flora y fauna novedosa, y la necesidad [...] de entender la historia y costumbres de los habitantes de las misiones, [eram] un estímulo intelectual que enriquecía su misión apostólica” (LEDEZMA; MILLONES FIGUEROA, 2005, p. 10). Acosta pode ser percebido como

um dos intérpretes privilegiados da natureza americana, ao se interessar em “ordenar, explicar, modelar y narrar la novedad del mundo natural americano” (LEDEZMA; MILLONES FIGUEROA, 2005, p. 9). Mas também a moral interessou ao jesuíta que, em *De Procvranda*, propôs um código de ética colonial e as bases para o tratamento que os missionários deveriam dar aos indígenas.

Essa preocupação com aspectos morais e naturais afetos à conquista e à colonização da América também pode ser observada no século XVIII, quando os estudos a respeito da formação de uma identidade espanhola – para representar a Coroa e a sua expansão territorial – passaram a se centrar nas obras produzidas por membros da Real Academia Espanhola⁷⁰, influenciados pelo momento político e pelos avanços historiográficos, sobretudo, no que se referia ao uso das fontes. Como defendido, em 1713, pelo seu fundador e diretor Juan Manuel Fernández Pacheco y Zúñiga, marquês de Villena, a Academia tinha como função primordial a preservação da imagem de *heroísmo, honra e liberdade*, através da manutenção, conservação e proteção dos documentos, textos históricos, administrando, deste modo, a inteligibilidade do passado e as suas justificações políticas para algumas decisões. O que, em outras palavras, significaria um controle sobre as concepções históricas daqueles que estavam escrevendo, como forma de definir a memória espanhola em relação à Reconquista (722 e 1492) e a chegada de Colombo ao continente americano (1492), tendo em vista a formação de uma identidade e a difusão da imagem de uma civilização católica fundamentada na moral e na justiça (MORALES MOYA, 1996, p. 26).

Esta reorientação em relação à escrita da história da conquista espanhola ou de seus representantes teve como consequência, nas palavras de Torales Pacheco, uma atitude crítica em relação à narrativa produzida por Acosta, que apresenta uma visão religiosa sobre o processo da conquista, e a defesa de registros que resultassem

⁷⁰ Como salienta o próprio site da Real Academia, a instituição teve como seu principal modelo a Academia Francesa, fundada pelo cardeal Richelieu (1635), se caracterizando, desde a sua fundação (1713) até o ano de 1750, pelos estatutos que defendiam a elaboração de um dicionário de língua castelhana (*Diccionario de autoridades*, 1726 e 1739) e normas que regulamentassem a escrita da história espanhola. Para tanto, a Academia contava com 24 membros, sendo que nomearemos, aqui, apenas aqueles que foram responsáveis pela iniciativa de sua fundação: Juan Manuel Fernández Pacheco y Zúñiga (marquês de Villena), García de Montoya, Antonio Dongo Barnuevo, Pascual de Azpeitia y Orozco, Juan de Ferreras y García, Pedro Serrano Varona, José Antonio Abreu y Bertodano (marquês de la Regalía), Jacinto de Mendoza, Gabriel Álvarez de Toledo, Alonso Rodríguez Castañón, Francisco Antonio de Angulo, Juan Isidro Fajardo y Monroy, Francisco Pizarro (marquês de San Juan), Pedro González. Ver mais em: <http://www.rae.es/la-institucion/historia/origenes>. Acesso em 23 de setembro de 2018.

da observação do espaço e da natureza americana feita por aqueles que missionavam na região (TORALES PACHECO, 2005, pp. 205-206). Criando-se, desta forma, uma narrativa que “permite vincular estrechamente las posiciones y las relaciones sociales con la manera en que los individuos y los grupos se perciben y perciben a los demás” (CHARTIER, 2007, p. 70), isto porque:

El interés de la Compañía de Jesús por la indagación del saber natural y moral del Nuevo Mundo, y de otras regiones no europeas, sentaba las bases de una visión ecuménica del conocimiento e insertaba una particular vocación que no desdeñaba adaptarse y aprender de nuevos escenarios (LEDEZMA; MILLONES FIGUEROA, 2005, p. 12).

À medida que avançava o processo de exploração e ocupação territorial no século XVII, se intensifica a descrição tanto dos sucessos das Ordens religiosas, quanto dos feitos militares, inseridos na conquista civil e religiosa, como podemos observar também no século XVIII nas obras de Pedro Lozano, *Descripción chorographica e Historia de la Conquista*, nas quais os dois temas são tratados conjuntamente.

Muitos dos cronistas *paraguayenses* (aqueles que escreveram sobre a Província Jesuítica do Paraguay, por terem nela vivido ou missionado) adotaram a descrição geográfica e etnográfica de Acosta para detalhar as características gerais das províncias nas quais se encontravam atuando, dando uma especial atenção à fauna e à flora destas regiões (JUSTO, 2011, p. 162). Embora se perceba nestas crônicas certa reverência em relação às experiências de outros missionários que haviam estado na região ou que haviam ouvido falar sobre a ela, constata-se, também, a preocupação de, à semelhança de um *Heródoto* ou *Marco Polo*, responder aos questionamentos que iam se impondo à medida que conheciam a região e os seus habitantes. Em relação a estas narrativas de viagem, Ledezma e Millones Figueroa ressaltam que:

De esta manera los relatos sobre América, escritos tanto por laicos como por religiosos, buscaban realizar un seguimiento de los progresos de los descubrimientos: describir el país que recorrían, el carácter y las costumbres de los habitantes que encontraban, relatar los contactos tanto los de paz como los de guerra y describir los productos de la tierra en sus cualidades, tanto para brindar el conocimiento y las explicaciones, como por las razones económicas

que permitían plantear el aprovechamiento del Nuevo Mundo (LEDEZMA; MILLONES FIGUEROA, 2005, p. 71).

Um dos primeiros padres da Companhia de Jesus a missionar na Província Jesuítica do Paraguai que se utilizou do modelo de escrita de Acosta foi Antonio Ruiz de Montoya⁷¹, acrescentando a ele algumas tendências da literatura barroca, como o *conceptismo*⁷², ou a de caráter especulativo e reflexivo⁷³. Ao mesmo tempo, o livro de Montoya foi influenciado pelo chamado *siglo de la decadencia*, que se traduziu na falta de um padrão específico que ordenasse as narrativas históricas para descrever a realidade presente ou representar o passado vivenciado ou glorioso. Conforme Darnton:

Este tipo de narrativa move-se do geral para o particular. Coloca primeiro o artigo indefinido e ajuda o leitor a atingir seu rumo aos poucos. Mas sempre o mantém à distância, porque se presume que ele entre na história, como alguém de fora e que está lendo para se instruir, para se divertir ou por algum propósito moral elevado (DARNTON, 1992, p. 228).

Conformava-se, assim, um discurso que partia do princípio retórico de que o leitor pouco ou nada sabia em relação ao que estava sendo descrito ou retratado e, conseqüentemente, necessitava ser conduzido e orientado através de observações introdutórias e detalhadas exposições relativas ao espaço narrado. No entanto, como ressalta Torales Pacheco, “en numerosas biografías poco a poco dejó a un lado los sucesos extraordinarios y los barroquismos, para centrar su relato en las virtudes humanas de los miembros de la Compañía de Jesús” (TORALES PACHECO, 2005, p. 205). Estas *Crônicas* e *Histórias* passaram, então, a ser iniciadas com informações

⁷¹ Isto pode ser observado na sua forma de utilizar os relatos dos conquistadores e como se referia ao seu próprio testemunho e aos relatos leigos, apesar de não referir suas fontes e mencionar apenas os Cânones e a Patrística.

⁷² O *Conceptismo* foi uma tendência da literatura barroca, no século XVII. Tinha como suas principais características o jogo de palavras e conceitos, através do uso do raciocínio lógico, racionalista e a utilização de uma retórica elaborada. Para tanto, os autores, místicos e devotos, que se utilizaram deste estilo de escrita recorriam a um conjunto de artifícios estilísticos com metáforas, comparações, hipérboles, sinédoques, que conduziriam o leitor a acompanhar a conceitualidade que obscureceria o seu conteúdo (FILLLOL, 1865, pp. 398-401; SISMONDI, 1842, pp. 392-393).

⁷³ Neste tipo de literatura se travam questões referentes aos interesses da evangelização em solo americano e como alguns missionários descreveram as questões que envolviam o tratamento que era dado aos indígenas, ao trabalho do negro escravizado, a afluência do ouro, a destruição das Índias Ocidentais, dentre outros. O autor que se destaca, por ter sido um dos primeiros a abordar estas questões foi Bartolomé de Las Casas, que acabou inspirando os debates dos jesuítas em Coimbra, Salamanca e Roma (ROARO, 2014).

sobre a cultura dos povos visitados, detalhes em relação à fauna e à flora das regiões missionadas e à história dos indígenas, anterior e posterior à chegada dos missionários (LEDEZMA; MILLONES FIGUEROA, 2005, p. 13), constituindo, assim, uma *proto-história* regional que teve uma divulgação mais ampla no século XVIII. Nestas descrições transparecem alguns dos critérios que foram adotados para atender às exigências de que houvesse uma reflexão acerca das práticas que desencadearam os acontecimentos e que, conseqüentemente, se revelam nos relatos.

Reatualizando os métodos clássicos, não só os jesuítas, mas também os conquistadores e fundadores das cidades espanholas, exerceram influência na escrita da história, sobretudo na segunda metade do século XVII e início do XVIII, quando a erudição crítica começava a se difundir no campo da História, sobretudo, entre os grandes eruditos monásticos espanhóis, que, no século XVIII, se valiam dos mesmos métodos de reivindicação da verdade histórica, adotados, anteriormente, pelos bolandistas (FONTANA, 2000, p. 77). Isto decorria, segundo Morales Moya, da heterogeneidade da escrita histórica espanhola, que, embora ainda aceitasse as fraudes e as fantasias (do século XVII), demonstrava a preocupação em inserir as novas orientações científicas e métodos trazidas por autores vinculados às políticas reformistas de Juan José de Áustria. Ainda com relação a este argumento que foi levantado, é plausível supor que os

nuevos métodos tienen especial aplicación al campo de la medicina, más afectan también a los saberes biológicos y químicos relacionados con ella, llegando incluso al ámbito de las disciplinas matemáticas, astronómicas y físicas. Esta “revolución científica” que tendrá su manifiesto en la *Carta filosófica* (1687), de Juan de Cabriada, propugna el acercamiento al continente, la libertad “en el discurrir” y la primacía de la experiencia y el experimento (MORALES MOYA, 1996, pp. 7-10).

Este momento favoreceu, portanto, o contato e a assimilação dos paralelismos cronológicos, que já estavam sendo tratados na França e em outros países da Europa, baseados no rigoroso método de análise e crítica das fontes iniciado por Jean Bolland e Jean Mabillon, padres jesuíta e beneditino, respectivamente, cujos trabalhos acabaram transparecendo no livro de Pedro Lozano. Tal constatação nos possibilita falar de outra escrita leiga que influenciou e transparece na historiografia produzida

pela Ordem, que é a francesa. Presente no livro de Nicolas del Techo – lido e referido por Pedro Lozano em suas obras –, esta influência se dá através do distanciamento entre a crônica e a história, que se tornaram dois gêneros distintos, sendo que os acontecimentos passaram a ser colocados dentro de um quadro cronológico (MOMIGLIANO, 2004, pp. 54-55).

Embora Del Techo não tenha trazido para a escrita da história jesuítica a contradição entre a *historiografia exemplar* e a *providencialista*, presente no livro de Jean Bodin, *Methodus ad facilem historiarum cognitionem* (1566), ele acabou seguindo o pensamento de Bodin, no que se refere às figuras do historiador e do historiógrafo⁷⁴ como responsável por organizar o caos apresentado por Clio, tornando-o coerente para que pudesse ser ordenado em livro. Nesta mesma linha de pensamento, Lancelot Voisin La Popelinière, na sua obra *L'histoire des histoires* (1599), propôs que os historiadores deveriam evitar informações relacionadas às lendas e aos milagres e não deveriam descrever apenas os fatos, mas explicá-los aos leitores, através do desenvolvimento de argumentos próprios sobre a documentação utilizada (sobre a qual tinham controle) e os fatos que vivenciaram na região descrita (CADIOU, 2007, p. 53). Como enfatizado por Joseph Fontana, estes dois autores – Bodin e La Popelinière – deram origem a uma visão de história perfeita e integral, onde “saber la historia no consiste en recordar los hechos y los acontecimientos humanos sino conocer los motivos y las verdaderas ocasiones de estos hechos y accidentes” (FONTANA, 2000, p. 74). A história, sob esta perspectiva, se manifestaria em três modalidades: a *natural* (estudo das causas que trabalham e transformam a natureza), a *sagrada* (voltada às manifestações divinas) e, por último, a *humana* (a história do homem dentro da sociedade). Poderia ser, ainda, acrescida a modalidade da *história humana, a teoria dos climas*, na medida em que

lo lleva a usar el conocimiento geográfico científico – basado en el sistema de medidas astronómicas de Ptolomeu – como criterio de verificación del discurso de los historiadores, ya que si localización determina la “naturaleza de los pueblos”, podremos extraer de este

⁷⁴ No século XV, na França, existiam os cargos de “autoridade do cronista”, que relatavam os acontecimentos contemporâneos, e o “historiador do rei”, responsável por reunir e procurar lendas e histórias que fossem relevantes para o reino. Na Bretanha e na Borgonha, surgiram, posteriormente, os “cronistas oficiais”, enquanto que o cargo de “historiógrafo” era confiado aos clérigos sem ligação direta com a corte (BOURDÉ; MARTIN, 1990, p. 34). Ainda existiam os “panegíricos”, responsáveis por compor o escrito de propaganda e de não terem grande preocupação com a exatidão dos fatos. No entanto, percebemos que, em alguns momentos, as diferenças entre cronista, historiador e historiógrafo inexistem e estes termos foram utilizados como sinônimos.

conocimiento la regla para juzgar si lo que han dicho los historiadores corresponde o no a la “naturaleza del pueblo del que hablan (FONTANA, 2000, pp. 74-75).

É preciso ainda considerar que na produção historiográfica francesa e italiana se

destacan dos tendencias generales, en primer lugar el rechazo al dogmatismo escolástico motivado por el descubrimiento de la relatividad de las cosas y de los sistemas políticos; en segundo plano buscaban arrancar a la Historia de la fábula, investigando y sometiendo a la crítica los vestigios dejados por el pasado para llegar a reconstruir los hechos de la forma más verídicamente posible (CARGNEL, 2015, p. 66).

Em decorrência da *racionalização lógico-matemática*, defendida pelo *cartesianismo*, e da cientificidade – como ideia de ordenação e perfeição – para a escrita da história, iniciada no século XVII com os estudos de René Descartes, a História leiga passou a ser vista como algo universal, que daria sentido moral à subjetividade humana e traria organização à sociedade através do seu estudo ao longo dos tempos. Nesta perspectiva, para que a história fosse *verídica*, ela deveria compreender os hábitos, os costumes, as relações sociais estabelecidas e, principalmente, a descrição do território ao qual se refere (LUHMAN, 2006). Temas que já apareciam nos relatos sobre a América do final do século XVI e início do XVII, visando atender a curiosidade dos leitores da Europa.

Essa substituição da filosofia teológica por uma filosofia racionalista deu um novo sentido à História e enfatizou as implicações que a Teologia havia trazido para as ações humanas ao longo dos séculos (DESCARTES, 1637). A história ainda seria *mestre da vida*, mas agora não mais para a salvação da alma, mas, sim, para a marcha em nome da liberdade e do progresso, em que apenas o homem seria responsável pelo seu futuro. Essa racionalização e moralização secular da História, vista como ciência, acarretou no surgimento das utopias, emancipações, crises, críticas e progressos que serviram para ordenar e profetizar o horizonte de expectativas da humanidade (KOSELLECK, 2006, p. 207).

Levando-se em conta esta organização e a *linearidade histórico-temporal* da escrita da história, o que se observa no texto de Del Techo é a substituição da narrativa testemunhal do autor por um relato fundamentado na documentação, como

proposto pela historiografia leiga francesa, o que implicou na perda da literalidade da *escrita de memória* ou *testemunhal* que caracterizava a escrita espanhola. A recomendação do uso da documentação acabava determinando a perda da fluidez do texto, no qual o autor dava à sua narrativa uma característica *fantástica*, como nas peças de teatro, nas poesias épicas ou poemas que buscavam ressaltar os feitos dos espanhóis na América, ou, ainda, nos abundantes episódios *novelescos*, que podem ser encontrados nas crônicas que descrevem as viagens e o conhecimento dos territórios das Índias Ocidentais. Na tradição espanhola do século XVII, a viagem, a exploração e o (re)conhecimento de um determinado lugar se confundem, em alguns momentos, com a jornada de autoconhecimento do autor, com sua percepção dos outros povos e da região na qual se encontrava. De modo que não existia uma preocupação com a averiguação de cada dado referenciado, através de um profundo estudo documental, com o propósito de comprovar o que estava sendo dito.

Em relação à distinção entre a história dos historiadores oficiais e a história dos eruditos:

Cada uno de estos lugares impone a la historia no sólo objetos propios, sino también modalidades de trabajo intelectual, formas de escritura, técnicas de prueba y de persuasión. Un buen ejemplo de ello es, entre los siglos XVI y XVIII, el contraste entre la historia de los historiadores de los príncipes y la historia de los eruditos anticuarios. *La primera, la de los historiadores oficiales*, está organizada con la forma de relato dinástico que narra la historia de los reyes y de la nación, identificados el uno con la otra, y moviliza las figuras de la retórica [...] (CHARTIER, 2007, pp. 29-30).

Essa mobilização das figuras retóricas servia para que aquilo que não foi representado pelo narrador em sua narrativa fosse simbolizado/formulado mentalmente pelo leitor, enquanto lia os fatos que estavam sendo narrados e lhe estavam sendo apresentados através das imagens traduzidas e articuladas pela escrita do texto. Sobre a história dos eruditos, Chartier esclarece que

procede por fragmentos, se apoya en investigaciones eruditas (documentales, arqueológicas, numismáticas, filosóficas) y se aboca a los usos y costumbres humanas. Si bien no debe forzarse la oposición, ya que, incluso en tiempo de Luis XIV, hay cruces entre historia del rey y erudición, ésta ha fundado, hasta hoy, la coexistencia o la competencia entre las historias generales, sean nacionales o universales, y los trabajos históricos dedicados al estudio de objetos

en concreto (un territorio, una institución, una sociedad), (CHARTIER, 2007, pp. 30-31).

Nas obras de Pedro Lozano, as diferenças entre historiógrafos e antiquários, apontadas por Chartier, acabam se manifestando em seus relatos, o que nos leva a ponderar se não estaria aí uma das razões para que Lozano se apresentasse como *cronista*, numa comparação direta com seus antecessores. Parece-nos que a premissa de que “um simples relato não poderia [mais] substituir a *história realizada*” (BOURDÉ; MARTIN, 1990, p. 61. *Grifo nosso*) foi adotada por Lozano, quando observamos que a utilização de certos documentos e livros acarretou em referências feitas a outras obras em seus livros⁷⁵. Há, também, uma busca por um trabalho sistemático, visando a uma crítica do documento, tanto através da comparação entre autores, para mostrar a variação cronológica de alguns fatos, quanto através dos equívocos cometidos em algumas obras a partir do uso de documentação sobre o tema.

No caso do jesuíta, a escrita da história leiga também foi utilizada como uma referência de *boa escrita*, em especial, em relação à vida cotidiana da população – caracterizada por seus encontros e conflitos com os nativos –, aos avanços e retrocessos da agricultura e do comércio, aos tributos que eram pagos à Coroa, etc. (MORALES MOYA, 1996, p. 29). Observa-se, no entanto, que, apesar de seguir o método de Del Techo e da historiografia leiga francesa, observável no uso das fontes documentais, Lozano não deixou de seguir também a tradição *espanhola*, ao manter o *relato exemplar* e o testemunho, como se pode observar também em Montoya e em Del Techo⁷⁶.

⁷⁵ As mudanças introduzidas na escrita da história leiga francesa por Jacques Bossuet, no *Discurso sobre a História Universal* (1681), e por Voltaire, na escrita de *História de Carlos XII* (1731), não serão aqui mencionadas, pois influenciaram mais diretamente a escrita de Pierre de Charlevoix do que propriamente a de Lozano. Se compararmos os livros de Lozano com a *Histoire du Paraguay* (1756), escrita por Charlevoix, perceberemos a diferença entre os efeitos da utilização do *modelo ítalo-espanhol* para a história do Paraguay e da escrita *francesa* no tratamento do mesmo tema.

⁷⁶ Os títulos dos livros utilizados por Montoya e Del Techo também dizem muito sobre as razões de seu emprego nas obras que escreveram. Enquanto Ruiz de Montoya se voltou para a literatura da conquista e da reconquista espanhola, Del Techo trouxe o estilo erudito, ao modelo de Tito Lívio, com uma sequência de menções e citações de autores clássicos na sua *Historiæ*. Esta presença e a variação entre os *modelos* e *inspirações historiográficas* confluíam nas vidas exemplares, sendo que ambos os jesuítas defendiam que a *virtus* (virtude) não era nada mais que “o resultado raro do esforço individual” (MOMIGLIANO, 2004, p. 170), alcançada através do exame contínuo de consciência e do ordenamento das afeições.

Neste período, deve-se considerar, ainda, a busca e a utilização de documentos tidos como *sinceros* e *verídicos* na prática historiográfica voltada às vidas exemplares, que eram defendidas na Itália durante a primeira metade do século XVIII. Nas obras de Pedro Lozano, pode-se cogitar que tenha havido também alguma influência direta ou indireta de Johann August Ernesti – *De fide historica recte aestimanda dispvatio* (1746) – em relação, sobretudo, às diferenças existentes entre o que era *racionalmente possível* – milagres relacionados às conversões ou que serviriam como uma introdução para descrever uma história edificante – e o que era *impossível* – as aparições divinas ou demoníacas nas *reducciones* (como ocorria nas narrativas dos séculos XVI e XVII) –, nas obras do historiador jesuíta.

É plausível supor que Lozano, devido ao contato que mantinha com seu irmão Pablo Lozano y Casella (Oficial Primeiro da Ordem Superior da Real Biblioteca de Su Majestad), recebesse notícias e livros que abordassem os debates e contemplassem as transformações na concepção e na escrita da história que estavam ocorrendo na Espanha. Discussões que mostravam “la crítica plenamente estabelecida [...] e intenta exponer las normas fundamentales que exige su uso, considerado como instrumento para alcanzar la verdad”, tratando da utilidade da história, das regras da crítica, do método de classificação das fontes literárias, da cronologia empregada, da descrição geográfica e da forma de descrever/fazer mapas históricos, do valor da tradição e do estilo de escrita que deveria ser utilizado por um escritor *sério* (MORALES MOYA, 1996, p. 35).

Esta escrita *ilustrada* tinha como característica a busca por uma desvinculação do espírito barroco e uma fé pelo progresso, um futuro de felicidade para todos e uma sociedade desenvolvida e próspera de indivíduos instruídos e educados. Para que isso fosse possível foram retomados antigos relatos e conteúdos já desprestigiados como base para o surgimento de novas práticas e cultivos nas áreas das matemáticas, ciências naturais, direito natural ou *das gentes* e a economia política, enquanto que a filosofia escolástica era vista como uma ciência que fomentaria os métodos experimentais e acentuaria a função sociopolítica do conhecimento necessário aos cidadãos. A história passava, então, a ser vista como uma das ciências tidas como fundamentais para este futuro de glórias, na medida em que examinava os problemas do momento através da pesquisa sobre suas origens em tempos remotos e questionava quais os motivos para que não tivessem sido resolvidos.

Em relação à escrita *paraguayense* e aos livros de Lozano, em particular, esta tentativa de elaborar uma interpretação histórica da civilização daquele território específico ou, quem sabe, uma explanação documentada da história da Ordem Jesuítica, se manifesta na utilização de relatos de séculos XVI e XVII nos textos de introdução de suas obras, que trazem, principalmente, uma riqueza de detalhes acerca do estabelecimento e fundação de cidades e da composição dos governos para organizar estes territórios ocupados e expandidos. Tais preocupações se tornam ainda mais evidentes nos livros que o jesuíta escreveu após a fundação da Real Academia Espanhola (1713), que defendia um “modelo de unión formal entre el estado y la cultura”, promovendo no território metropolitano espanhol, atividades e reuniões para conversas relativas às práticas historiográficas “como fruto de un planteamiento y de un impulso colectivo” (MORALES MOYA, 1996, pp. 15-16).

Mas, toda essa tentativa de racionalização da história, mediante o uso da documentação para comprovação, não impedia a presença de relatos sobre virtudes e condutas exemplares na narrativa histórica, em sintonia, ainda, com a concepção da história como guia e mestre da vida. Pedro Lozano manteve os relatos de *heroicidade* vinculados à hagiografia, não na primeira pessoa como se observa em Ruiz de Montoya, mas sustentando a saga do *herói* das narrativas biográficas e das crônicas da conquista do mundo espanhol, estendendo, desta forma, a visão sobre os feitos, que antes estavam associados apenas aos membros formadores dos quadros da Companhia e cujos trabalhos eram voltados à evangelização de índios, para os militares espanhóis. Esta característica pode também ser observada na historiografia leiga, como a espanhola e a francesa, que mantêm a ideia clássica de *historia exemplar* (ligada à biografia), que visava formar um homem culto, moderno e religioso (mas não necessariamente um exemplo de santidade), que valorizava os modelos de homens (políticos e militares) considerados dignos de imitação e que deveriam ser seguidos. Entendemos que isto também possa ser visto como uma continuidade na escrita da história da conquista espanhola, demonstrando uma união entre a Coroa espanhola e a Igreja, como, também, o destaque dado ao empenho dos jesuítas no projeto de conquista e evangelização na América platina, que virá a se constituir em um dos pontos principais do relato histórico (ESTEVE BARBA, 1964, p. 74).

Outro aspecto que merece ser considerado diz respeito às transformações vivenciadas pela Companhia de Jesus e a heterogeneidade de seus quadros ao longo do século XVII e do XVIII, que interferiram, sem dúvida, na forma como estes *métodos*

historiográficos foram observados e aplicados por cada jesuíta que escreveu uma *História* da Ordem. Como bem apontado por Certeau, “la acción y la expresión jesuita, en sus orientaciones, privilegian *un lenguaje para el outro* (pedagogia, teatro, ‘misión popular’, etc.) o el lenguaje objetivo de la erudición y la ciencia” (DE CERTEAU, 2007, p. 178), ou seja, foram as perseguições e as acusações sofridas pela Companhia de Jesus que geraram a identidade histórico-arquivística e deram sentido à escrita jesuítica. Isto nos faz acreditar que o discurso jesuítico pode ter se (re)construído conforme os modelos narrativos, as delimitações temporais e intelectuais inerentes a cada situação e lugar de escrita, embora a ordem de exposição em que os temas deveriam ser apresentados não tivesse apresentado variações.

Maria Elena Imolesi afirma que o que os cronistas da Companhia “insisten en llamar la ‘verdad’ histórica es lo que otorga el carácter más contradictorio y por eso mismo más rico de la obra de estos historiadores jesuitas, ya que el uso de las fuentes y la interpretación que hacen de ellas está al servicio de una actitud militante” (IMOLESI, 2014, p. 42). O que nos leva a considerar que os objetivos que a Ordem Jesuítica visava alcançar através da escrita – e da revisão da sua própria história, no caso do século XVIII –, estivessem vinculados à sua defesa, propaganda ou, então, à sua celebração. É preciso ressaltar que, mais do que a apologia aos trabalhos da Companhia e de refletir as conjunturas do momento em que estava sendo produzida, esta escrita da história da Companhia de Jesus foi “concebida, y lo será por mucho tiempo y sobre todo en ámbitos eclesiásticos, como una actividad retórica”, cujo objetivo era o de educar moralmente e, portanto, levar ao leitor a “percepción institucional es la de una crisis de impulso vital o de sentido, el relato oficial deberá aumentar su fuerza moralizante” (MORALES, 2011, p. 45).

Pode-se aventar que nas obras de Pedro Lozano esta tentativa de sustentar o relato testemunhal, uma característica importante da escrita jesuítica, pode ter decorrido da leitura que o jesuíta fez dos estudos de Giambattista Vico, sobretudo, da obra *Principj di Scienza Nuova* (1744), que representa a reação contra as correntes voltadas ao racionalismo cartesiano e a sua difusão irrestrita durante o século XVIII. Vico focava as suas pesquisas e análises na revisão de textos antigos, tomando-os como bases de estudo de uma memória antiga, com o objetivo de revelar o pensamento e a cultura de quem a escrevia ou de quem era escrito. Em seus livros, percebe-se um distanciamento da tradição cristã e a tentativa de conformação da história como uma disciplina com fins próprios, através do emprego de métodos

críticos da escrita da história eclesiástica para o exame de temas civis, o que pode ser observado nos *Annali d'Italia* (1750), de Antonio Ludovico Muratori (FLORESCANO, 2012, pp. 71-73).

O conhecimento direto ou indireto destes textos por Lozano, principalmente os de Vico, que estavam sendo escritos na Itália, entre 1740 e 1750, poderia explicar seu interesse nos textos redigidos por aqueles que não eram professores, que ofereciam uma visão *menos erudita e mais missionária* da Companhia do que aquela que estava presente nas Crônicas e Cartas Anuais. Explicaria, ainda, seu interesse em poemas relativos à conquista, como *La Argentina, poema epico descubrimiento del Rio de la Plata* (1601), de Barco Centenera, que se transformou em fonte para a compreensão e instrução em relação ao passado.

Não deve-se desconsiderar, ainda, que estas modificações ocorridas na prática de escrita da Companhia se mantiveram atentas à preocupação com aquele que fosse ler ou ouvir os relatos, à luz do que constava nos manuais de Retórica e tratados gramaticais da Antiguidade Clássica⁷⁷. Sobre esta questão, Cargnel observa que:

Así, los principales escritores fueron historiadores de oficio o teólogos que utilizaban una pompa teatral al describir los hechos de los españoles. En este sentido durante el siglo XVIII cada autor ponderaba la región donde se desempeñaba; sin embargo se mantenía presente la necesidad de mostrar las nuevas regiones americanas a una Europa que la desconocía. Por esto se mantenía la necesidad de presentar la geografía de las tierras descubiertas, la descripción de las costumbres de las comunidades indígenas y la exposición de la fauna y la flora así como la naturaleza de las Indias, ya que estos libros hablaban de tierras desconocidas donde había animales y plantas ignorados por los antiguos y donde vivían gentes con lenguas, costumbres y culturas diferentes (CARGNEL, 2015, p. 70).

Quer fosse uma leitura individual ou pública, a “‘interpretação’ vocal e gestual” (MARIN, 2009, p. 132) deveria expressar o gênero literário ao qual pertencia o texto lido, contribuindo para decifrar quais eram as intenções e os sentidos utilizados pelo autor no momento da escrita. Em relação a esse propósito, Cavallo e Chartier ressaltam que:

⁷⁷ Modelo de leitura formulado por Dionísio Trácio, seguindo os exemplos dados pelos sofistas e por Aristóteles para a prática e o gestual que envolve a leitura (CAVALLO; CHARTIER, 1998, pp. 16-20).

Essa concepção artística da leitura derivava, de fato, da arte oratória, por sua vez ligado à práxis teatral. Nasce daqui a procura, por parte dos antigos, de uma metodologia hermenêutica capaz de decifrar os indícios oferecidos pelo próprio texto, observá-los, com o objetivo de conseguir uma leitura correta (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 16).

A preocupação com uma leitura e interpretação adequadas produzia uma escrita voltada à instrução do *outro*, cujo objetivo era possibilitar que os leitores fizessem uma decodificação do conteúdo de forma ordenada e seguida por uma profunda reflexão sobre o texto. Vale lembrar que, mesmo que os filósofos das Luzes e, posteriormente, os ilustrados⁷⁸ tenham se esforçado “por volver racional la Historia, abierta a las ideas de civilización y progreso” (LE GOFF, 1982, p. 85), a revolução científica operada no Setecentos não conseguiu substituir tão prontamente a concepção de história como mestre e exemplo da vida pelo discurso narrativo que estas obras apresentavam.

É importante pensarmos que o tempo de história leiga não é o mesmo do da história jesuítica, pois enquanto uma passou por transformações decorrentes da discussão em torno da necessária análise de fontes e das inúmeras tentativas de distanciar a *história humana* da *religiosa*, como forma de racionalizar uma disciplina que começava a ter seus próprios fundamentos, na Companhia de Jesus, a prática historiográfica ainda era vista como uma ferramenta narrativa para a edificação e manutenção da linearidade, coerência e ininterrupção histórica da própria Ordem. De tal modo que as diferenças que encontramos entre as narrativas de Nicolas del Techo e as de Pedro Lozano, separadas por mais de sessenta anos, parecem resultar muito mais das diferentes leituras por eles realizadas e das mudanças de percepção em relação ao território e aos indígenas devido aos fracassos ou êxitos da evangelização, do que de influências externas à Companhia e das discussões que estavam sendo feitas em outras instituições (leigas ou religiosas) e por outros cronistas e historiadores.

As obras produzidas por membros da Companhia de Jesus trazem um discurso padronizado, estruturado para atender aos interesses institucionais da Ordem e que,

⁷⁸ A distinção resulta da constatação de que existiram duas gerações de pensadores franceses, ingleses e ibéricos, que foram influenciados direta ou indiretamente pelas discussões que ocorriam na Inglaterra e na França. A primeira foi formada por aqueles filósofos ou pensadores que escreveram até 1750, e, a segunda, foi constituída por aqueles que cresceram e se tornaram escritores em torno dos anos de 1750 (LE GOFF, 1982).

mesmo que permanentemente reescrito e revisitado, tem como objetivo assegurar a proteção da identidade da Companhia enquanto Ordem religiosa. Este aspecto nos leva a refletir sobre as iniciativas de reordenamento do passado:

cuando los autores de estas recuperaciones [*ou reescritas de uma mesma história ou preservação de uma memória coletiva*] manifestaron su propósito de relatar hechos verdaderos, no perdieron tempo en demostrar la autenticidade de sus fuentes. Sin embargo, a menudo sus relatos fueron capaces de abolir una tradición e imponer una nueva versión del pasado [...] apoyándose en toda suerte de hechos verídicos, aduciendo testimonios espurios, recuperando tradiciones reprimidas y omitiendo hechos importantes (FLORESCANO, 2012, p. 98. *Grifo nosso*).

Ao final deste capítulo, esperamos ter conseguido reconstituir aspectos da formação de Lozano e de sua atuação como professo da Companhia de Jesus, ressaltando, entre outros aspectos, as práticas de escrita e de leitura próprias da Companhia e as influências que a escrita jesuítica recebeu da historiografia leiga e da produção de membros da própria Ordem. Para tanto, discorreremos sobre as mudanças que a escrita da história europeia (espanhola, francesa e italiana, esta última em menor medida) sofreu ao longo dos séculos XVI e XVIII, na tentativa de compreendermos o influxo que as mesmas tiveram nos livros produzidos por membros da Companhia de Jesus, em especial, nos livros de Lozano e nos jesuítas por ele referidos.

A inserção de Lozano no grupo dos cronistas e historiadores da Província⁷⁹ e o diálogo que ele manteve com outros membros da Companhia de Jesus e com autores leigos serão contemplados nos capítulos que compõe a segunda parte da tese. Nele, trataremos das evidências de intertextualidade, através da identificação e análise das citações diretas e indiretas (extraídas de outros autores ou de suas próprias obras) presentes em seus livros e, ainda, a ação da censura (realizada no âmbito da Ordem Jesuítica) que acabará interferindo tanto no processo de escrita, quanto de circulação desses textos.

⁷⁹ Entendemos que Pedro Lozano pode ter sido o primeiro e único *Historiographus provinciae*, uma vez que os demais jesuítas que escreveram no século XVIII tiveram seus livros impressos somente após a expulsão das colônias ibéricas e dos próprios reinos de Portugal (1759) e Espanha (1767) ou, então, depois da supressão da Companhia de Jesus (1773).

Capítulo 4

Celebró Tácito por felicidad del reinado de Trajano que á cada uno le era lícito sentir lo que gustaba y decir lo que sentía; mas esta felicidad ni es de todos tiempos, cuando el Príncipe de los políticos la celebra por rara, ni en todos tiempos es conveniente. Conque atemperándome á este dictamen, habré de decir lo que bastare á hacer patente la verdad, ocultando muchas cosas, que no siendo tan necesarias podrían más ofender (LOZANO, 1905, p.1).

4 Normatização e erudição na prática historiográfica de Lozano

De acordo com Furlong, entre as décadas de 1720 e 1750, Pedro Lozano escreveu cerca de 36 documentos, entre Cartas Ânuas e cartas endereçadas para outros jesuítas, livros autorais e traduções (FURLONG, 1959, pp. 33-144), o que aponta, dada a extensão dos seus trabalhos, para uma atividade intelectual constante durante estes 30 anos. A sua produção se caracterizou tanto por sua dimensão, quanto por algumas mudanças perceptíveis em sua narrativa, que oscilou entre um relato *mais solto* para as regiões do Chaco e Tucumán e uma descrição mais *presa* a textos produzidos por membros da Companhia de Jesus e de outras Ordens religiosas, bem como de autores leigos, como vimos no capítulo anterior. Concomitantemente ao seu trabalho como secretário e consultor do Provincial e historiador, Lozano recebeu a indicação para ocupar cargos de reitor do Colégio de Montserrat e de representante da Província do Paraguai junto à Real Audiência de Charcas⁸⁰.

Em sua atuação como historiador, Pedro Lozano recorreu às mais diversas fontes com a disposição de municiar seus trabalhos com novas informações,

⁸⁰ Conforme Mauro Luis Pelozatto Reilly, a Real Audiência de Charcas foi uma instituição cuja finalidade era a de estabelecer regulamentações do governo sobre as novas possessões. Com isso, acabou se consolidando como o “más alto tribunal judicial en las Indias”, por apresentar uma jurisdição que abarcava os setores civil, criminal e eclesiástico como modo de analisar os problemas que eram apresentados aos membros de cada uma dessas seções (PELOZATTO REILLY, 2018, pp. 1-2). Quando foram iniciadas às discussões relativas ao Tratado de Limites ou Tratado de Madrid (1750), como já exposto no terceiro capítulo, o Provincial José Isidoro de Barreda considerou que se fazia necessário o envio de um representante da Companhia de Jesus para fazer a defesa verbal do que já havia sido exposto textualmente. Desta forma, foi atribuída esta incumbência a Pedro Lozano, pelos seus conhecimentos arquivísticos sobre o território e as *reducciones* que haviam sido fundadas nas áreas que seriam revistas no tratado (FURLONG, 1930, p. 262).

recuperou antigos documentos que poderiam se perder nos arquivos dos colégios jesuíticos, e pôde contar com a colaboração de Antonio Machoni e José de Guevara, e, quem sabe, também de José Cardiel, para a escrita de seus livros. O jesuíta se empenhou, ainda em legar uma história oficial da Província Jesuítica do Paraguai, de forma que esta, finalmente, apresentasse a relação existente entre todas as governações civis que a integravam.

Após essas considerações iniciais, ressaltamos que o presente capítulo tem como objetivo dar prosseguimento à análise da prática de escrita da história nas obras de Pedro Lozano, já iniciada no segundo capítulo, retomando algumas questões relacionadas ao arquitepo jesuítico, para destacar e aprofundar conceitos que circundam o intertexto e o intratexto que observamos estarem presentes nos livros deste jesuíta. Para tanto, buscamos examinar a estrutura que este jesuíta observou em seus textos e os temas que os constituíram. No caso do discurso narrativo de Lozano⁸¹, tema que norteará não só este capítulo como os demais que constituem esta segunda parte da tese, pensamos na sua aplicabilidade linguística e histórica nos debates relativos à historiografia jesuítica e na circulação dos manuscritos nas mãos de censores e editores, apresentando como este processo transparece através das licenças, das aprovações, das taxas etc., nas obras impressas.

Por último, tentamos levantar algumas hipóteses sobre as relações de colaboração mantidas por Lozano com outros membros da Ordem Jesuítica durante o processo de escrita de seus textos, os quais podiam exercer tanto a função de informantes, quanto de compiladores ou copistas. Este mesmo procedimento será utilizado para refletirmos sobre as possíveis razões da ausência de alguns nomes relevantes da historiografia da Companhia de Jesus nas menções que Lozano faz aos seus companheiros de Ordem.

⁸¹ Conceito apropriado de Gerard Genette (GENETTE, 1995). Para Eni Orlandi, “A noção de discurso, em sua definição, distancia-se do modo como o esquema elementar da comunicação dispõe seus elementos, definindo o que é mensagem. Como sabemos esse esquema elementar se constitui de: emissor, receptor, código, referente e mensagem (informação) ao receptor, mensagem essa formulada em um código referindo a algum elemento da realidade – o referente” (ORLANDI, 1999, pp. 20-21). Entretanto, como ressalta a autora, essa explicação “não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. [...]. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é o efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 1999, p. 21).

Para tratarmos deste assunto, consideramos os seguintes temas, observando sua ordem de exposição: *Fundações de colégios e casas, exceto se até o momento estivessem enviadas* [para a aprovação das autoridades civis e eclesiásticas], *com o nome dos fundadores, seus progressos e seu crescimento; Aprovações e consensos nas cidades sobre o recebimento dos nossos; Insignes bem feitores e favorecedores* [aos trabalhos da Ordem de Santo Ignacio]; *Eventos prósperos e adversos à Companhia de Jesus; Insignes mudanças de ânimos: conversões dos hereges e dos infiéis; Algumas virtudes e ações especiais daqueles que morreram dentro da Companhia: santidade em vida, morte preclara, listando os nomes e as circunstâncias; e, Insignes e extraordinárias vocações dos nossos* (ALCANTARA BOJORGE, 2009, pp. 68-69. *Grifo nosso*).

Estes conteúdos abarcam a descrição geográfica (terreno, rios, fauna e flora) e etnográfica (os indígenas que habitavam o *cenário* descrito e que eram retratados como parte da natureza), os nomes dos espanhóis (que chefiaram as expedições para os territórios que, posteriormente a sua chegada, abrangiam as denominadas Províncias do Rio da Prata, Paraguay e Tucumán; e, aqueles que fundaram e/ou governaram as cidades coloniais espanholas) e os dos membros das ordens religiosas, sobretudo, os que pertenceram à Companhia de Jesus, que tentaram e/ou conseguiram evangelizar as populações nativas até aproximadamente o ano de 1745. Esta forma de exposição não deixava de ser uma maneira de possuir e dominar o território, mesmo que isto se desse apenas retoricamente em um texto.

Conforme Norbert Elias, estas estruturações textuais, como as que foram observadas por Lozano, permitiram a formação de agrupamentos extracientíficos que acabariam dando ao escritor a identidade necessária para que o mesmo se apresentasse na condição de autor e detentor de autoridade sobre um determinado assunto perante a sociedade da qual fazia parte. Isto se deve à escolha prévia dos temas, a como os mesmos foram e são trazidos à luz pelas fontes históricas, e à maneira com a qual quem escreve se relaciona com elas (ELIAS, 1996). Na percepção de Orlandi, a mediação é feita e se constitui através do discurso que a sociedade formula e como ele é utilizado, o que acaba tornando “possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive” (ORLANDI, 1999, p. 15). Na prática, os signos (o idioma em que se escreve o texto) juntos com seus significados (o conjunto de palavras que formam as frases e toda a sequência que compõe um texto), ao encontrarem os seus

significantes (os leitores falantes ou conhecedores daquela linguagem), reconstruem a acepção pensada por quem escreveu. Assim, como bem observado por Del Valle, “quien escribe parece darse cuenta de que su relato tiene la capacidad de transmitir a sus lectores la fuerza de lo representado” (DEL VALLE, 2009, p. 261). De modo que:

Se, ao dizer, nos significamos e significamos o próprio mundo, ao mesmo tempo, a realidade se constitui nos sentidos que, enquanto sujeitos, praticamos. É considerada dessa maneira que a linguagem é uma prática; não no sentido de efetuar atos, mas porque pratica sentidos, intervém no real. Essa é a maneira mais forte de compreender a práxis simbólica. O sentido é história. Assim, podemos compreender também que as palavras não estão ligadas às coisas diretamente, nem são o reflexo de uma evidencia. [...]. Ou, em outras palavras, reúne sujeito e sentido. Desse modo o sujeito se constitui e o mundo se significa (ORLANDI, 1999, pp. 95-96).

Para que isto seja possível, o arquiteito e o método que orienta a escrita de um determinado texto precedem a história que será contada, como também a construção do objeto, ou seja, os fatos e suas consequências acabam sendo definidos por aquilo que a organização textual previamente definiu como a *intriga* que deveria dar forma à narrativa que deveria ser *fabricada* atendendo às expectativas do público leitor e dos pares de quem está escrevendo (ELIAS, 1996, p. 17). Mas isto não impede uma imprevisibilidade na relação estabelecida entre o leitor e aquele que escreve no que concerne à atribuição de sentidos e à variação de interpretações que podem existir entre o momento de leitura do texto e o de compreensão/reflexão da(s) ideia(s) que foram nele dispostas. Por isso, existe a preocupação do autor em dialogar com o grupo de pessoas que presumidamente terá acesso ao seu texto, o que faz com que existam mecanismos de controle e, conseqüentemente, da visão que o perpassa. Isto porque:

há modos de se interpretar, não é todo mundo que pode interpretar de acordo com sua vontade, há especialistas, há um corpo social a quem se delegam poderes de interpretar (logo de “atribuir” sentidos). [...] Os sentidos estão sempre “administrados”, não estão soltos. Diante de qualquer fato, de qualquer objeto simbólico somos instados a interpretar, havendo uma injunção a interpretar. Ao falar, interpretamos. Mas, ao mesmo tempo, os sentidos parecem já estar lá (ORLANDI, 1999, p. 10).

No caso de Lozano, parece-nos que os seus textos podem ser entendidos como “encadeados uns aos outros e sendo lidos uns em relação aos outros, e às avessas, para quem quiser *compreender*, [...] realizam o que [...] remanesceu em um

projeto; ler a sequência textual como uma totalidade e cada parte através do todo” (KRISTEVA, 2005, p. 143).

De forma que os discursos (e como eles estão dispostos e selecionados nos livros) colocam aqueles que os leem e buscam analisá-los em uma verdadeira encruzilhada ou em um duplo jogo de memória. Um aspecto que precisa ser considerado é a questão institucional que perpassa o texto, que estabiliza e estrutura os temas a serem expostos, assegurando a manutenção e o procedimento de cristalização de imagens e acontecimentos tidos como mais relevantes através de uma contínua repetição. O segundo aspecto diz respeito ao esquecimento de eventos que podem *manchar* a honra da figura ou personagem que se tem a pretensão de divulgar ou preservar. É este esquecimento, no entanto, que traz consigo a ruptura, o desvio em relação àquilo que deveria ser mostrado (ORLANDI, 1999, p. 10). Em relação a esta questão, é importante lembrar que

o discurso [*pode ser*] considerado como um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação, por seu modo de inscrição histórica e por regularidades enunciativas; uma forma de ação (e não uma simples representação do mundo) orientada (se constrói em função de uma finalidade), interativa (dialógica) e contextualizada (o contexto não é apenas um cenário do discurso e este não existe sem contexto). O discurso é, ainda, regido por formas (que cabem aos interlocutores respeitar, quando participam de um ato de comunicação), considerado no bojo de um interdiscurso (conjunto de ditos e discursos anteriores) e assumido por um sujeito (fonte de referências que indica posições em relação ao que diz e a quem diz), (PINHEIRO, 2012, p. 2).

Os livros de Pedro Lozano podem ser vistos como um conjunto de textos e narrativas dos acontecimentos que formam um todo, que dão maior ênfase aos *eventos prósperos e adversos*, na *Historia de la Compañía* (1754-1755) e na *Historia de las Revoluciones* ([c. 1738] 1905); a *algumas virtudes e ações especiais daqueles que morreram dentro da Companhia*, na *Relación de la vida y virtudes* (1741); às *fundações, aprovações e bem feitores*, na *Historia de la Conquista* ([c.1745) 1873-1875, 2010); e, às *fundações, aprovações, eventos insígnies vocações, mudanças de ânimos e virtudes*, na *Descripción chorographica* (1733). Em razão disso, suas obras, ao serem comparadas com outros textos produzidos por membros da Companhia de Jesus, contam uma história que se desenvolveu sob diversas perspectivas, mas que, reunidas, buscam representar o todo. O que as reúne, umas com as outras,

primeiramente, é a repetição de conteúdos e menções a determinadas proposições e autores. Em segundo lugar, a obediência à estrutura criada para dar uma “realidade narrativa” necessária à “organização funcional e sequencial do texto” (GENETTE, 1995, p. 12). E, por último, o argumento que, neste caso, gira ao redor da descrição da Província Jesuítica do Paraguai. Na continuidade, trataremos do discurso narrativo e sobre como ele se operava nos textos de Lozano.

4.1 O discurso narrativo e a reescrita do passado nas obras de Pedro Lozano

Esta distribuição sistemática faz com que seus livros sejam uma *narrativa enquanto discurso*, ou seja, seguem o tempo da narrativa e a ordem do texto como aquilo que dá forma e sustentação à escrita da história da Companhia de Jesus. Em razão disso, o discurso “enquanto narrativa, vive da sua relação com a história que conta, enquanto discurso, vive da sua relação com a narração que profere” (GENETTE, 1995, p. 12) e a inteligibilidade que gera ao ser finalizado e divulgado.

O discurso narrativo pode ser analisado enquanto escrita que reforça e renova os textos próprios e se fundamenta em outros anteriores ou contemporâneos a eles, apoiando a redação, formando associações que produzem sentido. Isto fica evidenciado na reiteração de enunciados, nas citações recorrentes como um ato discursivo, na medida em que ligam os textos uns aos outros e estabelecem mecanismos e fórmulas de repetição que interpretam o encadeamento metatextual como um exercício de erudição, invocação de autoridade, função ornamental e de amplificação (COMPAGNON, 1996, p. 67). Em outras palavras, a logicidade resulta de associações possíveis, na medida em que um discurso aponta para o outro que o sustenta, isto porque todo o discurso é visto como pertencente a um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, em razão disso, começo absoluto nem ponto final para um discurso (ORLANDI, 1999, p. 39), o que significa dizer que, quando se analisa a associação intertextual, a distribuição dos textos independe da ordenação cronológica de quando foram escritos, mas é relevante pelo assunto que apresenta.

Não se trata, portanto, de uma *narrativa enquanto história*, baseada e regida pelo tempo cronológico no qual se desenvolveram os fatos no momento da escrita do texto. O trabalho, depois de escrito e estruturado sob uma determinada maneira, deixa de ser uma *diegese* (enquanto realidade arquiteitual da própria narrativa e não um

texto ficcional como o termo propõe originalmente), e se torna história (o real, o discurso, o texto como testemunho dos fatos), como expressão escrita e, equitativamente, uma explicitação do saber (CHARTIER, 2007, p. 25). Esta reunião de textos, conciliando estrutura e acontecimento, forma e conteúdo, escrita, tempos e opiniões distintas, é o suporte necessário para a escrita de um livro de história. Ao mesmo tempo:

Esta característica, y la posibilidad de comparar los datos de un libro con los publicados en otros, convirtió el relato histórico en un testimonio sujeto a la confrontación crítica y la verificación. El texto, junto con el mapa, las tablas, las figuras y los diagramas que le acompañaron se convirtieron en testimonios fuertes, en puebas que sólo podían ser refutadas por documentos similares (FLORESCANO, 2012, p. 223).

Além disso, seguindo esta ideia proposta por Genette, e que, anteriormente, foi proposta por Kristeva, a questão da *narrativa-discurso/discurso-história*, que gira em torno da conjuntura de produção de um texto (visto como um grupo de palavras, princípios, convicções, códigos, etc.) só terá um significado quando cercado de significantes que o justifiquem (motivações, relações sociais, discussões teórico-metodológicas de uma época, a descrição de tradições e hábitos, conhecimento do idioma em que foi escrito, etc.) e que, conseqüentemente, transformem este discurso em história de uma sociedade, de uma Ordem religiosa, de um país ou de um acontecimento específico (uma guerra ou uma variação climática sem precedentes, por exemplo).

Existe, portanto, o discurso que é intencional, cujos temas guiam e estruturam o texto, enquanto signo linguístico, sem se importar com o que ele conta, mas, sim, como foi disposto e concebido pelo autor, o que, seguindo a análise feita por Michel Pêcheux, representaria a ordenação na qual o saber discursivo é disposto e serve como base para a composição dos enunciados (PÊCHEUX, 1995). Porque, se

ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo do nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro. [...]. Este “esquecimento” [*que é estruturante para o interdiscurso*⁸², *mas não para o intertexto*] produz em nós a impressão da realidade do pensamento. Essa impressão,

⁸² A grosso modo, o interdiscurso depende do esquecimento de coisas que já foram ditas anteriormente em outros textos para que este relato se torne de quem está escrevendo naquele momento sobre aquele mesmo assunto.

que é denominada ilusão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras, que só pode ser assim. Ela estabelece uma relação “natural” entre palavra e coisa. Mas este é um esquecimento parcial, semiconsciente e muitas vezes voltamos sobre ele, recorremos a esta imagem de famílias parafrásticas, para melhor especificar o que dizemos. É o chamado esquecimento enunciativo e que atesta que a sintaxe significa: o modo de dizer não é indiferente aos sentidos (ORLANDI, 1999, p. 35. *Grifo nosso*)

De modo que a linguagem, enquanto “sistema de signos cuyas relaciones producen por sí mismas significados múltiples e inestables”, construiu uma realidade que não pode ser observada como uma “referencia objetiva, externa al discurso, sino que siempre es construida en y por el lenguaje” (CHARTIER, 2007, p. 67). A conformação de uma determinada linguagem possibilitou à Companhia de Jesus a criação de uma prática e a existência de uma verdade simbólica ou uma representação do real, sobre quem eram os seus membros, sobre seu modo de atuação enquanto Ordem religiosa e os seus métodos de aproximação e convencimento que se mantiveram nos textos posteriores.

A coerência de um determinado fato está correlacionada com a transparência e com a ausência de ambiguidade do texto narrativo, enquanto que, no caso da narrativa em *línguas estranhas*, a tradução serve como agente facilitador para a acessibilidade e decodificação do que está sendo dito. Esse esclarecimento e clareza, conforme Pêcheux, devem ser vistos como a

interpretação [*que*] nos permitia dar conta da impressão de realidade de seu pensamento para o sujeito-falante (“eu sei o que estou dizendo”, “eu sei do que estou falando”), impressão deflagrada pela abertura constitutiva da qual esse sujeito se utiliza constantemente através do retorno sobre si do fio de seu discurso, da antecipação de seu efeito e da consideração da discrepância introduzida nesse discurso pelo discurso de um outro (como próprio outro) para explicitar e se explicitar a si mesmo o que ele diz e “aprofundar o que ele pensa” (PÊCHEUX, 1995, p. 174).

Ainda sobre este ponto, em consonância com o proposto por Chartier:

La narración no podía tener una condición propia pues, según los casos, estaba sometida a las disposiciones y a las figuras del arte retórico, es decir, era considerada como el lugar donde se desplegaba el sentido de los hechos mismo, o era percibida como un obstáculo importante para un conocimiento verdadero. Sólo el cuestionamiento

de esa epistemología de la coincidencia y la toma de conciencia sobre la brecha existente entre el pasado y su representación, entre lo que fue y lo que no es más, y las construcciones narrativas que se proponen ocupar el lugar de ese pasado, permitieron el desarrollo de una reflexión sobre la historia entendida como una escritura siempre construida a partir de figuras retóricas y de estructuras narrativas que también son las de la ficción (CHARTIER, 2007, pp. 21-22).

O discurso como narrativa é aquele em que a redação, mesmo seguindo uma forma pré-estabelecida de escrita, se torna história, ao apresentar e trazer particularidades que estão além da *arquitetura* do texto, dando humanidade ao relato. De acordo com Lozano, se “podría decir que la virtual elaboración ideológica que supone la construcción de un discurso histórico se establece en la significación de tal discurso. Conformado así, el discurso histórico, [...] es el responsable de la “creación” del hecho histórico en el propio discurso” (LOZANO, 1987, p. 135). O que, neste caso, como salientado pelo mesmo autor, faz com que o acontecimento, quando tomado em si, não apresente a inteligibilidade necessária ao ser colocado em meio a uma rede de outros fatos que o circundam e o atestam. Isto, segundo ele, só é possível através da narrativa e do emaranhado de conexões factuais estabelecidas que transformam o acontecimento em história:

En suma, la historia-relato [...] como la reconstrucción de una experiencia vivida sobre el eje del tiempo [*pode ser vista como a*] reconstrucción inseparable de un *mínimum* de conceptualización, aunque, se reconoce, dicha conceptualización jamás se explicitó. Se oculta, [...] en el interior de la finalidad temporal que estructura todo relato como su sentido mismo (LOZANO, 1987, p. 139. *Grifo nosso*).

Deste modo, a narração ao se *desprender* do *texto em si* – como método, discurso e arquiteyto - e se tornar uma estrutura histórica, pode ser vista como uma maneira de o autor expor suas ideias de forma que o seu relato seja inteligível ao leitor, possibilitando, assim, que ele siga os seus passos, como também os de um autor referenciado ao longo do relato, expondo, desta forma, as relações de força que regem o texto e dizem qual o lugar de fala daquele que redige o informe e se o mesmo é condizente com as ideias que defende. Conforme Orlandi, “esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte *ou leitor*” (ORLANDI, 1999, p. 39. *Grifo nosso*).

Assumindo a posição de *enunciador* e *produtor* de linguagem e do texto, o autor exige de si mesmo coerência, respeito às normas estabelecidas para a escrita, explicitação dos temas, clareza dos argumentos, conhecimentos das regras e exigências textuais, originalidade nos/dos assuntos abordados e relevância da matéria proposta. Além disso, a ele cabe defender, dentre outras questões, a unidade, a falta de uma contradição, a progressão e duração do discurso no contexto sóciohistórico apresentado. Como *locutor*, o autor traz o *eu* que discute as incoerências e imprecisões, oriundas de outros textos, do mesmo modo que é o responsável pela conformidade (imaginária) da reunião dos textos dispersos (real). A ele compete assegurar uma coesão e uma regularidade enunciativa-discursiva, dirigindo, assim, todo o seu discurso de maneira que o seu interlocutor, no caso o leitor, participe como cúmplice e companheiro de jornada e não se torne um adversário absoluto (ORLANDI, 1999, pp. 71-76)⁸³.

Essa busca por uma explanação acessível e compreensível a todos é um dos fatores que afeta a produção de um texto histórico como também a sua recepção; o que faz com que nesse modelo de discurso, as ideias que ele defende e as representações que traz consigo sejam mantidas por longos anos ou séculos, em uma clara percepção de que a história é uma composição narrativa vívida. É esta condição que permite que um leitor do século XXI consiga entender textos dos séculos XV, XVI, XVII ou XVIII, apesar das dificuldades em relação à grafia, à estrutura gramatical do texto ou, até mesmo, em relação ao sentido de algumas palavras e, ainda, das tentativas, nem sempre exitosas, de decifrar as reais intenções do autor ou a quem o discurso foi destinado. É preciso lembrar que este leitor *moderno* não possui as chaves explicativas dos leitores dos séculos anteriores ou daqueles que foram contemporâneos ao autor, e que tinham a clara noção dos jogos de poder vigentes, das insinuações, afirmações, esquecimentos e ausências que caracterizavam o texto (DARNTON, 2016, p. 49).

Tais representações são responsáveis pela união e pela legitimação de um modo de explicação considerado válido em diferentes contextos. Elas, sem dúvida, constituem e caracterizam o arsenal argumentativo de um determinado grupo e a conjuntura histórica a qual ele pertence, apresentando algumas variações, mudanças,

⁸³ O que, no caso de Pedro Lozano, se evidencia nas correções que o texto da *Historia de la Conquista* sofreu e também nos motivos que levaram à não aprovação da obra. Tais questões serão contempladas no subcapítulo referente à censura.

rupturas e continuidades, diante de situações específicas (BAPTISTA, 2004, pp. 21-30). Considerando este argumento, ainda podemos ponderar que:

Por isso, dizemos que a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do simbólico e da história. É condição de existência dos sujeitos e dos sentidos: constituírem-se na relação tensa entre paráfrase e polissemia. Daí dizermos que os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros. Todavia nem sempre o são. Depende de como são afetadas pela língua, de como se inscrevem na história. Depende de como trabalham e são trabalhadas pelo jogo entre paráfrase e polissemia (ORLANDI, 1999, p. 37)

Assim, a escolha de alguns nomes, em detrimento de outros tantos, e as conexões estabelecidas com outras obras acabam possibilitando o acionamento de *múltiplas* vozes do passado, que sustentam a narrativa que está sendo desenvolvida. No caso da Companhia, os jesuítas encarregados de escrever sua história dão grande destaque aos avanços dos trabalhos e ações apostólicas em detrimento das tentativas fracassadas, na medida em que este tipo de informação produzia a edificação de padres, irmãos e noviços nos Colégios Máximos da Companhia de Jesus. Nas observações levantadas por Pêcheux, esse “processo de sustentação” ou de “incidência ‘explicativa’” presentes em um discurso também pode ser chamado de “articulação” e se reflete na sequencialidade ou na “sintagmatização” de uma dada concepção ou daquilo que estamos dizendo em um dado momento e em determinadas condições. Ainda de acordo com este mesmo autor, “o funcionamento do discurso com relação a si mesmo” (o que foi dito agora foi moldado pelo que foi falado antes e simetriza com o que será elaborado depois), forma um “conjunto dos fenômenos de ‘co-referência’ que garantem aquilo que se pode chamar o ‘fio do discurso’”, enquanto discurso de um sujeito que estabelece um consenso com o que foi implementado por outros (PÊCHEUX, 1995, p. 166).

Este procedimento possibilita reconhecer as dimensões retóricas das narrativas históricas, sem que isto implique na formulação de um texto voltado para o conhecimento dos fatos, a partir de provas e de controles feitos. Primeiramente, por parte de quem escreve, através do uso seletivo da documentação e, posteriormente, por parte de quem o censura, antes do envio para a impressão (CHARTIER, 2007, p. 23). Assim como fizeram os membros da Companhia que o precederam e aqueles aos quais Pedro Lozano fez referência, este jesuíta escreveu se valendo de relatos

sérios e *verídicos*, de documentos oficiais e de pessoas que haviam sido testemunhas dos acontecimentos, procedimentos que asseguravam que seus textos seriam lidos, pois “uma obra de história é necessariamente formada de outras obras [*dado que*] o importante é saber se as informações que compõem a narrativa histórica são verdadeiras ou não” (SANTOS, 2013, p. 50).

Em relação a esta afirmação de Santos, vale ressaltar o apreço de Pedro Lozano pelo estilo de escrita de Nicolas del Techo, aspecto destacado por Ernesto Maeder no *Estudio Preliminar*, feito para a edição de 2010, da *Historia de la Conquista* (MAEDER, 2010, p. 19)⁸⁴. Não se trata, evidentemente, de plágio, mas de uma repetição do discurso narrativo jesuítico⁸⁵ que apresenta diferenças em seus enunciados, em sua natureza, em seu conteúdo e nas citações (COMPAGNON, 1996, p. 70). De acordo com as normas estabelecidas no *De ratione legenti et excerptendi* ou *Ratio legendi et excerptendi* (1613), esta forma de escrita tinham um nítido sentido pedagógico, isto é, servia para não deixar cair no esquecimento autores e temas dignos de memória, questão discutida por Javier Espino Martín e María Fernanda González Gallardo:

La palabra copia en su origen significa en latín “abundancia”, pero acaba convirtiéndose tanto en la Antigüedad clásica como en el Renacimiento en un término técnico usado en el campo tanto de la Gramática como de la Retórica. Ese término técnico pretende exponer gran cantidad de recursos formales y de ideas que completan el aprendizaje del educando. La copia se divide en dos partes: por un lado, la *copia verborum* y, por otro, la *copia rerum*. El primer caso, el *verborum*, se refiere a la “abundancia” de los procedimientos formales tanto léxicos como estilísticos que permiten la variación (*varietas*) de una frase o periodo sintáctico dados. Por otra parte, la *copia rerum* alude a aquellos elementos que ayudan a ampliar el contenido de ideas de un discurso (ESPINO MARTÍN e GONZÁLEZ GALLARDO, 2018, p. 340).

Replicar, se inspirar ou reproduzir a escrita de alguém era visto como uma homenagem ao autor em questão, celebrado como autoridade e, também, como símbolo de excelência ou *elegância* para quem estava escrevendo ou, então, como um ponto inicial na busca da própria identidade como autor de um texto, propósito que

⁸⁴ O estilo de escrita de Nicolas del Techo e os prováveis motivos que levaram Pedro Lozano a nutrir verdadeira admiração pela escrita deste jesuíta foram abordados no segundo capítulo.

⁸⁵ Isto pode ser observado em uma passagem da *Historia de la Conquista*, na qual Lozano recorre – sem mencionar ou dar crédito – a Francisco Jarque (LOZANO, 1875, p. 278).

não fugia ao que havia sido ensinado durante o período de formação nos estudos inferiores e superiores. Para Alberto Cevolini, “esta forma discursiva [*Ratio legendi et excerptendi*] se constituye por un numero bastante limitado de textos, poco más de una docena, que enseñan cómo leer e fichar libros de manera correcta y se dirigen a un lector con objetivos académicos precisos” (CEVOLINI, 2018, p. 702). Isto implicava observar os parâmetros seguidos por Plínio o Velho, para quem os textos e autores selecionados deveriam ser indicados durante a escrita da obra, para que a atenção do leitor fosse chamada através dos fragmentos (*adnotare* e *excerptere*).

De acordo com Cevolini, o primeiro fragmento (*adnotare*) corresponderia ao hábito de incluir alguns signos (*notæ*) à margem das obras, a fim de marcar e facilitar a localização de argumentos e palavras tidos como mais relevantes e memoráveis. Serviria, ainda, para dar a conhecer ao leitor os autores, livros, cartas, poemas, etc., utilizados na escrita daquele determinado livro. Já o segundo (*excerptere*) se baseava no termo de origem grega *carpo* (fruto), fazendo uma alusão à atividade de quem colhia ou trabalhava arduamente para executar uma tarefa.

Ainda conforme o autor, este assunto será desenvolvido pelos jesuítas Francisco Sacchini e Jeremias Drexel⁸⁶, sob diferentes perspectivas. Segundo Sacchini, este método se aprimoraria quando adotado o mecanismo dos *livros gêmeos*, sendo que no primeiro deveriam ser feitas as anotações das coisas mais notáveis, conforme o texto fosse sendo lido (*adversaria*). Na sequência, deveria se dar o processo de transcrição e reorganização, visando atender aos temas e à coerência dos títulos (*loci comunes*), a fim de tornar o texto o mais coeso possível. Para Drexel, deveria existir uma seleção prévia dos textos, isto é, uma distinção entre as matérias históricas e as não históricas, devendo haver, ainda, uma explicitação sobre como esta separação deveria ser executada. O trecho ou citação retirado teria que ser indicado pelo nome do autor (ou sobrenome), assim como o título da obra e o lugar em que se encontra o excerto considerado como mais importante (*lemmata*) e os extratos memoráveis de forma extensa (*adversaria*). Drexel reforçava, ainda, a necessidade da elaboração de um índice, para que a leitura fosse guiada de modo a atender as curiosidades do leitor e libertá-lo do peso da memorização das matérias

⁸⁶ Estes dois jesuítas foram responsáveis pela publicação das *histórias oficiais* da Companhia de Jesus, no século XVII, em que eram apresentados detalhados resumos dos acontecimentos mais relevantes ocorridos em cada uma das províncias noticiados nas Cartas anuais e nas *relaciones* que eram enviadas à Roma.

(CEVOLINI, 2018, p. 704-708). Procedimentos e recomendações que podem ser percebidos tanto na sua formação quanto na preocupação que Pedro Lozano tem de apresentar, detalhadamente, todos os fragmentos extraídos de outros textos que ele utiliza para a construção do seu próprio argumento. Da mesma maneira, este cuidado evidencia “movimentos e passagens da escrita na sua relação consigo mesmo e com o outro” (SAMOYAULT, 2008, p. 11).

Para discutirmos a prática de plágio, é preciso, necessariamente, levar em conta a etimologia da palavra. Ser plagiário ou plagiador (*plāgiarīus* ou *plāgiātor*), originalmente, se trata de um termo do latim tardio referente ao *ladrão de escravos* ou *sequestrador/aproveitador de pessoas livres*, que, posteriormente (séculos XVIII e XIX), passou a significar também a ideia de um *sequestrador de ideias* ou *aquele que falsamente se diz autor de um livro*, um *ladrão literário* (FORCELLINI, 1828, p. 183). De acordo com Bruno Medeiros, a palavra plágio passou por transformações, como as já mencionadas acima, pois, se, no século XVII, o termo indicava meramente uma imitação de estilo ou texto (como se pode observar em vários parágrafos em Del Techo que são passagens extraídas da *Conquista espiritual*); no início do século XVIII, houve uma modificação semântica que deu ao vocábulo o sentido de “ação de retirar de um autor (particularmente moderno ou nacional, o que agravaria o delito) os trechos de uma obra de invenção, uma ideia nova e ainda pouco conhecida e traços de um ou vários pensamentos” (MEDEIROS, 2012, p. 177). O mesmo autor salienta que o plágio, igualmente, se configura na apropriação indiscriminada de um texto ou parte dele, sem que haja qualquer menção ao autor ou referência à obra utilizada ao longo de todo o texto (MEDEIROS, 2011, p. 122), o que entendemos ser uma definição que não se aplica aos livros de Lozano.

As acusações de cópia feitas a estes autores partem da concepção de plágio do século XIX, quando estas obras passaram por (re)impressões por parte da Companhia de Jesus e tiveram edições feitas por pessoas leigas que possuíam ou tiveram acesso aos originais. Se compararmos a introdução feita por Blas Garay para o livro de Techo (*Historia de la Provincia del Paraguay*, em 1897) com a de André Lamas (*Historia de la Conquista*, de 1873), notamos que enquanto o primeiro acusa um jesuíta (da segunda metade do século XVII de plagiador, entre outras coisas), o segundo busca considerar os métodos de pesquisa utilizados por Lozano e qual o conceito de plágio vigente na época da escrita da obra em questão, demonstrando um maior cuidado em suas observações, a fim de não julgar um texto do século XVIII a

partir de uma perspectiva científica e a metodologia do século XIX. De acordo com Flávia Varella, uma

compilação realizada não poderia ser justificada com esse simples gesto [*de mencionar o nome de um autor antes de escrever várias páginas do seu respectivo livro*], pois a escrita da história nas primeiras décadas do século XIX estava diretamente ligada à originalidade e às técnicas de verificação da informação (VARELLA, 2013, p. 547. *Grifo nosso*).

Em relação a esta questão, não se deve desconsiderar que nestas avaliações sobre a conduta do autor “estava[m] em jogo também, a *forma* como [ele] utilizava suas fontes no texto final de sua narrativa” (SANTOS, 2013, p. 58). Assim, mesmo que Del Techo e Lozano tenham procurado deixar claro que seus livros se tratavam de uma continuidade e preservação dos relatos anteriores (que poderiam ser *devorados* pelo tempo ou ser extraviados), que haviam sido transcritos para que pudessem ser conhecidos por aqueles que não tinham acesso aos arquivos da Companhia de Jesus, acabaram correndo o risco de serem julgados como plagiadores por aqueles que desconsideravam ou desconheciam a inexistência de distinções muito claras, até o século XIX e mesmo ainda no início do século XX, entre o que era efetivamente plágio ou uma reunião de textos (compilação). Neste período, vale lembrar não havia ainda um modelo historiográfico único, apenas uma série de “combinações de gêneros e linguagens que resultavam em uma composição histórica” (VARELLA, 2013, p. 547).

Ao realizarmos a leitura dos livros escritos por Pedro Lozano, percebemos sua preocupação com a reescrita do passado, expressa nas críticas que faz em relação àquilo que considerava serem equívocos e ausências, considerando as informações que tinha em mãos enquanto escrevia. A reunião e, em alguns casos, a transcrição de cartas e de manuscritos não publicados, vinham acompanhadas dos títulos que foram dados aos mesmos (na inexistência de títulos, era empregada a frase que iniciava a narrativa) e dos nomes de quem os haviam escrito, o que auxiliava na fundamentação e legitimação de seus argumentos. Por conseguinte, em seus textos, Lozano faz referência a cada autor utilizado, sem reivindicar para si o que foi escrito por outros anteriormente. Vale lembrar que conforme Chartier, a identidade do autor provém do seu “estilo”, “sentimento” e “linguagem”, que acabam por transformar “uma característica essencial do próprio discurso, independentemente do veículo de sua

transmissão: fosse ele manuscrito, livro impresso ou performance” (CHARTIER, 2012, pp. 46-47).

Concomitantemente, destaca-se o que podemos definir como uma *redação própria*, no caso das informações relativas à Província de Tucumán, não deixando de manifestar sua contrariedade diante da ausência de documentos sobre esta província, ou, então, de recorrer à primeira pessoa para registrar um comentário seu em relação ao texto que estava sendo mencionado. Neste caso, Lozano torna seu o “recolhimento dos relatos de terceiros existentes sobre o passado e a confecção final da narrativa histórica, o trabalho de ‘ajuizar os fatos’; que, em sua visão, superava em muito a simples compilação” (SANTOS, 2013, p. 57).

Sob esta perspectiva, as fontes históricas não passam de fragmentos que são manuseados e (re)utilizados para o estabelecimento de um estudo e a escrita de um livro (LOZANO, 1987, p. 62). Mas, mesmo que as referências sejam verificáveis, a combinação e a interpretação de cada um desses vestígios é função de quem escreve e que se propõe a evocar o passado, que já não existe no discurso do presente. É incumbência de quem redige, primeiramente, marcar as competências de cada uma das fontes; em segundo lugar, considerar os rastros de fiabilidade na narrativa dos fatos por quem as escreveu; e, em terceiro, convencer o leitor de que o relato deste passado faz parte de um conjunto de ideias, leituras, formações e percepções da realidade advindas do autor (CHARTIER, 2007, pp. 26-27). De maneira que:

Al unirse el texto escrito con la fuerza multiplicadora del libro impreso, el testimonio letrado adquirió las cualidades de la permanencia y de la veracidad. Contra las veleidades, olvidos y fugas de la memoria sensorial, el texto grabó su rendición de los hechos en el pergamino, el papel, la piedra o el libro, y estos documentos se convirtieron en puebras en las instituciones religiosas y en las públicas incluido “el tribunal de la historia” (FLORESCANO, 2012, p. 224).

Samoyault, Compagnon e Genette, a partir de diferentes pontos de vista, abordam a utilização de citações (presença direta de um texto no outro) e alusões (co-presença indireta), apresentando-os como a associação existente entre dois ou mais textos que mantêm entre si uma conexão e convergem em uma narrativa de *segunda mão* “em que um metatexto [...] ‘fala’ de um texto” (GENETTE, 2010, p. 16) e faz com que o hipotexto (texto anterior) seja parte do hipertexto (texto em processo de desenvolvimento). Ao passo que para Compagnon:

Talvez o estatuto dessas unidades não tenha uma diferença essencial, que elas sejam citações ou não, nem que alterem muita coisa na escrita. [...] O trabalho da escrita é uma reescrita já que se trata de converter elementos separados e descontínuos em um todo contínuo e coerente, de juntá-los, de compreendê-los (de tomá-los juntos), isto é, de lê-los. [...] Reescrever, reproduzir um texto a partir de suas iscas, é organizá-las ou associá-las, fazer ligações ou as transições que se impõem entre os elementos postos em presença um do outro: toda escrita é colagem e glosa, citação e comentário (COMPAGNON, 1996, pp. 38-39).

Samoyault complementa, afirmando que:

É impossível assim pintar um quadro analítico das relações que os textos estabelecem entre si: da mesma natureza, nascem uns dos outros; influenciam uns aos outros, segundo o princípio de uma geração não espontânea; ao mesmo tempo não há nunca reprodução pura e simples ou adoção plena. A retomada de um texto existente pode ser aleatória ou consentida, vaga lembrança, homenagem explícita ou ainda submissão a um modelo, subversão do cânon ou inspiração voluntária (SAMOYAULT, 2008, pp. 9-10).

Assim sendo, um texto efetivamente se torna parte ou modelo estrutural de outro pelo uso de citações “com ou sem referências precisas”, ou, então, pelo recurso da alusão, enquanto “enunciado cuja compreensão plena supõe a percepção de uma relação entre ele e um outro” (GENETTE, 2010, p. 12). No caso dos livros de Pedro Lozano, constata-se que autor recorre às citações ou faz alusões a outros textos para criar a sua própria redação. É inevitável pensar que as citações presentes nas obras de Lozano podem representar a relação que ele teve, enquanto leitor, com os textos e autores, sendo que alguns deles foram mais referenciados e submetidos a considerações ou críticas do que outros, igualmente, mencionados no texto. De modo que a escrita possibilita a quem escreve tecer comentários, polemizar ou criticar outras interpretações dos fatos que “pueden ir desde el error hasta la falta de comprensión o a la ausencia de una explicación veraz” (LOZANO, 1987, p. 198), buscando, desta forma, dialogar com outras obras compostas na mesma época e contexto.

Ao mesmo tempo, podemos questionar a ausência e, também, a forma ligeira com que alguns autores e suas obras aparecem referidas no texto de Pedro Lozano ou, então, as passagens que são inseridas no texto como se fossem do próprio jesuíta. A primeira hipótese para este interdiscurso seria a introjeção de alguns temas e pensamentos, de tal maneira que ele tomou para si aquela ideia como sua. Isto nos leva à segunda possibilidade, que envolveria o argumento de que existiu, quem sabe,

algum esquecimento (no sentido do interdiscurso), ou seja, em meio às leituras, anotações e reflexões, talvez alguma citação tenha escapado. Há, ainda, outro ponto que deve ser levantado e que pode ser observado como uma possibilidade para que algumas referências tenham se *perdido* durante a escrita e a ampliação do texto. Para fundamentar esta possibilidade, recorreremos às considerações feitas por Ernesto Maeder em relação à escrita de Lozano:

un cronista concienzudo, que procuro no sólo ordenar el desarrollo histórico de las tres provincias [*Paraguay, Río de la Plata y Tucumán*], sino que hizo todo lo que estaba a su alcance para disponer de datos fidedignos con que documentar la relación de lo acontecido en esos distintos a lo largo de más de dos siglos. En tal sentido, se apoyó inicialmente en las crónicas y relatos de sus antecesores, buscó y transcribió documentos, fue celoso en alcanzar precisiones cronológicas, exactitud en los nombres y circunstancias de los protagonistas principales e incluso, ejerció la crítica de la bibliografía de su tiempo (MAEDER, 2010, p. 25. *Grifo nosso*).

Estas ponderações permitem pensar que dificilmente a cópia de algum excerto sem referência, em meio a um grande número de citações que aparecem relacionadas aos nomes de seus respectivos autores, fosse um ato deliberado de apropriação das ideias de outro autor. Para reforçar este argumento, pode-se ainda considerar aquilo que Genette chama de intratextualidade, que seria “a sequência e as inumeráveis formas de integração narrativa que a ele se ligam” e faz com que o autor “imite a si mesmo de alguma forma [*trazendo*] vários textos, que de algum modo remetem uns aos outros” (GENETTE, 2010, pp. 57-58. *Grifo nosso*). Essa correspondência intra/intertextual é responsável por parte daquilo que compõe a arquitextualidade do texto, ou seja, “o conjunto de categorias gerais ou transcendentais – tipos de discursos, modos de enunciação, gêneros literários, etc. – do qual se destaca cada texto singular” (GENETTE, 2010, p. 11). É esta arquitextualidade que explica a disposição em que os temas das *Instruções* da Companhia de Jesus são apresentados em um texto escrito por um membro da Ordem, como já expusemos na primeira parte da tese. As razões para a presença de alguns autores e para a ausência de outros nas obras de Pedro Lozano nortearão o segundo subcapítulo.

4.2 Para além de uma narrativa sobre o Paraguai, Rio da Prata, Tucumán e o espaço *chaqueño*: as redes de formação discursiva de Pedro Lozano e o processo da construção de sua figura como um historiador erudito

É importante reforçar que discutiremos a intertextualidade e o arquiteyto, a partir das evidências da relação existente entre as obras e os autores, bem como do acionamento e da citação de textos escritos por outros padres da Companhia de Jesus que precederam a produção de Lozano, apresentando-os como um modo de legitimação do discurso que cria uma representação da Ordem como missionária, educadora e uniforme. Tais conceitos nos auxiliam no desvendamento do tipo de escrita dos membros da Companhia e em nossa reflexão sobre a relação existente entre as obras escritas por Lozano e aquelas que foram produzidas por jesuítas que o antecederam na tarefa de relatar a história da Companhia no Paraguai, e das quais ele se utiliza, fazendo referência a elas em seus textos.

Já nos referimos à homogeneização estrutural dentro da heterogeneidade temática, que transparece na utilização recorrente dos mesmos autores nos mais diversos livros escritos por professores (em sua grande maioria) sobre o Paraguai. Dentre eles, os que mais aparecem nas obras *Descripción chorographica*, *Historia de la Compañía de Jesús* e *Historia de la Conquista* são Antonio Ruiz de Montoya, Juan Pastor e Nicolas del Techo, membros da Companhia do século XVII.

Em relação aos do século XVIII, Lozano se refere unicamente ao coadjutor temporal Pedro Montenegro, destacando sua autoridade nas *medicinas*, com as seguintes palavras “el Hermano Pedro de Montenegro, de nuestra compañía, sugeto muy perito en la medicina, quien disse” (LOZANO, 1873, p. 220) ou o descrevendo como “eminente Cirujano, y Herbolario en esta nuestra Provincia del Paraguay, y que tuvo increíble azierto en la medicina enfeñado de su grande aplicacion, y mucha experiencia” (LOZANO, 1733, f. 27). O que nos leva a conjecturar que a admiração ou respeito que ele demonstrava pelo trabalho de Montenegro fosse próximo daquele demonstrado em relação às descrições feitas por Ruiz de Montoya, ou seja, a de um conhecimento adquirido mais pela vivência do que pelo domínio teórico.

Os demais padres ou irmãos, quando mencionados, são apresentados como informantes ou colaboradores na elaboração de seus livros, sendo que se destacam nomes como José Cardiel, José Quiroga, José Guevara e Antonio Machoni. Se, por um lado, isto dificulta a reconstituição das relações intelectuais que Lozano manteve

com seus contemporâneos, por outro, nos possibilita indagar sobre o efetivo papel que estes “colaboradores” tiveram. Na obra *Descripción chorographica*, é inegável a contribuição de Antonio Machoni, que foi Provincial a partir de 1744 e de quem Lozano foi secretário, na confecção do mapa inserido no livro (imagem 1).

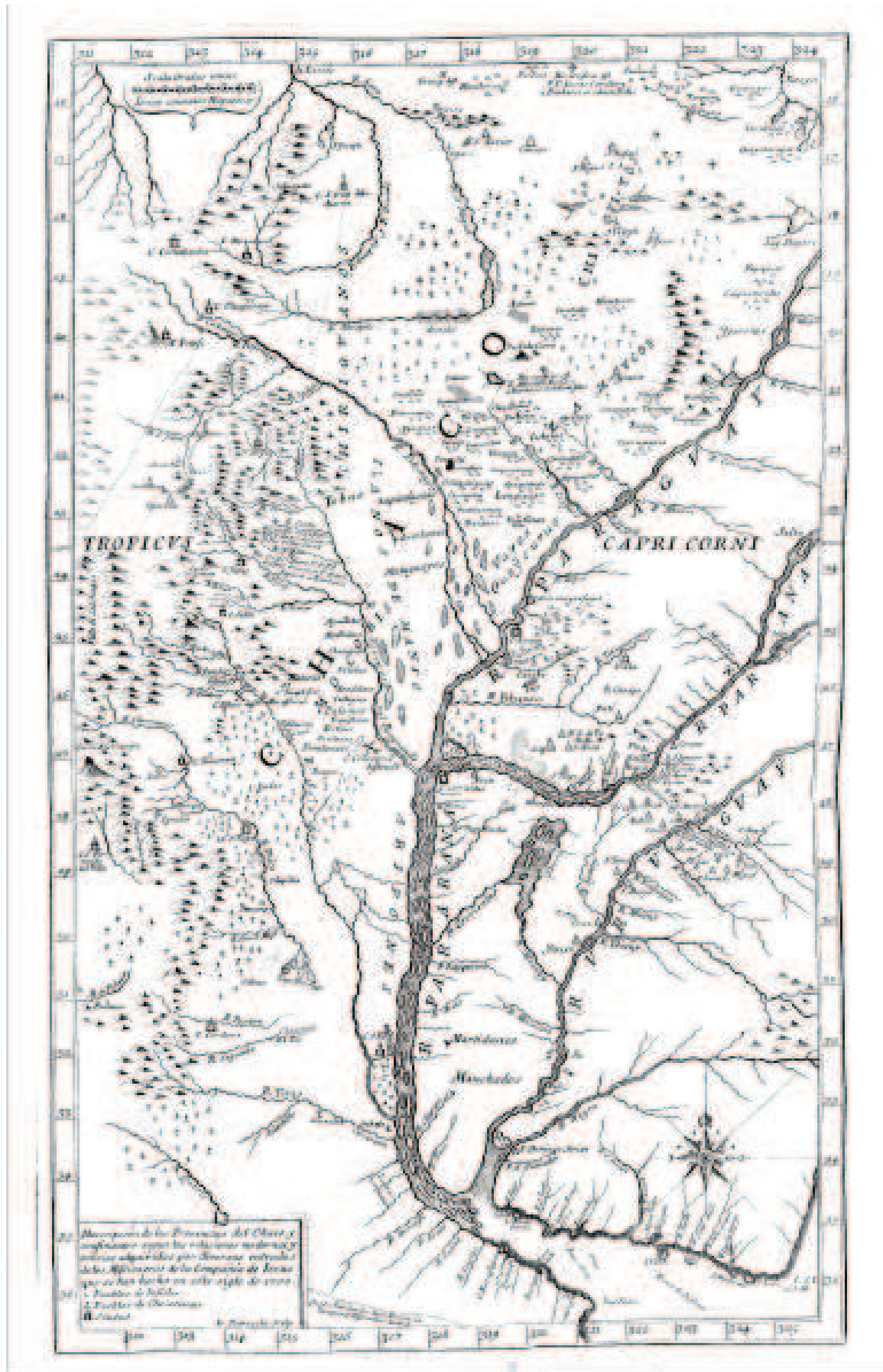


Imagem 1: Mapa de Machoni (1732?), (LOZANO, 1733).

Depois de 1730, ao ser encarregado da escrita das Cartas ânuas, Lozano exerceu o cargo de secretário também dos padres provinciais Jaime Aguilar, Bernardo Nusdorffer, Manuel Querini e José Isidoro de Barreda, sendo que deste último também foi consultor. Quanto a Jeronimo Herrán e a Lorenzo Rillo, sabe-se que o primeiro foi quem reconheceu o seu *talento* para a escrita e que o contato com o segundo se deu através do seu secretário Sebastián de San Martín, quando este estava exercendo o cargo de Procurador Geral, através do envio de uma carta relativa às questões que ocorreram no Paraguai em 1731 (**Carta del P. Pedro Lozano al lo (sic!) procurador general Sebastian de San Martin**, 30 de enero de 1732, 1r-27r). Lozano enviou, ainda, uma carta para outro Procurador, o padre Bruno Morales, relatando o estado das fronteiras espanholas (**Carta del P. Pedro Lozano, [...], efcrita al P. Bruno Morales**, Noviembre I. de 1746, pp. 1-56).

Dentre os missionários que lhe foram contemporâneos e estiveram na Província Jesuítica do Paraguai encontram-se Pedro Montenegro, José Quiroga, José Cardiel, José Guevara e Pierre Charlevoix. Em relação ao irmão jesuíta Montenegro, Lozano sugere que o conheceu assim que chegou ao Colégio de Córdoba de Tucumán. Já José Quiroga teria, segundo o próprio jesuíta, elaborado um mapa (imagem 2) para sua *Historia de la Conquista*. Sabe-se, no entanto, que Quiroga teve também parte de uma de suas cartas utilizada, assim como uma carta escrita por José Cardiel (**Carta del Padre Jesuíta Joseph Cardiel**, em 11 de Agosto de 1746, 1r-8v), inserida na obra *Diario de un viage*. Quanto a Cardiel, conjecturamos que ele pode ter auxiliado Lozano com informações e argumentos sobre a *Revolução dos Comuneros*, da qual participou na condição de capelão de tropa, especialmente, com descrições da “tensão nas relações entre os indígenas das áreas de fronteira e o mundo colonial neste momento [pois, as] décadas de 1730 e 1740 foram especialmente marcadas pela violência” (MARTINS, 2014, p. 49), presentes na Carta ânuas de 1735-1743. Quanto a José Guevara, sabemos que ele auxiliou Lozano na escrita da *Historia de la Compañía* e na *Historia de la Conquista* e, com a morte de Pedro Lozano, acabou sendo o seu sucessor no cargo de historiador, sem, contudo, ter desfrutado do mesmo reconhecimento. Já Pierre de Charlevoix, conforme Lorenzo Hervás y Panduro⁸⁷, trocou cartas com Pedro Lozano, nas quais questionou alguns

⁸⁷ Lorenzo Hervás y Panduro (1735-1809) foi responsável por um projeto enciclopédico e linguístico, no qual buscou reunir os mais diversos conhecimentos obtidos pelos jesuítas desde a sua fundação até o momento da Supressão da Ordem. Suas obras são: *Idea dell' universo che contiene la*

pontos relativos à história da Companhia de Jesus no Paraguai, tendo também recebido de Lozano a documentação necessária para a escrita da *Histoire du Paraguay* (1756), (HERVÁS Y PANDURO, 1789, p. 246).

storia della vita dell' uomo, elementi comosmografici, viaggio estatico al mondo planetario, e storia della terra (HERVÁS Y PANDURO, 1778-1784); *Origine, formazione, meccanismo, ed armonia degl'idiomi* (HERVÁS Y PANDURO, 1785); *Saggio pratico delle lingue* (HERVÁS Y PANDURO, 1787); *Historia de la Vida del Hombre* (HERVÁS Y PANDURO, 1789-1799); *Paleografia universal* (HERVÁS Y PANDURO, 1793-1794); *Viage estático al mundo planetario* (HERVÁS Y PANDURO, 1793); *Análisi Filosófico-Teológica della natura, della carità ossia dell'amor di Dio* (HERVÁS Y PANDURO, 1792); *Aritmetica delle nazioni e divisione del tempo* (HERVÁS Y PANDURO, 1785); *Escuela Española de Sordomudos ó Arte para enseñarles á escribir y hablar el idioma español* (HERVÁS Y PANDURO, 1795); *Tratado sobre la doctrina, y practica de la Iglesia en orden a las opiniones dogmaticas, y morales* (HERVÁS Y PANDURO, 1798); *El hombre Físico ó Anatomía Humana Físico-Filosófica* (HERVÁS Y PANDURO, 1800); *El hombre en religion* (HERVÁS Y PANDURO, 1801); *Catálogo de las lenguas de las naciones cononidas, y numeración, division, y clases de estas segun la diversidad de sus idiomas y dialectos* (HERVÁS Y PANDURO, 1800-1805); *Carta del Abate Don Lorenzo Hervás al Excelentísimo Señor Don Antonio Ponce de Leon, Duque de Montemar, etc. sobre el Tratado del Hombre en Sociedad con la qual da fin á su Historia de la Vida del Hombre* (HERVÁS Y PANDURO, 1805); *Causa de la Revolucion de França* (HERVÁS Y PANDURO, 1807).



Imagem 2: Mapa de Quiroga (1749), (JCB, C-6708).

Todos estes padres contribuiram, sem dúvida, com informações diretas ou através de remissões feitas a suas obras para a escrita de Lozano, sendo que “por medio de los mismos nuestro jesuita pudo construir densas redes político-religiosas en las cuales circulaban peticiones de favores, información y noticias sobre ambas márgenes de Atlántico y papeles y escritos de diversas características” (PERRONE,

2016, p. 84). Este cuidado e preocupação com a precisão das informações recolhidas não impediu, contudo, que:

El estilo empleado por Lozano [*que*] ha sido uno de sus flancos más vulnerables. Si bien ha procurado brindar una narración ordenada de la conquista española, los larguísimos párrafos, las oraciones subordinadas y en ocasiones el tono declamatorio, toman fatigosa a veces su lectura, particularmente en el libro primero del tomo inicial. Pero no siempre es así. En ocasiones ha amenizado el relato insertando frases o discursos, atribuidos a alguno de los protagonistas. Al mismo tiempo, la lectura del manuscrito [*no nosso caso, das duas edições da Historia de la Conquista*] revela numerosas tachaduras que tienden, em la mayoría de los casos a privilegiar la brevedad y concisión. Esta última está presente cuando suprimió dos parágrafos sobre la yerba, de la que veía hablando largamente [*no primeiro livro da Historia de la Conquista, edição de 1873, pp. 198-201*]. Los capítulos sobre la sublevación de Arecayá o del Calchaquí son amenos y poseen el tono de una atractiva narración (MAEDER, 2010, p. 31. *Grifo nosso*).

A narrativa de Lozano não é apenas um exercício de erudição ou a tradução de como foram os seus próprios *Exercícios Espirituais* e exames de consciência, mas uma tentativa de oferecer e presentear o leitor com a possibilidade de vislumbrar o seu percurso de leituras e correções anteriores à redação do texto final, aproximando-se do proposto por Chartier:

Centrando la atención en la relación dialógica entre las propuestas de las obras y las expectativas estéticas o las categorías interpretativas de sus públicos, o en la interacción dinámica entre el texto y su lector, comprendida en un perspectiva fenomenológica, o en las transacciones entre las obras mismas y los discursos o las prácticas ordinarias que son, a la vez, las matrices de la creación estética y las condiciones de su inteligibilidad (CHARTIER, 2007, pp. 52-53).

Na introdução ou apresentação que fez para a *Descripción chorographica*, Antonio Machoni salienta que a narrativa deveria ser considerada pelo leitor como

una sabia Descripción chorográfica de aquella dilatadísima parte del Tucuman, que se llama el *Chaco*. Y esta, no sólo por las preciosas utilidades, que causará en sus lectores, sino también por ser parto sabio de la Geographia, es un presente mas precioso, que todo el oro, y riquezas (MACHONI In: LOZANO, 1733, s.p.).

A ideia de “presente mas precioso” se manteve na escrita da *Historia de la Conquista*, o que nos leva a afirmar que estamos diante de uma *escrita de*

*imensidão*⁸⁸, que caracteriza os textos de Lozano e se manifesta nas longas transcrições, no grande número de autores referenciados direta ou indiretamente, no grande número de citações e de parágrafos que se prolongam por páginas até exaurir o argumento referente ao tema. Ela fica também evidenciada na abrangência, na medida em que sua narrativa se estende para assuntos que envolvem cartografia, toponímia e história, acionando informações e autores que apresentam opiniões diversas no que concerne à localização de rios, cidades, bispados e províncias, bem como às nomenclaturas que os mesmos receberam (MAEDER, 2010, p. 29). É possível que:

En esa indagación el rasgo más constante ha sido la búsqueda exigente del testimonio idóneo, la ubicación cuidadosa y hasta donde es posible exhaustiva del contexto que rodea al documento, seguidos por la comprensión-explicación de la trama hasta concluir con la relación argumentada que muestra que lo narrado es, plausiblemente, una representación muy cercana a lo que en efecto ocurrió (FLORESCANO, 2012, p. 247).

A geografia, nesta *escrita da imensidão*, é difusa, ampla e grandiloquente – o *Gran Chaco*, a Província Jesuítica do Paraguai ou as governações de Tucumán, Rio da Prata e Paraguai –, são territórios extensos e contam com uma grande diversidade – quer fossem animais, plantas ou pessoas –, logo, uma vastidão que necessitava ser dominada e organizada por uma escrita que ofereceria uma detalhada transcrição de um mapa imaginário, no qual todos os dados ou cada pequeno traço geográfico, etimológico ou histórico deveriam ser específicos e exatos (MAEDER, 2010, pp. 30-31). Assim, os territórios descritos por Pedro Lozano, na condição de “chronista de su Provincia del Tucumán” (LOZANO, 1733, s.p.), podem ser vistos como uma região, cuja extensão era ampla e quase infinita, e tinha como principal característica as fronteiras frágeis e os constantes embates entre índios e espanhóis em meio a um cenário *selvagem* e *belicoso*. Podemos, ainda, destacar a preocupação do jesuíta em desmistificar histórias e lendas sobre as riquezas, supostamente existentes na região, aspecto que pode ser também observado em obras de outros membros da Ordem

⁸⁸ A *escrita da imensidão* é um conceito nosso, assim como o de *homogeneidade heterogênea*. O primeiro termo procura traduzir a forma como Pedro Lozano descrevia a amplitude geográfica da Província Jesuítica do Paraguai recorrendo a um cabedal de informações extraídas de outros autores ou de testemunhos dos descendentes dos conquistadores espanhóis que fundaram as cidades coloniais da região.

Jesuítica cujas finalidades eram distintas daquelas que Lozano pretendia observar nos livros que estava encarregado de escrever. Ao mesmo tempo:

Es innegable el carácter productivo de su frustración, transformada en proyectos científicos que les permiten participar de lleno en la cultura de su época. Por otro lado, también me parece necesario resaltar el contexto de producción de esta escritura: (su) ser el único lugar desde el cual se podía una relación satisfactoria y significativa con el entorno. [...]; (su) ser también la única forma en que el Occidente y su epistemología se podían vincular – sin verdaderamente vincularse – con el paisaje inhóspito de la región. En este sentido, los proyectos científicos ahí surgidos son al mismo tiempo ejemplo de una fuerte voluntad de dominio tanto como del carácter residual y ensimismado de dicho proceder. Si esta reorganización de las labores de los misioneros se debe a las dificultades del lugar, por otro lado su presencia significó una profunda desarticulación de la forma de vida indígena, aunque de ningún modo su mejoría (DEL VALLE, 2009, pp. 231-232).

Reiterava-se, desta forma, a importância que os padres da Companhia atribuíam à publicação de obras e textos redigidos por missionários (na realidade, por professores ou por aqueles que apresentavam um conhecimento quase enciclopédico relativo a um determinado tema) que atuavam nas diferentes partes do mundo. Estas obras deveriam expressar a ideia de universalidade do apostolado da Ordem, incentivar novas vocações e atrair outros membros da Companhia de Jesus a atuarem nas terras de missão. Foi, justamente, este tipo de escrita, produzida “en los límites del mundo conquistado [*que*] los constituía precisamente en vanguardia del imperio – aun contra su voluntad y a pesar de que muchas veces sus intereses chocaran con los de los colonizadores” (DEL VALLE, 2009, p. 10). Para tanto, se fazia necessário apresentar e compartilhar o conhecimento teórico e prático sobre os locais que eram descritos nos textos que produziam e faziam circular.

Ao dedicar-se à escrita de um texto que contemplasse o processo de implantação e consolidação das *reducciones* e reunisse as informações já dadas sobre as governações, *pueblos de índios* e sobre as *reducciones* da Província Jesuítica do Paraguai por seus companheiros de Ordem, Lozano acabou por esquecer ou ignorar algumas contribuições relevantes, de jesuítas contemporâneos a

ele, como as dadas por José Sánchez Labrador⁸⁹ e Martín Dobrizzhoffer⁹⁰, por exemplo. A ausência destes padres nos chama a atenção, pois não encontramos qualquer menção às suas pesquisas ou opiniões nos textos de Pedro Lozano. Por óbvio, não esperávamos encontrar citações extraídas de seus trabalhos, uma vez que suas obras foram escritas durante o exílio na Itália. Entretanto, presumimos que pudesse existir alguma menção a estes professores, que, assim como Lozano, estavam pesquisando sobre os mesmos temas. Além disso, em tese, todos deveriam se conhecer e se comunicar e/ou se inteirar das investigações e dos trabalhos de evangelização que realizavam.

Este distanciamento e, aparentemente, o desinteresse que levou a uma suposta rejeição ou ao menosprezo dos trabalhos de Sánchez Labrador e Dobrizzhoffer se tornam mais evidentes nas informações relativas às ciências naturais e à descrição geo-etnográfica do Chaco, sendo que estes dois membros da Ordem eram, reconhecidamente, mais versados nestas questões, devido à sua larga experiência como missionários na região. Estranhamente, Lozano opta pelos relatos de Montenegro e de Machoni, ou, então, recorre à Bíblia ou aos textos produzidos por missionários e conquistadores dos séculos XVI e XVII para fundamentar suas descrições⁹¹, sugerindo uma maior identificação com o estilo narrativo destes dois séculos. Cabe ressaltar, também, que não encontramos qualquer documentação que atestasse o convívio entre Lozano, Labrador e Dobrizzhoffer ou apontasse para o compartilhamento das pesquisas que realizavam durante o período em que os três viveram no Colégio Máximo de Tucumán. Pode-se cogitar que este curioso esquecimento tenha decorrido de uma disputa por cargos dentro da Companhia de Jesus, lembrando que Lozano exerceu as funções de secretário de provinciais, e, posteriormente, de consultor, enquanto que Sánchez Labrador foi o responsável pelas cátedras de Filosofia e Teologia nos Colégio Máximo de Buenos Aires e no de Córdoba de Tucumán.

⁸⁹ José Sánchez Labrador y Hernández (1717-1798) escreveu os seguintes livros: *Paraguay Cathólico* ([1769] 1900), *Paraguay Natural* ([1771-1776] 1968 e 2015) e *Paraguay Cultivado* (c. 1780).

⁹⁰ Martín Dobrizzhoffer (1718-1791) foi autor da obra *Historia de Abiponus equestri bellicosaque Paraquariae natione* (1784).

⁹¹ Como mencionado brevemente no terceiro capítulo, além de Barco Centenera e Díaz Guzmán, encontramos também menções a Hernando Arias de Saavedra, nas descrições feitas sobre os acontecimentos dos primeiros séculos na Província. Quanto aos jesuítas, além do já citado Ruiz de Montoya e Machoni, podemos acrescentar Francisco Díaz Taño, Alonso Barzana e Pedro Romero (indiretamente, pois embora utilize as informações dadas por este jesuíta, ele as atribui ao a Montoya como passagens da *Conqvista espiritual*).

Essas elucubrações em relação aos motivos que levaram Pedro Lozano a não referenciar alguns autores e ignorar outros também podem nos levar a ponderar sobre o efeito da contemporaneidade nos enunciados, na medida em que o historiador jesuíta busca uma escrita em que o relato traz o tempo do acontecimento como algo distante e fora do alcance do autor que os descreve (LOZANO, 1987, p. 186). Se, por um lado, isto explicaria, em parte, a opção por Montenegro e não por Sánchez Labrador ou Dobrizzhoffer, por outro, deixaria ainda em aberto os reais motivos para a não menção a eles, uma vez que outros companheiros de Ordem não têm os seus nomes mencionados, mas se fazem presentes nos livros de forma indireta.

Outro tema relevante para a reconstituição das relações intelectuais ou pessoais destes jesuítas diz respeito aos públicos para os quais suas obras foram escritas. Alguns escreveram para um determinado grupo alvo, que seria mais especializado, ou seja, para outros padres ou eruditos que soubessem latim ou fossem conhecedores críticos de um determinado assunto, restringindo o alcance de suas obras a este círculo seleto de leitores. Havia, ainda, aqueles que dirigiram sua produção para um público variado, que abarcava desde pessoas que liam sobre as missões jesuíticas por mera curiosidade ou por estarem em busca de alguma informação até aquelas que, por estarem ligadas a cargos políticos, religiosos e militares, procuravam nos relatos destes padres informações sobre pontos estratégicos dos territórios (LOZANO, 1987, p. 177). Neste sentido, estas obras “eran especialmente atractivas las notas provenientes de las misiones: todas las noticias que continuaran el hilo narrativo; las noticias que más allá de hacer un recuento del quehacer jesuita, pudieran servir para satisfacer ‘la curiosidad’ de la esfera letrada europea que leyerá por placer o con una intención didáctica” (DEL VALLE, 2009, p. 51).

O principal motivo para a publicação e o incentivo à escrita de livros como a *Descripción chorographica*, *Historia de la Compañía* e a *Historia de la Conquista* era o “cortissimo numero de labradores, que tienen para su cultivo” nessas regiões imensas, que já estavam prontas e “fazonadas para vuestra hoz, para vuestros sudores, y cosecha”, fazendo-se, portanto, necessário o envio de “nuevos Operarios, y Labradores Apostolicos” (LOZANO, 1733, s.p.). Através delas se pretendia incentivar e fomentar o envio de religiosos às colônias distantes do Império, que deveriam desempenhar as muitas tarefas relacionadas ao apostolado. Elas eram também um lembrete para que não se dispersassem os “fervorosíssimos Operarios

del Señor” que se encontravam nos colégios e nas *reducciones*, principalmente, estes últimos que atuavam entre os indígenas, “en esa labor preciosa de ser labradores á ser granos, que cayendo felizmente en la tierra con el peso de fatigas, y aun tormentos, parezca que se sepultan muertas hasta vuestras memorias” (LOZANO, 1733, s.p.).

Contrariando o que já foi dito por outros estudiosos da produção de Lozano, defendemos que ele não deixou uma obra incompleta. Se seus livros forem lidos observando-se a ordem temática e não a cronologia em que foram impressos, *Historia de la Conquista*, *Historia de la Compañía de Jesús*, *Descripción chorographica*, *Relacion de la vida y virtudes* e *Historia de las Revoluciones*, se constatará que eles apresentam uma inquestionável interrelação, tornando-se, assim, uma só obra de vários tomos que pretendem abarcar a história de Tucumán e do Chaco, que, segundo Lozano, não havia recebido a atenção que merecia.

Esse constante empenho em recontar a sua própria história, tão própria da Companhia, e em buscar novas informações para atrair potenciais leitores, fez com que as suas obras fossem vistas como “la prima fonte di notizie esotiche per un pubblico europeo che si mostrava avido consumatore di una tale letteratura” (TEDESCHI, 2000, p. 291)⁹² e apresentassem a característica de, através da *persuasão*, garantir a adesão do leitor que tomava contato com um relato aceito como verídico e não como verossímil. “Por ello, poder y conocimiento funcionan prácticamente como sinónimos: la verdad es así un efecto del poder y el poder es resultado del manejo interesado de un conocimiento construido a partir de las verdades permitidas por dicho poder” (DEL VALLE, 2009, p. 225).

Se nos detivermos apenas na história das Províncias do Paraguay e Rio da Prata, tema já explorado por outros membros da Companhia de Jesus, e que, posteriormente, seria o foco principal dos livros daqueles que haviam sido expulsos dos territórios espanhóis, realmente, Lozano não pôde efetivamente concluir sua obra. Conseguiu, no entanto, estabelecer diálogo com o livro escrito por Machoni, voltado para a linguística e à gramatização do idioma dos Lules (*Arte y Vocabulario de la lengua Lule, y Tonocote*, de 1732), e, também, levar adiante seu projeto de uma história civil completa, que poderia ser aproveitada como a introdução da obra que estava sendo escrita por Charlevoix (*Histoire du Paraguay*, 1756).

⁹² Em uma tradução livre: “a primeira fonte de notícia exótica para um público europeu que se mostrava ávido consumidor deste tipo de literatura”.

Mas, se voltarmos nossa atenção para a Província de Tucumán e para a região do Chaco, constataremos que o jesuíta dedicou a maior parte dos seus estudos a elas, reconstituindo sua história a partir dos relatos de missionários e descendentes dos conquistadores ou de suas observações *in loco*, já que viveu 26 anos nesta Província. Por este motivo, se compararmos os livros destinados à descrição destas duas regiões – Tucumán e Chaco – com os destinados à descrição da Província do Paraguay, observaremos que os primeiros apresentam notícias muito mais ricas e se caracterizam por uma narrativa um pouco *mais solta*, já que as descrições foram elaboradas a partir de suas próprias observações e vivências.

Para compreendermos como este discurso em relação ao Chaco e Tucumán foi construído, é necessário retomar alguns pontos relativos à escrita da *Descripción chorographica*. E, também, ressaltar que para Pedro Lozano, o Chaco integrava a Província Jesuítica do Paraguay (de forma geral) e as Governações do Rio da Prata, Tucumán e Paraguay (de modo específico). Estas três governações e a Província jesuítica se encontravam instaladas na área *chaqueña*, e, portanto, eram área tanto de missão da Companhia de Jesus, quanto de colonização e ação militar espanhola com vistas à ampliação dos territórios da Coroa hispânica. Desta maneira, a narrativa de Lozano expõe, evoca e oferece ao seu potencial leitor é uma história militar, que orienta e sustenta a escrita da obra *Descripción chorographica*, na qual ele exalta o valor dos antigos conquistadores.

Esta exaltação se estenderá também aos membros da Ordem Jesuítica, que, segundo Lozano, não apresentavam no século XVIII o mesmo afã apostólico dos missionários do final do século XVI e da primeira metade do XVII, descritos na *Historia de la Compañía de Jesús*. Para Lozano, um dos poucos modelos de virtude do século XVIII seria o padre Julián de Lizardi, a quem ele considerava como exemplo a ser imitado por seus companheiros de Companhia⁹³. Em relação a este ato de rememorar, Florescano resalta que:

Al tender un puente entre el pasado distante y el presente incierto el relato [...] establece una relación de parentesco con los antepasados próximos y lejanos, y un sentimiento de continuidad en el interior del grupo, el pueblo o la nación. Al dar cuenta de las épocas aciagas o de los años de gloria, o al rememorar los esfuerzos realizados por la

⁹³ Como pode ser observado na preocupação que Lozano teve de escrever rapidamente a *Relacion de la vida y virtudes*, seis anos após o martírio de Lizardi, buscando comprovar a vida exemplar que este jesuíta levava como missionário até o momento de sua morte.

comunidad para defender el territorio y hacerlo suyo, crea lazos de solidaridad y una relación íntima entre los miembros del grupo, el espacio habitado y el proyecto de convivir unidos (FLORESCANO, 2012, p. 24).

Com relação às províncias ou governações civis, é importante ressaltar que na *Historia de la Conquista* a história do Chaco está entrelaçada com a de Tucumán (como se pode observar no segundo tomo) e apresenta algumas de suas características vinculadas ao *território jesuítico paraguayense*, como se constata no primeiro tomo, quando Lozano escreve sobre as particularidades geográficas e etnológicas de forma geral, para introduzir o tema da chegada dos espanhóis na região e o que eles iriam encontrar.

Este relato, como tratamos brevemente no segundo capítulo, começou a ser pensado e elaborado enquanto Pedro Lozano ainda se encontrava no Paraguai, ocupado com a reunião de documentos e informações referentes ao espaço *chaqueño* e às expedições militares que ali ocorreram. Tal interesse pelo tema, provavelmente, se deu pela proximidade da região em relação à estância de Santa Catalina, onde o jesuíta residia na época em que escreveu o livro. Com isso, seu projeto de fazer uma descrição do chamado *Gran Chaco Gualamba*, posteriormente se prolongou para toda a região do Tucumán, enfatizando na sua narrativa (agora de forma geral em todos os livros), a sua visível preferência por determinados conteúdos, como o próprio título de seu primeiro livro sugere: *terreno, rios, arboles y animales*, equitativamente, os seus *ritos e costumbres de innumerables naciones barbaras e infieles*. A estes temas se segue uma introdução, e, na sequência, a descrição de uma *cabal relacion histórica* da conquista militar das diversas populações que habitavam a região e dos trabalhos apostólicos realizados pelos missionários enviados para *reducirlas à la Fé del verdadero Dios*, como está presente na capa da edição de 1733 (MARRAS, 2011, p. 8). Como se pode constatar, os assuntos propagandeados no título visavam chamar a atenção de quem pudesse ter interesse em ler o conteúdo das obras (DARNTON, 2016, p. 15).

O objetivo maior de Lozano, na sua apresentação da Província Jesuítica do Paraguai, era, de modo mais amplo, o de “coletar e registrar os altos feitos” (SAMOYAUULT, 2008, p. 75), para guardar a memória e divulgar a importância da região de Tucumán em meio a uma historiografia empenhada em preservar a memória

da Província do Paraguay e a do Rio da Prata. Florescano salienta que estas mudanças de foco na escrita da história no Setecentos podem significar que:

Al reconstruir los hechos pasados, la historia satisface una necesidad humana fundamental: integra las existencias individuales en la corriente colectiva de la vida. [...] Estudia los impactos formidables producidos por las conquistas, las revoluciones y las explosiones políticas que dislocan a grupos étnicos, pueblos y naciones (FLORESCANO, 2012, p. 30).

Para que este propósito fosse alcançado, Lozano, como antecipado nos títulos que os capítulos da obra receberam, abordou, de forma geral, a história e a geografia daquela Província da Companhia de Jesus (MARRAS, 2011, p. 12). Nas linhas finais do texto "Al Lector" da obra *Descripción chorographica*, o próprio Lozano enfatiza que:

valiendome de las noticias antiguas, y modernas, que se han podido recoger hasta aora, y estaban olvidadas en los Archivos. Despues escribiré lo que los Ministros del Evangelio especialmente los de la Compañía de Jesus han trabajado para introducir la Fé en tan vastas regiones, sin echar en olvido lo que hirvieren cooperado algunos Ministros Reales para la feliz consecucion de tan santo fin (LOZANO, 1733, s.p.).

Ao analisarmos a escrita de Pedro Lozano, observamos não apenas a larga utilização de comentários/citações inseridos(as) no corpo do texto ou nas bordas das páginas, mas, também, evidências da metodologia que adotou na elaboração de seus livros. Assim, a escrita se compõe de recortes, que, juntos, compõem um texto novo (COMPAGNON, 1996, p. 11). Este aspecto foi também explorado por Genette, para quem:

Com efeito, pode-se contar *mais ou menos* aquilo que se conta, e conta-lo *segundo um outro ponto de vista*; e é precisamente tal capacidade, e as modalidades do seu exercício, que visa a nossa categoria do *modo narrativo*: a "representação", ou, mais exactamente, a informação narrativa tem os seus graus; a narrativa pode fornecer ao leitor mais ou menos pormenores, e de forma mais ou menos directa, e assim parecer (para retomar uma metáfora espacial corrente e cómoda, na condição de a não tomar à letra) manter-se a maior ou menor *distância* daquilo que conta; pode, também escolher o regulamento da informação que dá, já não por essa espécie de filtragem uniforme, mas segundo as capacidades de conhecimento desta ou aquela das partes interessadas na história (personagem ou grupo de personagens), da qual adoptará ou fingirá adoptar aquilo a que correntemente se chama a "visão" ou o "ponto de

vista”, parecendo então tomar em relação à história (para continuar a metáfora espacial) esta ou aquela *perspectiva* (GENETTE, 1995, p. 160).

Vale lembrar que o contato com Madrid, Roma e com outros países da Europa se dava mediante o envio de cartas, através das quais os missionários procuravam reduzir a distância geográfica, política e cultural, e a privação da proximidade com familiares ou amigos. Os jesuítas destinados às mais diversas regiões, ao longo dos séculos XVI e XVII, deviam, obrigatoriamente, observar as instruções de Polanco, de forma que, por intermédio de notícias e relatos que deveriam circular, assegurassem a união entre *os membros e a cabeça*. Conforme Bruno Boto Leite, na condição de intelectuais, estes homens buscavam difundir a sua erudição e seu domínio nos assuntos tratados, suas percepções e as descobertas sobre o território e os habitantes das regiões em que se encontravam atuando, através de uma rede que possibilitava o intercruzamento de saberes e o deslocamento de pessoas (LEITE, 2013, pp. 54-60).

A escrita se impôs ainda mais no século XVIII, em um período em que se anunciavam importantes transformações políticas e administrativas, ligadas ao reformismo borbônico, à propagação das ideias do Iluminismo e da Ilustração e ao antijesuitismo que começava a ser concebido por Sebastião José de Carvalho Melo (Conde de Oeiras e, posteriormente, Marquês de Pombal), dos quais resultariam as sucessivas expulsões da Companhia de Jesus nos reinos da Europa e de suas respectivas colônias:

Era, in effetti, di vitale rilevanza lasciare nel centro europeo, religioso e laico, testimonianza tempestiva e immediatamente “leggibile” delle molteplici attività culturali, educative e di evangelizzazione, stolte dai missionari gesuiti presso le popolazioni indigene, peraltro ancora in gran parte turbolente e bellicose (MARRAS, 2011, p. 9)⁹⁴.

Antes do século XVIII, os testemunhos dos missionários tinham como finalidade atestar e valorizar os trabalhos apostólicos que vinham sendo realizados junto aos nativos das diferentes terras em que exerciam suas atividades, destacando a importância de sua atuação e apontando para certa *frequência* (GENETTE, 1995, p. 113) deste tema no discurso da Companhia de Jesus. Nestas narrativas, impunha-se

⁹⁴ Em tradução livre: “Era, na verdade, de vital importância para sair do centro europeu, religioso e secular, o testemunho oportuno e imediatamente ‘legível’ de muitas atividades culturais, educativas e de evangelização, de missionários jesuítas perdidos entre as populações indígenas, ainda, em grande parte, turbulenta e belicosa”.

a imagem dos nativos como truculentos e belicosos, o que tornava imprescindível a presença dos padres da Companhia nas regiões em que as populações resistiam à evangelização. Assim, a escrita e a posterior circulação de manuscritos, mais do que legitimar a presença dos membros da Ordem Jesuítica, acabavam oferecendo uma significativa ampliação dos conhecimentos sobre as populações nativas e favorecendo o convívio entre os missionários recém-chegados e os indígenas.

Mas, afinal, o que Pedro Lozano e aqueles que o auxiliaram a redigir os seus textos leram e referiram nos livros cuja autoria foi atribuída ao jesuíta? Como já mencionado em outro momento, suas obras são constituídas por *múltiplas vozes*, que aparecem nas inúmeras alusões ou citações extraídas de Histórias, Crônicas, Corografias, Dicionários ou Discussões jurídicas (impressas ou manuscritas). Estes autores e colaboradores acompanharão Lozano ao longo de toda a sua trajetória como escritor (no coletivo) e como autor (individualmente), questão que será abordada no próximo capítulo.

Capítulo 5

Se leio com prazer esta frase, esta história ou esta palavra, é porque foram escritas no prazer (este prazer não está em contradição com as queixas do escrito). Mas e o contrário? Escrever no prazer me assegura – a mim, escritor – o prazer do meu leitor? De modo algum. Esse leitor, é mister que eu o procure (que eu o “drague”), sem saber onde ele está (BARTHES, 1987, p. 8).

5 Saberes, leituras e citações: os livros e as referências que constituíram as obras de Pedro Lozano

O ato de escrever e formular uma narrativa, para Chartier, se constitui em um modo de reconstrução ou perpetuação de lembranças (CHARTIER, 1990, p. 302), necessitando da descrição das marcas do vivido para que possa ser reconhecido como autêntico (HARTOG, 1999, p. 273). O discurso formulado por alguém que está ausente em determinada narrativa se constitui no princípio da intertextualidade, bem como o da representação (coletiva ou individual da sociedade ou de um grupo específico) ou, ainda, como Foucault denomina, de ordem do discurso, conceito em que o autor existe, escreve e *fala ao leitor* porque outros o fizeram anteriormente. Em relação à *Historia de la Conquista*, Maeder afirma que

todo el manuscrito tiene cantidad de líneas o párrafos tachados. Hay agregados indicados con un asterisco y copiados a continuación si hay espacio, o en papeles pegados sobre las hojas, sin ocultar el texto con que se suponen. Son numerosos y de diversa longitud siempre redactados con letra de Lozano. Otro aspecto saliente de este manuscrito son los comentarios, notas bibliográficas o temas que el autor ha colocado en casi todas las páginas, en el margen del texto y con letra menuda. Son innumerables y al igual que en la *Historia de la Provincia Jesuítica del Paraguay [Historia de la Compañía de Jesús]*, Lozano las ha creído necesarias, a fin de que el lector pueda seguir mejor el hilo del relato o para dar precisiones no visibles en el texto (MAEDER, 2010, p. 180. *Grifo nosso*).

É preciso, no entanto, ressaltar que os conteúdos principais dos textos de Lozano contaram efetivamente com as colaborações de Antonio Machoni e de José Guevara, bem como, presumidamente, também de Manuel García e Juan Cayetano Iburguren, que oferecem informações detalhadas sobre as expedições realizadas à

região de Tucumán e do Chaco e para o Rio da Prata e Paraguay, sobre a geografia destes locais, assim como sobre a relação entre espanhóis e nativos. Vale lembrar que estes jesuítas tiveram (ou não) vivências muito distintas nestes espaços e que as fontes que produziram também trazem informações que diferem entre si.

O texto da *Historia de la Conquista* – construído por vários “autores” e, portanto, por várias “mãos” –, ao contrário da *Descripción chorographica*, conta com três versões: uma que se encontrava no Paraguay e é dada como desaparecida; a segunda, localizada no Chile – que conta com correções feitas pelo próprio Lozano e é tida como uma versão mais antiga do que a publicada por Lamas em 1873 – e foi publicada por Maeder, em 2010, e, uma terceira, que se encontra em Montevideu, e que seria uma cópia “esmerada y bien conservada, pero de más de una mano” (LAMAS, 1873, pp. XXVIII-XXXIII) e tem como característica algumas notas e parágrafos numerados, que foi impressa por Lamas (MAEDER, 2010, p. 17). Ainda, segundo Maeder:

Los copistas parecen haber sido tres. En el primero del tomo primero, los escribientes fueron dos: el inicial, com letra muy parecida a la de Lozano [*mas que não era do próprio*], ocupó el tramo que va desde el comienzo hasta el capítulo XVI, parágrafo 14 de la página 217. Desde allí fue reemplazado por otro escribiente, que continuó hasta el fin de ese libro, prosiguió con el segundo e inició el libro tercero, hasta el capítulo VIII, parágrafo 10, página 529. Allí le sustituyó otro escribiente, de letra más fluida y vigorosa [*que se assemelha a de Guevara*], quien concluyó el libro tercero y redactó los dos libros del tomo segundo (MAEDER, 2010, p. 18. *Grifo nosso*).

Tais informações revelam que a escrita desta obra não foi um exercício intelectual solitário e constituiu-se, portanto, a partir de uma *polifonia* de vozes e de marcas que guiaram a leitura, ritmando a narrativa, ora destacando, ora atenuando certos aspectos para o potencial leitor. Nas considerações de Ricardo Cavalieri, “ que sabemos do passado não é uma história dos fatos, mas o que o discurso polifônico nos diz sobre eles” (CAVALIERI, 2013, p. 264).

Uma narrativa com estas características, segundo Genette, apresentaria

aspectos de ordenação (não em termos de definição de encadeamentos, por outras palavras, o estudo da articulação *temporal*, e já não *lógica*, da narrativa) aspectos de duração (o tempo encarado, não em função do sentido do seu encadeamento, mas em função da tentativa de estabelecimento de um *ritmo* da narrativa, de uma alternância entre situações de relato que poderíamos apelidar de

tónicas e átonas através dos meios de discurso que as formulam), aspectos de frequência (relações entre a narrativa e a diegese, consideração dos meios de escrita que homologam a história na narrativa ou, pelo contrário, a distendem ou condensam, a pulverizam, a repetem, a entrecortam ou simplesmente a transcrevem a partir duma idealidade que funciona como modelo e que apenas em função desses meios de escrita é perceptível), aspectos de modo (desenvolvimento e sistematização das questões levantadas pelo problema do *punto de vista* condutor) e de voz (assunção das condições de enunciação pela instância narrativa), (GENETTE, 1995, pp. 12-13).

A figura deste erudito, escritor e/ou autor do passado serve como referência e ronda os novos textos, através das citações, menções, alusões ou referências, fazendo com que este tipo de narrativa (GENETTE, 2010, p. 16) não seja uma espécie de *monólogo textual*, mas um *coral*, em que as vozes daqueles que antecederam o autor tenham a oportunidade de surgir e se misturar pelas palavras daquele que conta ou escreve uma história. A reunião dessas vozes do passado e do presente, como resultado de uma escrita múltipla e coletiva, se dá através da recomposição, deslocamento, recorte, extensão das unidades textuais que juntas formando um novo texto (CHARTIER, 2002, p. 25).

Para tratarmos desta questão, cabe ressaltar que, dentre as obras referidas nos livros de Lozano, estão as de Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca – *La relacion y comentarios del governador Aluar Nuñez Cabeça de Vaca* (1555)–; Martín del Barco Centenera – *La Argentina, poema epico descubrimiento del Rio de la Plata* (1602) –; Ulrico Schmidl – *Verissima et Ivcvndissima Descriptio Praecipvarvm Qvarvndam Indiae regionum & Insularum* (1559; 1625) –; Ruy Díaz Gúzman – *La Argentina, ó Del Descubrimiento y de la conquista del Rio de La Plata* (1612) –; Francisco López de Gómara – *La hiftoria general delas Indias y nuevo mundo, con mas la conquifta del Peru y Mexico* (1555) –; Antonio de Herrera – *Descripcion de las Indias e Historia general de los hechos de los castellanos* (1601)⁹⁵–; Américo Vespuccio – *Lettera* (1505)– e Agustín de Zárate – *Hiftoria del defcvbrimiento y conqvista del Perv* (1555 e 1577).

Encontramos, também, menções a Antonio de Solís e à *Hiftoria de la Conquista, Poblacion, y progresos de la America Septentrional* (c. 1684); a Garcilaso

⁹⁵ No site da Biblioteca existe a informação de que há uma “Historia general de los hechos de los castellanos en las islas y tierra firme del mar oceano”, escrita por Antonio de Herrera e teve os seus volumes impressos em Madrid por Juan de la Cuesta, no ano de 1625.

de la Vega (El Inca) e aos *Commentarios reales, qve tratan del origen de los Yncas, Reyes qve fveron del Perv, de sv idolatria, leyes, y gouierno* (1609); a Pedro Cieza de León e à *Chronica del Peru, qve tracta la demarcacion de fus prouincias* (1553); a Gil González Dávila e ao *Teatro Eclesiastico de la Primitiva Iglesia de las Indias Occidentales* (1649); a Francisco de Echave e à *La Estrella de Lima convertida en sol sobre svv tres coronas* (1688); a Giovanni Botero e à *Le Relationi Vniversali* (1599); a Francisco de Brito Freire e à *Nova Lusitania Historia da Gverra Brasilica* (1675), a Bernardo de Vargas Machuca e à *Milicia y Descricion de las Indias* (1599) e a Juan Díaz de la Calle e ao *Memorial, y Noticias Sacras, y Reales del Imperio de las Indias Occidentales* (1654). Obras e textos que constituíram um capítulo importante da historiografia do Novo Mundo e que se fizeram presentes nos livros de Lozano por apresentarem um relato em *primeira mão* por quem testemunhou os fatos, e foram utilizadas pelo jesuíta para dar veracidade e embasamento ao estudo que estava sendo feito.

Há também informações retiradas de livros, dicionários, atlas, mapas e compilações como os de Johannes Matalius Metellus – *Speculum orbis terræ* (1602) –, Juan Blaeu - *Theatrum orbis terrarum, sive, Atlas novus* (1650) –, Louis Moreri [Moréry] – *Le Grand Dictionnaire Historique ou Le Mèlange Curieux de L’Histoire Sacrée et Profane* (1725-1732) –, *Sieur de Chevigny – La Science des personnes de cour, d’epé e et de robe* (1729) – e Luis de Salazar y Castro – *Advertencias Historicas sobre las obras de algvnos doctos escritores modernos* (1688).

Livros, autores e referências que evidenciam as predileções e opções feitas por Lozano, que dá maior ênfase às palavras de uns, enquanto outros apareciam em um ou outra passagem do texto. Um exemplo é o caso da *Argentina*, do poeta Don Barco Centenera, que, na percepção de Pedro Lozano, “es Historia también del Rio de la Plata, escrita en verso” (LOZANO, 1733, f. 11), razão pela qual optou pela *história manuscrita em verso*, e não pela de nome semelhante, *La Argentina*, escrita por Ruy Díaz Guzmán (MARRAS, 2011, p. 12). Vale lembrar que, segundo Florescano, “sin embargo, desde tempos antiguos la literatura, la poesia y la historia se han unido porque unas y otras se afanan en el mismo propósito representar la realidad” (FLORESCANO, 2012, p. 245). Sua opção nos faz cogitar que o Lozano conhecia (ou tinha alguma informação sobre) o trabalho que estava sendo desenvolvido por Vico na Itália e, que recorria a outras fontes, tidas como de igual relevância, para embasar um texto histórico.

Além disso, Lozano se valeu das *relaciones* redigidas por aqueles que testemunharam presencialmente os fatos, como o caso do Licenciado Don Luis de Veja, que, conforme as palavras de Lozano, “por mandado del Ilustrísimo Señor Doct. Don Fernando Arias de Ugarte Arzobispo entonces de los Charcas entró al Chaco el año de 1628, para agregar à aquella Diocesi la Ciudad de Santiago de Guadalcazar, que empezaba à fundar el Governador Martin de Ledesma Valderrama” (LOZANO, 1733, ff. 4-5); ou, então, dos informes que eram conhecidos através da “informação jurídica” precisa (representações, memoriais e *relaciones* das governações civis). Dentre as obras com esta característica, estão as de Gaspar Escalona Agüero – *Gazophilatium Regium Perubicum* (1647?) –; Juan de Solórzano Pereira – *Política Indiana* (1647) – e Antonio de Leon Pinelo – *Epítome de la Bibliotheca Oriental, y Occidental, Nautica, y Geografica* ([1629]1737-1738) e *Tratado de Confirmaciones Reales de Encomiendas, Oficios i cafos, en que fe requieren para las Indias Occidentales* (1630).

Quanto às crônicas religiosas, Lozano utilizou as que foram escritas ou tiveram a autoria atribuída ao clérigo Lucas Fernandez de Piedrahita – como a *Historia General de las conqvistas del Nvevo Reyno de Granada* (1688) – e a membros de outras Ordens religiosas, como da Ordem de São Antonio de Viena: Francisco Antonio Montalvano – *El sol del Nuevo Mundo ideado y compvesto* (1683) –; da Ordem de Santo Agostinho: Gaspar de Villarroel – *Gobierno Ecclesiastico pacífico, y vnion de los dos cvchillos* (1657) – e Antonio de la Calancha – *Coronica moralizada del Orden de San Avgvstin en el Perv, con svcesos egenplares en esta monarqvia* (1638) –; da Ordem dos Frades Menores: Gaspar de la Fuente – *Historia del capitvlo general, qve celebros la religion Serafica en la Imperial Toledo* (1633) –, Antonio Daza – *Qvarta parte della Chronica General de Nueftro Padre San Francifco* (1611) –, Diego de Córdoba y Salinas – *Coronica de la religiosissima provincia de los doze apóstoles del Perv* (1652)– Francisco Haroldo – *Lima Limata conciliis, constitvtionibvs synodalibvs, et allis monvmentis* (1673) – e Pedro Simón – *Noticias historiales de las conquistas de Terra firme* (1624-1626); da Ordem Real, Celestial e Militar de Nossa Senhora das Mercês para a Redenção dos Cativos: Juan Crisóstomo de Puga Gómez – *La vida del mui venerable Padre fray Joan de San Joseph* (1650-1655) –, Antonio Bernal del Corral – *Bvllarivm coelestis, ac regalis Ordinis Beatissimæ Mariæ Virginis de Mercede redemptionis captivorvm* (1696) –, Marcos Salmerón– *Recverdos Historicos y Politicos de los servicios qve los generales, y varones ilvstres de la religion de Nvestra Señora*

de la Merced (1646) – e, Alonso Remón – *Historia General de la Orden de Nuestra Señora de la Merced Redencion de cautiuos* (1633) –; da Ordem de São Bento: Benito Jerónimo Feijóo – *Theatro Critico Universal, o Discursos Varios en todo genero de materias, para desengaño de errores comunes* (1729-1753) – e, da Ordem dos Predicadores: Juan Meléndez – *Tesoros verdaderos de las Yndias* (1681-1682) –, Alonso de Zamora – *Historia de la Prouincia de San Antonio del Nvevo Reyno de Granada* (1701) –, Gregorio Garcia – *Origen de los indios de el Nvevo Mvndo, e Indias Occidentales* (1607)–, Juan de la Puente – *La conueniencia de las dos Monarquias Catolicas la de la Iglesia Romana y la del Imperio Español* (1612) – e Antonio de Acuña – *Informe a Nueftro Reverendifsimo Padre Mayor (sic) General de el Orden de Predicadoref Fray Ihoan Baptista de Marinis* (1659) e *Svmmarivm Privilegiorvm Ordinis Praedicatorvm* (1670).

O diálogo que Pedro Lozano manteve com estes autores e livros serviu tanto para agregar informações, quanto para suscitar também alguns debates em relação a algumas datações e notícias que, segundo ele, apresentavam contradições e imprecisões. O cotejo que Lozano fez entre estes diferentes textos nos permite levantar a hipótese de que ele ou, então, o jesuíta encarregado de escrever a parte do texto em que este tema estava sendo abordado, tivessem total domínio do conteúdo tratado nos livros, a ponto de identificar os equívocos ou ausências que cada obra ou manuscrito apresentava. Lozano realizou também um comparativo entre estes textos e aqueles que haviam sido redigidos pelos professores da Companhia de Jesus, mostrando as diferenças e semelhanças entre os dados por eles apresentados.

Dentre as obras que foram escritas por padres da Companhia ou que tiveram sua autoria a eles atribuída, estão as de José de Acosta – *De Procvranda Indorvm Salvte* (1589) e *Historia Natvral y Moral de las Indias* (1590) –, Claudio Clemente – *Tablas Chronologicas, en qve se contienen los svcessos eclesiásticos, y seculares de Efpaña, Africa, Indias Orientales, y Occidentales* (1689) –, Luis de Valdívía – *Relacion de lo qve svcedio en el Reyno de Chile* (1612) –, Antonio Ruiz de Montoya – *Conqvista espiritval* (1639) e *Tesoro de la lengva gvarani* (1639) –, Nicolas del Techo – *Historia Provinciæ Paraquariæ* (1673) –, Juan Pastor – *Historia del Río de la Plata y del Paraguay* (1649) –, Francisco Jarque – *Vida Prodigiosa, en lo vario de los svcesos, exemplar en lo heroico de religiosas virtudes, admirable en los fauores del Cielo, gloriofa en lo Apoftolico de fus empleos, del Venerable Padre Antonio Rviz de Montoya* (1662) e *Insignes misioneros de la Compañía de Jesvs en la Provincia del Paraguay*

(1687) –, Alonso de Ovalle – *Historica Relacion del Reyno de Chile, Y delas miffiones, minifterios que exercita en el la Compañia de Iesvs* (1646 e 1648) –, Juan Eusebio de Nieremberg – *Cvriosa Filosofia, y Tesoro de Maravillas de la naturaleza, examinadas en varias queffiones naturales* (1634) e *Historia Natvræ, maxime peregrinæ* (1635) –, Juan Patricio Fernandez – *Relacion Historial de las misiones de los índios* (1726) –, Manuel Rodríguez – *El Marañon y Amazonas* (1684) –, Simão de Vasconcellos – *Chronica da Companhia de Jesv do Estado do Brasil* (1663), *Vida do Padre Joam de Almeida da Companhia de Iesv, na Provincia do Brazil* (1658) e *Noticias cvriosas e necessárias das covsas do Brasil* (1688) – e Antonio Cordeiro – *Historia Insulana das Ilhas a Portugal sugeytas no Oceano Occidental* (1717).

Lozano utilizou, ainda, os livros de Pedro de Ribadeneira – *Del Flos Sanctorvm, o libro de las vidas de los santos em la qual se contienen las vidas de Chrifto Nueftro Señor y de fu Santifsima Madre* (1624), *Vitæ Sanctorvm à Reverendifsimi Patre Petro Ribadeneyra Societatis Iesv scriptæ hispanice* (1635) e *Bibliotheca Scriptorvm Societatis Iesv* (1643) –, Joseph de Jouvancy – *Historiæ Societatis Jesu pars quinta* (1710) –, Baltasar Gracian – *El heroe* (1637), *El político Don Fernando El Catholico* (1646) e *El Criticon* (1651-1653) –, Francisco Gross – *Geographicæ globi terraquei sinopses* (1720-1721) –, Athanasius Kircher – *Mundus subterraneus* (1678) –, Rodrigo de Valdes – *Poema Heroyco Hispano-Latino panegírico* (1687) – e Henriche Scherer – *Geographia Naturalis sive fabrica mundi svblvnaris* (1703).

Recorreu, também, às Cartas Ânuas da Província Jesuítica do Paraguay assinadas pelos Provinciais Diego de Torres Bollo (escritas entre os anos de 1609, 1610, 1611, 1612, 1613, 1614 e 1615 [**DHA I**, pp. 3-545; **MCA II**, pp. 12-26]) e Pedro de Oñate (anos de 1615, 1616, 1617 e 1619 [**DHA II**, pp. 3-222]) – as quais traziam notícias sobre a Província do Chile que ainda fazia parte da Província Jesuítica do Paraguay antes de sua separação –, Nicolás Durán Mastrilli (1626-1627 [**MCA I**, pp. 203-258; **DHA II**, pp. 223-384]), Claudio Ruyer (1627 [**MCA IV**, pp. 61-74]), Francisco Vázquez Trujillo (1628-1631 [**DHA II**, pp. 385-438]), Diego Ferrer (1633 [**MCA II**, pp. 29-49]), Diego de Boroa (1635-1637 [**DHA II**, pp. 439-775]) – cartas que, anteriormente, haviam sido utilizadas por Ruiz de Montoya e Del Techo para a escrita de *Conqvista espirital* e *Historia Provinciæ Paraquariæ*, respectivamente – e, ainda, as Ânuas de Francisco Lupercio Zurbano (1637-1639, 1641-1643 e 1644 [ARSI, Paraq. 8, ff. 208r-296v, ff. 311r-389r, ff. 392r-424r]) – que já haviam sido referidas por Techo em seu livro.

Durante os anos que separam cronologicamente as obras de Montoya, Techo e Lozano foram redigidas e enviadas as Cartas Ânuaas dos Provinciais Juan Bautista Ferrufino (1645-1646 [ARSI, Paraq. 8, ff. 426r-437r; **C.A. 1645-1646**, 48 f.; **MCA II**, pp. 76-78]), Francisco Vázquez de la Mota (1650-1652 [ARSI, Paraq. 9, ff. 1r-19r; **C.A. 1650-1652**, 45 f.]), Laureano Sobrino (1652-1654 [ARSI, Paraq. 9, ff. 21r-66r; **C.A. 1652-1654**, 157 f.]) e Diego Francisco de Altamirano (1653-1654 [**MCA II**, pp. 120-254]), Simon de Ojeda (1658-1660 [ARSI, Paraq. 9, ff. 69r-92r; **C.A. 1658-1660**, 80 f.]), Andrés de Rada (1659-1662, 1663-1666 e 1667-1669 [**MCA IV**, pp. 176-207; **C.A. 1659-1662**, 128 f.; **C.A. 1663-1666**, 168 f.; **C.A. 1667**, 40 f.; **C.A. 1668**, 30 f.; **C.A. 1669-1672**, 45 f.]), Cristobal Gómez (1672-1675 [**C.A. 1672-1675**, 110 f.]), Thomas Donvidas (1681-1692 [ARSI, Paraq. 9, ff. 209r-274r]) e Ignacio de Frías (1689-1700 [**C.A. 1689-1700**, 68 f.]). Estas cartas, assim como as que já haviam sido utilizadas na *Conquista Espiritual* e na *Historia Provinciæ Paraquariæ*, e, a de 1645, na *Historia del Río de la Plata y del Paraguay*, de Juan Pastor, aparecem também nos livros de Pedro Lozano. Já as Cartas Ânuaas do século XVIII citadas por Lozano são as de José de Aguirre (1714-1720 [**C.A. 1714-1720**, 119 f.]⁹⁶), de Jeronimo Herrán (1720-1730 [**C.A. 1720-1730**, 287 f.]), de Jaime Aguilar (1730-1735 [**MCA VI**, pp. 153-212; **C.A. 1730-1735**, 284 f.]) e de Bernardo Nusdorffer (1735-1743 [**MCA V**, pp. 329-333; **C.A. 1735-1743**, 383 f.]), cabendo ressaltar que estas três últimas foram escritas pelo próprio Lozano na condição de secretário destes respectivos provinciais. São também utilizadas as Cartas Ânuaas escritas por Antonio Ruiz de Montoya, como Superior das Missões (1628 [**MCA I**, p. 259-298]), por Pedro Romero, como Superior de Guaranis (1634 e 1634-1635 [**MCA II**, pp. 61-63, 68-70; **MCA III**, pp. 33-95; **MCA IV**, pp. 80-144]), por Pedro Mola e José de Oreggi (1637 [**MCA III**, pp. 149-152; **MCA IV**, pp. 151-153]).

Ainda constam em suas referências os nomes de Cornélius Tácito, Claudio Ptolomeu, como também passagens do Antigo e Novo Testamento. O que nos faz pensar que as evidências das numerosas leituras realizadas e a alusão a textos tão variados sejam uma tentativa de mostrar que este passado *jesuítico* e do próprio território da província que ele descreve não estavam *mortos* ou *esquecidos*. Em relação a esta questão, David Lowenthal, afirma que uma “gran cantidad de recuerdos y documentos, de reliquias y de réplicas, de monumentos y de eventos memorables,

⁹⁶ Devido à morte do Provincial Juan Bautista Cea é muito provável que Aguirre, na condição de Vice-Provincial, tenha assinado esta Carta Ânuaa.

habitan en los más hondo de nuestro ser. Y conforme nosotros lo rehacemos, el pasado nos rechace a nosotros” (LOWENTHAL, 1998, p. 20).

Depois desta longa exposição sobre quais foram os autores utilizados por Pedro Lozano para a escrita de seus livros, no presente capítulo, propomos a discussão de como se deu o uso destes livros e como os mesmos aparecem no texto das obras que os referenciam. Buscamos, ainda, aprofundar este debate com a questão da cópia, presente na formação jesuítica, mostrando como esta incidiu na construção de uma de suas obras, a *Historia de la Conquista*. Pretendemos, ainda, demonstrar como as referências diretas ou indiretas, o reposicionamento e a reconstrução de argumentos extraídos de Antonio Ruiz de Montoya e Nicolas del Techo auxiliaram Lozano a criar uma narrativa própria que vai além dos livros que o influenciaram. Para tanto, buscamos comparar as obras de Lozano (*Descripcion chorographica* e *Historia de la Conquista*) entre si, bem como também com os livros (impressos ou manuscritos) de Montoya, de Techo e de Pedro Montenegro.

5.1 Como referenciar um texto?: transcrições e citações presentes nas obras de Lozano

A maior preocupação de Lozano – e também de Antonio Machoni –, como se pode constatar, era com uma possível perda de conhecimentos já registrados e de documentos, caso estes não fossem devidamente reunidos e discutidos. Em alguns casos, o debate e a crítica aos livros de alguns autores eram vistos como necessários para a maior precisão de datas, nomes ou fatos que eram apresentados de forma divergente nos textos por ele utilizados. De acordo com Del Valle:

En cierto sentido, la escritura de los jesuitas tenía un carácter oral, no desterraba el error, lo simplemente oído; por el contrario se movía en él, en una zona confusa en la cual lo que verdaderamente importaba eran no los datos precisos (el número de muertos, los años, las circunstancias) sino señalar el espacio nebuloso y turbio creado por el temor, la mitología de otra zona que desbordaba sus límites para alcanzar a los jesuitas en Europa (DEL VALLE, 2009, p. 160).

Descrever o Chaco e a região de Tucumán, na concepção de Lozano, significava tirar estas regiões do esquecimento historiográfico e impedir a deterioração

a que os documentos sobre elas estavam sujeitos nos arquivos. Machoni, aliás, na apresentação da *Descripción chorographica*, faz uma importante defesa da manutenção dos documentos produzidos pelos membros da Companhia e critica aqueles que não compartilhavam os conhecimentos adquiridos⁹⁷. Para Lozano, na *Historia de la Compañía* e na *Historia de la Conquista* havia sido feita a reconstituição da história da Ordem de Santo Ignacio na Província Jesuítica do Paraguai, uma história que já era conhecida do público, buscando sanar dúvidas e corrigir erros ou imprecisões, que podiam comprometer a identidade e a unidade da própria Ordem, Vale lembrar que:

Una de las características sobresalientes del siglo radica en el nuevo impulso que se da a la escritura. Puede decirse incluso que nunca como entonces tiene la escritura un carácter tan trascendente, que hasta ese momento no había existido un grupo de personas (científicos y filósofos, naturalistas) tan decididamente organizados para “descifrar” el mundo, limpiarlos de las mentiras y supercherías con que, desde su perspectiva, había permanecido ignorado por las épocas anteriores. En esta empresa, la escritura adquiere una importancia mayúscula: por primera vez se veía el mundo tal cual era y resultaba fundamental ponerlo de una vez y para siempre sobre el papel (DEL VALLE, 2009, p. 44).

O fato é que estes autores e documentos são referidos nas obras de Lozano, quer através de menções aos títulos de suas obras e à sua localização, quer através de citações ou, então, de extensos parágrafos transcritos integralmente. Alguns dos autores que referimos nas páginas anteriores têm seus nomes inseridos na lateral das páginas (Imagens 3 e 4), no corpo do texto (Imagens 5 e 6) ou informados após o uso do sinal gráfico ”” podendo ainda aparecer a citação em *cursivo* (Imagens 7 e 8), como nos manuais de latim, e servem para informar o que Lozano leu e livrar o texto das repetições dos nomes dos autores e obras, que se perdem no meio da narrativa (COMPAGNON, 1996, pp. 124-125). De acordo com Anthony Grafton, nos séculos XVI e XVII, o sistema de indicações à margem dos textos de Teologia e Direito, em alguns casos, remetem ao princípio de autoridade e, não deve ser pensado como parte de um aparato crítico como as notas de rodapé (GRAFTON, 1998, p. 27). É preciso lembrar que as indicações consistiam em

⁹⁷ A crítica não é destinada apenas aos membros da Companhia de Jesus, mas também aos membros pertencentes a outras ordens religiosas e a leigos, que dificultavam o acesso a informações, por não quererem compartilha-las com outras pessoas.

um sinal tipográfico (...), um indicador que equivale a “Eu cito”: as aspas, que o impressor Guillaume teria inventado no século XVII para enquadrar, isolar um discurso apresentado em estilo direto ou uma citação. Anteriormente, apenas a repetição do nome próprio do autor citado, sob a forma de uma oração intercalada, “diz fulano”, preenchia essa função (COMPAGNON, 1996, p. 52).

Del gran Chaco, &c. §. III.

hombres para cargar uno, como fue aquel, que vió el venerable Padre Antonio Ruiz tan grande, como un buey dando medio cuerpo fuera del agua. Y otro era mayor, pues se tragó un Indio, y despues le lanzó entero en la playa, bien que muerto, como lo vieron con asombro los Padres de nuestras Reduccioncs del Guayrá. Tienen las aguas de este rio virtud oculta à la manera, que el Silaro de convertir el palo en piedra, de que ay quotidiana experiencia, y se vé muchas vezes una parte del tronço, que baña el agua hecho piedra, quedando la otra leño. El Governador Hernan Darias de Saavedra tenia en su zaguan un arbol grande convertido en piedra, que sacaron de este rio. Tambien se forman naturalmente de la arena de este rio, unos vasos brutiscos de varias figuras, que tienen propriedad de enfriar el agua. Así mismo son estimados los cocos de piedra, y las piedras que se crian dentro de ellos à las riberas del Parana, los quales llegando à cierto tiempo, y disposición, rebientan dando un grande estampido, y entonces se descubren las puntas de ametistes, de que se compone el interior. Las aguas del Parana son suaves, y delicadas, tienen fuera de lo dicho, particular eficacia, para aclarar y purificar la voz, y desembarazar la garganta, y pecho de las distilaciones, y humores, que suelen enronquecerla. En las margenes de este gran rio tiene fundadas esta Provincia nueve de sus Misiones, y antiguamente, todo el rio estuvo pobladissimo de infinita gente, aunque oy está disminuida, por las continuadas malocas, ó correrias de los Matucos del Brasil, los quales consta, que hasta el año de 1639. ayian cautivado mas de trescientos mil Indios por esta parte. Las costas, que este gran rio baña en el Chaco, habitan los Infieles Abipones, algunos Mocovies, que se huyeron de las Fronteras de Salta, y los Callagaes, à quienes antiguamente llamaban Mataras. Esto baste del Parana: quien desiccare saber mas particularidades de él, podrá ver los Autores, que se citan al margen.

P. Ovallé en la relación de Chile, lib. 4. cap. 11.
 Ruydiaz de Guzman en su Argent. M.S. lib. 1. cap. 3. Cautenera en su Argent. P. Vasconcelos, en las noticias del Bras. lib. 1. à num 33.
 P. Tech. Hist. del Paraguay lib. 5. cap. 3. Fr. Eusebio de Brito Freire en su Nueva Lusitania l. 1. à num. 39. Abraham Hortulio in Theatro Orbis tab. 19. V. sico Tabra in Descrip. prapuar. quarand. region. India Occident.
 Juan Blaquen in America. P. Juan Eusebio hist. natur. lib. 16. cap. 47.
 Fr. Alonso de Zamora Histor. del Nuevo Reyno lib. 1. cap. 3.



Imagem 4: Trecho do § III (LOZANO, 1733, f. 25).

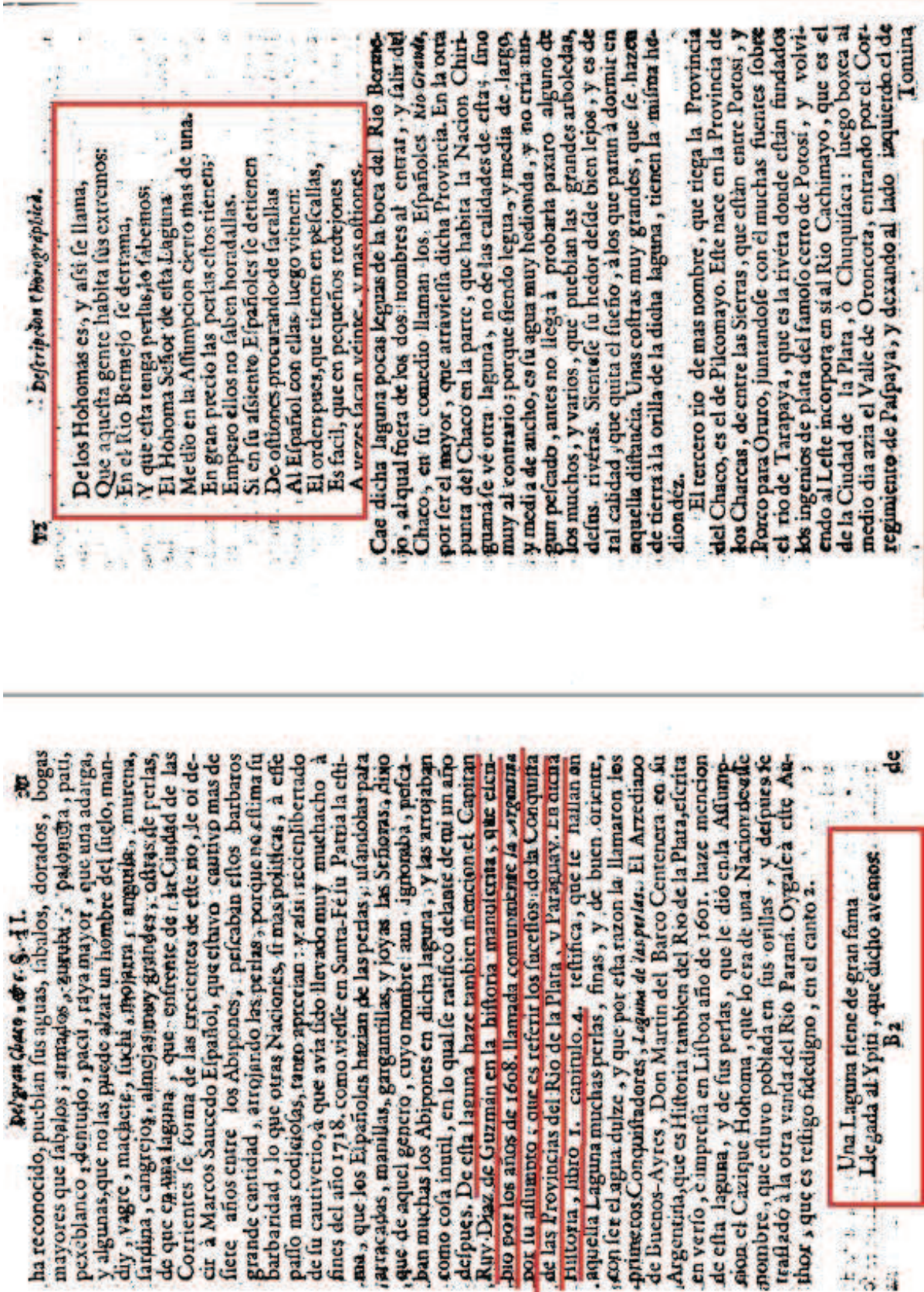


Imagem 5: Trecho do § II (LOZANO, 1733, ff. 11-12).

va Iglesia, en que hizo la rica grangeria de los meritos, con que consiguió su corona.

14 Quantos conocieron, y trataron à este gran Jesuita, hicieron de sus obras, y virtudes singular aprecio; y entre los demás, se señalaron mucho el Padre Provincial Diego de Torres, los Padres Joseph Cataldino, Simon Mazeta, y Antonio Ruiz de Montoya, testigos inmediatos, y Compañeros en el ministerio Apostolico, y sus grandes Panegyristas. Escribieron su Vida el Venerable Padre Marciel de Lorenzana en Carta comun à todos los Colegios de esta Provincia. El Padre Juan Pastor en la Historia manuscrita de la misma, lib. 7. cap. 20. y en la suya el Padre Techo lib. 4. cap. 29. Juvenici s. p. Histor. S. J. lib. 23. §. 14. num. 35. Notial in Anno dier. memorab. S. 7. 2. p. die 10. Decemb. donde dice no le sabe el dia, y año de su muerte, de que cita por testigo al Padre Techo en la Historia, que entonces tuvo solamente manuscrita, 1. p. cap. 23. pero sin duda leyó muy de prisa, pues ni el Padre Techo dividio en partes, sino en libros, su Historia: ni dexo de señalar el año de su muerte, aunque es verdad, que padeció engaño adelantandola al de 1613. no aviendo sucedido sino à 2. de Febrero de 1614. como dexo escrito, y consta expresamente del Catalogo de Difuntos de esta Provincia, y de la Carta, en que el Padre Lorenzana participó la noticia de su muerte, y para los Sufragios acostumbrados, y de otras muchas Cartas de los Nuestrros de aquel tiempo.

15 Celebran al mismo santo Varon otros muchos Autores, como son; el Padre Antonio Ruiz de Montoya en la Conquista Espiritual del Paraguay, §. 14. el Padre Pedro de Guzmán en el Proemio de la Vida de San Francisco Xavier, el Padre Juan Rno lib. 2. Historia Virtutum varle, cap. 5. §. 6. Padre Andrade tom. 5. de los Varones ilustres de la Compania, pag. 247. y 248. Y de los externos el Doctor Don Francisco Xarque en las Vidas de los Venerables Padres Montoya, Cataldino, y Mazeta: y el Maestro Gil Gonzalez Davila en el tom. 2. del Teatro Episcopal de la Iglesia primitiva de las Indias Occidentales, en el Teatro de la Santa Iglesia de la Assumpcion del Paraguay, en cuyo frontispicio pone este elogio: En este Obispado duermen en el Señor el muy Venerable Padre Martin de Urtasun, natural de la Ciudad de Pamplona, Religioso de la Compania de Jesus, clarissimo en santidad, y milagros. Y en el Teatro de la Santa Iglesia de Buenos Ayres, fol. 100. dexa repetido el mismo elogio, aunque enganado en afirmar, que sus Reliquias descansan en el Obispado de Buenos Ayres, contra lo que escribió en el elogio aqui copiado, que es la verdad. Porque el Pueblo de Loreto, donde se guardan, nunca ha pertenecido al Obispado de Buenos Ayres, sino al del Paraguay, aunque ha ocupado dos sitios muy diferentes, y entre sí distantes, el primitivo en el Guayrà, y el segundo el presente à las margenes del gran Río Paraná. Advierto por ultimo, que el Doctor Xarque yerra repetidas veces en la Vida del Venerable Padre Cataldino, cap. 13. 17. y 18. el apellido de este Siervo de Dios, llamandole Martin Xavier Orazu, quando es cierto, y constante se llamaba Urtasun, de esta Nobilissima Casa en el Reyno de Navarra; y sin duda por estar mejor informado años despues, lo corrigió el mismo, dandole su verdadero apellido

de Urtasun en la Vida del Venerable Padre Simon Mazeta, cap. 12. pag. 31.

Opinion, y fama de su santidad, y Autores que tratan de él.

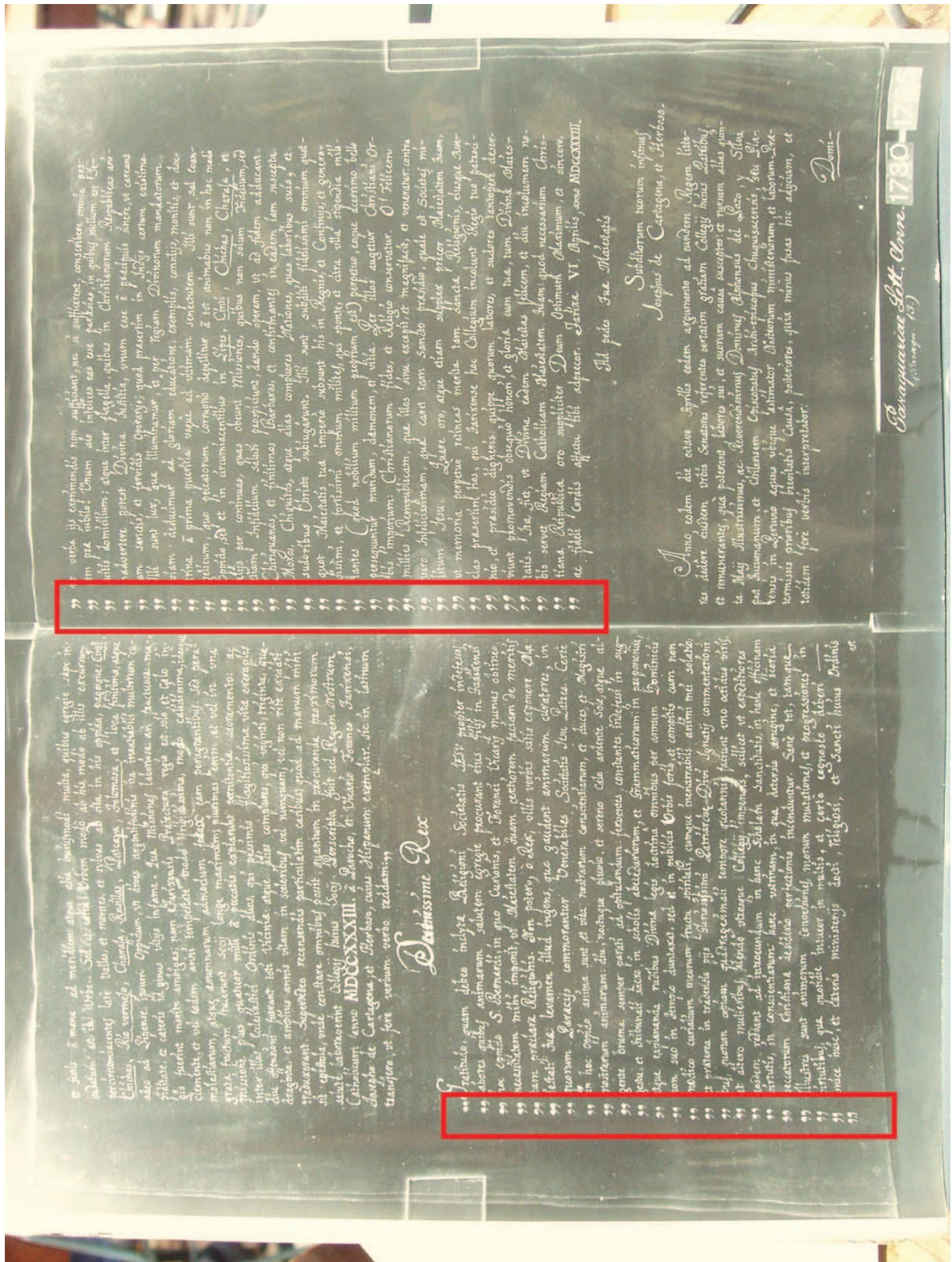


Imagem 7: *Litteræ annuæ Provinciæ Paraquariæ Societatis Jesv ab ann 1730 ad annum 1735* (ARSI, Paraq. 13, ff. 23v-24r)⁹⁹.

⁹⁹ As Cartas Ânuas foram gentilmente cedidas pelo Prof. Dr. Carlos Paz, a quem agradeçemos.

6. Al tocar con la experiencia tan prodigiosos efectos, era inexplicable el gozo en que se veían inundados los Misioneros, de que dio testimonio el mismo Padre Barzana, escribiendo al Padre Juan de Auzanza, por estas palabras: Consuelome sumamente en pensar, que Nuestro Señor inspiró á V. R. que nos embiasse á estas tierras, lo qual nos enseñan cada día los felices sucesos, que su Magestad dispone en nuestra venida: el amor, con que toda la Provincia universalmente nos ama, es grande, y el mismo nos muestra continuandolo siempre su Señoría Reverendísima, que pidió viniéssse á esta tierra ante de la Compañía. El mismo se empeña á acreditar con su presencia, y con quantos modos puede, nuestros ministerios, y nos dá cada día mayores señales de su benevolencia.

7. Observaba aquel sabio Prelado menudamente las acciones de los Jesuitas, y de todas sacaba nuevos motivos para aumentar el afecto, y la veneracion, porque todas respiraban santidad. Escuchaba los ecos de los Sermones, y Doctrinas, que hacian en las Plazas: advertia las lagrimas, con que los oyentes correspondian, en vez de populares aplausos: miraba la muchedumbre de penitentes, que ocurrían en busca de los Apóstoles nuevos: oía sonar al zelo en su lengua, en su trato la dulzura, quando solo ocupaba sus semblantes la modestia. Notaba la mudanza total de la Ciudad, cotejaba con las noticias, que de las otras avian volado precursoras de su venida; y todas, ó las hallaba uniformes, ó solo distinguía la diferencia, de que aquí eran mayores las obras, que la fama. Reparaba por fin, quanta confianza merecian á los Indios, con quanto empeño patrocinaban sus causas, quanta atencion aplicaban á desbastar su rudeza: y todo allá dentro de su interior engendraba tan alta estimacion, que no cabiendo en su pecho, se desahogaba en elogios, con grito tan sonoro, que venciendo las distancias, se dexó escuchar en los oídos del gran Phelipe Segundo, en estas expresiones: Si faltassen (decía el esclarecido Prelado) de esta una, y otra America los de la Compañía de Jesús, bien podría V. Mag. temer, que los Naturales de ellas no perseveren mucho tiempo en la Fe: que á no aver conseguido algunos de dichos Padres, y esperar otros del Brasil, suplicaria á V. Mag. me concediesse licencia para renunciar desde luego el Obispado, y volverme á España al retiro de una Celda. Porque, Señor, solos los Jesuitas son el ímân de los Indios, y se aplican á solicitar de veras su salvacion, como lo enseña la experiencia.

CAPITULO V.

VAN LOS PADRES ANGULO, Y BARZANA A LA CIUDAD de Cordova, à donde llegan nuevos Jesuitas de la Provincia del Brasil.

Determina el Señor Victoria llevar consigo à la Villa de Cordova à los Padres Angulo, y Barzana.

LA solitud de las Iglesias de su inculta, y dilatada Diócesi, era la atencion, que mas despertaba los cuidados del vigilantísimo Victoria; y bien, que desde que consiguió ver à los nuestros, reclinaba sobre sus dictámenes el mayor peso de su Mitra: deseaba, no obstante, con ansia se difundiesse todo el bien, que admiraba à todas sus ovejas. A este fin determinó salir à la Visita de su Obispado, y que le acompañassen con ella los Padres Angulo, y Barzana, quedandose en Santiago el Padre Gutiérrez, y Hermano Villegas. La primera parte, à que quiso en-

en-

Estas informações, mais do que apontar para os autores ou obras que foram relevantes para o processo de escrita, evidenciam o emprego de “técnicas clássicas de prova (notas de rodapé [*notas à margem*], menções, referências), que pressupunham a confiança do leitor, não podendo aquele colocar-se no lugar deste diante dos documentos analisados e utilizados” (CHARTIER, 2002, p. 22. *Grifo nosso*). Como podemos constatar, na lateral do texto, onde geralmente se encontravam os títulos dos livros e os nomes de autores referenciados por Pedro Lozano, pode-se encontrar também a informação sobre o número do capítulo em que se situava o texto mencionado¹⁰⁰. Este procedimento, considerando a *cultura impressa* do período, aponta para o estabelecimento de uma relação de confiança entre aquele que escreve e aquele que lê, como apontado, pelo próprio Lozano, no *Prologo da Historia de la Compañia*,

ha sido todavia no poco lo que he necessitado inquirir en muchos Papeles antiguos, con sobrada fatiga. El estilo, que en el escribir observo, es superfluo prevenírtelo, ò Lector! pues tù le conoceràs, y sabràs calificar, mejor que yo. Estima en lo que quisieres mi trabajo, qye yo cumplo con aver obedecido, y deseado en essa supoficion servir al Público en lo que alcanzo (LOZANO, 1754, s.p.).

Questão esta conceitualizada por Chartier, na medida que:

Las notas remiten a documentos que el lector, por lo general, no podrá leer. Las referencias bibliográficas mencionan libros que el lector, la mayoría de las veces, no podría encontrar más que en bibliotecas especializadas. Las citas son fragmentos recortados por la mera voluntad del historiador, sin posibilidad, para el lector, de conocer la totalidad de los textos de donde han sido extraídos los fragmentos (CHARTIER, 2007, p. 83).

Compagnon, por sua vez, ressalta que as citações acompanhadas de suas respectivas notas revelam “um conjunto ou uma rede de textos (...) uma tipologia das competências requeridas para a leitura” (COMPAGNON, 1996, p. 22). Ao comparar e

¹⁰⁰ Essa questão nos faz cogitar que Pedro Lozano soubesse que os livros e textos, em geral, utilizados para a composição de suas obras poderiam passar por acréscimos ou supressões posteriores, o que acabaria acarretando em modificações em relação ao número da página ou disposição dentro do texto e impossibilitaria uma referência completa dentro dos nossos parâmetros atuais. Como exemplos das variações a que estavam sujeitas estas informações, ressaltamos que não sabemos qual foi a edição da *Conquista espiritual* que Pedro Lozano teve acesso e leu, uma vez que existiram duas edições de 1639, devido a um erro de impressão na paginação. O mesmo ocorre com a *Historia Provinciæ*, pois não sabemos se ele leu a versão manuscrita ou uma das poucas edições impressas que a obra teve em latim.

discutir as fontes utilizadas pelos autores que trataram do martírio do padre Gaspar Osorio e de seu companheiro, Antonio Ripario, em 1639, Lozano aciona em sua narrativa o ideal do missionário herói-mártir (BAPTISTA, 2004, p. 32), recorrendo aos jesuítas Juan Eusebio de Nieremberg, Felipe Alegambe, Nicolas del Techo, Juan Nadasí,

los quales sacaron lo mas, que de ellos escriven, de las Aunuas de esta Provincia de los años de 1635, que escribió el Padre Provincial Diego de Boroa , y traduxo en latin el Padre Francisco de Hamal, que las imprimió en Lima, año de 1642, y de las Aunuas del año de 1639, que escribió, el Padre Francisco Lupercio de Zurbano, Provincial del Paraguay. Escriven tambien de los mismos Alonso de Andrade en su memoria de los Martyres de la Compañía pag. 725 y pag. 732. Nicolas Mastrilli Durán en las Annuas del Paraguay del año 1627, que traduxo en latin el Padre Diego Ranzonier; el Doctor Don Francisco Xarque en la vida del Venerable Padre Antonio Ruiz lib. 1. cap. 27, y en los Misioneros del Paraguay lib. 3. cap. 26, y el Padre Juan Patricio Fernandez en fu Relación historial de los Chiquitos cap. 21 (LOZANO, 1733, f. 182. *Grifo nosso*).

Como relação às referências feitas por Lozano a estes autores, vale ressaltar que ele mesmo os apresenta como “autores que se citam al margen” (LOZANO, 1733, f. 25) e que se caracterizam pela *abreviação*, parafraseamento ou resumo do texto citado, ou, então, pela *ampliação*, quando se trata de um texto presente em outro livro do próprio Lozano. Neste último caso, poderíamos falar de uma “cópia de si mesmo”, enquanto autor, e uma evidência de apego ao autotexto (GENETTE, 2010, p. 74). Ainda de acordo com Genette:

Por isso se entende que esses procedimentos são algo mais que simples mudanças de dimensão: operações mais complexas, ou mais diversas, e que só se batizam, um pouco grosseiramente, de reduções ou aumentos, a partir de seu efeito global, que é de fato diminuir ou aumentar sua extensão – mas a custo de modificações que, com toda evidência, não afetam somente sua extensão, mas também, ao mesmo tempo, sua estrutura e seu teor. Reduzir ou aumentar um texto é produzir a partir dele um outro texto, mais breve ou mais longo, que ele deriva, mas não sem o *alterar* de diversas maneiras, específicas de cada caso, e que se pode tentar ordenar, simetricamente ou quase, em dois ou três tipos fundamentais de alterações redutoras ou ampliadoras (GENETTE, 2010, p. 75).

Da mesma forma que o ato de citar algo ou alguém pressupõe uma leitura anterior, uma cópia das passagens mais relevantes do texto, uma seleção prévia, um

esquecimento, excisão ou abandono de alguns pontos e a conseqüente amputação do hipotexto, já trazem consigo este precedente para a formulação de um texto novo. Na ampliação, ela surge espontânea, erudita e corrigida quando comparada à redação original. Este rigoroso método histórico, baseado na leitura, reflexão e uso da documentação recolhida em arquivos dos colégios de Córdoba de Tucumán, Asunción e Buenos Aires, e nos relatos de missionários e descendentes dos conquistadores, fez com que o Maestro Cristóbal de Palma, no texto da *Censura*¹⁰¹ que escreveu para a obra *Descripción chorographica* de Lozano, destacasse, de forma elogiosa, a rigidez que ele impunha a si mesmo e aos seus colaboradores na elaboração e redação do texto (MARRAS, 2011, p. 13).

O acesso aos arquivos da Companhia de Jesus na Província Jesuítica do Paraguai transparece não apenas na citação feita a certos documentos ao longo do livro, mas também na sua forma de escrita, que revela que certos jesuítas e autores leigos do passado foram inspiração para ele (CARGNEL, 2015, p. 164). Nem todas as referências feitas por Lozano são, no entanto, facilmente detectáveis, como se pode constatar em relação aos textos alguns membros da Ordem de Santo Ignacio do século XVIII¹⁰², que se perdem em meio à fluidez da narrativa, podendo até passar despercebidos. Como bem observado por Samoyault, o intertexto transpõe as citações, dependendo da relação que o leitor estabelece entre uma obra e outras que a antecederam e a sucederam (SAMOYAULT, 2008, p. 28). A autora, ainda, observa que

assim como uma pessoa se constitui numa relação muito ampla com o outro, um texto não existe sozinho, é carregado de palavras e pensamentos mais ou menos conscientemente roubados, sentem-se influências que o subtendem, parece sempre possível nele descobrir-se um subtexto (SAMOYAULT, 2008, p. 42).

Tal presença de outros nomes no corpo do texto acaba mostrando também que

a unidade [...] como princípio para garantir a coerência do discurso pode referir-se a vários indivíduos que competem e cooperam entre si. Por outro, a pluralidade das vozes e das posições do autor no mesmo

¹⁰¹ O texto recebeu este título e trata, exclusivamente, da censura do livro.

¹⁰² A identificação de quem eram os autores dos textos se torna um pouco difícil pelo fato de que os mesmos foram retirados das Cartas anuais escritas por Lozano, sendo que se utilizou destes relatos para descrever os acontecimentos e os trabalhos da Companhia de Jesus na região.

texto é remetida de volta a um único criador (CHARTIER, 2012, pp. 38-39).

Vale lembrar que para Chartier “o conceito ideal de texto ‘original’, visto como uma abstrata entidade linguística presente atrás das diferentes instâncias de um trabalho, é considerado uma completa ilusão” (CHARTIER, 2012, p. 41). O fragmento ou citação, que foi escolhido e separado, será convertido em um texto em si mesmo, que será agrupado e reestruturado em um conjunto composto por frases, parágrafos e ideias que formam o discurso narrativo que está sendo pensado e que será transmitido àquele que potencialmente irá ler (COMPAGNON, 1996, p. 119). De acordo com Chartier:

Assim, editar um trabalho não deve significar a recuperação desse texto inexistente, mas sim tornar explícito tanto a preferência dada a uma das diversas “formas registradas” do trabalho quando as escolhas concernentes à “materialidade do texto” – isto é, mostrar suas divisões, sua ortografia, sua pontuação, seu *lay-out* (CHARTIER, 2012, p. 41).

É preciso considerar que estas tentativas de diálogo com um leitor desconhecido e em potencial fizeram com que fossem padronizados estilos de impressão, paginação, divisão dos parágrafos, a fim de que a leitura se tornasse mais dinâmica. E, ainda, que no chamado *mundo do texto*, alguns autores deixavam suas marcas, através das suas características narrativas, as referências que utilizavam e as relações que mantinham com outros escritores que estavam publicando livros na mesma época.

O próprio Machoni, na dedicatória a *las Religiosas, y Doctísimas Provincias de la Compañía de Jesus de Europa*, texto que se constitui na apresentação da obra *Descripción chorographica*, ressaltou, em sintonia com instruções de Polanco e Acquaviva, a necessidade de produzir documentação, que pudesse ser facilmente consultada e utilizada, retomando, desta forma, o argumento de que os relatos dos missionários que estiveram no Chaco (a mesma observação serve para as demais províncias), deveriam ser tomados como fonte de conhecimento e de pesquisa para a nova geração ou grupo de jesuítas que fosse destinado à região ou recebesse a incumbência de escrever sobre ela. Esta posição assumida por Machoni se manifesta no propósito que deveria ter o primeiro livro de Lozano, que era o de informar e divulgar informações sobre os novos territórios de missão, bem como estimular a

curiosidade do leitor *cristão* em relação aos trabalhos edificantes desenvolvidos pela Companhia de Jesus na América. Concomitantemente, havia o objetivo de mostrar o missionário como um herói apostólico incansável, a quem cabia o trabalho de conversão e catequização de todo o território desta Província Jesuítica, que, no caso da *Historia de la Conquista*, era colocado como fundamental para a ocupação do território e a posterior fundação das cidades coloniais.

Para Lozano, elaborar uma síntese de espaço físico e humano das três governações, das quais o Chaco era parte constituinte e vice-versa, atendia ao objetivo de apresentar uma “nueva hiftoria (y tan nueva, que es la primera de ella gran Provincia del Chaco)”, voltada à “la causa mas alta, y mas útil” (LOZANO, 1733, s.p.), em sintonia, portanto, com o expressado por Machioni. Ao tomar contato com estas informações, o *leitor* deveria poder conhecer:

La quarta parte del mundo, que comunmente llamamos America (siendo tan vasta en sus terminos, que por grande excede al resto de las tres) abriga en sus anchurosos senos multitud casi innumerable de habitantes, la qual excede sin comparacion al numero de los que ya sugetos al yugo del Evangelio , y al vasallaje de la Magestad Catholica viven en la policia Christiana, que les enfeñaron los Missioneros, Apostolicos, destinados para su espiritual cultura à sus Reales expensas por nuestros Catholicos Monarcas en los dos más celebres Imperios de este nuevo Mundo Mexico, y Perú (LOZANO, 1733, s.p.).

Além de expor quais eram as suas motivações e objetivos, o jesuíta evoca a presença de um sujeito *extratexto*, que é convidado a participar da obra com suas curiosidades, percepções e solicitações, as quais acabam por colocar em movimento *todos os seus outros livros* (COMPAGNON, 1996, pp. 54-57) como, também, o de seus antecessores. No entanto, como observa Maeder, “al comprender la importancia y magnitud del tema, no pudo por menos que consagrarle toda una obra, que superó incluso, sus cálculos iniciales y que luego cobró forma independiente de su objetivo principal” (MAEDER, 2010, p. 20). A esse processo de constante revisão do passado, mediante a reunião e a crítica de obras e documentos, se somará a preocupação como o compartilhamento de saberes e com o necessário conhecimento/domínio linguístico, pois desde

los primeros “encuentros” del siglo XVI la existencia de múltiples lenguas en un territorio “reducido” adquiría connotaciones negativas: se trataba seguramente de estados menores, sin gran desarrollo

material o cultural cuya falta de expansión [...] era asumida como falta de poder. En el siglo XVIII, este solo rasgo era signo inmediato de cierta invalidez (DEL VALLE, 2009, p. 74).

Isto parece explicar porque Machoni considerou como uma das perdas mais irreparáveis da história da Ordem Jesuítica a não publicação, por Alonso Barzana ou Pedro de Añasco, dos elementos básicos e fundamentais para a compreensão da linguagem dos Lules (MACHONI DE CERDEÑA, 1732). A ausência de uma gramática ou de um dicionário da língua falada por estes indígenas – que Barzana dominava por ter vivido por anos entre eles – fez com que ela permanecesse desconhecida dos demais missionários que foram enviados para catequizar estes nativos, o que fez com que Machoni se preocupasse em ele mesmo escrever e publicar uma gramática destinada a este idioma.

O conhecimento das línguas autóctones foi de fundamental importância na etapa inicial de contato e, posteriormente, no processo de evangelização, na medida em que facilitou a aproximação, o estabelecimento de relações de (des)confiança¹⁰³ e a transmissão de conceitos que se aproximavam ou distanciavam das crenças dos nativos (MARRAS, 2011, pp. 9-10). Vale lembrar que o “interesse na publicação de vocabulários e instrumentos que facilitassem a comunicação com os índios” não foi uma exclusividade dos missionários e que esteve presente “na pauta dos administradores coloniais” (MECENAS, 2017, p. 7). O domínio linguístico, como bem observado por Orlandi, contribui significativamente para as condições de interpretação e de atribuição de sentido:

Para que a língua faça sentido, é preciso que a história intervenha, pelo equívoco, pela opacidade, pela espessura material do significante. Daí resulta que a interpretação é necessariamente regulada em suas possibilidades, em suas condições. Ela não é mero gesto de decodificação, de apreensão do sentido. A interpretação não é livre de determinações [...]. Ela é “garantida” pela memória, sob dois aspectos: a. a memória institucionalizada (o arquivo), o trabalho social da interpretação onde se separa quem tem e quem não tem direito a ela; b. a memória constitutiva (o interdiscurso [*no caso da nossa pesquisa, pode ser modificado para o intertexto como agente mantenedor dessa memória*]), o trabalho histórico da constituição do sentido (o dizível, o interpretável, o saber discursivo). O gesto de interpretação se faz entre a memória institucional (o arquivo) e os efeitos de memória [*intertexto*], podendo assim tanto estabilizar como

¹⁰³Como se pode observar no sequestro de Roque González pelos índios Guaycurús, que desconfiaram das anotações que ele fazia.

deslocar sentidos. Ser determinada não significa ser (necessariamente) imóvel (ORLANDI, 1999, pp. 47-48. *Grifo nosso*).

O estabelecimento de estruturas interpretativas e sua manifestação no discurso da Companhia de Jesus, quer através da gramatização do idioma ou do esforço de reconstituição de sua própria história, diretamente relacionados com a narrativa sobre a *conquista espiritual* e a instalação das *reducciones* serão o tema do próximo subcapítulo.

5.2 A gramatização e a dicionarização do idioma como parte da escrita da história

Dando prosseguimento às nossas reflexões sobre o arquitepo e o discurso narrativo da Companhia de Jesus, trataremos aqui dos estudos linguísticos que os membros da Ordem realizaram enquanto estiveram na Província Jesuítica do Paraguai. Para tanto, houve a orientação de que fossem escritas e impressas gramáticas que tinham como propósito a familiarização dos jesuítas com as línguas faladas pelas populações que viviam nos territórios para os quais estavam sendo enviados. Este trabalho, voltado à comunicação, estava submetido às regras convencionais da ordem do discurso e à seleção de conteúdo/palavras, que regulamentassem a linguagem e se adaptassem ao projeto jesuítico de missão. Desta forma, seria instituída uma conexão entre o que poderia considerado *real* (a palavra em si) e o que é *comunicável* (a interpretação da mesma dentro de uma gramática e as ligações que a mesma pode fazer dentro de frases, para que transmitam um sentido), (CHINCHILLA PAWLING, 2018, pp. 36-37).

Tal preocupação se manifestou em mandatos, representações e ordens reais emitidas por Carlos V (Carlos I da Espanha) e Felipe II, que deliberaram sobre a impressão em castelhano de leis e textos relativos à Nova Espanha e à sua população. A criação do Conselho das Índias (1524), a celebração do II Conselho Provincial Mexicano (1565) e a publicação da *Recopilacion de Leyes de los Reynos de las Indias* (1681) completaram a proposta de escrever, ler e *fazer justiça* através da língua castelhana e do latim como modo de atestar e consolidar o processo de civilização aos moldes espanhóis da população americana (FLORESCANO, 2012, pp. 176-177).

Estas medidas foram, sem dúvida, uma maneira de introduzir a *arte retórica* no processo de conquista e colonização do território, que viria a se manifestar no empenho para a codificação das línguas nativas e a se materializar na publicação de *Vocabulários*, *Gramáticas* e *Dicionários* por especialistas que se dedicaram à sua organização gráfica (ROBLEDO PÁEZ, 2018, pp. 211-212). Neste sentido:

La imposición del castellano y de la escritura alfabética de las lenguas clásicas (el latín, sobre todas) establecieron las bases para el programa sistemático que adoptó el conquistador para borrar y suprimir la memoria de los vencidos, ignorar sus registros históricos y sustituirlos por la escritura y el libro impreso. Aun cuando algunos de los conquistadores y primeros frailes informaron en sus crónicas que los indígenas tenían pinturas y formas peculiares de recoger y transmitir la memoria de los acontecimientos pasados, como Andrés de Olmos, Toribio de Benavente (Motolinía), José de Acosta, Diego de Landa o Bernal Díaz del Castillo, predominó la versión de que los naturales carecían de letras y de libros (FLORESCANO, 2012, p. 177).

Estes especialistas, ao recorrerem a modelos gramaticais anteriores, acabaram criando uma ferramenta de escrita e uma estrutura lexicográfica que lhes conferiu autoridade como *linguistas*. Os livros de Elio Antonio de Nebrija, *Arte dela Lengua castellana*, também conhecida como a *Gramatica castellana* (1492), e *Reglas de orthographia en la lengua castellana* (1517) contribuíram para que o castelhano fosse adotado como língua oficial nas terras americanas. Ao mesmo tempo, como salienta Santiago Robledo Páez, estas gramáticas serviram para que os demais *produtores* das *artes da língua* pudessem refletir, em seus próprios livros, sobre as particularidades do(s) idioma(s) por eles examinado(s).

Ainda de acordo com este mesmo autor, os livros de Nebrija e os de seus seguidores apresentavam as partes que compunham uma oração, tais como: nome, pronome, verbo, adverbio, preposições, interjeições, conjunções e “partes diversas” que devem complementar e conciliar os assuntos descritos, tais como a técnica e a aplicabilidade de todos os elementos que envolvem as *letras*. Ou seja, havia um cuidado em mostrar a fonética, a morfologia, a sintaxe, a métrica, o comentário de textos literários, e, também, a preocupação com a análise dos sinônimos e dos subgêneros, encontrados no idioma (ESPINO MARTÍN e GONZÁLEZ GALLARDO, 2018, pp. 369-370). No século seguinte, o projeto linguístico de Nebrija foi seguido por José Bernardo de Aldrete, em seu livro *Del Origen, y Principio de la Lengva Castellana ò Romance que oi fe ufa en Efpaña* (1606), cuja ideia era a de que os vencidos

deveriam receber o idioma dos vencedores, de tal modo que deveriam abrir mão de sua própria língua.

O fato é que estes *Vocabulários*, *Gramáticas* e *Dicionários* acabaram por definir a forma discursiva ou o discurso narrativo, os quais obedecem a uma tipologia, a uma ordenação e a uma hierarquia que alicerçam outros gêneros textuais que se valem destes conhecimentos, como a história, por exemplo (CHINCHILLA PAWLING, 2018, p. 84). Esta combinação de ortografia, gramática e história teve como efeito um programa de padronização e tradução adotado por letrados e religiosos, que associado às ordenações reais, resultou na produção e publicação de gramáticas e vocabulários das línguas indígenas por franciscanos, dominicanos e jesuítas, que deveriam ser empregados na evangelização dos nativos. A preocupação em controlar a linguagem, a fim de *racionalizá-la* através da escrita, e de fazer com que também os religiosos, assim como os letrados, a dominassem, exigiu que eles tivessem uma formação sólida e um domínio suficiente da gramática latina.

No caso da Companhia de Jesus, o ensino de latim se baseava nas obras dos padres Manuel Álvares – *Societate Iesv de Institvtione Grammatica* (1572) – e Juan Luis de la Cerda – *De institutione grammatica libri quinque* (1601) –, cujo aprendizado previa a inclusão de comentários e observações em língua vernácula, como o castelhano e o português, por exemplo. As obras destes dois autores, juntamente com a de Nebrija, guiaram o ensino e os métodos empregados para uma rápida compreensão da língua que estava sendo estudada, na medida em que ofereciam a estrutura necessária para *dicionarizá-la* e *gramatizá-la*. A obra de Álvares, no entanto, assumiu um caráter oficial, tendo passado por aprimorações recomendadas para sua utilização (ESPINO MARTÍN e GONZÁLEZ GALLARDO, 2018, p. 370).

Se, por um lado, dentre “las aportaciones jesuitas se encuentra su trabajo en el área de la lingüística: la descripción de lenguas, la elaboración de gramáticas, vocabularios, la escritura de oraciones y obras de evangelización en lenguas indígenas” (DEL VALLE, 2009, p. 74), por outro, devemos ter presente que a elaboração de Gramáticas e Vocabulários não esteve restrita à Ordem de Santo Ignacio. Inegável, no entanto, foi o empenho da Companhia em tentar registrar os idiomas autóctones, as crenças religiosas, as formas de pensar, os hábitos, os costumes e as concepções de história das populações junto às quais se encontravam em missão de evangelização (FLORESCANO, 2012, p. 178). Segundo Del Valle:

Ante esta propuesta: hablar una lengua es de algún modo habitar el universo que en ella se dice habría que preguntarse, sin embargo, en qué medida hablar una lengua indígena implicaba, en el caso de los misioneros, un habitar en un mundo distinto al universo decible, vivible en español, italiano o alemán. [...] En este sentido puede pensarse que si por un lado, el conocimiento de una lengua, su “posesión”, representa una garantía de entrada al universo que ésta dice; por otro, y en una dirección contraria, las barreras propias y las impuestas por la mirada de los demás – por esos interlocutores que certifican o no la pertinencia –, implican los límites que a pesar de la lengua (incluso la maestría en la lengua), marcan todavía una distancia, una forma de seguir hablando desde otro lado (DEL VALLE, 2009, p. 78).

Não há como não reconhecer que a sistematização e a normatização das línguas locais pelos missionários jesuítas tornaram possível o *diálogo da conversão*, na medida em que as “estrategias de adaptabilidad de los misioneros al universo en que se encontraban hacían precisamente de la cultura – y por lo tanto el manejo de la lengua era indispensable – el lugar neutro, objeto de la mediación y la negociación” (DEL VALLE, 2009, p. 76). Além disso, “tornar públicos os termos e seus significados consistia numa liberdade de intervenção nos espaços desconhecidos. A persistência das autoridades em construir instrumentos de comunicação evidencia a importância do tema e também outra forma de controle” (MECENAS, 2017, p. 7).

Quanto aos níveis de aprendizado, assimilação, dicção e escrita dos idiomas pelos membros da Companhia de Jesus, eles eram seis e estavam divididos em classes *mínimas* de Gramática até os estudos avançados de Teologia. Havia, no entanto, a intenção de que tais regulamentações presentes no *Ratio Studiorum* deveriam, fossem reunidas em uma obra única, que se mantivesse distante de possíveis *contaminações* de obras como as de Erasmo de Roterdã ou Francisco Sánchez de las Brozas (Brocense)¹⁰⁴, que exibiam traços heterodoxos ao tratado descritivo-normativo desenvolvido para o ensino/aprendizado associados à religião que professavam. Foi nesse processo que foram concebidos e formulados os livros de Álvares e De la Cerda, que seriam seguidos pelas gramáticas do padre Fernão de Oliveira – *Grammatica da lingoagem portuguesa* (1536) – e de João de Barros –

¹⁰⁴ Dentre as obras de Erasmo de Roterdã que foram estão *Enchiridion Militis Christiani* (ROTerdã, 1503), *Laus Stultitiae* (ROTerdã, 1509), *De libero arbitrio diatribe sive collatio* (ROTerdã, 1524). Mas temos conhecimento de que outras obras suas foram colocadas no *Index Librorum Prohibitorum*, após a sua morte, em 1536. No caso Francisco Sánchez de las Brozas, os textos considerados heterodoxos foram *Arte para saber latín* (SÁNCHEZ DE LAS BROZAS, 1595), *Grammaticae graecae compendium* (SÁNCHEZ DE LAS BROZAS, 1581), *Verae brevesque latinae institutiones* (SÁNCHEZ DE LAS BROZAS, 1587) e *Minerva sive de causis linguae latinae* (SÁNCHEZ DE LAS BROZAS, 1587).

Grammatica da língua Portuguesa (1540) –, que serviram de modelo e inspiraram a escrita dos trabalhos do padre José de Anchieta – *Arte de Grammatica da Lingoa mais vfada na cofta do Brafil* (1595) –, de Diego González Holguín – *Arte de la Lengva General del Perv, llamada Quichua* (1603) e *Vocabvlario de la Lengva General de todo el Perv llamada lengua Qquichua, o del Inca* (1608) –, de Sebastián de Covarrubias [Cobaruiias Orozco] – *Tesoro de la lengva castellana, o española* (1611) –, e de José de Arriaga – *Rhetoris Christiani* (1619).

Os autores que se dedicaram ao estudo de línguas ágrafas não puderam, no entanto, aplicar os métodos sugeridos por Nebrija, De la Cerda ou Álvares, tendo que se valer da sua observação para registrar os sons e as palavras. Isto pode ser observado na produção de Ruiz de Montoya, uma vez que

O acesso a estas gramáticas, além do intenso convívio com os jesuítas já envolvidos com as missões entre os índios, auxiliou a embasar a sua capacidade ao abordar aspectos teóricos da linguística, e, principalmente, os anos em que [Antonio Ruiz de Montoya] foi missionário entre indígenas pode ser observado no estabelecimento das normas e composição do idioma indígena (MOURA, 2013, p. 154).

Os missionários, em sua condição de ouvintes e relatores de um sistema linguístico diferente do seu, se tornaram uma espécie de *arquivo vivo*, ao preservarem e registrarem a oralidade nativa, como se pode observar nos trabalhos de Bernardino de Sahagún, Bartolomé de las Casas, Toribio de Benavente, Diego Durán, Gerónimo de Mendieta, Juan de Torquemada, de José de Anchieta e Antonio Ruiz de Montoya. Para além das dificuldades próprias da experiência de convívio junto a estas culturas ágrafas, vários eram os problemas inerentes à observação e à dicionarização das línguas nativas, em especial, aqueles decorrentes da necessidade de transformar sons em sinais fonéticos (MELIÀ, 1995, p. 331) que os tornariam inteligíveis, “lo que era para el misionero [...] las muchas carencias culturales, cívicas y religiosas [...] tenía su paralelo em una lengua a la que ‘faltaban’ para decir el mundo y las relaciones entre sus objetos: substantivos, preposiciones, modos verbales” (DEL VALLE, 2009, p. 265).

Quando não foi possível estabelecer esta conexão, devido à inexistência de uma palavra que tivesse um significado similar, os missionários procuraram “construir una equivalencia relativa, jugando con los elementos denotativos y connotativos” (ACERO DURANTEZ, 2011, p. 654), a fim de tornar possível a interpretação dos

códigos sociais e linguísticos. Assim, obras como *Tesoro* e *Arte, y Bocabulario*, de Antonio Rui de Montoya, por exemplo, acabaram por compor um conjunto de palavras, verbetes, sinais fonéticos, estruturas gramaticais e frases, caracteres fonéticos, expressões e propriedades, nos quais se pode também perceber traços etno-históricos e etnográficos da cultura destes indígenas (FLECK, 1999, pp. 144-145). Reforçando esta constatação, defendemos que para Montoya o idioma indígena era uma espécie de *corpo*¹⁰⁵, um *palácio* ou, até mesmo, uma *fronteira viva*¹⁰⁶, simbolizada por “suas múltiplas expressões” (MOURA, 2013, p. 160)¹⁰⁷.

Em algumas destas gramáticas, que resultaram da observação *in loco* e não da aplicação dos métodos consagrados, a organização hierárquica dos campos semânticos e suas relações etimológicas nem sempre observaram uma terminologia científica (ACERO DURÁNTEZ, 2011, p. 654), o que acarretou em equívocos e distorções. Mas é preciso lembrar que

se o real da língua não fosse sujeito à falha e o real da história não fosse passível de ruptura não haveria transformação, não haveria movimento possível, nem dos sujeitos nem dos sentidos. É porque a língua é sujeita ao equívoco [*formando*] um ritual com as falhas que o sujeito, ao significar, se significa (ORLANDI, 1999, p. 37).

Espino Martín e González Gallardo, no entanto, nos chamam a atenção para o fato de que

A partir de la segunda mitad del siglo XVII, y a lo largo del XVIII, la subforma discursiva de *instituzione grammatica*... se fue viendo desplazada, casi hasta desaparecerla, por una más moderna y cartesiana: el “método”, proveniente de los libros que sobre la enseñanza de las lenguas vernáculas escribió el port-royalista Lancelot, los cuales se titulan: *Méthode pour apprendre la langue latine, spagnole, grecque*, etc. De hecho, los propios jesuitas empezaron a utilizar en parte el nombre de “método” en el título de sus

¹⁰⁵ “O corpo é um código à espera de ser decifrado. [...] Uma mutação análoga se produz quando a tradição, corpo vivido se desdobra diante da curiosidade erudita em um *corpus* de textos” (DE CERTEAU, 2000, p. 15).

¹⁰⁶ Expressão utilizada por Antonio Ruiz de Montoya (RUIZ DE MONTOYA, 2008, p. 410)

¹⁰⁷ O que também nos leva a refletir que, nesta visão, como foi proposto por Del Valle, uma palavra mal colocada ou pronunciada de modo equivocado poderia desestruturar este *esqueleto*. Ao mesmo tempo, poderia abrir espaço à participação dos índios no processo de missão e os colocar em uma posição de *professores* dos missionários até que estes aprendessem o uso correto das palavras (DEL VALLE, 2009, p. 76). A *tragédia linguística* estaria, quase que exclusivamente, em uma situação em que os termos empregados pelo jesuíta fossem passíveis de percepções e interpretações confusas. Essa resignificação do idioma seria capaz de fortalecer ou colocar em crise as “percepções espirituais de ambos os lados, colaborando, com isso, na geração de verbetes com significados específicos no processo missional” (BAPTISTA, 2009, p. 132).

obras gramaticales, como los libros del profesor del Colegio Imperial de Madrid, Pedro Miguel de Quintana: *Observaciones selectas del método con que en breve, y fácil y elegante estilo se enseñan los rudimentos de la lengua latina en los Estudios de la Compañía de Jesús* (1671) o *El Gramático curioso. Observaciones acerca del Methodo de enseñar la perfección de la Gramática en las Escuelas de la Compañía de Jesús* (1678), (ESPINO MARTÍN e GONZÁLEZ GALLARDO, 2018, p. 378).

Del Valle, por sua vez, recomenda que tenhamos presente que

las ideas vigentes en el siglo XVIII se presentan de forma ambigua, compleja en los misioneros. Si por un lado consideraban a las lenguas indígenas “deficientes” en la medida en que decían mal (o no sabían decir) el universo conocido por los misioneros, y pensaban igualmente que los indígenas eran seres tan primitivos que sus palabras no agregaban nada a los objetos de natura; por otro, las sospechas de algunos acerca de la existencia de una relación orgánica ente un territorio, una lengua y sus hablantes, implicaba una consideración de las lenguas “primitivas” que rebasaba la dicotomía cultura/natura (DEL VALLE, 2009, pp. 79-80).

E, ainda, que:

la lengua (su variedad, la falta de gramática, sus pocos hablantes) era y no el centro de un problema que rebasa lo lingüístico. Muchos misioneros, a pesar de hablar alguna lengua indígena, se niegan siempre – al menos en la escritura – a participar en los géneros discursivos de los indígenas e los sistemas que moldeaban y daban sentido a palabras que por su reticencia pueden parecer una especie de simple nomenclatura. El problema para comunicarse estaba tal vez en la actitud del jesuita ante las lenguas indígenas, una actitud compartida por la gran mayoría de filósofos y lingüistas del siglo XVIII (DEL VALLE, 2009, p. 79).

Estes percepções e atitudes de alguns jesuítas diante das línguas nativas não devem, no entanto, nos impedir de ressaltar o quanto os estudos linguísticos feitos pelos membros da Companhia, nos colégios e nas *reducciones*, tiveram um impacto significativo na produção historiográfica da Companhia. O conhecimento do idioma, cabe ressaltar, era visto como parte fundamental do relato da conquista e das descrições de aproximação ou rechaço (de ambos os lados, embora nos textos apareça apenas a figura do índio como indisposto à proximidade com os missionários), de êxito ou fracasso (definidos pelo domínio da língua nativa pelos padres) e de percepção sobre o ambiente narrado. Isso, igualmente, se refletiu na

escolha dos padres que teriam os seus escritos publicados pela Companhia e em como estes religiosos descreveram os territórios nos quais missionaram.

Embora Pedro Lozano não critique a linguagem utilizada por Montoya e por Pastor em seus textos, podemos perceber, em determinados momentos, uma incompreensão dos significados de certos termos, sobretudo, quando busca explicar detalhadamente uma palavra, adotando um procedimento dicionaresco, a fim de que a mesma se tornasse inteligível aos seus leitores do século XVIII, evidenciando que “A língua é assim condição de possibilidade do discurso” (ORLANDI, 1999, p. 22).

Essa preocupação em assegurar a inteligibilidade que se pode constatar em Lozano expõe não apenas as mudanças estruturais que a própria língua castelhana sofreu entre os séculos XVII e XVIII, mas, também, as transformações ocorridas na própria retórica jesuítica, através das influências exercidas por textos externos à Ordem, tais como gramáticas, dicionários, artes, ensaios e poesias escritas por leigos ou outros religiosos. Evidências destas mudanças podem ser encontradas no *Diccionario Historico-Índico* (c. 1748), no qual encontramos características que remetem tanto às gramáticas dos séculos XVI e XVII, quanto à proposição de Machoni, já no século XVIII, de que os missionários deveriam conhecer e praticar as línguas nativas intensivamente antes de produzirem obras sobre elas.

Entretanto, nem Machoni, nem tampouco Lozano, trouxeram qualquer tipo de mudança significativa nos estudos da linguagem, muito menos, foram os responsáveis pela composição de gramáticas *novas*. Pode-se dizer que isto só ocorreu efetivamente após a expulsão da Companhia dos domínios coloniais ibéricos. Dentre os membros da Companhia exilados na Itália, se encontrava o já mencionado Lorenzo Hervás y Panduro, que se dedicou ao levantamento e sistematização das gramáticas e dos vocabulários escritos por companheiros de Companhia de Jesus com o objetivo de compor um *Catálogo de las lenguas de las naciones conocidas, y numeracion, division, y clases de estas segun la diversidad de sus idiomas y dialectos* (1800-1805), que acabou sendo considerado o primeiro trabalho linguístico moderno. Essa preocupação com o conhecimento e a produção de obras de linguística e sua relação com a escrita da história será melhor desenvolvida no próximo subcapítulo, no qual abordaremos como a compreensão de um idioma acabou por auxiliar na historiografia jesuítica.

5.3 Como escrever a História oficial da Companhia de Jesus na Província Jesuítica do Paraguai?: o intertexto na *Historia de la Conquista* de Pedro Lozano

Dentre as distinções existentes entre os campos da Historiografia e da Linguística, estão a de que a primeira estuda, analisa e registra os fatos históricos ao longo do tempo, enquanto que a segunda estuda as características da linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico. Não se deve, contudo, desconsiderar as aproximações existentes entre estes campos, na medida em que ambos lidam com a tessitura polifônica¹⁰⁸ de obras literárias e/ou historiográficas, dos discursos feitos em praça pública, sermões, etc., e, portanto, com um conjunto de vozes que podem se contradizer, se excluir, se complementar ou se apoiar constantemente (BRAIT, 1994, p. 24). Do mesmo modo, não se pode desconhecer, que estas obras e discursos proferidos estão perpassados por juízos e interpretações do passado que assumem o papel de sustentáculo argumentativo de um autor/orador. De forma que:

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o entorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco (ORLANDI, 1999, p. 36).

Nas palavras de Ricardo Cavalieri, “considerar que o mister historiográfico implica uma progressiva e renovada interpretação da História em sentido estrito, resulta em admitir que o passado está sempre em construção” (CAVALIERI, 2013, p. 263). Se formos além da afirmação feita por William Falkner de que o passado não está morto (FALKNER, 1951), constataremos que ele (o passado) pode ser visto e interpretado, a partir da visão de mundo e as filtragens feitas aquele que escreve um texto, sujeito, portanto, às “condições de produção (...) às circunstâncias da enunciação”, ou seja, ao seu contexto imediato, que “inclui o contexto sócio-histórico, ideológico” (ORLANDI, 1999, p. 31).

¹⁰⁸ Aqui utilizamos a palavra *tessitura* como o estado de espírito ou humor; as atitudes adotadas com relação à abordagem e à posição pessoal relacionada a um determinado tema.

No caso da presente tese, entendemos que *Historia de la Conquista*, assim como os demais livros de Pedro Lozano, devem ser analisados não apenas considerando tratar-se de um historiador jesuíta e, conseqüentemente, resultado da formação que teve seu autor, mas também a partir das evidências de intertextualidade que se fazem presentes em suas obras. A concepção e a escrita de seus livros estiveram sujeitas, como vimos nos capítulos anteriores, a intervenções de variada natureza (suas e dos censores), e que parecem explicar as razões para a reiteração de alguns temas e para a omissão de outros, bem como as motivações para o diálogo com outros autores e, portanto, para a legitimação/consagração ou contestação da produção de certos autores (GONÇALVES, 2011, p. 13). Pois,

mediante as inter-relações das produções humanas, que por estarem em diálogos constante tornam os bens culturais comuns a indivíduos e grupos, entremeando, assim, os fios de uma rede, em decorrência dos quais os conhecimentos tornam-se cumulativos, possibilitando de uma descoberta, outras sucessivas (PAULINO; WALTZ; CURY, 2005, p. 11).

O conceito de intertextualidade, de acordo com Eliana de Oliveira Gonçalves, não é novo dentro do mundo do texto, pois já na *Poética* de Aristóteles o conteúdo aparece como uma orientação para a conservação e manutenção das fábulas convencionais, sendo que o poeta deveria construir o seu argumento, a partir deste legado tradicional (ARISTÓTELES, 2005). Sêneca, por sua vez, defendeu que, para a construção de uma narrativa preliminar, textos e autores anteriores teriam de se fazer presentes como uma maneira de situar a plateia em relação ao cenário histórico que estava sendo considerado naquela explanação e aos personagens (GONÇALVES, 2011, p. 16).

Seguindo tais considerações, pode-se ponderar que algumas ampliações ou revisões de obras anteriores, próprias do diálogo que se estabelece entre textos – e que são empregadas para retratar determinadas situações que o relato exige – têm como finalidade conduzir a leitura que deve ser feita pelo potencial leitor. Vale lembrar que se os acontecimentos se firmam na pluralidade dos testemunhos e, por conseguinte, acabam compondo o que se designa como “verdade histórica”, os elementos que o constituem e estabelecem a natureza dos sujeitos envolvidos neste processo histórico passam pelos testemunhos não como uma expressão monolítica da realidade, mas como um prisma de axiomas (LE GOFF, 1996).

Da análise que fizemos das obras de Pedro Lozano, em especial, dos textos das Introduções de *Historia de la Compañía de Jesús* e *Historia de la Conquista*, depreende-se que o jesuíta percebia o mundo como *teatro*, *cenário* e *palco*, nos quais os missionários puderam *atuar* ou *interpretar* sua atuação como verdadeiros *varões apostólicos*. Nossa percepção decorre da forma como Lozano descreveu os acontecimentos históricos mais significativos e da larga utilização que fez de imagens criadas por Ruiz de Montoya, Del Techo e por outros membros da Ordem Jesuítica, que acabaram se apresentando e se perpetuando como o “real” (CHARTIER, 1990, p. 47), a despeito de serem apenas de “papel”. Em relação a este último aspecto, vale lembrar a afirmação de Tzvetan Todorov, para quem, no discurso literário, (porque não histórico, neste caso?), “os vários sujeitos narradores ou objetos narrados são seres de papel, que vão interessar pela sua estruturação, produção de criação, pelo seu papel de criar o efeito real” (TODOROV, 1972, p. 209). Também Del Valle nos faz refletir sobre esta questão:

Mi lectura, que pone en conversación textos jesuitas de diversos géneros producidos y “consumidos” dentro de las fronteras con textos producidos dentro o fuera de ellas, pero para un publico externo, sugiere que las obras jesuitas para circulación pública o “internacional” de alguna manera *no dicen* la realidad, como si hubiera una realidad extratextual de la que se desviaban voluntaria o involuntariamente. Sin embargo, en la medida en que el encuentro entre el sujeto y el mundo externo no es físico, sino que se halla siempre mediado por el signo, y por ello, toda experiencia existe, incluso para la persona que la lleva a cabo, solamente como material simbólico, cualquier intento de llegar. Y no es tampoco que existan discursos más ciertos que otros (aunque nadie duda que los haya), sino que en todo caso, las obras para consumo general decían una realidad en la que lo local (según el decir de sus propios productores) no habría podido reconocerse. Así, no me interesa si los textos dicen o no la realidad, sino analizar la realidad que dicen ver, la construida página a página en ciertas instancias y transformada o eludida posteriormente en otro tipo de producciones (DEL VALLE, 2009, p. 15).

Suas obras são, inequivocamente, marcadas pela presença de outros textos e vozes, atravessadas por outras vozes e interesses que “participan en la construcción de su significado” (CHARTIER, 2007, pp. 53-54). Pedro Lozano descreveu, recriou e redimensionou *cenários* e *personagens* recorrendo às obras de seus antecessores, o que, em um primeiro momento, pode nos levar a considerar suas obras como desprovidas da mesma força (e autoridade) presente(s) em um relato feito por aqueles que haviam efetivamente vivenciado o que foi registrado. De acordo com o jesuíta,

nessa extensão territorial se encondia uma multidão de índios tidos como infiés e selvagens, excedendo numericamente aqueles que já se encontravam cristianizados. Ao mesmo tempo, Lozano ressalta que muitos desses nativos, embora já estivessem evangelizados, acabavam retornando ao seu antigo modo de vida, ou, segundo suas palavras, para as “tineblas de fu infidelidade” (LOZANO, 1733, s.p.) ou para “las tinieblas horrorosas del gentilismo” (LOZANO, 1874, p. 99).

Ao se valer desses relatos, ele demonstrou que o seu propósito era o de reunir documentos dispersos e a adoção de um procedimento de cruzamento de fontes para a formulação de uma história *sem erros* ou *falhas*, podem, por outro lado, nos levar a considerar sua escrita como requintada, pela erudição que dela transparece, na medida em que evidencia os livros que Lozano leu e as interpretações que deles fez. Não se deve, também, desconsiderar que certas presenças ou ausências/omissões em suas obras decorreram das orientações/censuras que recebeu da própria Companhia de Jesus, não interessada em expor aos inimigos da Ordem as dificuldades enfrentadas na evangelização em curso na Província Jesuítica do Paraguay como um todo.

Feitas estas considerações iniciais, ressaltamos que este capítulo tratará das evidências de intertextualidade nas obras de Pedro Lozano, levando em consideração, especificamente, as obras *Conqvista espiritval* e *Historia Provinciæ* e, também, sua percepção e construção – como historiador – da história da Companhia de Jesus na Província Jesuítica do Paraguay. Para que conseguíssemos abarcar as questões que envolvem o inter e o intratexto presentes nos textos de Lozano, tivemos que necessariamente fazer algumas opções que serão explicitadas na continuidade.

Durante a leitura das obras analisadas nesta tese, pudemos observar que parágrafos inteiros da *Descripción chorographica* e da *Historia de las Revoluciones* se encontram realocados, resumidos ou expandidos na obra *Historia de la Conquista*. Nossa primeira opção foi pelo cotejo entre a obra *Descripción chorographica* e *Historia de la Conquista*, com o propósito de mostrar como alguns trechos da primeira se encontram repetidos, como uma validação do próprio argumento, dentro da última.

A segunda escolha foi a de que seguirmos, em parte, a estratégia já adotada na dissertação, ou seja, trataremos primeiramente do *cenário* (fauna e flora) e, posteriormente, dos *personagens* (os indígenas). Em relação a estas descrições, observamos que Lozano transcreve integralmente aquelas que Antonio Ruiz de Montoya fez sobre espaço *paraguayense*, com algumas alterações e inserções de

notícias presentes no livro de Nicolas del Techo ou nas informações dadas por Pedro Montenegro. Percebe-se, no entanto, o empenho em atualizar a etimologia dos nomes que foram atribuídos a este espaço e aos seus habitantes como forma de demonstrar os estudos linguísticos desenvolvidos pela Companhia como uma forma de evidenciar o amplo conhecimento que a ordem tinha sobre o território no qual se encontravam atuando.

Optamos por realizar exercícios comparativos – sobretudo, de identificação das repetições literais de outros autores e do autotexto – entre as obras de Pedro Lozano e as de Montoya, Montenegro e Del Techo, selecionando alguns temas que consideramos representativos para a discussão do inter e intratexto e que atendem os objetivos que nos propusemos a alcançar.¹⁰⁹ Vale ressaltar que abordamos tanto as descrições que se mantiveram – reforçando certas imagens que interessavam à ordem –, quanto aquelas que foram abandonadas ou reformuladas por Lozano em seus livros. Para que pudéssemos mostrar como Lozano elaborou suas obras a partir de outras – escritas também por jesuítas – tivemos que necessariamente transcrever integralmente as passagens que selecionamos a fim de que os leitores pudessem acompanhar a nossa argumentação.

Cabe, ainda, ressaltar que ao se referir aos demais autores, Lozano criou uma metodologia na qual os componentes intextuais produzem um vínculo entre as obras, servindo como exemplificação e continuidade para a atividade de leitura, ao mesmo tempo em que instaura efeitos de sentido no texto histórico. Uma análise mais detida de sua sistematização permite, ainda, dimensionar o investimento feito por este jesuíta para adquirir o máximo de discernimento possível sobre os conteúdos a serem tratados e o exercício de (re)criação de um discurso que deveria reiterar e omitir certos dados e conhecimentos já obtidos pelos membros da Ordem. As obras de Lozano evidenciam, portanto, o intradiscorso da Companhia, ao remeter “às relações entre os constituintes do mesmo discurso”, que, em alguns pontos, é atravessado pelo interdiscorso que traz consigo o já foi dito (GONÇALVES, 2011, p. 36).

¹⁰⁹ Por exemplo, apenas do coadjutor Pedro Montenegro são 20 citações diretas ou indiretas, tanto na *Historia de la Conquista*, quanto na *Descripcion chorographica*; Antonio Ruiz de Montoya está presente nos dois primeiros livros do tomo I da *Historia de la Conquista* e, também, nas descrições de alguns rios e animais presentes na *Descripcion chorographica*; enquanto que Nicolas del Techo aparece como referência na menção a certas datas e a algumas informações a respeito do Chaco e dos Guaycurús.

É importante lembrar que o conteúdo de uma grande obra não nasce da decisão de seu autor, sendo o resultado de como a sociedade em seu entorno encara estes acontecimentos e qual a estetização esperada nesta operação de escrita. No caso das obras analisadas nesta tese, é preciso considerar que existia também uma questão de ordem técnica, que deveria ser observada para dar forma ao conteúdo, com vistas à sua difusão e recepção, o que parece explicar os cortes de algumas informações e a ocultação de certas *relaciones* ou cartas que pudessem conter relatos importantes ou que apresentassem as contradições presentes nos primeiros anos de apostolado dos jesuítas junto aos indígenas da referida província.

Não se deve desconhecer também a noção de *árdua tarefa* dos historiadores da Ordem Jesuítica¹¹⁰, caracterizada, em larga medida, pela repetição, que sustentava e formava as unidades semânticas necessárias para alicerçar as bases do relato e alavancar os novos sentidos que cada recorrência apresentava. Esta repetição recebe o nome de *intertextualidade explícita*, por ser o resultado de uma reprodução total ou parcial de um texto em outro, sem que haja qualquer quebra de coesão estrutural ou no significado das palavras utilizadas. Simultaneamente, há a retomada de textos anteriores, a imitação de outros, operações indicativas das fontes, o que faz o interlocutor mostrar que parte do seu livro vem de outro enunciador (SILVA, 1982, p. 632). Assim, as obras dos historiadores da Companhia, para além da trabalhosa reunião e sistematização de informações que exigiam, devem reconstituir a história da Ordem de Santo Ignacio a partir da noção de uma *gesta heroica* protagonizada por seus membros.

Vejamos agora o que disse Ruiz de Montoya sobre esta *gesta heroica*. No texto da apresentação de sua obra *Conquista espiritual*, o jesuíta expõe, em seu *corto estilo*, os inconvenientes experimentados durante sua viagem à Espanha, com o propósito de relatar ao rei Felipe IV e ao Conselho das Índias os crescentes problemas entre espanhóis e indígenas, e como vinham se desenvolvendo as tarefas dos missionários nas províncias do Guayrá e Tape. Na sua opinião, assim como na do Provincial da Companhia de Jesus, era necessário documentar e trazer a público os feitos da Ordem:

¹¹⁰ O que não significa que outros conteúdos, tais como o ensino e o apostolado nas reducciones ou nas cidades, não sejam abordadas do mesmo modo pelo autor.

Hame Sucedido ló que a aquel gran Padre del yermo Afraates, que oyendo en su soledad y retiro el ruído de las ondas con que la nave de la Iglesia era agitada, y el fuego con que queria abrasarla aquel horrendo monstruo, y apostata Juliano; **salio del yermo, dexò su soledad amada, privose de aquellos vitales, y celestes aires con que el desierto la semetera espiritual se ondas, se vivifica, y crece, y entrando por el bullicio, inquietud, y trafago de las ciudades, sin rezelar su tosco, y rustico lenguaje, no dudò ingerirse entre los Corteses y remirados puntos de los Palacios Reales**, por ver si podía amansar los vientos, sossegar las aguas, y apagar el fuego con que aquel apostata abrasava la tierra. **Tal fue mi venida a esta Corte, y Reales pies de su Magestad Catolica, cuyos aumentos confirme el cielo con edad muy larga. Mi pretension es poner paz entre Españoles, y Indios, cosa tan dificil, que en más de cien años que se descubrieron las Indias Occidentales, hasta oy no se ha podido alcançar.** Incitame a procurarla la caridad Christiana, el de amparo total de los Indios, el exéplo de mis passados, que los conquistaron, y dexaron exemplo raros que imitar. **El aver cerca de treinta años, q sin divertirme a otro empleo, mi principal ha sido su enseñanza, y conversion a nuestra tanta Fè, coronado mi deseo trabajos, y los mas ordinarios peligros de muerte, y de ser comido de barbaros.** Ofreciome el modelo de mi litigio el Sacerdote Onias, que acepté de grado, por ser fundado en derecho de caridad, con que igualmente amo, y deseo el bien eterno de ambas partes (RUIZ DE MONTOYA, 1639, ff. 1r-1v. *Grifos nossos*).

Apesar de fazê-lo com objetivo diferente de seu antecessor Ruiz de Montoya, também Del Techo, em *Historia Provinciæ*, destaca a saga de trabalhos infinitos realizados pela Ordem de Santo Ignacio para a ampliação e preservação dos territórios espanhóis e da evangelização dos nativos:

Y en verdad, tiempo hace que la Provincia de nuestra Compañía en el Paraguay, deseaba ocasión de mostrar su gratitud; **ahora se alegra de tenerla, y cree que será gratisima al rey y á vosotros, que habéis tenido siempre interés grande por la propagación del Evangelio entre los infieles, y que las puras costumbres se conserven entre los españoles; en esta historia pondré de manifiesto cuanto han realizado los misioneros para secundar vuestro deseos.** Una vez que os hayás dignado mirarla, espero que por vuestra mediación sabrá el rey cómo la Compañía, después de buscar la mayor gloria del Señor, **nada ha procurado tanto como el servicio de Su Majestad, con buena fama y con mala, sufriendo indecibles trabajos por mar y tierra, muertes dolorosas y otros males** (DEL TECHO, 1897, pp. 3-4. *Grifos nossos*).

Pedro Lozano mantém a narrativa e a imagem do jesuíta como apóstolo por excelência, obediente, parte de um grupo coeso e incondicionalmente bem integrado, incansável, de tal modo, que nenhum trabalho era impossível quando se tratava de

levar à Boa Nova aos povos ou dar o testemunho de como esta missão vinha se desenvolvendo. Como vimos na primeira parte da tese, a manutenção do discurso era uma das práticas de repetição de gestos e posturas daqueles que eram considerados como exemplos de vida dentro da Companhia. Cabe esclarecer que não estamos afirmando que Ruiz de Montoya e Del Techo fossem modelos para os demais jesuítas, mas eram para Lozano autores cuja relevância estava tanto na referência enquanto relato testemunhal (Montoya) quanto no padrão de escrita que deveria ser seguido (Del Techo). Nas palavras de Lozano:

Habiendo de emprender por impulso de la obediencia el noble asunto de dar al público la historia de la Compañía de Jesús de esta Provincia del Paraguay, que contiene proezas esclarecidas y hazañas memorables con que los heróes jesuitas, sus hijos, supieron inmortalizar su nombre para la posteridad y adquirir muy principal lugar en el templo de la fama, me pareció conveniente y pareció también a otras personas, cuyo dictamen debo venerar con aprecio, adelantar la noticia de estos países, que fueron el campo, donde alcanzaron de la idolatría y de los vicios los ilustres trofeos que eternizan su memoria, o como el teatro donde se han de representar los triunfos de la Fe y de la virtud contra la milicia del abismo. **Porque habiéndose obrado estas cosas en regiones tan distantes del mundo antiguo y político, de las cuales se tiene comúnmente muy corta noticia, y aún la que se halla en autores, está muy confusa y a veces poco verídica, es bien para facilitar la inteligencia, suministrar de antemano aquellas luces, cuya falta dejará la narración oscura o menos perceptible, y tuviera suspenso el juicio del lector, necesitado o a adivinar en lo que se dice o a mendigar en otra parte lo que se mira como forzoso para la comprensión de las materias tratadas.** Y habiendo una vez entrado en este asunto e idea que me propuse, ocurrió tanto que decir que si bien solo a un volumen quería reducir toda la materia, salió tan abultado que considerándole menos cómodo para el manejo dividíle en dos, tratando en el primero de lo perteneciente a las dos gobernaciones del Paraguay y Río de la Plata, que estuvieron casi un siglo unidas, y en el segundo de las cosas de esta gobernación del Tucumán donde he vivido veinte y ocho años y otros cinco en la gobernación del Río de la Plata (LOZANO, 2010, p. 45. *Grifos nossos*).

Outro aspecto que merece ser destacado é a forma como a evangelização da Companhia de Jesus aparece interligada à conquista espanhola nos livros que estamos analisando, constituindo-se em tema recorrente nas evidências de intertextualidade que identificamos.

Para Lozano, a incursão dos jesuítas nos territórios e o contato com os seus habitantes é apresentada como tarefa por demais laboriosa, o que pode ser percebido quando ele retoma o que foi dito por Montoya sobre aos “mas de cien años que se

descubrieron las Indias Occidentales”, apresentando as dificuldades enfrentadas, primeiramente, pelos espanhóis e, posteriormente, pelos religiosos (tanto da Companhia, quanto de outras Ordens religiosas) para *civilização, reducción* de índios e, conseqüentemente, para a manutenção e proteção desses territórios em que missionavam e, especialmente, para “poner paz entre Españoles, y Indios” (RUIZ DE MONTOYA, 1639, ff. 1r-1v). Em *Descripcion chorographica*, Lozano já havia afirmado que estas dificuldades existiam porque os índios possuíam “gênios vivazes, aunque muy inconstantes, y torpes para las cosas del Cielo” (LOZANO, 1733, f. 55) e remontavam à inimizade com os espanhóis desde o século XVI.

Será, neste encontro de textos, que irão transparecer enunciados e objetivos, que, apesar de serem diferentes e de estarem separados pelo tempo, acabarão mantendo uma relação dialógica diante de uma confrontação de sentidos e, conseqüentemente, produzindo uma convergência entre os mesmos (*a paz entre nativos e espanhóis*), mesmo que esta possa parecer insignificante quando comparada aos demais temas, visões de mundo, conhecimentos empíricos de cada autor, etc. Isto abre espaço para o surgimento de um terceiro diálogo: o de que este esforço é o resultado de incontáveis tentativas por parte dos membros da Ordem de Santo Ignacio de “propagación del Evangelio entre los infieles” e de vigiar “las puras costumbres” que devem se preservar conservadas “entre los españoles” (DEL TECHO, 1897, p. 3). Sem que esta frase participe das introduções referidas, ela parece apontar para as motivações que levaram cada um a escrever os seus livros: quer por “el modelo de mi litigio [...] por ser fundado en derecho de caridad, con que igualmente amo, y deseo el bien eterno de ambas partes” (RUIZ DE MONTOYA, 1639, f. 1v), quer por mostrar que “en esta historia pondré de manifiesto quanto han realizado los misioneros para secundar vuestro deseos” Pois, “nada ha procurado tanto como el servicio de Su Majestad, con buena fama y con mala, sufriendo indecibles trabajos por mar y tierra, muertes dolorosas y otros males” (DEL TECHO, 1897, p. 4).

É preciso considerar, ainda, que por terem “obrado estas cosas en regiones tan distantes del mundo antiguo y político”, as informações apresentadas acabavam se caracterizando “comúnmente [*como*] muy corta noticia, y aún la que se halla en autores, está muy confusa y a veces poco verídica”. De modo que, para Lozano, sua escrita surgia como uma maneira de “facilitar la inteligencia, suministrar de antemano aquellas luces”, deixando as narrativas menos obscuras e mais perceptíveis, fazendo com que o leitor não necessitasse mais “a mendigar en otra parte lo que se mira como

forzoso para la comprensión de las materias tratadas” (LOZANO, 2010, p. 45), demonstrando, desta forma, como cada autor justificou o seu projeto de escrita e de que ponto este seria desenvolvido. No caso de Lozano, pode-se conjecturar, considerando a larga utilização dos autores referidos anteriormente, que ele tivesse a expectativa, tanto em relação à *Historia de la Conquista*, quanto em relação aos seus demais livros, de poder contar com uma reação por parte de seu potencial leitor, mediante associações feitas entre as obras e a constatação de quais pontos que haviam sido selecionados ou preteridos.

É preciso, ainda, ressaltar que Lozano lida com três categorias temporais. A primeira, de natureza cronológica, reconstitui os fatos dos mais antigos aos mais contemporâneos; a segunda é o tempo da sua narrativa, que, em alguns momentos, recorre aos textos do passado para explicar ou justificar o que estava acontecendo no presente; e, a terceira e última, é o tempo da representação, em que as definições da fauna, flora, nome da região e descrição dos indígenas formam uma espécie de arco temporal entre os séculos XVI, XVII e XVIII. Isto se deve ao fato de que os textos não se constituem aleatoriamente, mas por uma composição e estrutura “que se utiliza da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva”, numa operação dialógica com o relato anterior “em sua materialidade, independente de apresentar ou não referência de autoria” (GONÇALVES, 2011, p. 19), implicando, inclusive, em anacronias ou no confronto entre tempos que podem subverter:

a ordem de disposição dos acontecimentos ou seguimentos temporais no discurso narrativo com a ordem de sucessão desses mesmos acontecimentos ou seguimentos temporais na história, na medida em que é indicada explicitamente pela própria narrativa ou pode ser inferida deste ou aquele indício indireto (GENETTE, 1995, p. 33).

De acordo com Genette, esta anacronia textual pode ser vista como um indício da relação entre os textos, quando a narrativa primeira se relaciona com outra, formulada posteriormente, como se constituíssem um discurso único (GENETTE, 1995, p. 47). Do mesmo modo, é preciso considerar a existência de uma articulação paradoxal que se expressa nas variações de redação e nos objetivos de cada obra, levando-se em conta as experiências pessoais e gostos estéticos de cada um dos jesuítas que as escreveu. Roland Barthes chama isto de uma *lembrança circular*, que oportuniza o aparecimento do texto anterior inserido no posterior, tornando impossível que um autor escreva uma obra que consiga transcender ao *texto infinito* (BARTHES,

1987, p. 34). Também Foucault, ao tratar da ordem do discurso, afirmou que alguém tem a possibilidade de escrever/falar, porque outros tantos o fizeram antes, assim como aqueles que virão, conseqüentemente, o farão depois, renovando uma mesma narrativa. Mikhail Bakhtin, por sua vez, ressalta que o dialogismo serve para instaurar – entre os interlocutores que só existem enquanto agentes do discurso – um diálogo ou uma discussão contínua sobre qualquer acontecimento da vida cotidiana, ou também, das divergências ou confluências de ideias e visões de mundo, formas de escrita, teorias que se aproximam ou não, que acaba constituindo uma expressão verbal que possibilita a criação destas conversas durante a organização de um livro (BAKHTIN, 1997, p. 319).

Nestes procedimentos – de estruturação e composição de uma narrativa – transparece a *liberdade* do autor, que escreve em primeira pessoa, apresentando a sua percepção sobre determinados eventos, definindo qual acontecimento, tido como relevante, deverá ser destacado ou reformulado, a partir da correção dos possíveis erros existentes, como já tratado no segundo capítulo, de forma que esteja deslocado no argumento e se mantenha inteligível/compreensível para o leitor (CHARTIER, 2007, pp. 62-63). Concordando com Gonçalves quanto à inexistência de um texto adâmico, isento de influências, reforçamos que a autonomia/a liberdade do autor em um discurso resulta justamente do amadurecimento de suas leituras, mediante o confronto ou comparação com novas leituras, que o predispõem à inovação ou às fraturas que mantém o discurso vivo e em uma interação permanente com os demais (GONÇALVES, 2011, p. 20). O que faz com que textos, como o de Lozano, de forma geral, sejam uma confluência de modelos históricos que permitiram que expusesse – dentro de um padrão descritivo – um discurso próprio, que se traduzia através das suas preferências narrativas e em como se utilizava do relato de outros autores.

Outro ponto que se presta às nossas reflexões sobre as evidências de intertextualidade nas obras de Lozano diz respeito à toponímia¹¹¹, que é apresentada, em maior ou menor medida, como um ato de *reconquistar para ordenar* ou *tornar o espaço inteligível*. Por alguma razão, que não conseguimos desvendar, tanto seus textos, quanto os de outros membros da Ordem Jesuítica se basearam no que havia

¹¹¹ Artur Barcelos realizou importantes estudos sobre a questão toponímica e cartográfica nos documentos jesuíticos dos séculos XVII e XVIII, mostrando a relevância que estas denominações – algumas vezes, buscando manter o nome dados pelos indígenas aos territórios e rios – nos mapas produzidos pelos missionários (BARCELOS, 2000; BARCELOS, 2000, pp. 93-116; BARCELOS, 2010, pp. 1-15; BARCELOS, 2010, p. 1-15; BARCELOS, 2013, dentre outros trabalhos do mesmo autor).

sido dito por Barco Centenera e por Díaz Guzmán, não tendo sido acrescentado nenhum dado novo ao que estes autores relataram anteriormente. A questão da *delimitação espacial*, em especial, como ela se dava através das definições e nomeações dadas ao *cenário* (rios, fauna e flora), será melhor desenvolvido no subcapítulo a seguir.

5.3.1 *Eu te defino, mas eu te domino?*: as denominações da fauna e flora nos livros de Pedro Lozano

Em Lozano, este recurso é utilizado constantemente como uma forma de delimitar e descrever o espaço geográfico da Província Jesuítica Paraguay: seus rios, suas plantas, seus animais e seus indígenas – tanto aqueles tidos como *infiéis, selvagens, bárbaros e belicosos* (que constituem, na visão do jesuíta, uma infinidade de grupos ou nações), quanto aqueles que já residiam nas *reducciones* (chamados irrestitamente de *Guaranis* ou, então, identificados pela *reducción* na qual se encontravam instalados ou haviam nascido), o que aponta para a necessidade de tomar para si a autoridade no assunto e se apresentar como um exímio conhecedor do território que estava descrevendo. Com isso, pode-se pensar que a intertextualidade presente em seus textos conote um mecanismo e que seu projeto de escrita e seu itinerário de leitura surgem através de uma sobreposição de referências e na decodificação, ou correção, dos autores referidos. Logo, as suas descrições estavam calcadas em uma série de obras, que já haviam sido publicadas e eram amplamente conhecidos, o que obrigou do jesuíta um grande esforço narrativo tanto de atualização, quanto de confirmação ou reorganização destes dados, sem, contudo, deixar de caracterizar-se como uma repetição do que já havia sido dito:

O texto, que chega aos limites mais extremos da *mimésis*, contenta-se com frequência em nomear cada lugar, em maiúsculas, convocando as representações externas, no imaginário do leitor, depois de associar a isso um certo número de dados externos. O único esforço totalizador passa por uma constante multiplicação dos lugares formais e pela possibilidade oferecida ao leitor de reconstrução uma realidade plural e deslocada (SAMOYAUULT, 2008, pp. 107-108).

Mais do que o número de vezes em que Lozano cita Montoya, Techo ou outros autores, ou as menções que faz ao quanto estes o influenciaram no momento da escrita, parece que as descrições toponímicas e etnográficas são as que evidenciam melhor a ideia de que os textos produzidos por outros autores efetivamente se relacionam e conversam com os seus, pois o jesuíta nomeia, renomeia, discute, aponta o que não ficou claro e tenta esclarecer como este espaço pode ser traduzido para o seu provável leitor. Estas descrições demonstram, efetivamente, como Lozano assimilou e empregou os ensinamentos de Aristóteles e de Sêneca, se apropriou das instruções da própria Companhia sobre como uma história deveria ser escrita¹¹² e, principalmente, como ele buscou conciliar e exprimir todas estas influências em suas narrativas. Genette define isto como *hipertextualidade* e conceitua como uma relação que une o *hipertexto* ao *hipotexto*, que é utilizado, referenciado diretamente, comentado e citado (GENETTE, 2010, p. 16). Já Compagnon, afirma que em todo o ato de escrita deve-se considerar que textos que são reescritos, reproduzidos a partir de trechos ou resumos ou, então, da organização e associação de ideias, de ligações, rompimentos, discordâncias e transposições, que são impostos pela presença de um outro texto que se estabelece como autoridade no texto (1996, p. 39). De qualquer forma, não se deve desconhecer que um livro reflete muito mais sobre o autor que o escreveu do que os textos por ele lidos e utilizados, pois as citações apenas mostram o que foi conveniente para a produção de uma nova obra.

Após as descrições sobre os acidentes geográficos do território e os seus rios, Pedro Lozano se ocupou em detalhar as características da vegetação, que serviria não apenas para cobrir e embelezar o espaço, como também para curar ou matar aqueles que lá estivessem; bem como relatar como eram os animais e quais nomes lhes foram atribuídos. Pois, começando pelos rios e pela descrição de seus cursos, encontramos uma versão *viajante* ou *peregrino* de Pedro Lozano, que anota meticulosamente as distâncias, as profundidades, a amplitude dos rios e a variedade de peixes que vivem nas suas águas¹¹³. Apesar de se utilizar de relatos feitos por

¹¹² A assimilação e aplicação destes ensinamentos e instruções já foram discutidas nos capítulos anteriores.

¹¹³ Estes estudos *geográficos* na Companhia de Jesus constituíam parte das obras históricas (tanto através de mapas que acompanhavam os livros, pesquisas voltadas aos conhecimentos matemáticos ou astronômicos, investigações voltadas a compreensão dos usos medicinais das plantas nos livros de história natural, quanto também nas introduções das histórias da Companhia, que descrevem o *cenário* no qual se desenvolvia a atuação dos padres envolvidos no processo de missão). Este tema é estudado por Artur Barcelos (BARCELOS, 2000; BARCELOS, 2000, pp. 93-116; BARCELOS, 2010, pp. 1-15; BARCELOS, 2010, p. 1-15; BARCELOS, 2013, dentre outros

outros autores, Lozano fala de um tema – os rios – que conhece em função das viagens que fez pela Província com o propósito de reunir documentos que seriam destinados à escrita das suas obras.

Deste modo, ele procura expor detalhadamente como era a paisagem – costas, territórios, cidades – na qual os rios fluíam, bem como seus muitos afluentes, que, por sua vez, desenhavam as terras circundantes, para, de forma envolvente, destacar para o leitor as riquezas que os mesmos ofereciam ou escondiam: plantas, ervas medicinais, minerais preciosos e pérolas de água doce (MARRAS, 2011, p. 19). O que, de qualquer forma, demonstra que o livro reflete mais sobre os interesses do seu autor e quais os temas de seu interesse do que os textos por ele lidos e utilizados, pois as citações apenas mostram o que foi conveniente para a produção de uma nova obra. Isto parece ficar evidente na seleção que Lozano fez das descrições que Ruiz de Montoya e Del Techo fizeram destes locais e os nomes que lhes foram atribuídos. É preciso também ressaltar que por dedicar-se a uma escrita institucionalizada, Lozano, quase sempre, recorre a estas mesmas obras – em detrimento de outras – que, apesar de temporalmente distantes e com concepções historiográficas divergentes, dialogavam com as que ele estava escrevendo. A presença constante de Ruiz de Montoya e Del Techo em seus livros, mais do que atestar que Lozano podia considerá-los como cânones para a sua escrita, pode ser percebida como uma tentativa de fazer convergir ou de relacionar os relatos dos missionários com aqueles que eram produzidos pelos padres que se encontravam nos colégios, distantes das missões, como era o caso do próprio Lozano¹¹⁴.

Vale lembrar que os cursos de cada rio foram também testemunhas de inúmeros momentos históricos vinculados à fundação de cidades nestes territórios, divulgados através de relatos de testemunhas oculares ou de obras históricas e literárias. Mas em suas margens se encontravam também instaladas diferentes populações, reconhecíveis pelos nomes que a elas foram atribuídos tanto pelos espanhóis quanto pelos próprios nativos.

trabalhos do mesmo autor), Ernest Burrus (BURRUS, 1967), Ernesto Maeder (MAEDER, 1999, pp. 113-130). Adriano Prosperi (PROSPERI, 2009), dentre outros.

¹¹⁴ Pode-se, ainda, cogitar a possibilidade de que ele pretendesse demonstrar como figuras com perfis tão diferentes (Ruiz de Montoya, Del Techo e Lozano, por exemplo) puderam constituir os quadros da Companhia de Jesus, obtendo posições de relevância dentro da Ordem. Acreditamos que estas hipóteses que levantamos podem nos auxiliar a compreender as razões para a presença recorrente, especialmente destes dois jesuítas – separados de Lozano por mais de um século – em seus livros.

Sobre o grande rio Paraná, que “desiende las costas del Chaco, por espacio de cien leguas, desde donde se junta el Paraguay hasta la Ciudad de Santa Fé de la Vera Cruz es el gran rio Paraná, que en el idioma Guaraní, quiere dizer *Pariente del mar*” (LOZANO, 1733, f. 9), o jesuíta refere que, após a conquista espanhola, ele havia sido chamado de *Río de Solís* por Juan de Solís, que o explorara pela primeira vez. Mais tarde, Sebastian Caboto havia lhe dado o nome de *Río de la Plata*, como é chamado *Nuestro Paraná* em Buenos Aires. Mais adiante, Lozano reconhece que Barco Centenera já o havia descrito em seu poema *Argentina*, com versos que foram diretamente citados por Lozano na *Descripcion chorographica*, na qual fez tal referência a ele como uma forma de atualizar a ortografia e trazer informações para aqueles que não haviam tido acesso ao manuscrito.

Barco Centenera (1601)

El salto ya me está gran priesa dando,
diciento este lugar ser proprio huio,
enyo solo en le estar imaginando
el miedo, y de pensarlo demi huió
decir aqueste quento procurando
**la mano esta temblando y lo rebuio
por ser la cosa horrible, y espantosa,**
y entodo el Parana maravillosa.
**Por aquí el Parana dos leguas tiene
y peñascos, y sierras hasta el cielo,**
y al pie de una gran legua daqui viene
**con ímpetu furioso, y crudo vuela,
qualquiera que navega, la conviene**
con tiempo tomar tierra, que enel suelo
de mil picas en alas dará cierto
por tanto mui de atrás se toma Puerto.
De legua mas atrás encanelado,
el Paraná descende poderoso,
**un peñasco terrible esta tajado
de ado se arroja, y cae mui furioso,
el estruendo que have es mui sobrado,
yel humo al aire tiene tenebroso,**
una noche dormi en una Cavama;
dos leguas del mar fue la toredana.
**Yo proprio lo he oido anaturales,
tratando deste salto, y su grandeza,
que temem con temores desiguales,
de oír aquel sonido, y su braveza**
las aves huyen del, los Animales
en oyendo su estruendo sin pereza
caminan no parando apresuradas
y con el temor las colas enrroscadas
(BARCO CENTENERA, 1601, ff. 10r-10v.
Grifos nossos).

Lozano (1733)

El salto yá me està gran priessa dando,
Diziendo este lugar ser proprio suyo,
E yo solo en le citar imaginando,
He miedo, y de pensarlo de mi huyo:
Dezir aqueste cuento procurando
La mano está temblando, y lo rehuyo
Por ser cosa horrible, y espantosa,
Y en todo el Paraná maravillosa.
Por aqui el Paraná dos leguas tiene,
Y peñascos, y sierras hasta el Cielo:
Y al pie de una gran legua de aquí viene,
Con ímpetu furioso, y crudo vuelo:
Qualquiera, que navega le conviene
Con tiempo tomar tierra: que en el suelo
De mil picas en alto darà cierto,
Por tanto muy de atrás se toma puerto.
De legua mas atrás encanalado
El Paraná descende poderoso:
Un peñasco terrible está tajado
De à dõ se arroja, y cae muy furioso:
El estruendo, que haze es muy sobrado,
Y el humo al ayre tiene tenebroso:
Una noche dormi en una zavana
Dos leguas de el, más fue la Toledana.
Yo proprio lo he oido à naturales,
Tratando de este salto, y su grandeza,
Que temen con remores desiguales
De oír aquel sonido, y su braveza:
Las aves huyen de el, los animales
En oyendo su estruendo sin pereza
Caminan no parando apresuradas,
Y con el temor las colas enrosadas
(LOZANO, 1733, ff.23-24).

Na *Descripcion chorographica*, Lozano reúne todas essas informações, criando os *artifícios* de produção textual necessários para que sejam observados sob a ótica da *metatextualidade* ou por uma transcendência textual, constituída de *comentários* que unem o texto deste jesuíta com os daqueles que referencia – através da menção exclusivamente ao nome do(s) autor(es) que os escreve(u/ram) –, sem que, necessariamente, haja uma nomeação ou citação formal da obra (GENETTE, 2010, pp. 14-15), como ocorre no caso do poema de Barco Centenera. Este procedimento também sustenta o ato de “reescreita já que se trata de converter elementos separados e descontínuos em um modo contínuo e coerente, de juntá-los, de compreendê-los (de tomá-los juntos), isto é, de lê-los” (COMPAGNON, 1996, pp. 38-39), o que pode ser exemplificado no momento em que Lozano parafraseia os versos “la mano esta temblando y lo rebuio por ser la cosa horrible y espantosa [...] con impetu furioso, y crudo vuela, qualquiera que navega, la conviene, con tiempo tomar tierra, que enel suelo [...] el estruendo que haue es mui sobrado yel humo al aire tiene tenebroso (BARCO CENTENERA, 1601, ff. 10r-10v):

El ruido espantoso, que haze, la espuma que levanta, las olas, que encrespa, los borbollones, con qué desfoga su furioso ímpetu, las bocas, que abren sus remolinos, y el encuetro con que unas aguas combaten con otras, no es imaginable, aunque se puede conjeturar confiderando la altissima caída de tan grande golpe de agua toda junta en tamaña profundidad (LOZANO, 1733, f. 24).

É preciso também ressaltar que, embora o poema de Barco Centenera sirva como base para seus livros, Lozano recorre a certas obras (*Conquista espirital* e *Historia Provinciæ*) – em detrimento de outras – que, apesar de temporalmente distantes e com concepções historiográficas divergentes, dialogavam com as que ele estava escrevendo. A presença constante de Ruiz de Montoya e Del Techo em seus livros, mais do que atestar que Lozano podia considerá-los como cânones para a sua escrita, pode ser percebida como uma tentativa de fazer convergir ou de relacionar os relatos dos missionários com aqueles que eram produzidos pelos padres que se encontravam nos colégios, distantes das missões, como era o caso do próprio Lozano. Pode-se, ainda, cogitar a possibilidade de que ele pretendesse demonstrar como figuras com perfis tão diferentes (Ruiz de Montoya, Del Techo e Lozano, por exemplo) puderam constituir os quadros da Companhia de Jesus, obtendo posições de relevância dentro da Ordem. Acreditamos que estas hipóteses que levantamos podem

nos auxiliar a compreender as razões para a presença recorrente, especialmente destes dois jesuítas – separados de Lozano por mais de um século – em suas obras. Isto transparece, quando Lozano usa passagens como aquela em que Montoya informa que nas margens e dentro do rio Paraná podiam ser encontrados “algunos palos con unos juncos, q por su facilidad en quebrarse es cofa muy peligrosa (RUIZ DE MONTOYA, 1639, f. 6v) ou recorre a informações relativas às virtudes de suas águas, extraídas de Del Techo:

Las aguas del Paraná, por cierta virtud misteriosa, cambian los leños en piedras, cual acontece con las del rio Selo en Italia, es frecuente ver maderos sumergidos convertidos en penas, una de éstas, que parecía enteramente columna labrada por el hombre, la tenía en el patio de su casa D. Hernando Arias, gobernador del Paraguay (DEL TECHO, 1897, p. 312).

Informações que, em Lozano, serão descritas da seguinte forma:

Tienen las aguas de este rio virtud oculta à la manera, que el Silaro de convertir el palo en piedra, de que ay quotidiana experiencia, y se vé muchas vezes una parte del tronco, que baña el agua hecho piedra, quedando la otra leño. El Governador Hernan Darias de Saavedra tenia en su zaguán un árbol bien grande convertido en piedra, que sacaron de este rio (LOZANO, 1733, ff. 24-25).

Enquanto, na *Historia de la Conquista*, aparece resumidamente e é acompanhada da referência de que quem havia relatado este *atributo* concedido às águas do rio teria sido Alonso de Ovalle na *Historia de Chile* (1646), “atribuyole tambien la propiedad de convertir los palos en piedra” (LOZANO, 1873, p. 130). As referências ao poema *La Argentina* nas obras de Lozano não se limitam aos excertos destacados acima. Barco Centenera voltará a ser referido na descrição feita do rio Paraná: “por aqui el Parana dos leguas **tiene y penhascos, y sierras hasta el cielo**” (BARCO CENTENERA, 1601, f. 10r. *Grifos nossos*), que, em Ruiz de Montoya, será descrito como caracterizado “por pântanos **y asperos caminos**, y peligrosos rios” (RUIZ DE MONTOYA, 1639, f. 6v. *Grifos nossos*). Já na *Descripcion chorographica*, Lozano recorre a estas descrições, ao referir as tentativas feitas para atravessar o Salto do Paraná:

El suelo donde hiere **la caída, fon durísimos peñascos**, y aunque algunos antes de registrarle, fabulaban, que **el agua caía pendiente** de manera, que los hombres podían passar por debajo, y aun navegar gozando de la sombra del agua, pero despues que los Nuestros le anduvieron, reconocieron era falso, pues **el agua se viene despeñando por aquellas rocas** (LOZANO, 1733, f. 24. *Grifos nossos*).

A partir deste ponto, Lozano refaz o próprio texto, resumindo e reorganizando as considerações que já havia feita *Descripcion chorographica*:

Tambien se forman naturalmente de la arena de este rio, unos vasos bruescos de varias figuras, que tienen propiedad de enfriar el agua. Assi mismo **son estimados los cocos de tierra, y las piedras que se crian dentro de ellos à las riveras del Parana, los quales llegando à cierto tiempo, y disposicion, revientan dando un grande estampido, y entonces se descubren las puntas de ametistes, de que se compone su interior** (LOZANO, 1733, f. 25. *Grifos nossos*).

Para que as mesmas pudessem ser inseridas na *Historia de la Conquista*, de modo a apresentar as virtudes do Paraná, Lozano ressalta “que aun dentro de unos cocos que pueblan sus riberas, se crian unas piedras que, en llegando á cierta sazón, hacen reventar con notable estrépito el coco que las dio ser y se descubren las puntas de amatistas que ocultaba” (LOZANO, 1873, p. 130). Quanto aos beneficios das águas deste rio, o autor destaca que as “aguas del Parana son suaves, y delicadas, y tienen fuera de lo dicho, **particular eficacia, para aclarar, y purificar la voz, y desembarazar la garganta, y pecho de las distilaciones, y humores, que suelen en ronquecerla** (LOZANO, 1733, ff. 24-25. *Grifos nossos*). Modificando um pouco o texto, na *Historia de la Conquista*, Lozano procura mostrar as diferenças e semelhanças existentes entre as águas do Paraná e as do rio Paraguay, pois estas últimas não “son tan claras [...] como las del Paraná”, sendo que ambos os rios possuíam características que faziam com que suas águas fossem “muy suaves y regaladas, y **en particular, muy eficaces para aclarar y purificar la voz, desembarazar la garganta y el pecho de las destilaciones y humores nocivos que la suelen enronquecer**, y por esto suelen tener excelentes voces todos los paraguayos que beben estas aguas” (LOZANO, 1873, p. 130. *Grifos nossos*).

Entretanto, essa maravilha da natureza, conforme os relatos de Montoya, Techo e Lozano, não conseguiria ter tanto êxito se não estivesse acompanhada de

outro rio com grandeza igualmente proporcional, mas de beleza distinta: perto da Ciudad de las Siete Corrientes, se encontravam o *Pariente del mar* (o Paraná) e o *Río Coronado* (o Paraguay), que juntos formavam uma espécie de golfo no seu entorno. Na *Conquista espiritual*, de Antonio Ruiz de Montoya, a descrição do rio Paraguay é feita como uma introdução ao processo de evangelização que ocorreu nos territórios por ele banhados. Desta forma, o jesuíta acabou relatando que “situada a la orilla del **rio llamado Paraguay, y, quiere dezir, rio, Paragua, Corona de plumas**: y assi en **nuestro idioma dize, rio Coronado**” (RUIZ DE MONTOYA, 1639, f. 2r. *Grifos nossos*), apontando para a importância dada para os conhecimentos linguísticos, no caso do Guaraní, tanto para a escrita da história, quanto para a divulgação de uma informação *correta* para o leitor. Esta mesma preocupação quanto à correta denominação do rio se faz presente na *Descripcion chorographica*, quando Lozano, com base no que Montoya escreveu, diz que “**Paraguay quiere dezir rio coronado, en lengua de los Guaranis**, que es la nacion principal de la Provincia de este nombre, **dirivado de la dición Y, que fignifica rio, y Paragua, que es Corona de plumas**, por las muchas, que usaban los Indios, que pueblan sus márgenes” (LOZANO, 1733, ff. 19-20. *Grifos nossos*), enquanto que na *Historia de la Conquista*, o autor mantém estas mesmas informações, ressaltando a importância do estudo e da compreensão da língua Guaraní para uma melhor descrição:

sírvale de alabanza la **explicacion de su nombre, que en idioma mas comun del país, que es el guaraní, quiere decir río coronado, compuesto su nombre de Paraguá que significa corona de plumas** é y lo mismo que río; y siendo el idioma guaraní tan propio **en su significado que desnuda las cosas** en si y las representa la de este rio famoso, á quien de derecho se le debe corona de rey entre los rios mas famosos del orbe (LOZANO, 1873, pp. 127-128. *Grifos nossos*).

É preciso ressaltar que Lozano não adotou as especificações científicas – divididas em quatro categorias (classe, ordem, gênero e espécie) – que se encontravam em voga no período em que escreveu seus livros, momento em que “el mundo natural deja de ser un espacio de interpretación exegética de la voluntad divina, para convertirse en un espacio de observación y análisis” (LEDEZMA; MILLONES FIGUEROA, 2005, p. 22)¹¹⁵. Para o jesuíta, o modo mais correto de representar a

¹¹⁵ Autores como Sabine Anagnostou e Fabian Fechner (ANAGNOSTOU; FECHNER, 2011, pp.175-190); María Cristina Torales Pacheco (TORALES PACHECO, 2005, pp. 195-224), Luzia Aurélia

natureza e as suas atribuições seria a partir do que haviam dito Dioscórides e Plínio, das observações feitas por Andres de Laguna e Gonzalo Fernandez de Oviedo, por Monardes; como também, pelos jesuítas José de Acosta e Antonio Ruiz de Montoya.

Assim como Acosta, utilizado por seus trabalhos sobre a história natural do Peru e por suas primeiras taxonomias da América, também Ruiz de Montoya será adotado por Lozano, na medida em que aborda uma natureza subjugada à visão política e ao processo de evangelização. No caso da farmácia missioneira, Lozano recorre ao irmão Pedro Montenegro¹¹⁶, apresentado como um dos mais importantes estudiosos da natureza e das plantas medicinais autóctones e autor do *Libro Primero* (ou *Matéria Medica Missionera*), que descreve a apropriação de saberes e práticas curativas indígenas nas *reducciones* (ANAGNOSTOU; FECHNER, 2011). Cabe salientar que “a capacidade de observação e o empenho que muitos deles [*dentre os missionários jesuítas*] demonstra[ra]m na aquisição de conhecimentos relativos à medicina e à farmacopeia americana foram apresentados como uma decorrência desta conduta exemplar e, especialmente, da observância das orientações da própria Companhia de Jesus” (FLECK, 2019, p. 9. *Grifos nossos*). Lozano, no entanto, por apresentar objetivos próximos aos de Montoya, acabará colocando a natureza muito mais como *cenário*, se limitando, em razão disso, a especificar as plantas e a indicar suas propriedades e as exterioridades que deveriam ser observadas.

Vale lembrar que Lozano, assim como Acosta, Ruiz de Montoya e Montenegro, não se distanciou, por várias razões, daquilo que era conhecido no período na Espanha, que se distanciava, significativamente, dos estudos de ciências naturais realizados em outros países da Europa. Isto parece explicar não apenas porque o sistema classificatório de Tournefort não encontrou adeptos na Espanha e na América, como, também, o peculiar contexto em que a Europa assistia a uma amplificação e circulação de novos conhecimentos relacionados à Química, à Botânica, à Farmácia e à Medicina, enquanto que os jesuítas adquiriam os seus conhecimentos de forma empírica ou através dos livros que conseguiam importar para

Castañeda (CASTAÑEDA, 1995, pp. 33-50), Eliane Fleck (FLECK, 1999; FLECK e POLETTO, 2012, pp. 419-444; FLECK e POLETTO, 2013, pp. 125-142; FLECK, 2014, pp. 442-468; FLECK, 2014, pp. 103-182; FLECK, JOAQUIM, BIEHL, 2016, pp. 1-43; FLECK e JOAQUIM, 2017, p. 29-46) e Domingo Ledezma e Luis Millones Figueroa (LEDEZMA; MILLONES FIGUEROA, 2005) tratam desta questão com maior profundidade.

¹¹⁶ Estudos sobre este jesuíta, Pedro Montenegro, e sobre José Sánchez Labrador vem sendo desenvolvidos pelo grupo de pesquisas intitulado *As artes de curar em dois manuscritos jesuíticos inéditos do século XVIII*, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Eliane Fleck, que propõe a publicação e a divulgação de manuscritos inéditos destes dois membros da Ordem Jesuítica para o grande público.

a América (FLECK; AMANTINO, 2014, pp. 459-460). Pode-se afirmar que o abandono, por parte da Companhia de Jesus, dos “argumentos de la naturaleza maravillosa, llena de portentos y señales, escenario de la lucha contra el demonio, para iniciar la formulación de un pensamiento ilustrado y crear así sus propias nociones etnográficas y científicas del mundo americano” (LEDEZMA; MILLONES FIGUEROA, 2005, p. 22), só ocorreu, efetivamente, com os trabalhos de Sánchez Labrador. Como salientado por Sabine Anagnostou e Fabian Fechner, este jesuíta foi o responsável pela culminação da história natural do Paraguai sob um viés ilustrado, colocando a fauna e a flora dentro de categorias propostas pelo naturalista Robert Boyle (ANAGNOSTOU; FECHNER, 2011).

Tanto na *Descripcion chorographica* quanto na *Historia de la Conquista*, encontramos informações sobre árvores, plantas (sementes) e ervas dos *países* ou governações descritas, apresentadas sob o nome dado pelos indígenas (*del guaraní*) e por aquele dado pelos espanhóis, o que, aliás, foi uma prática bastante comum no período, podendo ser observada em outros autores. Como fizemos em relação aos rios, aqui, vamos abordar e discutir como Lozano se utilizou do texto de Montenegro para compor suas obras e apresentar o conhecimento deste jesuíta como um cânone *das medicinas* encontradas nos territórios abarcados pela Província Jesuítica do Paraguai. O irmão jesuíta Montenegro demonstrou a preocupação em apresentar as propriedades (ou virtudes) das plantas, tendo em vista a possibilidade de sua aplicação no tratamento de certas enfermidades, como se constata em relação ao *Guayacán*¹¹⁷. Na *Historia de la Conquista*, constata-se que Lozano ao fazer a descrição da fauna, da flora e da geografia das províncias do Paraguai, Rio da Prata e Tucumán, se apropria da descrição que o boticário havia feito do *Guayacán*. Esta, no entanto, assume uma outra forma narrativa, que nos parece se dever muito mais à sua preocupação em favorecer a compreensão dos leitores, do que a um esforço de se posicionar pessoalmente em relação à caracterização feita pelo irmão jesuíta:

¹¹⁷ O *Guayacán* foi estudado por Rivero e Laguna, que atestaram que a planta serviria para curar *as chagas dos pulmões* (infecções ou inflamação nos pulmões) e a tísica.

Montenegro (1711)

La primera en tucuman le llaman los españoles guayacan y los indios quiebra acha por su grandureza la qual llama el guarani ybiucaí hubae. escierta especie de algaro ho negro. La segunda especie q ay en tucuman llamado tarco q en guarani llaman el tercero qes el q aquí doi por estampa llamado guarani y entupi ybirace y de este es el q he usado en medicina yes el propio q en españa he usado y bisto usar llevado el brasil. La quarta espesie de palo santo es elque en tucuman nostrahen del Chaco qdo ban acoredurias omalocas de mocobies: y los del del paraguay noslo trahen qdo ban alas delos guaycurus, el qual es mui aromático y resinoso, estoi esperando sus ramas y modo dedibujo para decir algo desus admirables virtudes simelatrajesen podre dar su estampa. advierto q el indio de estas misiones aq diversos arboles a lo menos tres llama ybiraucaí pero solo en medicina sea de tomar el negro coraçon q es esa estampa. [...] **El cosimento del guayacan bebido por largo tiempo cura la llaga de los pulmones mejor q otro remedio alguno como lo tengo por esperiencia asi en mi como en otros muchos q de asistir o bisitarlos la conotrajimos en el colegio de cordoua y biendome yacomo desauciado, rebolviendo libros y autores p curarme alle en riuerio como aschencio ynsigne medio en fracia curo amuchos con el cosimento del guayacan por largo tiempo. Riuerio vervo tisis, laguna bervo guayacan. El cocimiento de la corteza opalo del guayacan opalo santo negro cura las llagas galicas detodo el cuerpo consolo labarse amenudo con el y bebiendo almismo tp su agua o cocimiento atras dicho y asi mismo los otros tres comadejo ya apuntado maiormente el del guaycuru y el llamado tarco. aunq este por bebida nolo he querido usar por no estar en uso de medicina en los autores solo he usado de el en llagas porde fuera con admirable suseso asi en llagas carbonosas como en las manifiestas y enlas del ygado y partes internas he usado de los dos ya dichos (MONTENEGRO, 1711, ff. 27-28. *Grifos nossos*).**

Lozano (1873)

Del *guayacan* ó *palo santo* hay varia especies; dos tiene la provincia del Tucuman; **el uno que llaman *quebrahacha*, por su rara dureza, que resiste á los instrumentos mas acerados, y los guaraníes le llaman *ibirarcay rubae*, que es el *caaroba* del Brasil; sus flores son blanquiscas, que tiran á leonado, color propio de su palo, y sus hojas como una lengua. La segunda especie, llaman *tarco* en Tucuman. La tercera especie que se halla en nuestras Misiones del Paraguay, y en las tierras de los indios chiquitos, es el *ibirache* del Brasil, y, propiamente, el que llaman en Europa *palo santo*. La cuarta especie, es la del Chaco, de las tierras de los mocovíes, y por el Paraguay, del país de los guaycurúes; parécese mucho al *lapacho*, ó *tajivo*, que es el *tayí* de los guaraníes, pero se diferencia aí en las flores como en el tiempo de florecer, porque las del *tajivo* aparecen ya por julio ó agosto, son encarnadas, y brotan en las puntas de las ramas; pero las del *guayacan* del Chaco son anaranjadas, que tiran á amarillas, salen por los brotes de las ramas y no se desabrochan sus botones hasta octubre ó noviembre. [...] el hermano Pedro de Montenegro, de nuestra compañía, sugeto muy perito en la medicina, quien dice que teniendo él mismo y otros sujetos, por haber asistido á unos tísicos en nuestro colegio de Córdoba, tan dañados los pulmones que se daban por desauciados, bebiendo el cocimiento del *guayacan del Guaycurú*, sanaron en breve perfectamente. Para el humor gálico, es remedio sin igual, y por eso le usan los médicos, así la tercera especie en Europa, como tambien la cuarta, en estas provincias, en los jarabes magistrales, para sacarle de los huesos, por arraigado que esté, y si se mezcla con la aristoloquia rotunda dicen, no tiene, en lo natural resistencia de cualquier causa que provenga. Las mismas virtudes tiene para curar llagas interiores, y por preservativos, suelen muchos por acá, usar vasos de esta madera para la bebida ordinaria (LOZANO, 1873, pp. 218-220. *Grifos nossos*).**

Como se pode observar na transcrição acima, a descrição feita por Pedro Lozano na *Historia de la Conquista* mantém inalterados extensos trechos daquela que encontramos no *Libro Primero* de Montenegro. Desta forma, um trecho que se encontrava em um manuscrito que versava sobre as virtudes e aplicações de plantas medicinais passará a fazer parte de um capítulo em que são apresentadas informações gerais sobre a história da conquista e colonização espanhola na América platina.

Aos compararmos os textos das duas descrições, podemos observar que na descrição feita por Lozano permaneceram as características físicas da árvore (possui uma crosta de madeira dura, lisa, quebradiça, aderente, tendo quatro espécies que podem ser reconhecidas pela sua coloração) e suas virtudes (pode ser utilizada para a cura e cicatrização das *chagas dos pulmões*, ou seja, infecções ou inflamações respiratórias e para o humor gálico) que foram descritas pelo irmão jesuíta. Constatase, entretanto, que a preparação dos medicamentos e sua aplicação, detalhadas no *Libro Primero*, foram supressas na *Historia de la Conquista*.

Quanto ao *Copay* ou *Copayba*, planta que já era conhecida na Europa e na Ásia e utilizada na produção de medicamentos (LEITE, 2013, p. 86). A relação intertextual entre Pedro Montenegro e Pedro Lozano ganha um contorno interessante nas descrições feitas sobre a *Copayba*. Repetindo a descrição feita por Montenegro, Lozano descreve a planta do seguinte modo:

Montenegro (1711)

El arbol de la copayba nolo ho podi ber asta oy dia aunq dos sujetos de los nuestros me aseguraron lo ay en los montes del Jesus en el parana y que los dos aunque fuera de tiempo sacaron de uno mui corta cantidad consolo picar su corteza la estampa que aquí pongo ef sacada de las obras de Guillermo Pizon que escrivio y dibujo las plantas del brasil y dice asi: **El arbol de la copayba es grande de tronco grueso y alto y mui frondoso de ramas es de corteza cassilisa y cenicienta oblanquicina mayormente la desus ramas hace sus flores en el extremo de sus ramas las quales abiertas tienen cinco ojas casi redondas que salen concierto canquilla o pie no mui largo desunacimiento de color blaquicino algo tirante al anaranjado sufructo son cierta piñuelas o botoncillos mui semejantes a los del ybichingi: que dice el indio guaraní y el arbol mui parecido adicho ybichingi apienlas ojas flores y fructo como se puede ber pero no en la corteza que es aspera la del ybichingi; el modo de sacar la copayba en abundancia los portugueses y tupies esperando el arbol babrotando sus ojas y flores por primavera hacerle un taladro penetrante asta el medio o coraçon del arbol o conescoplo o barenagruesa como lamuneza de un hombre y en el principio de la creciente de la luna dan los taladros poniendo basijas o comodadas para recibirlos y quando benque ya destila poco o nada le dan fuego al arbol a la parte opuesta del taladro y con el calor del fuego [...] El balsamo de copayba es oi mui conocido y usado por toda la europa africa y america y con gran de estima y subido precio e nel japon y china segun estoi ymformados a causa desus admirables virtudes; porque aplicado caliente a lasmas penetrantes y peligrosas heridas las cura por primera intencion en 24 horas sidichas heridas se limpian mui bien antes de aplicarlo de todo lo estraño y se apuntan con la correspondencia que piden las partes diflaceradas o cortadas y esto hace con una birtud balsami la contemplada y benigna que en todas heridas y sejos es socorro en todo tiempo y sirkustancia (MONTENEGRO, 1711, f. 34. *Grifos nossos*).**

Lozano (1873)

El árbol de la copaiba se halla en los bosques cercanos al rio Monday; es de grande tronco, grueso, alto, muy frondoso y hace las flores en el extremo de sus ramas. Cuando van brotando sus hojas y fruto por primavera, se le dá un taladro hasta el corazón, al principio de la creciente de luna, y poniendole alguna vasija en su boca destila el famoso bálsamo de la copaiba. Cuando cesa la destilacion hacen fuego por la espalda del taladro en distancia que caliente, mas no quemé el árbol, y en un dia sacan copia grande del mismo bálsamo; pero este modo seca ordinariamente el árbol y priva del beneficio que ofrece espontaneamente; del primer modo se conserva para tributar su fruto los años siguientes, lo que es lección para los príncipes que en la exacción de los tributos no tiren á desustanciar á los vasallos, porque si quieren sacarles mucho jugo con violencia, lo perderan todo para adelante, como sucede á los que por la violencia del fuego sacan la sustancia de este árbol. Lo que ordinariamente destila en quince días suele exceder la medida de un azumbre. **Las virtudes singulares de este bálsamo son bien notorias en todo el orbe, especialmente para heridas penetrantes y peligrosas que limpias antes de su aplicación las sanan en 24 horas, ya sean en la cabeza, vientre ó pecho, ya en musculos ó caliente,** cuanto se pueda tolerar sin que llegue á quemar; porque en tal caso labra el fuego y hace muchas materias. Las demás virtudes se pueden ver en los que escriben de medicina, pues es ya tan conocido, no solo en las Indias, sino en Europa por sus prodigiosos efectos. [...] Cortando y puesto al sol y agua por do meses, se hace del palo un escelentísimo bálsamo para curar heridas y llagas antiguas, ó corrupciones de huesos, líquidandolo en vino y aplicando este cocimiento con jeringuilla para que toque al hueso (LOZANO, 1873, pp. 226-228. *Grifos nossos*).

Cabe ressaltar que Lozano, como autor, se coloca na posição de um leitor que copia aquilo que considera como o mais importante do texto, faz correções, atualiza as informações dadas pelo autor e suprime aquelas que considera não terem relevância para seus leitores, como, por exemplo, a questão dos preços do bálsamo da *Copayba* no Japão e China, mencionados pelo irmão jesuíta (MONTENEGRO, 1711, f. 34). Mas, de forma geral, o texto de Lozano resume e descreve os aspectos que considera mais relevantes do texto do irmão jesuíta, salientando as virtudes da árvore do *Copal* ou *árbol de hechiceros* e seu emprego nas práticas curativas e na fabricação de igrejas. Tanto Lozano, quanto Montenegro informam que a *Copayba* que não era exclusiva do Brasil, que podia ser também encontrada no Paraguai e que, no caso das *reducciones*, existiam quatro espécies, que se distinguiam uma das outras por sua coloração, o que possibilitava sua identificação.

Lozano oferece ainda, algumas informações – as quais seriam melhor trabalhadas por Sánchez Labrador – sobre óleos essenciais terapêuticos e a produção de bálsamos empregados no tratamento de lesões externas e também da varíola. Sabe-se que da *Copayba* era extraído um poderoso bálsamo, que ficou conhecido como azeite de *Cupay*, bálsamo da *Copayba* ou, também, chamado de azeite de Palo. Dentre as suas virtudes, estavam a de auxiliar na cicatrização de feridas de todos os gêneros (exceto as resultantes de queimaduras), conter fluxos sanguíneos acarretados por rompimentos de veias, aplicação em gangrenas, gonorreias, dentre outras enfermidades que causassem a perda de sangue no enfermo (FLECK; JOAQUIM; BIEHL, 2016, p. 16).

Como em todo ato de escrita, os textos que destacamos acima foram reescritos, reproduzidos a partir de trechos ou resumos, levando em consideração a organização e associação de ideias, ligações, rompimentos, discordâncias e transposições, que foram impostos pela presença de um outro texto que se estabeleceu como autoridade (COMPAGNON, 1996, p. 39). De qualquer forma, o texto lido e, posteriormente, apropriado reflete muito sobre as escolhas feitas pelo autor, no caso, por Lozano, que selecionou o que julgou conveniente para a escrita do seu próprio texto.

Como já anunciado em outro momento deste capítulo, Lozano não escreveu uma história isenta de julgamentos sobre aqueles que eram percebidos como os *outros* e sobre suas culturas, descrevendo alguns costumes como bárbaros e algumas atitudes como demoníacas, como se pode também observar nos textos de seus

antecessores. Suas apreciações, contudo, não devem ser percebidas como mera repetição destas descrições, na medida em que são tributárias da *forma mentis* deste jesuíta, profundamente marcada pelos seus estudos teológicos e por sua função como responsável pela avaliação dos casos de consciência.

Ainda temos que considerar que os saberes nativos, sobretudo, aqueles voltados para o tratamento de enfermidades, e que foram ensinados aos jesuítas, ofereceram valiosas informações sobre as virtudes e aplicações da flora e da fauna dos *países* que compunham a Província Jesuítica do Paraguai, sendo que muitos delas passaram a figurar nas boticas e em obras de Farmácia.

Questão, que na visão de Compagnon, pode significar que o texto acabou por transcender, de certa forma, a si mesmo, ao ir mais além das motivações originais daquele que o redigiu e que fará com que se distancie da proposta inicial. Isto possibilita que um texto, apesar de observar uma estrutura pré-estabelecida e uma escrita institucionalizada, na qual temas se repetem e devem ser replicados, acabe por apresentar características autorais que nos dão a chance de conhecer os interesses do responsável pela escrita (COMPAGNON, 1996, p. 25). Entendemos que isto fica evidente nas obras de Lozano, na medida em que ele seleciona, compila, atualiza e confere importância a alguns relatos em detrimento de outros.

Deste modo, parece-nos relevante refletir sobre como a censura feita aos seus textos pode ter interferido diretamente na seleção dos autores que viriam a ser acionados e na maneira como os relatos foram efetivamente narrados em seus livros. Em seu estudo sobre os censores e sobre como o Estado influenciava a literatura (os textos) do Antigo Regime francês, Darnton ressalta que as palavras *exerciam poder* e tinham força de *movimentar correntes* indesejáveis, quando ditas ou escritas, tornando-se, por isso, motivo de preocupação tanto para a Igreja, quanto para o país (DARNTON, 2016, pp. 8-9) e, conseqüentemente, eram alvo de censura. No caso da Companhia de Jesus, sabe-se que os livros, antes de receberem o selo da Ordem (indicando seu caráter institucional) e de serem publicados, passavam por leituras prévias, censuras e correções. É sobre a censura realizada no âmbito da Companhia e sobre os processos de impressão e publicação de livros escritos por membros da Companhia que nos debruçaremos no próximo capítulo.

Capítulo 6

Autores também são leitores. Lendo e se associando a outros leitores e autores, criam noções de gênero, estilo e uma ideia geral de iniciativa literária que afeta seus textos, quer escrevam sonetos shakespearianos ou instruções de montagem de kits de rádio (DARNTON, 2010, p. 179).

6 Como publicar um livro? As questões que circundavam o processo de impressão, censura e aprovações nas obras de Pedro Lozano

A escrita da história, aliada à busca por controle sobre uma determinada língua através das inúmeras publicações de *vocabulários, dicionários, artes, descrições, crônicas e histórias*, nos faz refletir sobre como alguns padrões de pensamento e ação regimentaram e influenciaram não apenas a vida dos escritores, como, também, dos censores durante o processo de leituras, correções, censuras, e, posteriormente, da edição e impressão dos livros. É preciso, ainda, considerar que (de)ter o conhecimento faz com que alguns tenham a possibilidade de eternizar ou manipular os fatos, as opiniões e os discursos, ultrapassando distâncias físicas, temporais ou, até mesmo, culturais em alguns casos (MECENAS, 2017, p. 2).

No caso europeu, o aumento do número de publicações e a intensificação da circulação de informações fizeram com que as monarquias e todo o seu aparelhamento governamental se vissem diante da necessidade de vigiar o acesso às ideias que estavam sendo difundidas. Ao controle que já vinha sendo exercido pela Igreja se somou o controle régio, “controle do que era lido e distribuído na Europa e na América”, evidenciando “os interesses políticos e religiosos que presidiam essa fiscalização” (MECENAS, 2017, p. 2), e que acabaram produzindo uma disputa – entre a Igreja e o Estado – pelo controle sobre as mais variadas obras. De acordo com Darnton:

Todas essas instituições reivindicavam o direito de exercer a censura e o Estado resistia a elas, decidido a manter seu monopólio sobre o controle do mundo dos impressos. [...]. Mas a disputa para condená-lo exprimia mais do que uma indignação virtuosa. Todo ataque contra o livro era uma invasão na autoridade do Estado e uma tentativa de se apropriar de aspectos do próprio Estado (DARNTON, 2016, p. 40).

Na Espanha, os livros, desde o início do século XVI, passavam por uma série de licenças, autorizações e permissões antes de serem editados e impressos, e, por se tratarem de um conjunto de obras consideradas públicas, deveriam receber “licencia real o de las siguientes personas: presidente de audiência, arzobispos y obispos” (REYES GÓMEZ, 2000, pp. 96-97), como forma de evitar a disseminação dos preceitos religiosos trazidos pelo protestantismo e fortalecer as tendências absolutistas. Também Fernando Bouza salienta que este controle do Estado e da Igreja em relação à escrita estava ligado à preocupação com a circulação de manuscritos *suspeitos* pelo seu conteúdo político e religioso. Logo, o texto manuscrito, antes de ser impresso, estava “susceptible de ser retocado por los censores ante su passo a las prensas tipográficas” (BOUZA, 2001, p. 63). Assim, a escrita e a divulgação de textos passaram “não apenas a atender a uma lógica do mercado tipográfico, mas, também, à necessidade de comunicação às outras nações das conquistas e da abrangência dos espaços incorporados ao Império no Ultramar” (MECENAS, 2017, p. 2).

Sabe-se que para os censores eram enviadas as provas impressas das obras que deveriam ser lidas e conferidas para subsidiar suas considerações e receber as intervenções e as marcações, página à página, com as suas iniciais. E deste processo resultava a permissão ou não da impressão e circulação desta obra (DARNTON, 2016, p. 30). Chartier nos descreve este processo de aprovação, produção, tiragem e circulação de um livro:

Trata-se, o mais das vezes, de cópias passadas a limpo por escribas profissionais e destinadas, em primeiro lugar, às autoridades que concedem autorização e privilégio. São numerosas as mãos que intervêm nesses manuscritos: a do copista, eventualmente a do censor, a do corretor e do compositor, que acrescentam as intervenções manuscritas necessárias à preparação do texto. Estas últimas dizem respeito, em primeiro lugar, ao ajuste do texto para que sejam bem delimitadas as porções do manuscrito correspondente a cada página impressa. Esse trabalho, que traz seus riscos de erros, é necessário para que o texto possa ser composto mais rapidamente, isto é, não segundo a ordem das páginas, mas por formas, o que obriga a compor em primeiro lugar todas as páginas que serão impressas de um mesmo lado da folha impressa e, em seguida, as que estarão do lado oposto (CHARTIER, 2002, p. 97).

Como se pode constatar o procedimento padrão adotado expunha uma tentativa de impor uma série de diretrizes que racionalizassem a complexa tarefa de

examinar os textos originais, desde o primeiro contato que o censor tinha com ele (com a sugestão de alterações no manuscrito ou não) até o seu retorno para o escritor/autor (que teria de observar quais foram as recomendações feitas e se haviam críticas ou restrições), para a outorga definitiva que possibilitaria sua impressão. Deve-se, no entanto, atentar para o fato de que o manuseio e as correções do manuscrito são um trabalho coletivo, não havendo uma clara separação entre a materialidade do texto e a textualidade da obra (CHARTIER, 2007, p. 59).

No caso da Companhia de Jesus, obras que tratassem de assuntos relativos à Ordem ou que fossem escritas por um de seus membros careciam da licença dada pelo Provincial, atestando que os mesmos estavam em concordância com as orientações, princípios e temas defendidos pela Companhia (MECENAS, 2017, p. 6). Esses procedimentos de controle adotados pela Ordem de Santo Ignacio não deixam de estar em sintonia com os esforços das monarquias do Antigo Regime, empenhadas em vigiar determinados setores da sociedade “protomoderna e barroca” e de assegurar a manutenção da ordem absolutista (DARNTON, 2016, p. 30).

Considerando a prática de controle sobre o que era publicado, cabe a pergunta: como os procedimentos de censura adotados pela Companhia se manifestaram nas obras de Pedro Lozano? Em primeiro lugar, chamamos a atenção para o fato de que junto dos longos títulos de todos os seus livros, a) *Descripción chorographica de Terreno Ríos, Arboles, y Animales de los dilatadísimas provincias del Gran Chaco, Gualamba, y de los Ritos y Costumbres de la innumerables naciones de barbaros e infieles que le habitan. Con una cabal Relacion Histórica de lo que en ellas han obrado para conquiftarlas algunos Gobernadores y Miniftros Reales, y los Miffioneros Jefuitas para reducirlas a la fe del Verdadero Dios* (Imagem 9); b) *Hiftoria delas Revoluciones dela Provincia del Paraguay en la America Meridional. Desde el año de 1721 hafta el de 1735* (Imagem 10); c) *Historia de la Conquista de las Provincias del Paraguay, Rio de la Plata, y Tucuman. Contiene la poblacion de sus Ciudades y progresos del dominio español en esta parte de la America Meridional* (Imagem 11); d) *Historia de la Compañía de Jesús de la Provincia del Paraguay* (Imagem 12); e, e) *Relacion de la vida, y virudes del venerable martyr P. Julian de Lizardi, de la Compañía de Jesus, de la Provincia del Paraguay* (Imagem 13), aparece sempre o nome do autor e a sua vinculação institucional: *Escrita por el Padre Pedro Lozano, de la Compañía de Jefus, Chroniffta de la Provincia del Tucumán; Por el Padre Pedro Lozano, de la mifma*

Compañía ou *Escrita por el P. Pedro Lozano, de la misma Compañía, y Misionero de la referida Provincia* – como parte da *folha de rosto* ou *capa*.

A menção ao autor da obra no título, de acordo com Chartier, significava que também ele esteve sujeito à censura da Igreja e do Estado (1998, p. 41). Já o nome que aparecia separadamente era daquele que “realmente tinha de responder pelo livro, o homem com responsabilidade legal e financeira por ele, junto ao endereço no pé da página” – *En el Colegio de la Assumpcion, por Joseph Santos Balbás; En Madrid, en la Imprenta de la Viuda de Manuel Fernandez, y del Supremo Consejo de la Inquificion; En Salamanca, por Antonio Villargordo* – junto à fórmula impressa – *Con licencia* – “com a aprovação e o privilégio do rei” (DARNTON, 2016, p. 15). As informações sobre os avaliadores e sobre o local de impressão do livro eram importantes, pois sua divulgação evitava fraudes ou alterações textuais que não autorizadas ou feitas pelo autor (REYES GÓMEZ, 2000, p. 97). Além dessas informações, algumas obras ainda contavam com o monograma da Ordem Jesuítica, atestando que o livro havia recebido a aprovação necessária para que fosse impresso.



Imagem 9: Capa da *Descripción chorographica* (1733), com as especificações de onde incidem as informações legais necessárias para a publicação do livro.

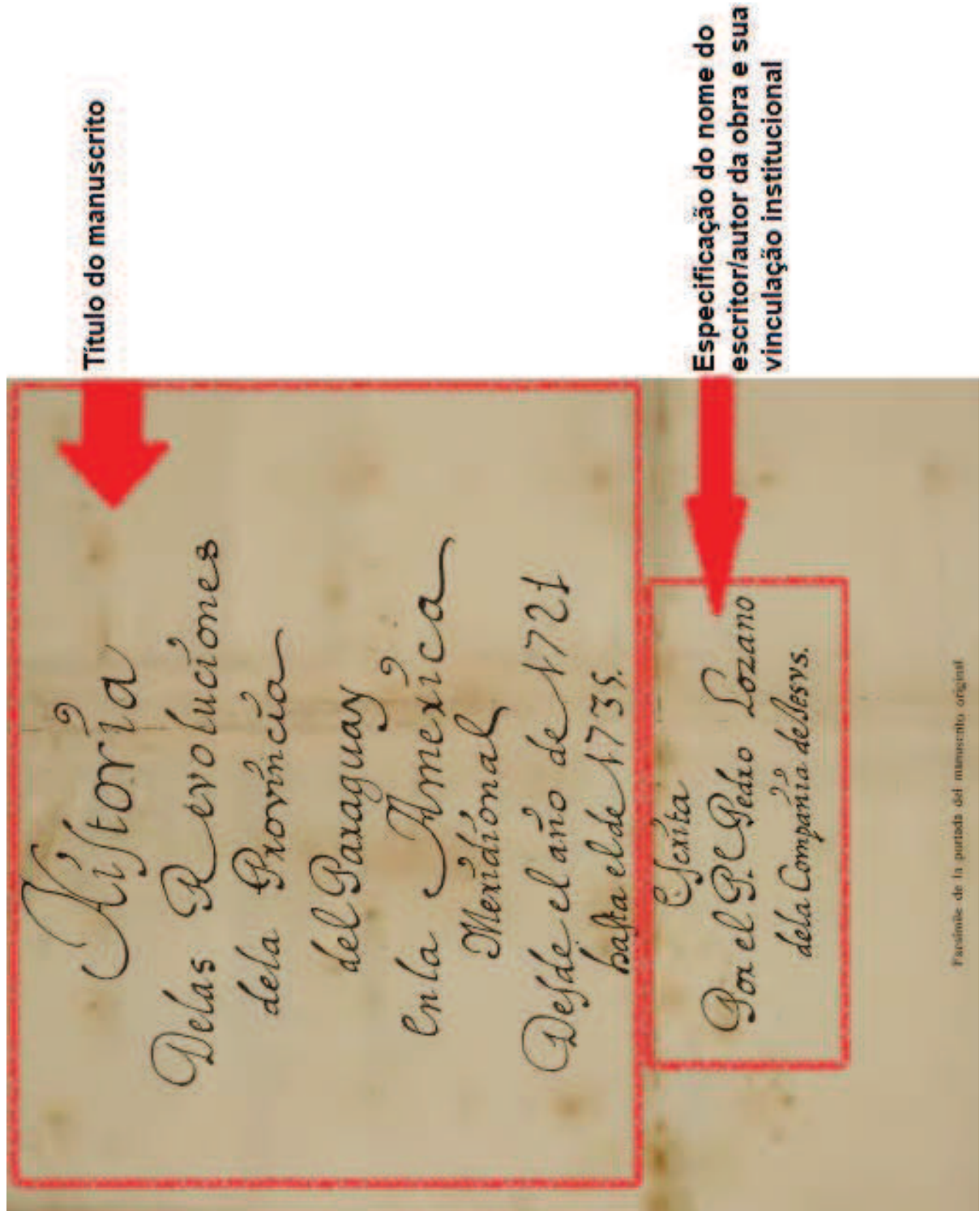


Imagem 10: Fac-símile do manuscrito da *Hiftoria delas Revoluciones* (na edição de 1905).

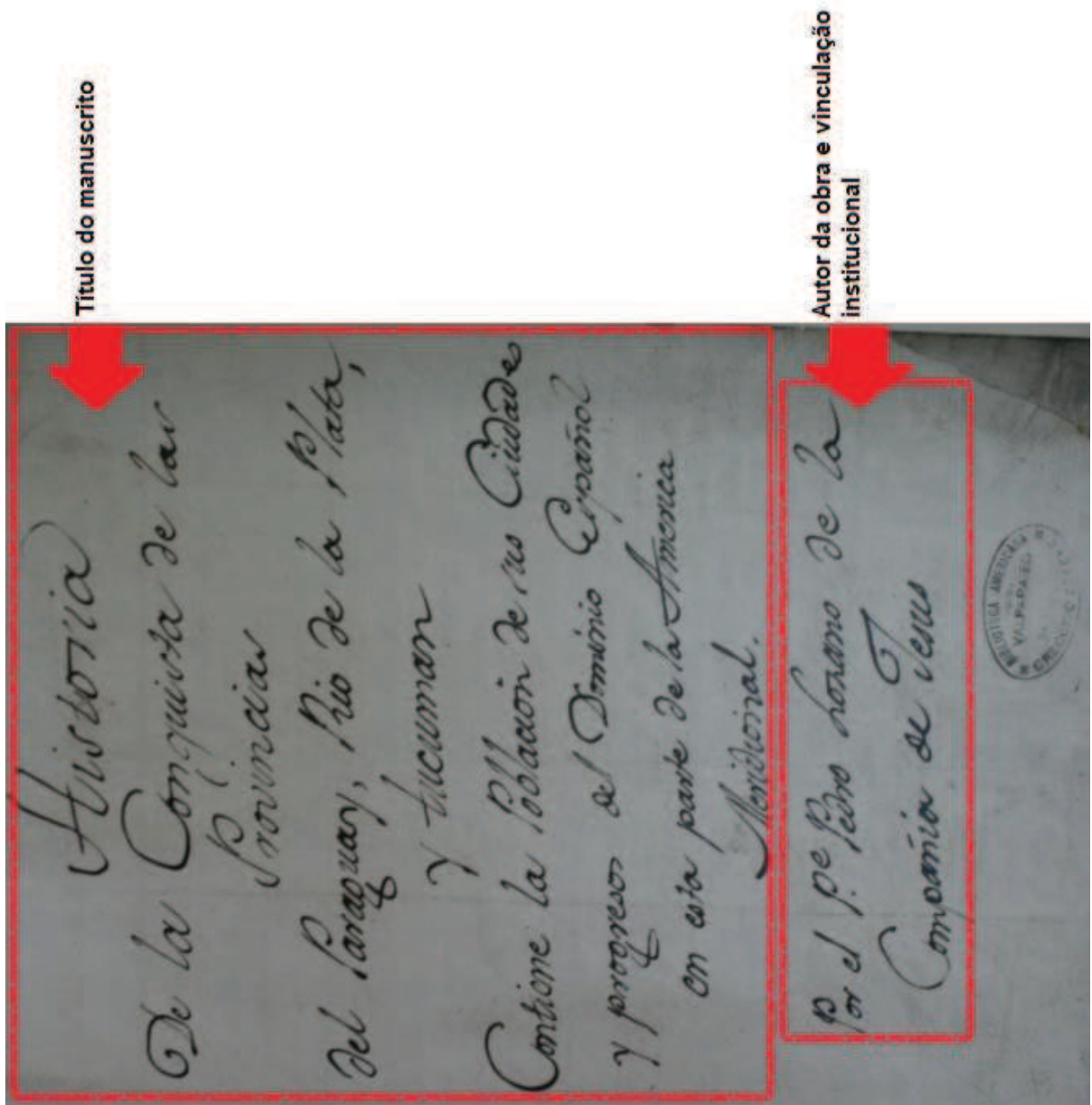


Imagem 11: Manuscrito da *Historia de la Conquista* (presente na edição de 2010).

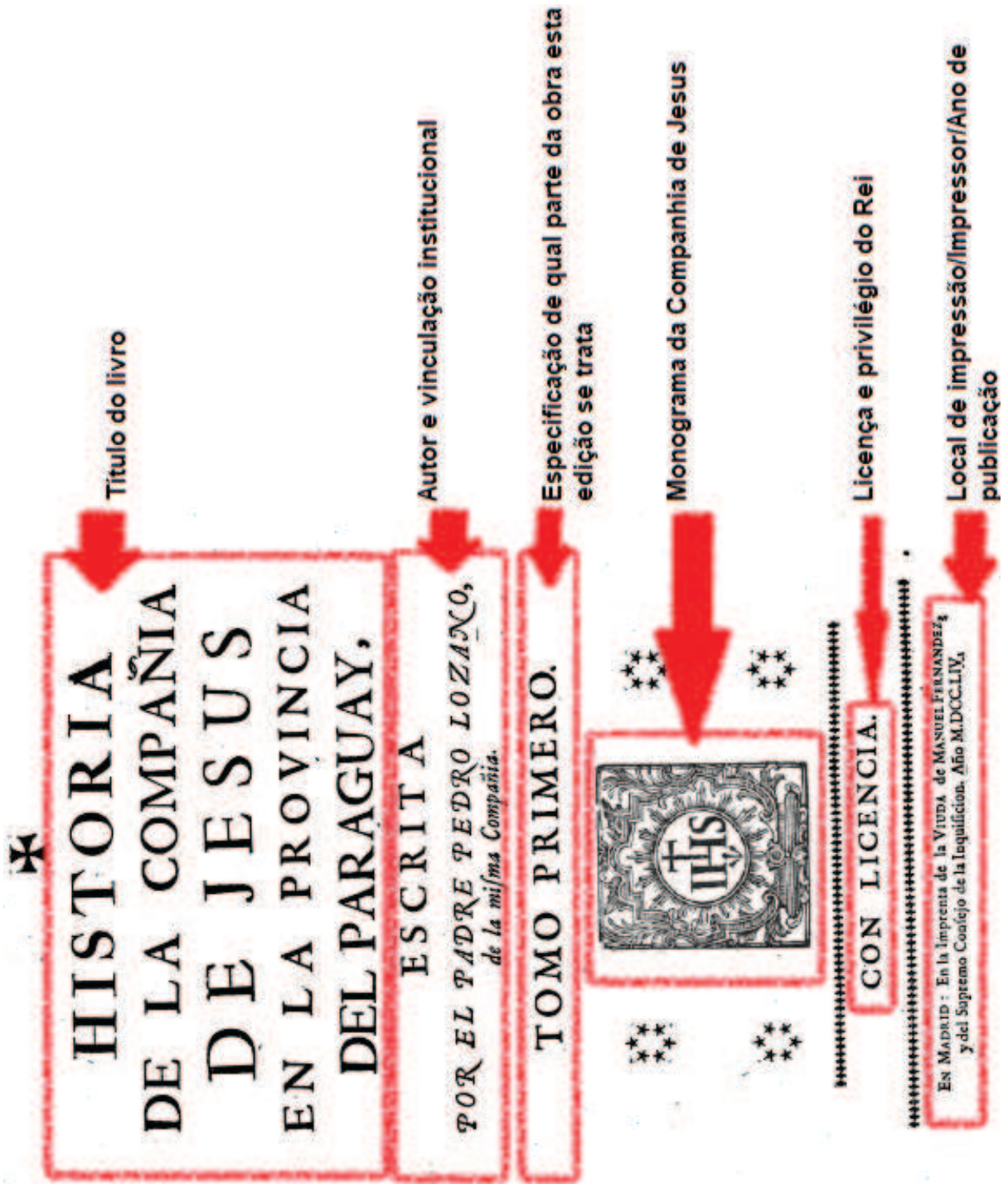


Imagem 12: Capa da edição da obra *Historia de la Compañía de Jesús* (1754).

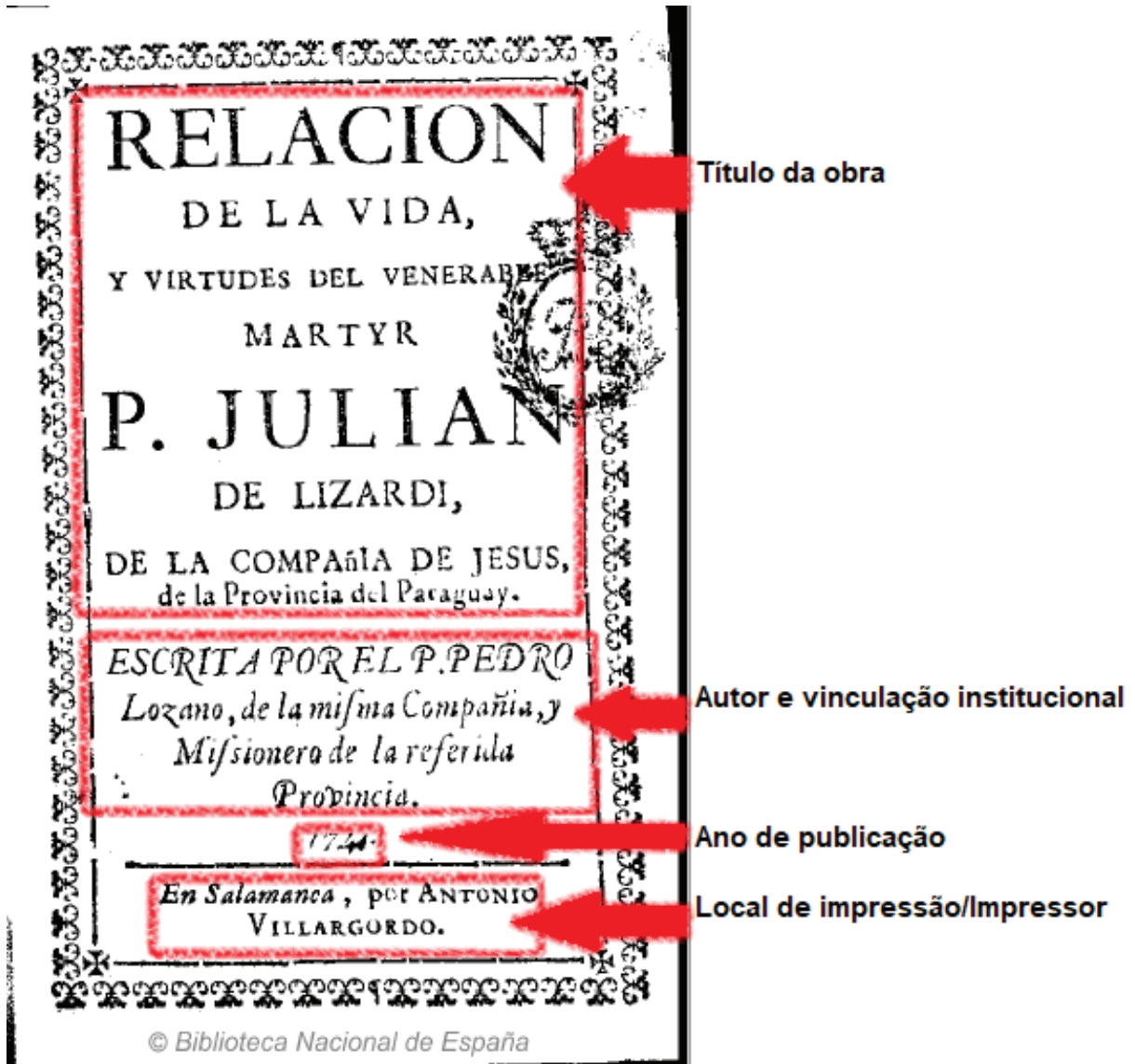


Imagem 13: Capa do livro *Relacion de la vida, y virudes* (1741).

Mas, embora existisse uma rigorosa legislação sobre os impressos, não se deve menosprezar a existência de interesses externos, que poderiam acarretar na censura de todo o livro ou uma parte dele, como também uma aprovação irrestrita do texto. Estes interesses influíam na leitura realizada e nas considerações que seriam feitas para que o manuscrito fosse editado, publicado e trouxesse consigo as licenças e as concessões necessárias para que a sua circulação não sofresse nenhuma restrição (MECENAS, 2017, p.14). Do mesmo modo que a concessão do direito de publicação, a venda e a circulação das obras impressas poderiam ficar restritas apenas a um indivíduo ou instituição (MECENAS, 2017, p. 16). Vale lembrar que “as normativas não remetem apenas às licenças ou à censura de partes dos impressos”,

pois a Companhia de Jesus “utilizou o mecanismo da publicação como auxílio na normativa de línguas” (BARROS, 2003, pp. 134-135).

O caminho percorrido por um livro até sua publicação se iniciava com a finalização da escrita do corpo do texto e seu envio para avaliação por um consultor ou outro jesuíta que fosse designado para fazer o primeiro parecer sobre a obra. Além disso, assim como “a missiva não poderia ser deixada ao acaso das impertinências cotidianas dos padres ou à intensidade de seus sentimentos espirituais” (TORRES LODOÑO, 2002, p. 18), as obras deveriam apresentar os avanços das obras e ações apostólicas, de forma que edificassem e fornecessem informações aos padres, irmãos e noviços nos Colégios Máximos da Companhia. Assim como os padres que o antecederam, Lozano escreveu consciente de que seus livros seriam analisados e alvo de censura por parte dos avaliadores indicados para tal fim.

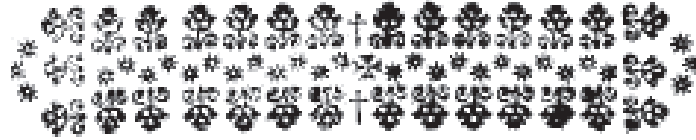
Em relação ao local de impressão, observamos que, no caso da *Descripción chorographica*, na capa encontramos a informação de que o mesmo foi impresso *en Cordoba, en el Colegio de la Assumpcion por Jofeph Santos Balbàs* (Imagem 9). Mas, se nos determos nos elementos paratextuais – introdução, dedicatória, licenças, censura, aprovação, privilégios, soma de taxas, apresentação ao leitor e índice (Imagens 14-21) –, constatamos que estes foram feitos, em sua quase totalidade, entre os anos de 1732 e 1733, nas cidades de Andalucía (*Licencia de la Religion*, feita pelo Prepósito Provincial da Companhia de Jesus, Geronymo de Hariza), Cadíz (*Censura del M. R. P. Maestro Chriftoval de Palma*), Córdoba (*Licencia del Ordinario*, Dr. Don Francisco Miguel Moreno Hurtado), Córdoba de Tucumán (*Aprobacion del M. R. P. Diego Vazquez*), Sevilla (*Suma del Privilegio* feita por Don Miguel Fernandez Munilla), Madrid (*Fe del Corrector*, do Lic. D. Manuel Gareia Aleffón; e, *Suma de la Taffa*).

A obra conta, ainda, com um mapa da região do Chaco, feito pelo padre Machoni (Imagem 1), a quem Lozano dedica a obra. Vale destacar que Machoni foi também o responsável pela edição e impressão do livro na Europa e o autor do texto de apresentação, intitulado *A las Religiofsimas, y Doctifsimas Prouincias de la Compañia de Jefus de Europa*. A dedicatória – *La qual ofrece, y dedica a las Religiofsimas Provincias de la mifma Compañia de Jefus de Europa* (Imagem 9) –, atribuída também a Antonio Machoni, representava a aprovação pública do destinatário ao texto. Ainda em concordância com Darnton:

As dedicatórias eram igualmente uma questão delicada, porque uma personalidade pública que aceitasse a dedicatória de um livro o endossava implicitamente e se identificava com ele. Os escritores vivam correndo atrás de figurões na esperança de que uma dedicatória acarretasse um apadrinhamento (DARNTON, 2016, p. 35).

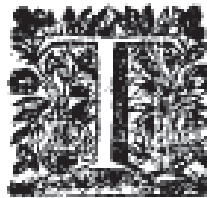
É preciso ressaltar que, dentre as obras de Pedro Lozano que consideramos na tese, apenas na *Descripción chorographica* encontramos uma dedicatória, sendo que nas demais não há menção a alguém ou a uma instituição que merecessem ser homenageados. Isto nos chama a atenção, uma vez que, usualmente, as dedicatórias eram destinadas a

Superiores religiosos (provinciales, ministros) [*que*] los que liberan las licencias necesarias para la publicación del texto en forma de libro, y es asimismo algún hermano de religión quien redacta un tipo de elogio (en prosa o verso) en honor de quien ha escrito la crónica. En general, estos paratextos suelen reforzar la pertinencia de la obra, y despliegan grandes recursos retóricos para describir las virtudes no sólo de la obra sino de su creador; [...] paratextos escritos por el autor, cuya función se dirige a organizar la lectura de la crónica, como tablas de contenidos (posible sobrevivencia de las “listas de hechos” de la crónica anterior a la imprenta) y lista de erratas; otra función de estos paratextos es brindar información sobre los suscriptores y patrocinadores que hicieron posible su publicación. En este mismo apartado podemos ubicar las dedicatorias que el autor hace de su obra, por lo general a un personaje poderoso, al santo fundador de su orden, o al conjunto de su provincia religiosa. La crónica se imprimía a menudo en columna doble, y se dividía en libros o capítulos de extensiones variables (HERNÁNDEZ DÁVILA, 2018, pp. 362-363).



*A las Religiosas , y Doctísimas
Provincias de la Compañía de Jhesus
de Europa.*

Antonio Machoni de la misma Compañía S. Sec.



traigan otros de las Indias oro , y plata , traigan en buenhora diamantes , perlas , y otras piedras preciosísimas , traigan las demás riquezas , que à los Indios les producen sus tesoros , y minerales riquísimos : que yo mas contento vengo à Europa , y mas satisfecho traigo el oro de mis versos , y las riquezas de mi historia :

Divitiis aliis fascis exportet ab Indis ,

Carmen ego , mihi sunt carmina divitiis .

Así decia un historiador Portugués viniendo de sus Indias Orientales à Europa , y trayendo de allí una descripcion poetica de las tierras del Brasil . Y de el mismo modo puedo yo deciros (ò Religiosísimas Provincias) viniendo de nuestras Occidentales Indias à Europa : y trayendo para presentaros en esta Dedicatoria , no el oro , y plata material , no las piedras , y riquezas , puros , aunque lustrados , grosseros , y baxos de la tierra : sino el oro , y riquezas tanto mas preciosas , que aquellas , quanto va del resplandor caduco de los metales al immortal resplandor de la sabiduria . Un destello , o raigo de esta eterna luz os presento en este libro : pues aunque por mio no mereciera esse lustre , por su allumpro lo merece . Es una tibia Descripcion Chorográfica de aquella dilatadísimas parte del Tucumán ,

*J. Meneses
in prelud.
poet. descrip.
Brasil.*

Licencia de la Religion.

Geronimo de Hariza Preposito Provincial de la Compañia de Jesus en esta Provincia de Andalucía, por particular comission, que tengo de nuestro muy Reverendo Padre General Francisco Retz, doy licencia, paraque se imprima un libro intitulado: *Descripcion Cosmographica del gran Ciboco*, que ha compuesto el Padre Pedro Lozano de nuestra Compañia, y saca à luz, el Padre Antonio Machoni, de la misma Compañia. El qual ha sido visto, y aprobado por personas graves, y doctas de nuestra Religion: en testimonio de lo qual di esta, firmada de mi nombre, y sellada con el sello de mi oficio. En la Villa de Morón à diez y siete dias del mes de Noviembre de mil setecientos y treinta y dos.

Geronymo de Hariza.

APRO.

CENSURA DEL M. R. P. MAESTRO
Christoval de Palma de la Compañia de Jesus,
Catedratico, que fue de Rhetorica en su Colegio de
Malaga: de Filosofia en el de San Hermenegildo de
Sevilla: de Theologia en los de Cadiz, y Cor-
doba, y Examinador Synodal del Obis-
pado de Cadiz, &c.

POR mandado del Señor Doctor Don Francisco Miguel Moreno Hurtado, Prebendado de la Santa Iglesia de Cordoba, y Provisor de su Obispado: he visto el libro intitulado: *Descripcion Geographica de las Provincias del Obaco, &c.* Compuesto por el Padre Pedro Lozano de la Compañia de Jesus, Choronista de su Provincia del Tucumán, y que dá à la Estampa el Padre Antonio Machoni, Rector del Colegio Masimo de Cordoba de el Tucumán, y Procurador General à Roma por su Provincia del Paraguay. Y viendo lo leído muchas vezes con repetida complacencia, debo decir de él lo que Salviano à Eustochio: *Legi librum, quem transalissi stylo brevem, doctrina uberram, lectione expeditum, instructione perfectum.* Pues aunque es breve en volumen, y breve tambien en su conciso estilo (y por tanto muy arreglado à las leyes de historial) es muy copioso en la doctrina, que dá con ocasion de referir la que dan en sus Apostolicas Doctrinas, y Misiones aquellos Obreros Evangelicos Jesuitas à tantas almas de Gentiles idolatras, como cada dia convierten, instruyen, y perficionan en la Doctrina, y costumbres Christianas, *Doctrina uberram, instructione perfectum.* Siendo juntamente en su brevedad el estilo claro, y expedito, *lectione expeditum:* prenda, que no pudo juntar con su concision el otro Poeta,

————— *Don brevis esse laboros*
Obscurus fit. —————

Su narrativa es tan fecunda en la fecundidad de especies, que describe, de gentes, costumbres, Provincias,

§§

cias,

LICENCIA DEL ORDINARIO.

NOS el Doctor Don Francisco Miguel Moreno Huizado, Preevencado de esta Sãra Iglesia Cathedral, y Provisor de este Obispado por el Illustrissimo Señor Don Thomàs Ratto, y Ottorelli, Obispo de Cordoba, y Asistente del Solio Pontificio, &c. Aviendo visto la Aprobacion, y Censura dada de Comission nuestra por el M. R. P. M. Christoval de Palma, de la Compania de Jesus, sobre el libro intitulado *Descripcion Chorographica Del gran Chaco*, que ha compuesto el Padre Pedro Lozano de la misma Compania, que saca à luz el M. R. Padre Antonio Machoni, Procurador general à Roma por su Provincia del Paraguay de la misma Compania, &c. y constando por ella, no tener cosa, que se oponga à nuestra Santa Fé, y buenas costumbres, damos licencia, para que se imprima en qualquiera de las Imprentas de esta Ciudad. Dada en Cordoba à 9. de Abril de 1733. años.

*Doctor Don Francisco Miguel
Moreno.*

Por mandado del Señor Provisor.

Alonso Joseph Gomez de Lara.

Apres

APROBACION DEL M. R. P. DIEGO
 Varquez, de la Compañia de Jesus, Maestro
 de Prima en su Colegio de Santa Catalina
 lina de la Ciudad de Cordoba.

M. P. S.

DE orden de V. A. he visto un libro, cuyo título: *Descripcion Chorographica del terreno, Rios, y de las dilatadissimas Provincias del gran Obaco Guatamba, &c.* y contiene una exacta relacion de aquel pais, ritos, y costumbres de sus Naturales, expediciones hechas para su descubrimiento, y correrias de los Misioneros de la Compañia, para su reduccion: su Autor el Padre Pedro Lozano de la misma Compañia, Chronista de la Provincia de Tucumán. Y aun antes de acabarlo de leer, me pareció, como con un natural soborno, se hallaba el tribunal de la razon antes de formar juicio, y dar sentencia, preocupado con la propria experiencia de aquella antigua verdad: *Quod verum, simplex, sincerumque est, id est natura hominis accommodatissimum.* Lo cierto es, que despues, siguiendo este natural impulso, y primò prima aprobacion, no hallé en la deliberacion, que reprobár, atendiendo à su materia, y à su forma, à lo que dice, y al decir; pues mirando à lo segundo, hallé bien executado aquel precepto, que por sí, y por su Autor se merece tanto aprecio: *Propria verba, rectus ordo, non in longum dilatata conclusio, nihil dicit, nec superfluit.* Y atendiendo à lo primero, vi en toda esta Obra constantemente vencida aquella dificultad, que tantas dificultades abraza: *Res ardua, versutis novitatem dave, novis auctoritatem, obscuris nitentem, obscuris lucem, fastiditis gratiam, dubijs fidem, omnibus verò natura, & natura sua omnia.*

De uno, y otro serán contestes quantos leyeron esta Obra; pues verán un estilo proprio, sin afectacion, sin coturnos, sin albedrezas de claros, y de obscuros.

Cic. 1. offit.

Quintilianus
 lib. 8. de institut. Orato.
 Plin. in prefat. ad Velle-
 pul.

Suma del Privilegio.

Tiene Privilegio de su Magestad por tiempo de diez años, el M. R. Padre Antonio Machoni de la Compañia de Jesus, para poder imprimir este libro, como mas largamente consta de su original. Dado en Sevilla à 14. de Mayo de 1732.

Don Miguel Fernandez Munilla.

Fee del Corrector.

Este libro intitulado : *Descripcion Corographica del gran Chaca*, corresponde à su original. Madrid, y Agosto 19. de 1732.

Lic. D. Manuel Garcia Atfón.
Corrector general por su Magestad.

Suma de la Tassa.

Tasaron los Señores del Consejo este libro à seis maravedis cada pliego; como consta de su Original. En Madrid à 14. de Diciembre de 1732.

PRO:

AL LECTOR.

EN esta descripción (Lector Christiano) ofrezco à tu curiosa erudición una buena parte del nuevo mundo, pudiendote aqui repetir lo que Juan Boetio dice xo del theſoro Geographico de Abraham Ortelio;

*Nosce qui mores hominum, peregrinus, et nobis,
Quisque rotata gravi rara labore petit:
Hic alius, hic nimis liceat spectare quieto,
Lector, in extrema quod tibi quaris hunc.
Hic iter est, alius tibi, qua patet, advena, mundus
Hic laet artificii machinatanta libro.*

Pero además de darte nuevo empleo à tu erudición en esta nueva-historia (y tan nueva, que es la primera de esta gran Provincia del Chaco) quiero, que leas la causa mas alta, y mas útil, que me ha movido à esta impresión, (y esto servirá tambien como de prologomeno à la Descripción, que es la siguiente.

La quarta parte del mundo, que comunmente llamamos America (siendo tan vasta en sus terminos, que por grande excede al resto de las tres) abriga en sus anchurosos senos multitud casi innumerable de habitantes, la qual excede sin comparacion al numero de los que vá sujetos al yugo del Evangelio, y al vasallaje de la Magestad Catholica viven en la policia Christiana, que les enseñan los Misioneros Apostolicos, destinados para su espiritual cultura à sus Reales expensas por nuestros Catholicos Monarcas en los dos mas celebres Imperios de este nuevo Mundo Mexico, y Perú. En ambos se experimenta esta verdad; pero con especialidad mayor en el Imperio Peruano, que desde Tierra firme vá corriendo hasta el estrecho de Magallanes, dilatandose por mas de dos mil leguas, en cuyo distrito es innumerable el gentio, que retirado del comercio yá de los Castellanos, yá de los Portugueses, quienes pudieran franquearles las puertas del Cielo, perecen miserablemente en las tinieblas de su infidelidad, unos encumbrados en tan al-

118

INDICE

DE LOS PARAGRAFOS DE este libro.

- §. I. **D**ASE noticia en general de las Provincias del Chaco, y del origen de este nombre. fol. 1.
- §. II. De los Rios, que bañan las Provincias del Chaco fol. 6.
- §. III. De otros menores Rios, que entran al Orinoco, y del Paraná, y Paraguay, que bañan las Costas fol. 18.
- §. IV. Calidad de la tierra del Chaco, Arboles, y plantas, que product. fol. 26.
- §. V. De los Animales, y Serpientes, que ay en la Provincia del Chaco. fol. 37.
- §. VI. De su riqueza; porqué ha sido tan poblada la Provincia del Chaco. fol. 39.
- §. VII. Noticia de las Naciones mas raras del Español, y costumbres comunes de todas las de las Provincias del Chaco. fol. 51.
- §. VIII. De las Naciones, y costumbres particulares, y primeramente de la Chiriguana. fol. 56.
- §. IX. De los Guaycurú. fol. 59.
- §. X. Del valor, y costumbres para la guerra de estas Naciones; fol. 65.
- §. XI. De las Chiriguana, y Chichas. fol. 72.
- §. XII. De las costumbres de estas Naciones dichas en el paragrafo antecedente. fol. 77.
- §. XIII. De la Nación Malbatá. fol. 83.
- §. XIV. De las Naciones Tequet, Chumpí, Guamalta, Yucupapa, y Bicta. fol. 85.
- §. XV. De la Nación de los Abipones. fol. 89.
- §. XVI. De la Nación de los Lules. fol. 93.
- §. XVII. Profigue la materia del antecedente. fol. 101.
- §. XVIII. Lo que han obrado algunos Ministros Reales para reducir estas Naciones. fol. 105.
- §. XIX. Misiones, que háitan à las Naciones del Chaco algunas Misiones de jesuitas, fol. 108.
- §. XX.

No caso de *Relacion de la vida, y virudes*, o livro foi impresso, em 1741, em Salamanca, por Antonio Villargordo, presumivelmente o responsável pela publicação do livro (Imagem 13). O trabalho conta com licenças, aprovações e censuras, que permitem a reconstituição da circulação que o texto teve antes da sua edição, pelas cidades espanholas de Valladolid (*Licencia de la Religion* dada pelo Provincial de Castilla, Francisco de Ravago) e Salamanca (*Aprobacion del R. P. M. Miguel de Sagardoy, de la Compañia de Jefus, del Gremio, y Claufftro de la Univerfidad de Salamanca, y fu Cathedratico de Prima Jubilado de Sagrada Theologia; Licencia del Ordinario* por D. Gregorio Ortiz Cabeza, Provisor e Vigário Geral da cidade; *Censura del R. P. Andres de Zarate de la Compañia de Jefus, Maeftro de Theologia, Secretario que fue de la Prouincia de Castilla la Vieja, y Vifitador de la Provincia de Quito en Indias, y al prefente Rector del Real Colegio de la Compañia de Jefus de Salamanca; Licencia del Consejo* fornecida por no ofício despachado por D. Miguel de Fernandez Munilla; *Fee de Erratas*, do Licenciado D. Manuel Licardo de Rivera; e, *Suma de la Tassa*), entre os anos de 1740 e 1741 (Imagens 22-27). Somente ao final do livro, encontra-se uma *Tabla de los parágrafos, que contiene effe libro*.

Já *Historia de la Compañia* foi publicada em 1754, na *Imprenta de la Viuda del Manuel Fernandez, y del Supremo Confejo de la Inquificion*, dois anos após a morte de seu autor, trazendo os elementos paratextuais comuns aos livros que eram avaliados e que tinham sua impressão aprovada pela censura da época (Imagem 12). Os elementos paratextuais presentes nos dois tomos que compõem a *Historia de la Compañia* acabam nos fornecendo, também, o caminho que o manuscrito percorreu pelas localidades de Toledo (*Licencia de la Religion*, feita por Alexandro Laguna, Provincial da Companhia de Jesus) e Madrid (*Licencia del Consejo de Indias*, de Don Miguèl Gutierrez; *Censura del M. R. P. Joseph de la Quadra; Licencia del Ordinario, Don Thomàs de Naxera Salvador* e, por seu mandato, Jofeph Fernandez; *Aprobacion de Don Pedro Joseph Perez Valiente; Licencia del Consejo*, por Don Jofeph Antonio de Yarza; *Fee de Erratas*, pelo Lic. D. Manuel Licardo, de Ribeira; e, *Tassa*, por D. Jofeph Antonio de Yarza), entre os anos de 1753 e 1754 (Imagens 28-38). A obra também conta com um *Indice de las cosas/capítulos contenida(o)s en los cuatro libros* dos dois tomos e um *Apendix de algunas Cedula Reales y otros Inftrumentos, que fe citan en varias partes de effe Tomo II*.

APROBACION DEL R.P.M. MIGUEL
de Sagardey , de la Compañia de Jesus,
del Gremio, y Claustro de la Universidad
de Salamanca , y su Catbedratico de
Prima Jubilado de Sagrada Theologia.

DE orden del Señor Lic. D. Gregorio Ortiz Cabeza, Abogado de los Reales Consejos, Protonotario Apostolico, Juez in Curia, y del Numero del Tribunal de la Nunciatura, Provisor, y Vicario General de este Obispado de Salamanca, he leído *la Vida, y Virtudes del V. Martyr Padre Julian Lizardi de la Compañia de Jesus*, en la Provincia del Paraguay, escrita por el Padre Pedro Lozano de la misma Compañia, y Provincia, con estilo tan claro, y castizo, tan expresivo, y proprio, que puede servir de pauta para semejantes assumptos, no menor, que las Virtudes del nuevo Martyr de Christo para las acciones mas heroicas; porque muy lexos de rozarse con las Sagradas maximas de nuestra Santa Fe, nos representa reducidos à practica todos los primores de la perfeccion Christiana, y Religiosa, y una demonstracion visible, de que no está abreviada la po-
¶ 2. des

LICENCIA DEL ORDINARIO.

NOS el Lic. D. Gregorio Ortiz Cabeza, Abogado de los Reales Consejos, Protonotario Apostolico, Juez in Curia, uno de los seis del Numero, y Tribunal de la Nunciatura de su Santidad en estos Reynos de España. Provisor, y Vicario General de esta Ciudad, y Obispado, &c.

Por la presente concedemos licencia à qualquiera de los Impressores de esta Ciudad, para que pueda dar à la prensa *la Vida, y Virtudes del Venerable Martyr Padre Julian Lizardi de la Compañia de Jesus*, en la Provincia del Paraguay, escrita por el Padre Pedro Lozano de la misma Compañia, y Provincia, atento à que de nuestra orden ha sido vista, y reconocida, y no tener cosa contra la Santa Fè Catholica, y buenas costumbres, y lo podrá executar sin por ello incurrir en pena. Dada en Salamanca, a 7. de Enero, de 1741.

Lic. D. Gregorio Ortiz Cabeza.
V. G.

Por mandado de su merced.
Pedro Vicente.

113

CEN-

CENSURA DEL R. P. ANDRES DE
Zarate de la Compañia de Jesus, Maestro de Theologia, Secretario que fue de la Provincia de Castilla la Vieja, y Visitador de la Provincia de Quito en Indias, y al presente Rector del Real Colegio de la Compañia de Jesus de Salamanca.

M. P. S.

O Bedeciendo al mandato de V. A. he leído con cuidadosa atención el Libro: *Vida, y Virtudes del Venerable Martyr Padre Julian Lizardi de la Compañia de Jesus, de la Provincia del Paraguay*, escrita por el Padre Pedro Lozano de la misma Compañia, y Misionero de la referida Provincia, y no hallo en él cosa contra las buenas collumbres, ni que desdiga de nuestra Santa Fè Catholica: antes si un incentivo grande para todos los que le leyren, de aspirar à una eminente perfeccion, que principia desde la niñez la continuò nuestro Venerable Martyr con el mayor desvelo, y sollicitud, de crecer siempre en ella, haf-

hasta coronarla con las tres laureolas de Apostol, de Virgen, y de Martyr. Propono el Historiador en esta Vida à la puericia, y à la juventud un exemplar perfectissimo, y no menos suave, que facil de conservar la inocencia, y de aprovechar à un tiempo en virtud, y en las letras, que son la devocion, y recurso continuo à la Madre de la sabiduria, frecuencia de Sacramentos, retiro con Dios, y aplicacion à sus tareas. Y prosigue instruyendo con este mismo exemplar à los que aspiran al ministerio Apostolico de la predicacion, y de la conversion de los Gentiles. Quien no vé aquel fervor tan diligente en el Noviciado de nuestro Venerable Martyr; aquel cuidado de dár siempre la preferencia à la virtud en medio de una aplicacion muy intenta à los Estudios; aquella ansia de asperezas, y de penitencias; aquella humildad tan de corazon; aquel resguardo tan vigilante de sus sentidos, con un examen riguroso de sus afectos à todas horas, para ahogar en su mismo nacimiento, y aun en su origen, quantos pudieran ser, ó declinar en pasiones. Todo fue fruto de su ardiente devocion regada, y cultivada

Imagem 24: Censura (LOZANO, 1741).

LICENCIA DEL CONSEJO.

TIENE licencia de los Señores del Real Consejo de Castilla el Padre Diego de Garbya de la Compañía de Jesus, Procurador General de la Provincia de Paraguay, para que por una vez pueda imprimir, y vender un Libro intitulado: *Vida, y Martyrio del Venerable Padre Julian Lizará*, sugeto de la misma Provincia, su Autor el Padre Pedro Lozano, de la referida Compañía, y Misionero de la expresada Provincia, guardando en la Impresion lo dispuesto por las Leyes, y Pragmaticas de estos Reynos, como consta de su Original despachado en el Oficio de D. Miguel Fernandez Manilla.

FEE

© Biblioteca Nacional de España

FEE DE ERRATAS.

PAG. 20. lin. 22. Juan, lee *Juliano*
 He visto este Libro intitulado *Relacion de la Vida, y Virtudes del Venerable Padre Julian Lizará*, de la Compañía de Jesus, su Autor el Padre Pedro Lozano de la misma Compañía, y advirtiendo esta errata, corresponde con su original.

Lic. D. Manuel Licarde
 de Rivera
 Corrector General por su Magestad.

SUMA DE LA TASSA.

TASSARON los Señores del Consejo este Libro intitulado: *Vida, y Virtudes del Venerable Padre Julian de Lizará*, de la Compañía de Jesus, à seis maravedis cada pliego, como consta de su Original.

Lis

© Biblioteca Nacional de España

Imagem 25: Licencia del Consejo, Fee de Erratas e Suma de la Tassa (LOZANO, 1741).

LICENCIA DE LA RELIGION.

FRancisco de Ravago, Provincial de la Compañía de Jesús, en la Provincia de Castilla: Por particular comisión que tengo de N. M. R. Padre General Francisco Reiz, doy licencia para que se imprima un Libro intitulado, *Relacion de la Vida, y Virtudes del Venerable Martyr Padre Julian de Lizardi*, compuesto por el Padre Pedro Lozano de nuestra Compañía de Jesús, el qual ha sido villo, y examinado por personas graves, y doctas de nuestra Religion. En testimonio de lo qual doy esta firmada de mi mano, y sellada con el sello de mi Oficio. En este Colegio de nuestro Padre S. Ignacio de Valladolid 20. de Agosto de 1740.

JHS.

Francisco de Ravago.

PRO.

© Biblioteca Nacional de España

PROTESTA DEL AUTOR.

EN cumplimiento del Decreto de Urbano VIII. protesto, que quanto en este Libro và escrito en lo historial, y otras cosas, que pertenezcan al V. Martyr, ù otra persona, todo lo sujeto à la censura, y correccion de la Santa Sede Apostolica.

PRO.

© Biblioteca Nacional de España

Imagem 25: Licencia de la Religion e Protesta del Autor (LOZANO, 1741).

PROLOGO.

Ofrece el Paraguay al publico un espectáculo nuevo digno de los ojos del Altissimo, y que debe estimular poderosamente à su imitacion el zelo de los Varones Apostolicos. Este es la muerte gloriosa del Venerable Padre Julian Lizardi, quien despues de aver passado en la tierra una vida toda del Cielo, y padecido muchos trabajos: por dilatar el Imperio de Christo entre los barbaros, acaba de rùbricar con su Sangre las verdades Catholicas, que predicaba, padeciendo illustre martyrio à manos de Gentiles. Los escalones, por donde ascendió à esta gloria, fueron las grandes virtudes, que exercitò, y con que se dispuso à merecerla, y siendo ellas el objeto principal de la imitacion, que es la que especialmente se pretende al encomendar à la posteridad la memoria de los Heroes, darè noticia de ellas en esta relacion breve de su vida.

VI.

TABLA

DE LOS PARAGRAFOS, QUE contiene este Libro.

- §. I. Nacimiento del Venerable Padre Julian Lizardi, su crianza, y entrada en la Compañia. Pag. 1.
- §. II. Fervor de su Noviciado, y estudios hasta conseguir licencia de passar à Indias. pag. 6.
- §. III. Passa de Castilla à Cadiz, y navega al Paraguay. pag. 14.
- §. IV. Singular exemplo con que passa la carrera de sus estudios en el Colegio de Cordova de Tucumán, donde recibe los Sagrados Ordenes. pag. 21.
- §. V. Passa à leer Gramatica en el Colegio de Buenos Ayres, y buelve à tener en Cordova la tercera probacion. pag. 36.
- §. VI. Va à las Misiones de el Paraguay, donde trabaja gloriosamente. pag. 47.
- §. VII. Buelve al Colegio de Buenos Ayres. pag. 53.
- §. VIII. Padece naufragio bolyendo à las

LICENCIA DE LA RELIGION.

Alexandro Laguna, Provincial de la Compañia de Jesus, en esta Provincia de Toledo: Por particular comission de nuestro Padre Ignacio Vizconti, General de la Compañia de Jesus, doy licencia, para que se imprima un Libro, intitulado: *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañia de Jesus, compuesta por el Padre Pedro Lozano, de la misma Compañia, y de dicha Provincia*, el qual ha sido visto, y examinado por personas doctas, y graves de nuestra Religion: en testimonio de lo qual desta, firmada de mi nombre, y sellada con el Sello de mi Oficio: En este Colegio Imperial de la Compañia de Jesus de Madrid, à nueve de Septiembre de mil setecientos cinquenta y tres años,

Alexandro Laguna.

LICENCIA DEL CONSEJO DE INDIAS.

DON Miguel Gutierrez, del Consejo de S.M. su Secretario de la Superintendencia General de Azogues, y Oficial Mayor de la Secretaría de el Consejo, y Camara de Indias, por lo respectivo à las Negociaciones del Perú: Certifico, que aviendose presentado en el referido Consejo, por parte del Padre Bruno Morales, de la Compañia de Jesus, dos Tomos de la Historia de la Provincia del Paraguay, escritos por el Padre Pedro Lozano, de la misma Compañia, pidiendo licencia para imprimirlos: Vistos, y reconocidos (de orden del enunciado Consejo) por el señor Don Juan Vazquez de Agüero, Ministro de él, no resultando (como, segun su dictamen, no resulta) cosa que se oponga à el Real Patronato, y Regalias de S. M. se acordó dar la referida licencia: con tal, que impresa que sea esta Obra, se trayga con el original à el enunciado Consejo, para su cotejo. Y à fin de que conste donde convenga, doy la presente en Madrid, à trece de Abril de mil setecientos y cinquenta y tres.

Miguel Gutierrez.

CENSURA DEL M. R. P. JOSEPH DE LA QUADRA,
*de la Compañía de Jesus, Prefecto de la Real Congregacion de la Virgen
 Santisima del Buen Consejo, que se venera en el Colegio Imperial de
 esta Corte.*

DE orden del señor Doctor Don Thomàs de Nazera, Vicario de esta
 Villa de Madrid, y su Partido, &c. He visto, y reconocido los dos
 Tomos de à folio de la *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de
 Jesus, compuesta por el Padre Pedro Lozano, Jesuita de dicha Provincia.* Y
 respecto de que en todo el contexto de su Obra no se encuentra proposi-
 cion censurable, ni opuesta à la pureza de la Fè, buenas costumbres, y
 Regalias de S.M. sino que, por el contrario, puede servir de utilidad públi-
 ca, tengo por conveniente se conceda licencia, para que se dê à la luz pù-
 blica. Así lo juzgo, *salvo meliori, &c.* Madrid 16. de Julio de 1753.

†
 JHS
 Joseph de la Quadra.

LICENCIA DEL ORDINARIO.

NOS el Licenciado Don Thomàs de Nazera Salvador, del Orden de
 Santiago, Capellan de Honor de S. M. y Vicario de esta Villa de
 Madrid, y su Partido, &c. Por la presente, y por lo que à Nos toca, da-
 mos licencia, para que se pueda imprimir, é impriman dos Tomos, titula-
 dos: *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesus,* com-
 puesta por el Padre Pedro Lozano, Jesuita de la misma Provincia: atento
 que de nuestra orden ha sido vista, y reconocida, y no contiene cosa
 opuesta à nuestra Santa Fè, y buenas costumbres. Dada en Madrid, à diez
 y seis de Julio de mil setecientos cinquenta y tres.

Lic. Nazera.

Por su mandado

Joseph Fernandez.

Imagem 29: Censura e Licencia del Ordinario (LOZANO, 1754).

APROBACION DE DON PEDRO JOSEPH PEREZ VALIENTE,
*Cavallero del Orden de Calatrava, del Consejo de S. M. su Oidor en la
 Real Audiencia de Sevilla; Thesicnte-Corregidor de Madrid, Asessor
 General del Serenissimo Señor Infante Cardenal, y Académico Numerario
 de la Real Academia de la Historia.*

Obedeciendo el mandato de V. A. he visto el Tomo primero, y segundo de
 la *Historia de la Compania de Jesus en la Provincia del Paraguay*, es-
 crita en nuestro idioma por el P. Pedro Lozano, de la misma Compania, cuyo
 indubitable asumpto, propiedad, y acertada serie de su narrativa, distribu-
 tion, estilo, y solidez, manifiestan aver observado el Autor quantos pre-
 ceptos debe el buen Historiador, y los sablos documentos de Gruterio en su
 Instruccion; mereciendo justamente su elogio: (1) *Ille sicut vir fuit liber; et
 ad dicendum fiducia plenus, nihil adulatorium, neque servile, sed caritativum
 in omnibus secutus.* Y siendo esta Historia, sobre notoriamente util, deseada
 como tal, para tener à la vista los gloriosos progressos, que ha conseguido
 la Iglesia en las Provincias que ilustra: y acreditandose mas, y mas en
 cada parte de ella los bien instruidos talentos del Autor, su aplicacion, y
 laudables desvelos, sin que sea necesario para publicarlos, que (aviendo
 trabajado por obediencia) se diga con Caliodoro: (2) *Habent hoc gloriosum,
 praesidium bonarum merita personarum, ut otio torpescere non sinantur, qui
 probis actionibus illustrantur;* pero si indispensable el que se le atribuya, co-
 mo proprio fruto de sus laboriosas tareas, el merito, que en lo futuro exe-
 cuta otros con las suyas; porque como dixo el mismo: (3) *Instructus red-
 duntur animus in futuris, quando praetitorum commentur exemplis.*

(1) Apud Beyerlink
 in Thesoro vol.
 tum. tom. 4. vnde
 Historia.

(2) Caliodoro. var. lib.
 1. Epist. 28.

(3) Idem Caliodoro
 eodem lib. Epist.
 44.

— Por cuyos fundamentos, y no reconocer en et cosa alguna, que se oponga
 à la pureza de nuestra Religion, ni à las Regalias de S. M. lo juzgo
 acreedor à la licencia, que solicita para su impresion. Madrid à primero de
 Septiembre de 1754.

Don Pedro Joseph Perez Valiente.

LICENCIA DEL CONSEJO.

DON Joseph Antonio de Yorza, Secretario del Rey nuestro Señor, del
 Escrivano de Camara mas antiguo, y de Gobierno del Consejo: Cer-
 tifico, que por los Señores de el se ha concedido licencia al Padre Pedro
 Ignacio Altamirano, de la Compania de Jesus, su Procurador General de
 Indias, para que por una vez pueda imprimir, y vender la *Historia de la
 Provincia del Paraguay*, su Autor el Padre Pedro Lozano, de la misma Com-
 pania, con que la impresion se haga por la original, que vá rubricada, y
 firmada al fin de mi firma, y que antes que se venda, se trayga al Consejo
 dicha Historia impresa, junto con su original, y Certificacion del Correc-
 tor de estar conforme, para que se tasse el precio à que se ha de vender,
 guardando en la impresion lo dispuesto, y prevenido por las Leyes, y Prag-
 maticas de estos Reynos: Y para que conste, mediante averse dado por el
 Consejo de Indias la licencia correspondiente, lo firmè en Madrid à 28. de
 Julio de 1753.

Don Joseph Antonio de Yorza.

FEB

Imagem 30: Aprobacion e Licencia del Consejo (LOZANO, 1754).

FEE DE ERRATAS.

PAG. 14. lin. 18. *propias*, *lee* *propias*. Pag. 17. lin. 10. *deceder*, *lee* *descender*. *Ibid.* lin. 42. *hazer*, *lee* *hacer*. Pag. 17. lin. 13. *Paraguay*, *lee* *Paraguay*. Pag. 24. lin. 3. *quien*, *lee* *que*. Pag. 31. lin. 48. *intrepido*, *lee* *intrepido*. P. 38. lin. 33. *parte*, *lee* *parte*. Pag. 91. lin. 32. *desamparo*, *lee* *desamparo*. P. 91. lin. 42. *Angulo*, *lee* *Angulo*. P. 104. lin. 17. *Ganiles*, *lee* *Geniles*. P. 113. l. 13. *Religiosissimo*, *lee* *Religiosissimo*. P. 114. l. 30. *principio*, *lee* *principio*. P. 149. lin. 10. *Caciques*, *lee* *Caciques*. P. 163. l. 11. *palabra*, *lee* *palabra*. P. 163. l. 11. *necesidades*, *lee* *necesidades*. P. 177. lin. 40. *saud*, *lee* *salud*. P. 183. l. 18. *arribaron*, *lee* *arribaron*. P. 188. l. 18. *hacer*, *lee* *hacer*. P. 197. l. 13. *Divino*, *lee* *Divino*. P. 211. l. 18. *ferrocioso*, *lee* *ferrocioso*. P. 217. l. 2. *trato*, *lee* *trato*. P. 219. l. 23. *Quercina*, *lee* *Quercina*. *Ibid.* l. 27. *porque*, *lee* *porque*. P. 271. l. 48. *Esfor*, *lee* *Esfor*. P. 271. l. 13. *reultas*, *lee* *reultas*. P. 279. l. 17. *larga*, *lee* *larga*. P. 288. l. 10. *Esfor*, *lee* *Esfor*. P. 277. l. 34. *Rods*, *lee* *Rods*. P. 311. l. 49. *com*, *lee* *com*. P. 320. l. 17. *Mulinos*, *lee* *Mulinos*. P. 331. l. 14. *Francisco*, *lee* *Francisco*. P. 333. l. 18. *Indrismo*, *lee* *Indrismo*. P. 358. l. 100. *cochin*, *lee* *cochin*. P. 380. l. 10. *libertad*, *lee* *libertad*. P. 387. l. 40. *Soldados*, *lee* *Soldados*. P. 390. l. 13. *retrato*, *lee* *retrato*. P. 401. l. 11. *quebrantaba*, *lee* *quebrantaba*. P. 408. l. 9. *convencio*, *lee* *convencio*. P. 417. l. 44. *canio*, *lee* *canio*. P. 431. l. 40. *infelices* *infelices*, *lee* *infelices*. P. 436. l. 41. *prudencia*, *lee* *prudencia*. P. 434. l. 8. *relaciones*, *lee* *relaciones*. P. 474. l. 43. *vanidad*, *lee* *vanidad*. P. 481. l. 11. *sonba*, *lee* *sonba*. P. 491. lin. 39. *ignoranci*, *lee* *ignoranci*. P. 507. l. 17. *inflante*, *lee* *inflante*. P. 530. l. 30. *lat*, *lee* *la*. P. 537. l. ult. *legua*, *lee* *legua*. P. 583. l. 49. *frecuencencia*, *lee* *frecuencencia*. P. 611. l. 11. *Audirencia*, *lee* *Audirencia*. P. 619. l. 17. *Vita*, *lee* *Vita*. P. 642. l. 16. *disposu*, *lee* *disposu*. P. 664. l. 29. *General*, *lee* *General*. *Ibid.* l. ult. *per*, *lee* *per*. P. 671. l. 36. *haza*, *lee* *gana*. P. 677. l. 22. *solemnes*, *lee* *solemnes*. *Ibid.* l. 19. *Panarraca*, *lee* *Panarraca*. P. 707. l. 18. *pluma*, *lee* *pluma*. P. 708. l. 9. *igualmen*, *lee* *igualmen*. Pag. 714. lin. ult. *Cavallero*, *lee* *Cavallero*.

He visto este Tomo primero de la *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañia de Jesus*, su Autor el Padre Pedro Lozano, de la misma Compañia, y correspondiendo con su original, mandadas estas erratas. Madrid, y Octubre 30. de 1754.

Lic. D. Manuel Licorda
de Ribera.

Corredor General por su Magestad.

T A S S A.

DON Joseph Antonio de Yarza, Secretario del Rey nuestro Señor, su Escribano de Camara mas antiguo, y de Gobierno del Consejo: Certifico, que aviendo visto por los Señores de este Libro intitulado: *Historia del Paraguay*, en dos Tomos de à folio, su Autor el P. Pedro Lozano, de la Compañia de Jesus, que con licencia de dichos Señores, concedida al P. Pedro Ignacio Altamirano, de la misma Religion, ha sido impresso, cassaron à seis maravedis cada pliego: y dicho Libro parece tiene ciento y noventa, sin principios, ni tablas, que à este respecto importa mil ciento y quarenta maravedis, y al dicho precio mandaron se venda, y que esta Certificacion se ponga al principio de dicho Libro, para que se sepa el à que se ha de vender: Y para que conste, lo firmé en Madrid à 14. de Noviembre de 1754.

D. Joseph Antonio de Yarza.

PRO.

Imagem 31: Fee de Erratas e Tassa (LOZANO, 1754).

PROLOGO.

ARDUA es la empresa , en que entro , de historiar los hechos , y acciones gloriosas de los Hijos de la Compañia en esta Provincia del Paraguay , desde que entraron à ella , con titulo de Mision , embiados de la muy cèlebre , y Apostolica Provincia del Perú , hasta que despues , formada en Provincia , fuè creciendo à tal magnitud , que se hizo forzoso dividir su vasto cuerpo en dos Provincias , que son la de Chile , y esta , que ha retenido el nombre primitivo del Paraguay. De ambas me será preciso hablar hasta la separacion insinuada , aunque procurarè sea con tal claridad , y orden , que no se confundan los sucesos de una con otra , en quanto fuere posible. Despues será unico assunto de mi pluma , referir quanto se ha obrado en la Provincia propriamente del Paraguay , en la qual fuè siempre comun deseo de los Nuestrros , ver Historia separada en nuestro Idioma , para comunicar las noticias à nuestra Nacion , que ha sido la que principalmente empezò à labrar , y ha cultivado con sus fatigas , sudores , y sangre esta Heredad del Señor , llamando tambien à la parte de sus trabajos à los Jesuitas de las otras Naciones mas cèlebres de Europa , como la Italiana , Alemana , y Flamenca , que han contribuido para esta labor insignes Operarios.

Aunque goza de la luz pública la elegante Historia , que de esta Provincia diò à la Estampa el Padre Nicolás del Techo ; pero por el Idioma Latino , en que està escrita , puede ser menos general para nuestra gente , y por esso se deseò siempre verla escrita en nuestra lengua Castellana. Esta razon moviò al Venerable Padre Juan Pastor , Provincial de esta Provincia , à dedicarse con infatigable diligencia à rebolver los monumentos antiguos , no solo en estos Países , sino tambien en el Perú , y logrò tan bien sus desvelos , que pudo dexar compuestos (quando passò à mejor vida el año de 1678.) dos Tomos en folio , que ignoto el motivo , por que no se dieron à la Prensa. Vallóse mucho de ella , ò en la mayor parte , para la suya Latina el Padre Techo , y no se tratò mas de imprimir la del Padre Pastor. Ni tampoco en adelante hubo quien se empeñasse , ò en proseguirla expressada , ò en emprenderla de nuevo , quizá rezelando , que su fatiga corriese igual fortuna , que fuè està arrinconada en un Archivo , si no comida de polilla , puesta à lo menos en casi total olvido.

Sin embargo , el deseo , yà dormido en los mas , despertò en el Padre Lauro Nuñez , Provincial dos veces de esta Provincia , y se avivò mas todavia en su successor el Padre Simon de Leon , que murió Visitador de nuestra Provincia de Chile , y ambos pusieron los ojos en el Padre Pedro Cano , destinandole para el empleo de Historiador del Paraguay , por la satisfacion que se tenia , de que su elegante facundia , y grande diligencia , desempeñarian cabalmente esta conbaza ; pero fatigado , ò oprimido del gravissimo peso de muy molestos escrúpulos , con que el Señor labrò à este Siervo suyo la corona , y agravado despues de sus achaques , apenas pudo dar passo en el assunto , sin aver dexado escritos mas que dos , ò tres Capítulos , y las Cattas Annuas de esta Provincia , desde el año de 1690. hasta el de 1700. en que diò especimen de su gran talento. Despues el Padre Luis de la Roca , Provincial dos veces de esta Provincia , señaló al proprio assunto por los años de 1715. al Padre Juan Bautista Peñalva ; y à favor del acierto de esta eleccion , abogaba la pluma de oro de este sugeto ,
dota-

Horado del Cielo de habilidad para todo; pero la escasez de sujetos obligó à detenerle en la Cathedra de Prima de esta Universidad de Cordova, en que leia la Sagrada Theologia, con grande credito, y estimacion, sin podersele exhonerar, hasta que los achaques le cargaron de modo, que huvo de dexar la Cathedra, y quedar con menos fuerzas de las que requiere el afán de escribir la Historia.

Esta por fin se me encomendò à mi, con harto rubor, y repugnancia mia, por conocerme destituido de las prendas necessarias, para satisfacer à lo que requiere esta empresa; pero por cerrarse todas las puertas à mis representaciones, me fuè forzoso obedecer: y yá que no me he desempeñado, como quisièra, por no poder mas, tengo siquiera el consuelo de aver obrado solo por obediencia. No ha dexado de ser dificultosa, aun en lo material; porque si bien me ayudaron no poco los trabajos del Padre Passòr, del Padre Techo, y de otros, ha sido todavia no poco lo que he necesitado inquirir en muchos Papeles antiguos, con sobrada fatiga.

El estilo, que en el escribir observo, es superfluo prevenirlo, ò Lector! pues tú le conocerás, y fabrás calificar, mejor que yo. Estima en lo que quisières mi trabajo, que yo cumplo con aver obedecido, y deseado en esta suposicion servir al Público en lo que alcanzo. VALE.

PROTESTA DEL AUTOR.

A Viendo N. SS. P. Urbano VIII (de felice recordacion) sacado à 15. de Marzo de 1625. en la Sacra Congregacion de la Santa Inquisicion General de Roma, un Decreto, y confirmadole, y publicadole à 5. de Julio de 1634. en el qual prohibe, que se impriman Libros à cerca de Varones celebres en santidad, ò fama de Martyres, que passaron de esta vida, ò yá tengan los tales Libros milagros obrados por los tales Varones, ò revelaciones, ò qualesquiera otros beneficios alcanzados de Dios, por intercesion suya, sin reconocimiento, y aprobacion del Ordinario, y las cosas de esta calidad, que hasta agora estan impressas sin esta aprobacion: quiere, y manda, que de ninguna manera se tengan por aprobadas. Y aviendo el mismo SS. Padre à 5. de Julio de 1631. declarado, que no se admitan Elogios de Santo, ò Beatificado absolutamente, que caygan sobre la persona, permitiendo los que caen sobre las costumbres, y opinion, con protestacion al principio, de que los tales Elogios no tienen aprobacion de la Iglesia Romana, sino la fee que les diere el Autor, que no passa de humana. Insistiendo en este Decreto, y su confirmacion, y declaracion con la observancia, y reverencia, que se le debe: protesto, y declaro, que ninguna de las cosas, que de este genero refiero en este volumen, quiero entenderla, ò que otro alguno la entienda en otro sentido de aquel, en que suelen tomarse las cosas, que solamente estriuan en autoridad humana, y no de la Santa Iglesia Catholica Romana; exceptuando solamente aquellas, que la Santa Sede Apostolica puso en el Catalogo de los Santos Canonizados, ò Beatificados, ò ha declarado por Martyres, conformandome en todo con el dicho Decreto, y declaracion, y sujetando quanto he escrito à la censura, y correccion de la misma Sede Apostolica Romana. Fecho en Cordova del Tucumàn à 11. de Junio de 1745.

Pedro Lozano,
De la Compania de Jesus.

LIBRO

I N D I C E

DE LAS COSAS CONTENIDAS EN LOS CUATRO Libros del Tomo primero de la Historia de la Compañía de Jesus de la Provincia del Paraguay.

LIBRO PRIMERO.

CAPITULO I. Estado lastimoso de la Provincia del Tucumán, quando entró en ella la Compañía de Jesus, pag. 1.

Capitulo II. Entrada de los Jesuitas en la Provincia del Tucumán, pag. 5.

Capitulo III. Fruto, que hicieron los Misioneros Jesuitas en Estéco, y continuaron felizmente en la Ciudad de Santiago, pag. 10.

Capitulo IV. Referente otras acciones, que obraron los Nuestrós en Santiago, pag. 15.

Capitulo V. Van los Padres Francisco de Angola, y Alonso de Barzana à la Ciudad de Cordova, à donde llegan nuevos Jesuitas de la Provincia del Brasil, pag. 18.

Capitulo VI. Los Jesuitas, que venian del Brasil, caen en manos de Piratas Ingleses, que muy maltratados los echan al Mar en una Nao, para que perezcan; pero libralos Nuestro Señor, y aportan à Buenos Ayres, y pasan à la Provincia del Tucumán, pag. 23.

Capitulo VII. Buelve el Padre Alonso de Barzana à proseguir la Mision del distrito de Cordova, en compania del Padre Manuel de Ortega, y acaecelen un maravilloso suceso, pag. 27.

Capitulo VIII. Elogio del Ilustrisimo, y Reverendisimo Señor Don Fray Francisco Victoria, Obispo del Tucumán, pag. 33.

Capitulo IX. Repartense los Nuestrós desde Santiago à trabajar en

diversas partes, y hace fructuosissima Mision el Padre Alonso de Barzana en Estéco, y en su jurisdiccion, pag. 40.

Capitulo X. Acompaña el Padre Alonso de Barzana al Governador Juan Ramirez de Velasco en la jornada al Valle de Calchaqui, pag. 47.

Capitulo XI. Entrán los Jesuitas en la Governacion del Paraguay, para gran bien de todo aquel País, pag. 50.

Capitulo XII. Passan los Padres Manuel de Ortega, y Thomás Fildè haciendo Mision por todos los Pueblos, desde la Assumpcion hasta Ciudad Real del Guayrà, con fruto copiosissimo, pag. 56.

Capitulo XIII. Evangelizan en otros muchos Pueblos antes de llegar à la Villarica del Espíritu Santo, de donde se buelven à la Assumpcion à continuar sus gloriosos trabajos, pag. 61.

Capitulo XIV. Los Padres Manuel de Ortega, y Thomás Fildè, sirven con heroica caridad à los apestados, así Españoles, como Indios, pag. 66.

Capitulo XV. Salen de nuevo ambos Padres à correr los Pueblos de Indios del distrito de la Villarica, y el Padre Ortega predica el Evangelio à los Ibirayaras, Nacion feroz, de que se dà lucida noticia, y se libra de la muerte, por particular providencia del Cielo, pag. 71.

Capitulo XVI. Pretenden, y consiguen los Españoles del Guayrà, que se funde Casa de la Compañía

12 D 61a

FEE DE ERRATAS.

PAG. 1. lin. 28. particularmente, *lee* particularmente. Pag. 2. lin. 19. gustostofos, *lee* gustofos. Ibid. lin. 31. Paragnay, *lee* Paraguay. P. 51. lin. 11. tierra, *lee* tierra. P. 51. lin. 8. negocio *lee* negocio. Ibid. lin. 16. gozofos, *lee* gozoso. P. 54. lin. 34. hablablaremos, *lee* hablaremos. P. 55. lin. 31. emborracar, *lee* emborrachar. P. 57. lin. 49. escrivò, *lee* escriví. P. 81. lin. 19. comues, *lee* comunes. P. 89. lin. 37. Dies, *lee* Dios. P. 119. lin. 19. Proviçial, *lee* Provincial. Ibid. lin. 41. dliפו, *lee* dispuesto. P. 139. lin. 17. espiritules, *lee* espirituales. P. 140. lin. 19. huesdedes, *lee* huespedes. P. 141. lin. 33. Provincincias, *lee* Provincias. P. 163. lin. 6. mitivo, *lee* morivo. P. 203. lin. 32. Lorenza, *lee* Lorenzana. P. 211. lin. 2. resolubion, *lee* resolucion. P. 218. lin. 2. firmeza, *lee* firm. P. 239. lin. 9. escogen, *lee* escogen. P. 248. lin. 2. Proviçial, *lee* Provincial. P. 250. lin. 12. muchacas, *lee* muchachas. P. 257. lin. 3. Quarefma, *lee* Quaresma. P. 265. lin. 16. Dos, *lee* Dios. P. 283. lin. 17. hijas, *lee* hijos. Pag. 286. lin. 12. gaande, *lee* grande. P. 289. lin. 40. subatios, *lee* supditos. P. 314. lin. 12. notio, *lee* noticia. Ibid. lin. 24. Hernanedrias, *lee* Hernandarias. P. 335. desde lin. 26. hasta lin. 30. trocados los finales. Ibid. lin. 39. contentado, *lee* contentado. P. 326. lin. 24. Pres, *lee* Padres. P. 328. lin. 27. Colego, *lee* Colegio. P. 358. lin. 45. Espanol, *lee* Español. P. 361. lin. 9. Sacramentos, *lee* Sacramentos. P. 370. lin. 44. Puelo, *lee* Pueblo. P. 381. lin. 38. tiempo, *lee* tiempo. P. 383. lin. 1. alborò, *lee* alborotò. P. 440. lin. 33. observacia, *lee* observancia. Ibid. lin. 34. Pre-residentia, *lee* Presidencia. P. 441. lin. 34. Idustria, *lee* industria. P. 446. lin. 5. confesado, *lee* confesado. P. 479. lin. 42. Imperial, *lee* Imperial. P. 490. lin. 3. outoridad, *lee* autoridad. Ibid. lin. 48. In-terrogatorio, *lee* Interrogatorio. P. 491. lin. 37. embar, *lee* embiar. P. 491. lin. 6. Domingo, *lee* Domingo. P. 550. lin. 39. remiria, *lee* remitria. P. 548. lin. 26. perdonò, *lee* perdono. P. 573. desde lin. 23. hasta 25. trocados los principios. Ibid. lin. 41. f. *lee* su. P. 574. lin. 32. glariosos, *lee* gloriosos. P. 597. lin. 47. Santago, *lee* Santiago. P. 641. lin. ult. Disiembre, *lee* Diciembre. P. 648. lin. 49. oaaacion, *lee* oracion. P. 657. lin. 7. riego, *lee* riesgo. P. 661. lin. 42. quella, *lee* aquella. P. 694. lin. 41. bulrando, *lee* burlando. P. 701. lin. 11. Divno, *lee* Divino. P. 729. lin. 25. al, *lee* el. P. 748. lin. 26. los, *lee* les. P. 794. lin. ult. Hernado, *lee* Hernando.

He visto este Tomo segundo de la Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañia de Jesus, su Autor el Padre Pedro Lozano, de la misma Compañia, y corresponde con su original, emmendadas estas erratas. Madrid, y Enero 24. de 1755.

*Lic. D. Manuel Licardo
de Ribera.*

Corrector General por su Magestad.

T A S S A.

DON Joseph Antonio de Yarza , Secretario del Rey nuestro Señor, su Escrivano de Camara mas antiguo , y de Gobierno del Consejo: Certifico , que aviendose visto por los Señores de él el Tomo segundo de la Obra intitulada: *Historia del Paraguay*, su Autor el P. Pedro Lozano, de la Compañia de Jesus, que con licencia de dichos Señores, concedida al P. Pedro Ignacio Altamirano, de la misma Compañia, ha sido impresso, tassaron à seis maravedis cada pliego: y dicho Tomo parece tiene doscientos y seis y medio, sin principios, ni tablas, que à este respecto importa mil doscientos y treinta y nueve maravedis , y al dicho precio , y no mas mandaron se venda , y que esta Certificacion se ponga al principio de cada Tomo para que se sepa el à que se ha de vender : Y para que conste , lo firmè en Madrid à 19. de Febrero de 1755.

D. Joseph Antonio de Yarza.

Las Licencias , y Aprobaciones se hallarán en el Tomo primero.

queremos conservar la Compañía de Jesús, y conquistar de nuevo para Dios, y para el Dominio Catholico los Infieles, que todavía están sepultados miserablemente en las tinieblas de sus errores, y delirios.

A P E N D I X

DE ALGUNAS CEDULAS REALES,
y otros Instrumentos, que se citan en varias partes
de este Tomo II.

CEDULA REAL SOBRE LA FUNDACION DEL
*Seminario de la Cathedral de Santiago del Estero, Obispado del
Tucumán, y que se encargue el cuidado de él à la
Compañía de Jesus.*

Pertenece al lib. 5. cap. 10.

EL REY.

A Alonso de Ribera, mi Governador de la Provincia del Tucumán, ò à la persona à cuyo cargo fuere el gobierno de ella. Y al Reverendo en Christo Padre Obispo de la dicha Provincia de mi Consejo. Deseando, como deseo tanto, y lo tengo encargado à los Prelados de las Indias, que funden en sus Iglesias los Colegios Seminarios, que por el Santo Concilio està dispuesto, y ordenado; y aviendo pedido razon del estado, que tiene el Seminario de esse Obispado, y en que podria ser ayudado, vos el Governador me avisais en Carta de 19. de Marzo del año pasado de seiscentos y siete, que hasta entonces no avia Colegio Seminario, ni Colegiales, sino un Aposento cerca de las Casas Obispaes, donde una persona leglar, nombrada por el Obispo, enseña Gramatica à diez, ò doce Estudiantes, unos en habito decente, y otros de secular, y que à la dicha persona se le dà cada año lo que montan los tres por ciento, que se facan

Pide su Magestad informe sobre el Seminario de la Cathedral del Tucumán.

Informe del Governador de dicha Provincia.

Tom. II.

5 8 3

de

Digitized by Google

I N D I C E

817

DE LOS CAPITULOS CONTENIDOS EN LOS QUATRO Libros del Tomo segundo.

LIBRO QUINTO.

Capitulo I. Determina el P. Provincial Diego de Torres emprender las Misiones del Estado de Arauco, y de las Islas de Chiloé: quienes fueron destinados, è instruccion, que se les dió à los Misioneros de Arauco, y noticia de esta Mision, pag. 1.

p. II. Maravilloso fruto, que hicieron nuestros Misioneros en la Milicia Española de los Presidios de Arauco, y diligencias, que practicaron, para persuadir à los Gentes Araucanos oyessen, y abrazassen la Fè de Christo, pag. 12.

p. III. Santidad con que vivian los Misioneros de Arauco: diligencias que hicieron, para lograr la conversion de aquel Gentilismo: fruto hecho en la Isla de Santa Maria, y otros sucesos, hasta que bolvieron à Santiago, pag. 13.

p. IV. Describe la Isla, y Archipiélago de Chiloé, à donde van à Mision los Padres Melchor de Venegas, y Juan Bautista Ferrufino, y fruto, que hicieron en Españoles, è Indios, cap. 31.

p. V. Promueve el P. Provincial Diego de Torres la devocion de N. Señora de Loreto: trata de que se extinga el servicio personal de los Indios en estas tres Governaciones, y quita el que tenia nuestro Colegio de Santiago de Chile, aunque se empiezan à dar por sentidos los Encomenderos, pag. 44.

p. VI. Persecucion, que por oponerse los Jesuitas al servicio personal de los Indios, se movió contra la Compañia en toda esta Provincia, y buenos efectos, que de ella resultaron, pag. 56.

Tom. II.

Cap. VII. Dase noticia de la Provincia de Cuyo, en cuya Cabeza, que es la Ciudad de Mendoza, se trata de fundar Residencia de la Compañia para la conversion de los Indios de dicha Provincia, pag. 66.

Cap. VIII. Fundase Residencia de la Compañia en Mendoza: padecen los Nuestros algunas contradicciones, y otros trabajos, y hacen fructuosas Misiones entre los Indios Infieles, y Christianos de la Provincia de Cuyo, pag. 75.

Cap. IX. Viene el P. Provincial à Cordova, y por abrogar el servicio personal de los Indios de nuestra Casa, es perseguida de los Encomenderos nuestra Religion: pero les embia Dios algunos castigos, con que muchos se reconen: y es en esse tiempo muy favorecido de Christo, y de su Madre Santissima el Hermano Antonio Ruiz de Montoya, pag. 87.

Cap. X. Perseguida la Compañia en Santiago del Estero por el servicio personal, desampara aquella Casa, y se traslada à S. Miguel del Tucumán: Dase el elogio del insigne Benefactor, que negoció esta traslacion, pag. 98.

Cap. XI. Hacen Mision en el Valle de Calchaqui los Padres Juan Dario, y Horacio Morelli, pag. 111.

Cap. XII. Hace mucho fruto el P. Provincial en la Ciudad de la Concepcion del Rio Bepmejo, desvanecida la calumnia de un emulo, que le pretendió malquistar, y llega à la Assumpcion. Dase alguna noticia de lo que allí avian obrado, y padecido los Jesuitas, pag. 119.

Cap. XIII. Es admitida por Colegio la Residencia de la Assumpcion, donde dispone varias cosas importantes el

J. M. a

Padre

Além desses paratextos, as obras contam, ainda, com um *Prólogo* e *Protesta del Autor* (Imagens 32 e 33), escritos por Lozano em 1740 e 1745, respectivamente. Esses elementos tinham como finalidade fornecer “ao texto um aparato (variável) e por vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor, o mais purista e o menos vocacionado à erudição externa, nem sempre pode dispor tão facilmente como desejaria e pretende” (GENETTE, 2009, p. 13). Nestes elementos paratextuais estão incluídos o título do livro, epígrafes, ilustrações, capas e autógrafos. Já da *Historia de la Conquista*, temos apenas parte do *Indice* e a *Protefta del Author* manuscritas (Imagem 39).

Darnton, ao abordar a questão dos beneplácitos, salienta que neles são encontrados o que o autor considera como o *fenômeno da censura*. Isto se deve às considerações que acompanham a aprovação e a caracterizam com um conjunto de sanções conferidas tanto pelos censores da corte, quanto pela Companhia de Jesus (DARNTON, 2016, p. 17). Ainda de acordo com o mesmo autor, as respostas relativas à anuência necessária para a impressão do texto são encontradas no privilégio em si, que se encontra junto às demais autorizações. A abonação “toma a forma de uma carta do rei para os funcionários de seus tribunais, notificando-os de que o rei garantiu ao autor do livro, cujo nome aparece pela primeira vez [*sem ser parte do título do livro*], o direito exclusivo de reproduzi-lo e de colocá-lo à venda por meio de intermediários”, ou seja, os livreiros” (DARNTON, 2016, pp. 19-20. *Grifo nosso*). É no texto do privilégio dado a uma obra que encontramos as informações relativas à conformação material que o livro deveria apresentar, questão que será abordada no primeiro tópico deste subcapítulo.

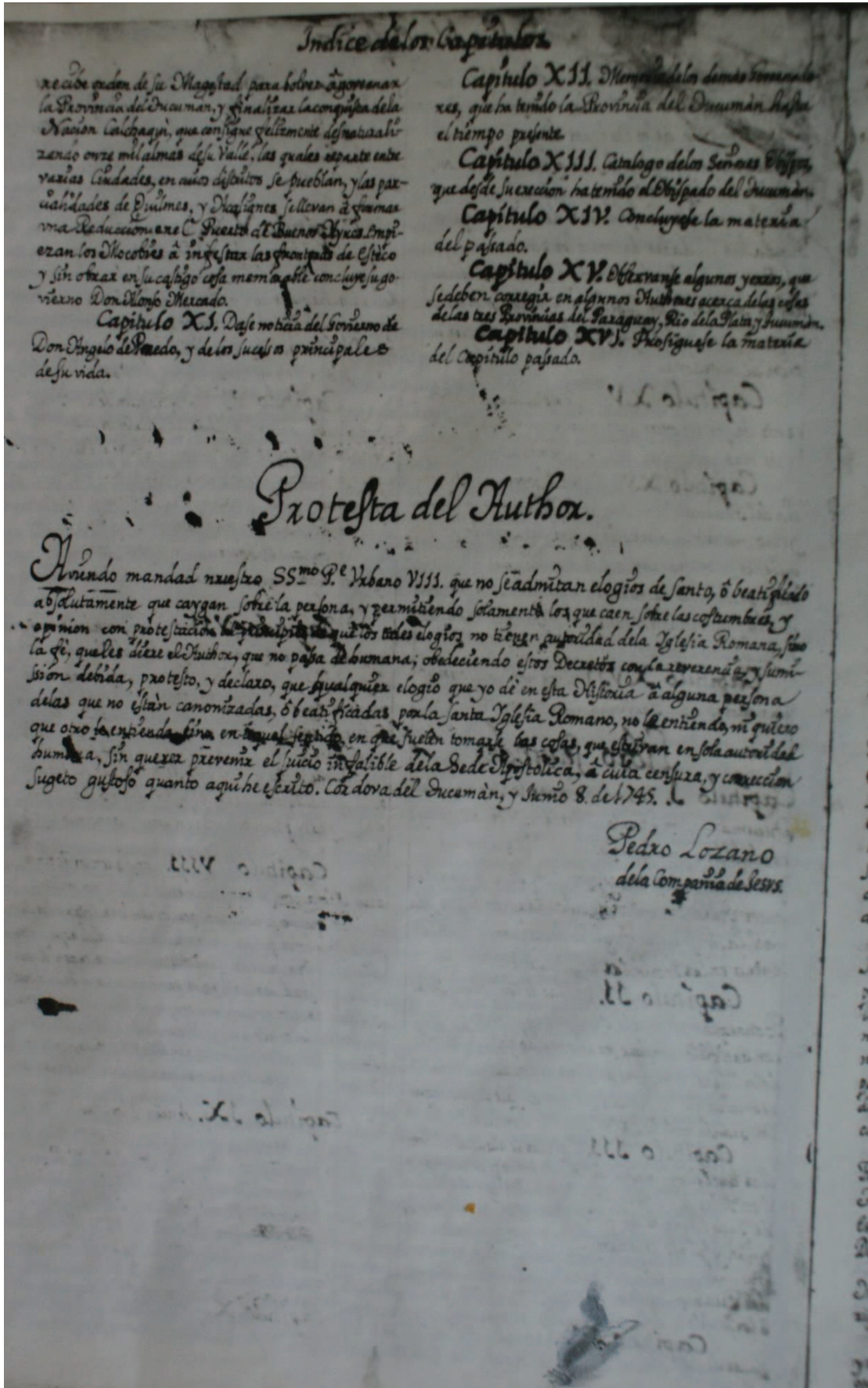


Imagem 39: Indice (parte) e Protesta del Author (LOZANO, c. 1745).

6.1 *Eu, realmente, aprovo este texto? Os privilégios e as censuras positivas e negativas recebidas pelos textos durante o processo de publicação e circulação*

De acordo com Darnton, os censores reais se viam envolvidos “nas teias de proteção e clientelismo por meio das quais o poder era transmitido no Antigo Regime”. E, “embora o mercado literário estivesse a pleno vapor em 1750 e um novo tipo de poder passasse para a esfera do mercado”, eles ainda habitavam “um mundo criado por príncipes do Renascimento, onde um passo em falso podia causar um desastre e sanções continuavam ao alcance das mãos dos grandes (*les grands*). Esse tipo de censura, portanto, representava a consolidação e a afirmação do poder e das redes de alianças, das influências políticas e das potenciais vulnerabilidades que alicerçavam essa sociedade (DARNTON, 2016, pp. 38-39).

As normatizações serviam como um agente organizador na maior parte da Europa do Antigo Regime, sendo que os privilégios eram concedidos aos livros considerados de alto padrão ou para grupos específicos que eram agraciados pelo rei ou já desfrutavam tradicionalmente de aquiescências (DARNTON, 2016, p. 20). Neste sistema, o privilégio era operado em três níveis dentro da indústria editorial: o primeiro era que a publicação de uma obra, supostamente, já era uma ratificação, sem esquecer que o direito autoral só vigia na Inglaterra, garantindo o “estreito vínculo entre a identidade singular, estável e reproduzível dos textos e o regime de propriedade que protege os direitos dos autores e dos editores” (CHARTIER, 2002, p. 26). A preservação do direito à propriedade do autor sobre algo cuja natureza era imaterial, o *copyright*, e o controle da publicação destes textos eram percebidos como uma forma de proteger a própria honra, a privacidade e a reputação que queria manter; desta forma, o autor mantinha consigo a garantia de posse sob um bem alienável, mas de interesse econômico (FAULHAUBER, 2012, p. 31).

O segundo era o privilégio obtido pelo livreiro, que detinha o direito exclusivo de participar do mercado de livros, de modo que:

Esta doble atención ha fundado la definición de ámbitos de investigación propios de un enfoque cultural de obras (lo que no quiere decir específicos a tal o cual disciplina constituida); así las variaciones históricas de los criterios que definen la “literatura”; las modalidades y los instrumentos de constitución de los repertorios canónicos; los efectos de las restricciones ejercidas en la creación por el mecenazgo, el patrocinio, la academia o el mercado; o incluso el análisis de los

diversos actores (copistas, editores, librerros, impresores, correctores, tipógrafos) y las diferentes operaciones que participan en el proceso de publicación de los textos (CHARTIER, 2007, p. 56).

Mesmo assim, o livreiro só conseguia o benefício exclusivo da reprodução do texto “depois que o escrivão da guilda tivesse copiado o texto inteiro do privilégio no livro de registro”, pelo tempo determinado, que poderia chegar a dez anos (DARNTON, 2016, p. 29). O terceiro e último, seria, no caso da França, o sistema de guilda, em que ela era privilegiada, por se tratar de uma corporação exclusiva, se beneficiando de determinados direitos, como a isenção de impostos, por exemplo¹¹⁸.

Como ressaltado por Darnton, o governo dos Bourbon foi o responsável pelo desenvolvimento de um sofisticado conjunto de compartilhamento do poder no mundo dos impressos, o que, conseqüentemente, colocou o livro na posição de personificador desse sistema como um todo (DARNTON, 2016, pp. 20-21), fazendo com que fosse visto como mais uma mercadoria no “mundo comercial” bourbônico.

En definitiva, serán estas reglas las que regularán la oferta y la demanda delante de las cuales ni la censura, en particular, ni los criterios éticos, en general, lograrán alterar la circulación de los libros ni actuar como criterios selectivos exclusivos. Quizá el ocaso de esta forma pueda determinarse a partir de la economía como factor preponderante y abrirá paso a otros tipos de elementos y catálogos que operen la selección (MANCINI, 2018, p. 228).

Muitas vezes, a sanção real era vista como um atestado de excelência dos livros, constituindo-se em convite oficial para sua leitura. O trabalho prévio, realizado pelos censores, levava em consideração o estilo e o argumento, que usualmente eram destacados nos textos das aprovações. Se alguns censores se limitavam a poucas linhas, outros exageravam nos elogios ao justificar a outorga de sua impressão, razão pela qual os textos das aprovações eram tão extensos que mais se assemelhavam a resenhas feitas sobre a obra (DARNTON, 2016, p. 21).

No caso da obra *Descripción chorographica* de Pedro Lozano, o texto da *Censura* escrito por Cristóbal de Palma parece comprovar a avaliação do estilo e do argumento:

Pues aunque es breve en volumen, y breve también en fu conciso estilo (y por tanto muy arreglado à las leyes de historial) es muy

¹¹⁸ Esta isenção parece explicar porque o livro *Histoire du Paraguay*, de Pierre Charlevoix, em um ano, teve duas edições em francês; uma tradução em latim e outra em alemão publicadas.

copioso en la doctrina, que dá con ocasion de referir la que dán en sus Apostolicas Doctrinas, y Misiones aquellos Obreros Evangelicos Jesuitas à tantas almas de Gentiles idolatras, como cada dia convierten, instruyen, y perficionan en la Doctrina, y costrumbres Christianas, *Doctrina uberem, instructione perfectum*. Siendo juntamente en su brevedad el estilo claro, y expedito, *lectione expeditum*: prenda, que no pudo juntar con su concision el otro Poeta. [...] Su narrativa es tan fecunda en la fecundidad de especies, que describe, de gentes, costumbres, Provincias, lenguas, montes, valles, Rios, plantas, y animales: que toda aquella gran parte del nuevo mundo nos la hace ver con los ojos: à que contribuye grandemente el lucido discreto methodo del Author. Quie tenia sin duda (ó el que le subministrà las noticias) medidas con sus ojos, ó leidas con sus pies aquellas vastas regiones: y por tener tan bien leida, y desleida la materia, logró tanta facundia, y tan lucido methodo en pintarnosla. [...] Y ya aqui parece, que resbala la pluma de mi empleo de Censor en el de Panegyrista. Mas esta propiedad conocida de los grandes, y útiles trabajos de los Doctos, que no se les puede dar Censura, sin que sea juntamente Elogio (LOZANO, 1733, s.p.).

Estes critérios também podem ser observados no texto da *Censura* escrito por Andrés de Zarate para a obra *Vida y virtudes*, no qual, além de fazer um resumo do texto, apresenta suas características:

Obedeciendo al mandato de V. A. he leído con cuidadosa atencion el Libro: *Vida, y Virtudes del Venerable Martyr Padre Julian Lizardi de la Compañía de Jesus, de la Provincia del Paraguay*, escrita por el Padre Pedro Lozano de la misma Compañía, y Misionero de la referida Provincia, y no hallo en el cosa contra las buenas costumbres, ni que desdiga de nuestra Santa Fe Catholica: antes si un incentivo grande para todos los que le leyeren, de aspirar à una eminente perfeccion, que principiada desde la niñez la continuò nuestro Venerable Martyr, con mayor desvelo y solicitud [...] Pero otro exemplar no menos ilustre nos dà el Historiador en esta obra, en que además de afianzar la verdad de quanto refiere con los monumentos incontrastables de testimonios autorizados, y verídicos, observa el orden, y dispoficion la más acomodada para la inteligencia, y un estilo natural, terso, y bien limado, que recrea con el candor de sus narraciones al que la lee. Toca puntos, y materiais bien escabrosas, que como à sugeto de aquella Religiosissima, y mortificadissima Provincia del Paraguay. [...] Todo lo toca el Historiador, pero com pluma tan comedida, y tan abstracta que sirvieron solo de indice à los que no ignoran (LOZANO, 1741, s.p.).

As passagens que extraímos dos dois textos de *Censura* confirmam que os censores, longe de se configurarem como uma espécie de sentinela ideológico e guardião de uma rigidez em relação a como deveria se escrever e sobre o que deveria ser dito em um texto, eram “homens de letras” que, em seus relatórios, deixavam transparecer sua preocupação com a qualidade da escrita de um autor. A revisão

cuidadosa que muitos deles faziam dos manuscritos avaliados ficava evidenciada na correção de frases, cálculos, mapas, parágrafos e falhas de estilo, o que acabava tornando o censor também responsável pelo conteúdo divulgado (DARNTON, 2016, pp. 33-35).

Por envolver tanto cuidado, trabalho árduo e responsabilidade, a censura acabava unindo o censor e o autor num relacionamento que, não raro, era estreito e às vezes desaguava em colaboração. A escolha do censor pertencia ao diretor do comércio de livros, que muitas vezes consultava os autores e atendia aqueles que lhe enviaram pedidos especiais (DARNTON, 2016, p. 32).

É preciso, no entanto, considerar que, muitas vezes, o próprio autor se antecipava ao censor, inserindo indicações de supressões ou alterações que deveriam ser feitas, como podemos observar nas páginas do manuscrito da *Historia de la Conquista*, a que tivemos acesso. Nestas páginas, constatamos que Lozano fez alguns apontamentos, com vistas à modificação ou inclusão de algum parágrafo, tema ou autor que não havia sido incluído, sendo que rubricou cada folha após sua leitura ou mudança feita no texto.

Esta correção prévia do texto, antes de seu envio para os seus censores, é também perceptível nas modificações feitas no *Proemio* e no *Prefacio del autor*, como mostramos a seguir:

Habiendo de emprender por impulso de la obediencia el noble asunto de dar al público la historia de la Compañía de Jesús de esta Provincia del Paraguay [**de dar al público la Historia de esta provincia del Paraguay de la Compañía de Jesus**], que contiene proezas esclarecidas y hazañas memorables con que los héroes jesuitas, sus hijos, supieron inmortalizar su nombre para la posteridad y adquirir muy principal lugar en el templo de la fama, me pareció conveniente y pareció también a otras personas [**y hazañas prodigiosas, con que los héroes jesuitas, sus hijos, se han hecho lugar en el templo de la fama, me pareció conveniente, y pareció tambien a otros**], cuyo dictamen debo venerar con aprecio, adelantar la noticia de estos países, que fueron el campo, donde alcanzaron de la idolatría y de los vicios los ilustres trofeos que eternizan su memoria [**estos países, que fueron el palenque donde aquellos campeones consiguieron de la idolatría y de los vicios las ilustres victorias que inmortalizaran su nombre**], o como el teatro donde se han de representar los triunfos de la Fe y de la virtud contra la milicia del abismo [...] y habiendo una vez entrado en este asunto e idea que me propuse, ocurrió tanto que decir que si bien solo a un volumen quería reducir toda la materia, salió tan abultado que considerándole menos cómodo para el manejo [**salió**

tan crecido que me pareció conveniente] dividirle en dos (LOZANO, 2010, p. 45; LOZANO, 1873, pp. 1-2. Grifos nossos)¹¹⁹.

Algumas alterações no texto, como a supressão de alguns parágrafos e complementações feitas em outros, foram, no entanto, feitas posteriormente à censura, o que aponta para a existência de, pelo menos, três versões da obra *Historia de la Conquista*. São, igualmente, indicativos de que, além do que pode ter sido apontado pelos censores, Lozano também realizou alterações na versão que viria a ser publicada posteriormente. Isto parece resultar da consciência do historiador jesuíta de que “aquello que está escrito es la verdad” (CARGNEL, 2009, p. 5).

Na verdade, o acréscimo de letras maiúsculas, de acentos gráficos e de pontuação, bem como transposição de alguns parágrafos para que melhor se ajustassem ao assunto que seria tratado, como o que foi feito por Lozano na *Historia de la Conquista* e, muito provavelmente, também em seus outros livros, cabiam a um *corretor*, envolvido

na preparação do manuscrito para a composição, [...] em vários momentos do processo editorial: a preparação e a calibragem do manuscrito que serve de original para a composição, a correção das provas; as correções durante a tiragem, a partir da revisão das folhas já impressas (o que explica os diferentes estados das páginas pertencentes a uma mesma forma numa mesma edição), ou o estabelecimento das *errata* em suas duas formas, tanto as correções a caneta nos exemplares impressos quanto os fólhos da errata, acrescentados ao fim do livro [*ou nas páginas iniciais, como ocorre nos livros da Companhia de Jesus*], que permitem ao leitor corrigir pessoalmente seu próprio exemplar (CHARTIER, 2002, pp. 65-66. *Grifo nosso*).

Dentre as razões para que os comentários dos censores fossem, geralmente, positivos, estava o fato de que “autores e censores trabalhavam juntos numa área cinzenta” e compartilhavam “valores e pressupostos”, esmerando-se para não “ofender pessoas importantes ou até incorrer em algum insulto” (DARNTON, 2016, p. 26). Médicos, padres, advogados ou professores que atuavam como censores exerciam os mais diversos cargos administrativos, e tinham o ato de *censurar livros* como uma ocupação secundária, cansativa e não remunerada. Cabe ressaltar que o próprio padre Lozano pode ter exercido o cargo de censor, devido às posições que

¹¹⁹ Optamos por informar dentro dos colchetes - em itálico e em negrito -, as alterações feitas no manuscrito, conforme edição feita por André Lamas, em 1873.

ocupou dentro da Companhia de Jesus, como o de Resolutor de Casos de Consciência, secretário e conselheiro do provincial, este último, a partir de 1748. Para além da legislação que regulamentava a publicação de livros, é necessário, portanto, considerar que

a trajetória de cada livro evidencia os interesses na publicação, as relações do autor ou da instituição que o mesmo representa com os censores e a interpretação dos temas apresentados pelo autor. Esses são apenas alguns dos prováveis fatos que poderiam se tornar um empecilho ou facilitar a aprovação do texto (MECENAS, 2017, p. 10).

Como bem observado por Manuel Peña Díaz, “la condición personal del autor – en ocasiones, importaba más la imagen de los autores que sus textos –, el género literario del que se tratase o, incluso, la amistad o enemistad del censor condicionaban, en un sentido u otro, la aplicación de las reglas” (PEÑA DÍAZ, 2002, p. 100). Assim, muitas vezes, o censor acabava se limitando a assegurar que o manuscrito não apresentava nenhuma matéria ofensiva à religião, ao Estado ou à moralidade, como foi o caso da *Censura* feita por José de la Quadra para a *Historia de la Compañia de Jesus*, na qual afirma que “en todo el contexto de fu Obra no se encuentra proposicion censurable, ni opuesta à la pureza de la Fe, buenas costumbres, y Regalias de S. M. fino que, por el contrario, puede servir de utilidad pública, tengo por conveniente fe conceda licencia, para que fe dè à la luz pública” (LOZANO, 1754, s.p.).

Em outras situações, o censor apontava os fatores que o haviam levado a recomendar a supressão de partes ou, então, de todo o argumento empregado pelo autor, dentre as quais podiam estar as justificativas de que tais passagens podiam entediar os mais jovens ou exceder a percepção deste público ou que abordavam temas que poderiam *chocar*, *tocar* ou, até mesmo, *perturbar* a inocência do leitor, tais como aqueles que se referiam às fraquezas humanas (GENETTE, 2010, p. 83). Os assim denominados *manuscritos heterodoxos* eram alvo tanto de censores, quanto de inquisidores, porque traziam “riscos de corrupção ou de profanação”, razão pela qual passavam pelo crivo da subtração do seu acesso pelo público (CHARTIER, 2002, p. 87).

Também as obras que não contassem com a indicação do nome do autor na capa eram proibidas. Esta orientação pode ser encontrada no primeiro capítulo do *Index prohibitorum et expurgatorum* (1612), publicado pelo Inquisidor Geral Bernardo

de Rojas y Sandoval, que reitera que a informação do nome do autor na capa de um livro era condição para sua liberação e, conseqüentemente sua circulação, ou reprovação. Estavam proibidas “todas as obras publicadas, e que as que um dia seriam escritas por autores considerados heréticos”, as que tinham “títulos específicos” e, ainda, “todas as obras em que não contasse o nome do autor e do impressor (CHARTIER, 2012, pp. 55-56). Desta forma, no final do século XVI e início do XVII, o autor servia como arma da Igreja católica contra os textos *heréticos* e *heterodoxos*, situação que se estendeu ao século XVIII, principalmente, quando começaram a ser divulgados textos identificados com a Ilustração, o que fez declinar o número de *censuras positivas* e aumentar o das *censuras negativas*, fundamentadas, muitas vezes, sobre

a ortodoxia do texto em relação a padrões convencionais de religião, política e moralidade; sua substância como contribuição para a literatura ou algum campo do conhecimento; sua estética e, às vezes, seu valor comercial; sua influência potencial sobre questões contemporâneas; e seu efeito sobre as redes de alianças e inimizades embutidas em *le monde* – ou seja, a elite por nascimento, riqueza e talento que dominava a vida pública (DARNTON, 2016, p. 23).

Tais censuras também decorriam de disputas ocasionais entre os autores e os censores, que acarretavam em doses implacáveis de repressão e, em alguns casos, no pedido por parte de alguns censores de que sua decisão se mantivesse anônima. Se considerarmos que Lozano tenha sido o responsável pela censura de algum livro escrito por seus discípulos de Ordem ou que tenha tido acesso aos nomes dos censores de suas obras, pode-se especular que isto tenha acarretado alguma desavença entre as partes envolvidas no processo de escrita e censura.

A avaliação dos manuscritos, poderia resultar, ainda, em uma rivalidade devido a uma discordância do censor em relação aos temas tratados ou por se tratar de algum assunto polêmico. Em relação, especificamente, às obras de Lozano, acreditamos que sua menção aos *Caaiguás* como “gente que parecia las heces de la naturaleza humana” (LOZANO, 1873, p. 56; LOZANO, 2010, p. 81), e aos habitantes da Ciudad Real, no Guayra, como “treinta o cuarenta vecinos españoles en el nombre, pero en la realidad mestizos y de ruines costumbres” (LOZANO, 1873, p. 63; LOZANO, 2010, p. 84) pode ter suscitado uma *censura negativa*, devido ao tom depreciativo destas afirmações.

Retomando a possibilidade de a censura ser “exercida em segredo”, provocar o ocultamento, pelo extravio ou destruição dos documentos (DARNTON, 2016, p. 8), ou, então, determinar que as informações veiculadas pelas obras deveriam ser colocadas sob sigilo, verificamos que situações como estas ocorreram em obras escritas por membros da Companhia. Justo Berguiritzan traz o exemplo do livro de Juan Pastor, *Historia de la Provincia del Paraguay* (1649), que não foi impresso por conter informações e opiniões relacionadas a pessoas que ainda viviam e, por esta razão, a obra só poderia ser publicada após a morte das mesmas (BERGUIRITZAN, 1946, pp. 149-155):

Desse modo [...] o silêncio fundador (que, como dissemos, faz com que o dizer signifique) e o silenciamento ou política do silêncio que, por sua vez, se divide em: silêncio constitutivo, pois uma palavra apaga outras palavras (para dizer é preciso não-dizer [*ou falar uma coisa querendo manifestar outra*]; se digo “sem medo” não digo “com coragem”) e o silêncio local, que é a censura, aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura (é o que faz com que o sujeito não diga o que poderia dizer). [...]. As relações de poder em uma sociedade como a nossa produzem sempre a censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando as palavras (ORLANDI, 1999, p. 83. *Grifo nosso*).

Embora os depoimentos das testemunhas pudessem ser vistos como “a possibilidade de entendimento do passado e do futuro e, conseqüentemente, do verdadeiro funcionamento da natureza humana”, também podiam ser vistos como um elemento complicador e desestruturante das narrativas (VARELLA, 2013, p. 544), na medida em que podiam provocar diferentes reações naqueles cujos relatos estavam sendo divulgados. Vale lembrar, ainda, que:

antes de publicar sus obras se hacían necesarias operaciones [...] ajustes y reajustes de los misioneros mismos (que al volver a Europa re-escriben sus obras y la imagen de sí que en ella existe) y sus textos (a través de la labor editorial de otros miembros) a las verdades y las prácticas del otro lado de la frontera (DEL VALLE, 2009, p. 14).

No caso da produção dos membros da Companhia, qualquer palavra mal colocada poderia provocar ataques à Ordem, aos censores que haviam avaliado os livros e àqueles que os tinham escrito. Em relação ao contexto de produção de *Historia de la Conquista* e de *Historia de las Revoluciones* e aos condicionantes a que estavam sujeitas ao serem avaliadas, Maeder alerta que:

Es preciso recordar que la historiografía de la Compañía de Jesús no era sólo un servicio histórico, sino que cumplía también un papel en la propaganda de la Orden, y apuntaba en este caso, a mostrar los frutos de la obra evangelizadora realizada en la Provincia del Paraguay. Para mediados del siglo XVIII, las misiones de guaraníes ya habían llamado la atención en Europa, al mismo tiempo que la obra de la Compañía comenzaba a ser vista con ojos críticos. Cuestiones teológicas y morales con los jansenistas, disputas eclesiales por los ritos en el lejano oriente, polémicas imprudentes y últimamente, el cada vez más claro enfrentamiento con las corrientes filosóficas y literarias de la Ilustración, habían mellado el prestigio de la Orden y generado malestar y antipatía en muchos ámbitos (MAEDER, 2010, p. 23).

Acreditamos que este tipo de censura – por parte da própria Companhia – tenha ocorrido com os livros *Historia de las Revoluciones* e *Historia de la Conquista*, na medida em que apresentavam as opiniões de seu autor Pedro Lozano – e, também, a posição dos membros da própria Ordem Jesuíta (WILDE, 2014, p. 281) – sobre fatos que lhes eram contemporâneos e por exporem o nome de pessoas que ainda viviam na região das Governações do Rio da Prata, Paraguay e Tucumán, na condição de *traidores da pátria* (CERVEIRA, 2014, p. 75) e da Coroa espanhola, o que podia ser visto como um reavivamento de questões polêmicas como a que envolveu os *comuneros*. Assim, entendemos que, justamente, por “demonizar a los enemigos de la Compañía de Jesús, haciéndolos simultáneamente enemigos de la Iglesia Católica y de Cristo mismo” (PERRONE, 2014, p. 114), estes dois livros tiveram sua publicação postergada¹²⁰.

Ao finalizarmos o último capítulo da segunda parte da tese, consideramos pertinente retomar alguns aspectos que foram nele contemplados, sobretudo, em relação às censuras que incidiram sobre a prática historiográfica de Pedro Lozano e, conseqüentemente, sobre suas três *Histórias*. O primeiro aspecto deriva da constatação de que a erudição e os conhecimentos que o historiador jesuíta (de)tinha

¹²⁰ Cogitamos que foi por estes motivos que a *Historia de las Revoluciones* só teve a sua primeira impressão em 1892, em uma edição incompleta na Revista del Paraguay. Posteriormente, na edição de 1905, o manuscrito foi impresso e dividido em dois volumes: *Antequera*, dedicado à trajetória do revolucionário José de Antequera y Castro até a sua execução em Lima, destacando sua relação direta com os acontecimentos contemporâneos à escrita da *Historia de las Revoluciones* (FURLONG, 1930, p. 318). Já o segundo volume foi dedicado aos *Comuneros*, com destaque para a figura de Fernando Mompox y Zayas, apresentado como o novo líder d' *El Común*, sendo que o texto desenvolve as questões que levaram à sublevação e aos fatos subsequentes a ela, ressaltando a perseguição feita aos jesuítas, a nova expulsão do Colégio Máximo de Asunción e os ataques feitos à Companhia de Jesus, durante os anos de 1721 a 1735. No caso específico da *Historia de la Conquista*, ela só conta com o *Prefacio del Autor* (LOZANO, 1873, pp. 1-3) ou o *Proemio e Protestacion del Autor* (LOZANO, 2010, pp. 45-46), pois o *Teatro da conquista política e civil* só recebeu sua primeira impressão em 1873, na Casa Editora Imprenta Popular, em Buenos Aires. Conta, ainda, com uma segunda edição, resultante de outra versão manuscrita da mesma obra, impressa em Buenos Aires, no ano de 2010.

sobre a documentação da Província Jesuítica do Paraguai não impediram a designação de outro jesuíta, Pierre-François-Xavier Charlevoix, tido como dotado de uma *mejor pluma*, para dar continuidade à escrita da obra *Historia de la Compañía*¹²¹. Vale lembrar que, ao ser preterido do cargo que ocupava há quase 30 anos, Lozano passou a dedicar-se, exclusivamente, à revisão da *Historia de la Conquista*, obra que não seria publicada pela Ordem no Setecentos. O segundo decorre da possibilidade de Lozano ter também desempenhado a função de censor, o que permitiria supor que alguns membros da Companhia podem não ter aceito suas recomendações e críticas ou mesmo seu desinteresse pelos temas que estes vinham desenvolvendo em suas pesquisas e expondo em seus manuscritos, implicando em uma série de intrigas, disputas e conflitos internos. Outro aspecto a ser considerado diz respeito à nossa compreensão de que Lozano – por sua iniciativa – recorreu a um procedimento de censura aos textos de outros autores jesuítas, sobretudo de seus contemporâneos, o que fica evidenciado no destaque dado a alguns deles e na ausência de outros em suas obras, como procuramos demonstrar através da identificação de seu acionamento pelo historiador jesuíta e da análise das evidências de intertextualidade.

¹²¹ Esta obra ao que tudo indica foi impressa apenas como homenagem póstuma a Pedro Lozano nos anos de 1754 e 1755.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ora, as harmônicas individuais do estilo, isoladas dos caminhos sociais e fundamentais da vida do discurso, passam a receber inevitavelmente um tratamento acanhado e abstrato, deixando de ser estudadas num todo orgânico com as esferas semânticas da obra (BAKTHIN, 2002, p. 71).

Nosso principal objetivo nesta tese foi o de identificar e discutir a intertextualidade presente nas obras escritas pelo padre jesuíta Pedro Lozano, a partir de um estudo que previu tanto uma análise comparativa entre elas, quanto das evidências das apropriações e releituras resultantes do diálogo que ele manteve com outros autores religiosos ou leigos.

Ao nos aprofundarmos no estudo da formação deste jesuíta, do contexto de produção historiográfica do século XVIII e da própria Companhia de Jesus e, especialmente, de suas obras mais relevantes, e, sobretudo, da etimologia da palavra *historiographus* e da forma como ele se referia a si mesmo e aos seus companheiros de escrita da História da Ordem Jesuítica, concluímos que Lozano foi historiador e não historiógrafo. As análises realizadas nos levam, ainda, a afirmar que ele foi mais do que o *primeiro historiador da Ordem* ou o *arquivo vivo de todas as notícias*, tendo personificado a figura do erudito por excelência, que procurava continuamente por informações que pudessem enriquecer o seu conhecimento e ampliar a sua capacidade de argumentação sobre os mais diversos temas.

Sua condição de erudito resultou, sem dúvida, de sua longa formação filosófico-teológica, como abordado na primeira parte da tese, intitulada *Pedro Lozano: o “arquivo vivo” de todas as notícias*, na qual procuramos demonstrar que, no século XVIII, os *fraters* tinham acesso, durante seu processo de formação, às crônicas produzidas pelos jesuítas dos séculos XVI e XVII, textos que não apenas descreviam o trabalho desenvolvido nas Províncias americanas, como também destacavam os martírios de padres e irmãos que haviam missionado nestes territórios e os sucessos obtidos com as missões de evangelização junto às mais diversas culturas.

O contato e o conhecimento do teor destas narrativas podem ser vistos como uma estratégia formativa empregada para ampliar as instruções, presentes nas *Constituições*, com relação à leitura de livros e relatos edificantes pelos futuros

missionários da Companhia de Jesus, como, também, por aqueles que já se encontravam exercendo o apostolado. A observância desta orientação ia, portanto, muito além de uma prática voltada para o crescimento espiritual e intelectual, que pressupunha o ensino de experiências devocionais através da repetição de gestos, fórmulas, recordações (ou reforço de memórias alheias presentes em alguns textos) e a cópia da postura e do estilo de escrita de uma determinada pessoa tida como exemplar.

Entendemos que a ênfase nas leituras de determinados textos pode ser, ainda, entendida como um modo de promover a conformação de uma memória individual, considerando aquilo que a pessoa pretendesse ser, ou, então, a imagem que deveria passar como parte integrante de um grupo. Isto, necessariamente, implicaria em como este indivíduo lia, interpretava e compartilhava seus conhecimentos históricos sobre fatos e personagens relevantes da sociedade à qual pertencia.

É preciso, no entanto, considerar que havia diferentes níveis de formação – *professos*, *coadjutores espirituais* (de 3 ou 4 votos) e *coadjutores temporais* (os irmãos) – e que estes interferiam nas práticas de leitura, interpretação e escrita dos membros da Ordem. Em relação a este aspecto, vale lembrar, também, que apenas os *professos* tinham autorização para redigir e publicar obras, não apenas sobre a história da Companhia, como também sobre os mais diversos tipos de conhecimento obtidos durante o apostolado. Entretanto, como já dito anteriormente, esta regra apresentou algumas exceções, como podemos observar nos casos de Antonio Ruiz de Montoya e Pedro Montenegro, *coadjutor espiritual* e *temporal*, respectivamente, que, por seu alto nível de conhecimento empírico, tiveram autorização para compartilhá-lo através de suas obras. É preciso destacar, ainda, que, em alguns casos, a prerrogativa da escrita não se estendeu ao privilégio de editar e imprimir seu texto, como ocorreu com Montenegro e com seu *Libro Primero* (1711).

Como ressaltado no primeiro capítulo da tese, a prática historiográfica da Ordem jesuíta já foi abordada por inúmeros autores, mas de forma fragmentada, na medida em que não consideram as diretrizes para a composição/apresentação dos textos que deveriam ser escritos e eventualmente publicados formuladas desde as primeiras orientações feitas por Polanco, passando pelas normas presentes nas *Constituições*, até chegarmos às conhecidas *Instruções de Acquaviva*, sem esquecermos das regras elaboradas por Mercuriano e as influências de Acosta, principalmente, através da *Historia Natural y Moral*.

Pudemos também constatar que as influências que a historiografia leiga exerceu sobre os livros escritos por membros da Ordem jesuíta não foram ainda suficientemente contemplados pelos autores que se dedicam ao estudo da prática historiográfica da Companhia. Deste modo, nos propusemos a tratar desta questão, demonstrando como a escrita do chamado *siglo de la decadencia* espanhola se manifestou na *Conquista espiritual*, de Antonio Ruiz de Montoya, e como esta forma de escrita aportou características da literatura barroca e dos textos de cunho especulativo e reflexivo resultantes da filosofia tardo-medieval (que vinha sendo trabalhada por Juan Eusébio de Nieremberg) na História da Província Jesuítica do Paraguay. Ao mesmo tempo, nos empenhamos em desvendar os influxos das discussões de cunho historiográfico que estavam sendo feitas na França na obra *Historia Provinciæ* de Nicolas Del Techo, sobretudo, no que diz respeito ao uso de documentação tanto para a descrição dos fatos, quanto para a comprovação dos eventos testemunhados pelo autor na região que foi foco de seu relato.

Se comparamos os textos produzidos por Lozano com os de Montoya e a de Del Techo, nos deparamos com uma significativa diferença em relação às ênfases que foram dadas aos assuntos que deveriam, necessariamente, constar nas obras produzidas pelos membros da Companhia e observar as regras por ela estabelecidas. Ruiz de Montoya se propôs a escrever uma história religiosa, priorizando a descrição das primeiras *reducciones* nas quais atuou ativamente em diversos episódios, razão pela qual oferece relatos sobre a vida civil dos colonos espanhóis, informações detalhadas sobre os rios, o território, os animais e as plantas, e, também as características de alguns grupos indígenas, como questões introdutórias ao seu texto. Del Techo, por sua vez, faz uma descrição breve destes pontos, inserindo-os em um contexto em que as *reducciones* já se encontram instaladas e empenhando-se em distinguir e identificar as regiões do Paraguay, Rio da Prata, Chaco, Tucumán e Chile.

Em relação às obras de Lozano, procuramos, também, identificar e discutir a provável influência exercida por autores italianos, para além dos relatos de Vespúcio e Colombo ou dos textos formativos da própria Companhia. Este investimento partiu da conjectura de que por ter sido tradutor de textos italianos, Lozano poderia ter tomado contato com os estudos que vinham sendo desenvolvidos por Vico e, por esta razão, poderia tê-los aplicado em seus textos. A aproximação com os estudos desse italiano pôde ser efetivamente observada na forma como ambos, Vico e Lozano,

fundamentam suas pesquisas e análises, privilegiando a revisão de textos antigos, retomando-os e transformando-os em bases do conhecimento e de conformação de uma memória sobre determinados eventos históricos.

As influências exercidas por autores não vinculados à Companhia ou a outras ordens religiosas podem explicar o interesse de Lozano em trazer para seus livros os relatos produzidos por aqueles que não eram professores e que, conseqüentemente, ofereciam uma visão *menos erudita e mais empírica* ou *missionária* da Companhia de Jesus do que a que estava presente nas Crônicas e Cartas Anuais. Estas reflexões nos auxiliaram também a refletir sobre as razões que fizeram com que o poema *La Argentina*, que costumava ser apenas mencionado nos textos jesuíticos, não sendo citado diretamente, se tornasse em uma fonte de compreensão e instrução sobre o passado da região platina. Ao nos determos nestes pontos, pudemos também discutir a *função autor* de Pedro Lozano e o modo como atribuiu autoridade àqueles que não a teriam formalmente¹²², apesar de terem contribuído para a elaboração de seus textos.

Quanto à observância do que estava estabelecido nas normas da Companhia, constatamos que nas obras de Lozano há a mesma disposição dos temas que em Ruiz de Montoya, sem que haja uma alteração formal na estrutura que norteará as descrições. As diferenças se manifestam, efetivamente, na ênfase maior dada ao Chaco e a Tucumán; no respeito – como expressado pelo próprio Lozano – à *escrita elegante* de Del Techo e na inserção de novos elementos, que visavam atualizar a obra que havia sido escrita 100 anos antes.

Apesar do esforço que empreendeu para escrever obras, as quais, conforme o seu entendimento, deveriam estar imunes a críticas ou objeções, Pedro Lozano acabou perdendo seu posto de historiador para Pierre Charlevoix, reconhecido por sua *mejor pluma*. Por determinação da Ordem, se viu obrigado a enviar os resultados das pesquisas que havia realizado por quase vinte anos para um jesuíta que sequer conhecia pessoalmente a Província Jesuítica do Paraguai e que seria o autor de *Histoire du Paraguay* (1756).

No que diz respeito aos intertextos que se manifestam nos textos de Lozano, observamos que o primeiro deles será o dos missionários – testemunhas por

¹²² Lembramos, aqui, que os textos que mereciam ser referenciados eram os que haviam sido produzidos pelos professores da Companhia de Jesus, pelos cronistas máximos da Coroa espanhola, textos dos padres fundadores da Igreja, Antigo e Novo Testamento, e as Ordenações reais.

excelência –, que davam aos seus argumentos o estatuto de verdade conferida por *eu vi, eu estava lá*, observável nas passagens apropriadas da *Conquista espiritual*, nas descrições feitas por Antonio Machoni, e que se encontram na *Descripcion chorographica*, e, ainda, nas menções feitas às virtudes e aplicações de plantas medicinais extraídas do *Libro Primero* de Montenegro.

O segundo intertexto é aquele que Lozano aciona porque tem consciência da importância de *escrever bem*, recorrendo à *escrita elegante* de Del Techo, por quem explicita sua admiração. Isto, contudo, não impediu que Techo fosse um dos autores mais criticados nos livros que Pedro Lozano escreveu, principalmente, na *Descripcion chorographica*, *Historia de la Compañia* e *Historia de la Conquista*, o que, efetivamente, parece demonstrar que o historiador jesuíta conferiu maior legitimidade às descrições de Ruiz de Montoya e procurou conciliar estes dois modelos de escrita, a testemunhal e a elegante, em suas obras.

Para tentar compreender o processo de escrita, bem como as escolhas, as omissões e alterações presentes nos livros de Pedro Lozano, foi necessário conhecer tanto a formação filosófico-teológica da Companhia de Jesus, quanto sua biografia e, especialmente, compreender sua *forma mentis*. Tais questões, desenvolvidas no primeiro capítulo, juntamente com as discussões sobre as influências da historiografia leiga nos livros da Companhia e sobre as diretrizes que regulamentavam a redação dos textos jesuíticos, desde as Cartas anuais até as *Histórias*, possibilitaram que desvendássemos e discutíssemos algumas das particularidades das obras escritas por Lozano.

Já na segunda parte, denominada *A prática historiográfica de Pedro Lozano*, aprofundamos a discussão das evidências de intertexto e de intratexto nas obras do historiador jesuíta, a partir da retomada de algumas questões relacionadas ao arquitepo jesuítico trabalhadas ao longo do primeiro capítulo. Para tanto, examinamos tanto a estrutura que Lozano observou em seus textos, quanto os temas que privilegiou como os mais relevantes e que acabariam definindo os capítulos destinados ao seu desenvolvimento. Não descuidamos, também, de analisar a estrutura, a forma discursiva e as ênfases dadas em seus textos levando em consideração sua inserção nos debates historiográficos da própria Ordem e no contexto das práticas de controle sobre os manuscritos e impressos que foram adotados pelo Estado e pela Igreja, na Europa durante o Antigo Regime. Procuramos, por isso, demonstrar como a ação de censores e editores transpareceu nas licenças,

nas aprovações, nas taxas e nas licenças, presentes nos livros impressos, sendo que recorreremos a imagens retiradas dos elementos paratextuais destas obras para que os leitores pudessem tomar contato com elas.

Para a identificação e análise das evidências de intertextualidade, diretas ou indiretas, nas obras *Descripcion chorographia* e *Historia de la Conquista*, de Pedro Lozano, foi, também, fundamental a reconstituição de sua rede de relações (isto é, pessoas que o auxiliaram direta ou indiretamente na escrita), a identificação dos autores (outros religiosos ou leigos) com os quais ele dialogou (ratificando, criticando ou atualizando informações) e, principalmente, o cotejo entre suas próprias obras, com o propósito de identificar a metodologia por ele adotada e de discutir sua singularidade (a produção de um *texto novo*, no qual se manifesta a autonomia do autor a despeito das normas de escrita) e o caráter de complementaridade existente entre elas.

Para que esta análise fosse possível, levantamos algumas hipóteses sobre as relações de colaboração mantidas por Lozano com outros membros da ordem jesuíta durante o processo de escrita de seus textos, os quais podem ter exercido tanto a função de informantes, quanto de compiladores ou copistas. Refletimos, ainda, sobre as possíveis explicações para Lozano não ter mencionado ou acionado alguns nomes relevantes da historiografia da Companhia de Jesus e outros companheiros de Ordem em suas obras.

Pudemos constatar que para Lozano, seus livros – levando sempre em conta um potencial leitor, ao qual ele atribui a responsabilidade de avaliar a qualidade da sua escrita – não deveriam trazer apenas uma narração dos fatos, mas contemplar seu exame, mediante o esforço de comparação entre os relatos que já haviam sido feitos, da identificação dos equívocos cometidos por outros autores e pelo acréscimo de novas informações ou aspectos que ainda não haviam sido trabalhados. As ratificações, retificações ou atualizações se manifestam nas citações diretas, nas menções indiretas e no modo como o arquiteito jesuítico é potencializado em sua prática historiográfica, sobre a qual, igualmente, incidiram as objeções oriundas da censura, como vimos no segundo capítulo.

Com relação à prática da cópia de textos, procuramos demonstrar que ela adotada ao longo de todo o processo de formação dos jesuítas, sendo percebida como uma forma de valorizar e incentivar a reutilização de argumentos que eram tidos como importantes e fundamentais para a construção de uma arguição consistente na defesa

de um determinado tema. No caso de Lozano, o reconhecimento de sua erudição determinou sua indicação como encarregado da representação jurídica da Companhia de Jesus junto à Real Audiencia de Charcas, para a defesa dos territórios em que se encontravam as *reducciones*, durante os debates relacionados com o Tratado de Madrid.

A identificação da presença de cópia nos livros de Lozano parece-nos, no entanto, também um modo de evidenciar que as histórias da Ordem eram constantemente lidas, revistas, corrigidas e ampliadas. Esta prática se manifesta na obra *Historia de la Conquista*, na qual as referências diretas e indiretas, o reposicionamento e a reconstrução de argumentos extraídos de Martín del Barco Centenera, Antonio Ruiz de Montoya, Nicolas Del Techo e Pedro Montenegro, constituem a força argumentativa que possibilitou que Lozano construísse uma narrativa própria, que se caracterizaria pela ênfase em um assunto que, até então, era apenas um complemento para a história oficial da Companhia, ou seja, a história civil da região.

Ao recorrer a eles, Lozano teve também a oportunidade de ir mais além dos livros que o haviam influenciado, pois, se a *Historia de la Conquista* reconstitui os feitos que possibilitaram a colonização do território e a implantação das *reducciones* nos territórios das governações do Rio da Prata, Paraguay e Tucuman; a *Descripcion chorographica* foi a primeira obra destinada à descrição e ao relato das inúmeras tentativas de *dominar o país de terras e índios indômitos* conhecido como Chaco Gualamba.

Ao compararmos os textos de *Descripcion chorographia* e *Historia de la Conquista* entre si, e, também, com as obras de Ruiz de Montoya, Montenegro, Barco Centenera e Del Techo, pudemos constatar que algumas representações sobre o *cenário* e os *personagens* acabaram se mantendo com poucas alterações ou complementações, como se pôde observar nas descrições dos rios, que permaneceram quase as mesmas feitas por Barco Centenera, citado diretamente para retratar o Paraná e o Paraguay, ou, então, nas menções (in)diretas à *Conquista espiritval* de Montoya nas descrições que fez sobre determinados grupos indígenas. Já as plantas, em nossa compreensão, foram os elementos do *cenário* que conduziram Lozano aos autores do século XVIII, pois recorreu aos conhecimentos de Montenegro para produzir um texto no qual ressalta tanto a natureza *demoníaca* ou *divina* da fauna e flora, quanto as virtudes medicinais que ambas possuíam.

Considerando os objetivos que definimos para a tese, adiantamos que em relação à biografia de Pedro Lozano não conseguimos ir muito além do que já foi produzido, razão pela qual não identificamos os motivos que o levaram a viver na estância de Santa Catalina (período durante o qual privou da companhia de José Guevara, que o sucederia no cargo de historiador da Ordem Jesuítica), quem foram os seus amigos e/ou interlocutores dentro da Ordem e, ainda, quais as causas de sua morte em Humahuaca (Província de Jujuy, na região noroeste da atual Argentina) e as circunstâncias de seu sepultamento.

Também não conseguimos identificar quais foram os reais motivos para que a incumbência da escrita da *Historia de la Compañia* passasse das mãos de Lozano para as de Charlevoix. A decisão tomada parece não ter levado em conta o fato de que Lozano era o *archivo vivo de todas as notícias* e nem o reconhecimento que havia desfrutado ao ser indicado para representar a Província Jesuítica do Paraguai em Chuquisaca. Causa-nos estranheza tanto a inexplicável e repentina inaptidão de Lozano para a escrita, quanto a indicação de Charlevoix, na medida em que se, até então, a história da Companhia na Província Jesuítica do Paraguai vinha sendo escrita apenas por membros da Ordem Jesuítica que haviam atuado ou residido na respectiva província, esta responsabilidade seria agora atribuída a alguém que *escrevia melhor*, mas sequer havia estado no Paraguai.

Quanto aos livros escritos por Pedro Lozano, não conseguimos verificar com exatidão quais foram os motivos que levaram a Companhia de Jesus a optar pela não publicação da *Historia de la Conquista*, razão pela qual pudemos apenas levantar hipóteses e concordar com suposições levantadas em estudos anteriores já realizados sobre a obra. Se os motivos estiveram relacionados com as críticas feitas à conquista espanhola, com as descrições que, direta ou indiretamente, atacavam outros estados ou, então, com algumas imprecisões ou passagens *novelescas* presentes na narrativa, entendemos que estas poderiam ter sido facilmente supressas pelos editores e censores da Companhia. O manuscrito de *Historia de la Conquista*, vale lembrar, passou por três versões e foi redigido por Lozano com a colaboração de outros três jesuítas (Manuel García e Juan Cayetano, que pararam os estudos para auxiliá-lo na escrita, e José Guevara, que, após a morte de Lozano, o substituiu no cargo de historiador da Companhia). Assim, acreditamos que tanto Lozano, quanto Guevara teriam tido condições para fazer as correções exigidas pelos censores, bem

como reduzir algumas passagens consideradas muito longas, em tempo hábil para que a obra fosse enviada para a impressão e publicada.

Os alegados elevados custos com a impressão da obra também não parecem ser convincentes, já que a *Historia de la Compañia*, uma obra com quase 1500 páginas veio a ser impressa como obra póstuma, enquanto que os três tomos da *Histoire du Paraguay*, de Charlevoix, e suas reedições (que fizeram com que a obra passasse a ter seis tomos) não receberam esse tipo de objeção para que fossem publicadas.

Entendemos que as lacunas que referimos muito brevemente e as limitações que encontramos para poder respondê-las adequadamente não invalidam a investigação que nos mobilizou nos últimos quatro anos, na medida em que apontam para a potencialidade e a necessidade de mais estudos sobre os processos de escrita e de censura e, ainda, sobre a publicação e a circulação de obras de membros da Companhia de Jesus. Ao final, reiteramos a nossa expectativa de que esta tese possa contribuir para os estudos sobre a prática historiográfica da Ordem Jesuítica e, especialmente, de Pedro Lozano, ao oferecer uma abordagem analítica que considerou as práticas de escrita e de leitura vigentes no seio da Companhia no século XVIII.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES ARQUIVÍSTICAS

ARSI, PARAQ. 6 - *Archivum Romanum Societatis Iesu, Paraquaria 6, Paraquaria Catalogus. Trienalæ 1703-1762.*

ARSI, PARAQ. 8 - *Archivum Romanum Societatis Iesu, Paraquaria 8, Litterae annuae 1608-1649.*

ARSI, PARAQ. 9 - *Archivum Romanum Societatis Iesu, Paraquaria 9, Litterae Annuae 1650-1700.*

ARSI, PARAQ. 10 - *Archivum Romanum Societatis Iesu, Paraquaria 10, Litterae Annuae 1735-1743.*

ARSI, PARAQ. 13 - *Archivum Romanum Societatis Iesu, Paraquaria 13, Historia 1710-1767.*

Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesus desde 1714 hasta 1720. Traducción de las Cartas Anuas latinas de la antigua Provincia de la Compañía de Jesús del Paraguay 1714-1720 por el P. Carlos Leonhardt, S.J., Colegio del Salvador, Buenos Aires, junio de 1927 (BCS, *Cartas Anuas, 1714-1720, Estante 12*, manuscrito 119 f. [**C.A. 1714-1720**]).

Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesus desde el año 1720 hasta el mes de Octubre del año de 1730, enviadas al Muy Reverendo Padre Vicario general de la misma Compañía, P. Francisco Retz. Traducción de las Cartas Anuas latinas de la antigua Provincia de la Compañía de Jesús del Paraguay 1720-1730 por el P. Carlos Leonhardt, S.J., Colegio del Salvador, Buenos Aires, noviembre de 1926 (BCS, *Estantes 6 e 12*, manuscrito 287 f. [**C.A. 1720-1730**]).

Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesus desde el año de 1730 al año de 1735. Traducción de las Cartas Anuas latinas del Paraguay de 1730 a 1735 por el P. Carlos Leonhardt, S.J., Colegio del Salvador, Buenos Aires, noviembre de 1926 (BCS, *Estante 12*, manuscrito 284 f. [**C.A. 1730-1735**]).

Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesus desde el año de 1735 al año de 1743. Traducción de las Cartas Anuas latinas del Paraguay de 1735 a 1743 por el P. Carlos Leonhardt, S.J., Colegio del Salvador, Buenos Aires, 1928 (BCS, *Estante 12*, manuscrito 383 f. [**C.A. 1735-1743**]).

Cartas anuales, en las cuales refiere los sucesos en la Provincia del Paraguay, donde el año de 1750 hasta el año de 1756, al Muy reverendo Padre Luis Centurioni, General de la Compañía, el Padre José Barrera, Provincial del Paraguay. Traducción de las Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús en los años 1750 a 1756, por Carlos Leonhardt, S.J., Colégio del Salvador, Buenos Aires, 1928 (BCS, *Estante 11*, manuscrito 238 f. [C.A. 1750-1756]). **Carta del Padre Jesuita Joseph Cardiel escripta al Sr. Governador y Capitan General de Buenos Ayres sobre los descubrimientos de las Tierras Patagonicas alusiva a los Cesares de q. tanto se habla.** En 11 de Agosto de 1746, manuscrito 18f. [BNB, mss1390572].

Carta del P. Pedro Lozano al I. procurador general Sebastian de San Martin sobre los extraños sucesos que pasaron en el Paraguay en los últimos meses del año 1731, según lo que escribieron varios P. jesuitas y el obispo D. Fr. José Palos... Córdoba del Tucuman, 30 de enero de 1732, manuscrito 33 f. [BNE, Mss 12977].

Carta del P. Pedro Lozano, de la Compañía de Jesus, de la Provincia del Paraguay, efcrita al P. Bruno Morales, de la mifma Compañía, y Provincia, exifrente en efta Corte de Madrid, Córdova, y Noviembre I. de 1746, pp. 1-56 [BNP, RES. 4091].

LIBRO de Consultas de la Compañía de Jesús, 1731-1747 [AGN, *Colección Biblioteca Nacional, Sala VII, Manuscrito 62*].

FONTES IMPRESSAS E MANUSCRITAS

ACOSTA, José de. **De Natvra Novi Orbis Libri Dvo. et De Promvlgatione Evangelii, apvd Barbaros, sive De Procvranda Indorvm Salvte Livri Sex.** Salamenticæ: Apud Guillelmum Foquel, 1589 [BNE, U/6020].

_____. **Historia Natvral y Moral de las Indias, en qve se tratan de las cosas notables del cielo, y elementos, metales, plantas, y animales dellas:** y los ritos, y ceremonias, leyes, y gouierno, y guerras de los Indios. Seuilla: Iuan de Leon, 1590. (2 volumes), [BNE, R/3073].

BARCO CENTENERA, Martin del. **La Argentina, poema épico descubrimiento del Rio de la Plata,** 1602 [BNB, CMC_MS508_01_0002. Cópia manuscrita].

BODIN, Jean. **Methodus ad facilem historiarum cognitionem**. Parisiis: Martinum Juvenem, 1566 [BNF, FRBNF33986622].

_____. **La Méthode de l'histoire**. Maison-Carrée, Algérie: Imprimer Polyglotte Africaine; Paris: Société d'édition 'Les Belles lettres', 1941.

CHARLEVOIX, Pierre François-Xavier de. **Histoire du Paraguay**. Paris: Didot, quai des Auguftins, à la Bible d'or ; Giffart, rue Saint Jacques, à Sainte Therèse ; Nyon, quai des Auguftins, à la Occafion, 1756 (3 tomos), [BNE, GMm/1503-1508].

CONSTITUIÇÕES da Companhia de Jesus e NORMAS Complementares. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

CONSTITVTIONES Societatis Iesv, cum earum Declarationibus, Romæ: In Collegio Romanum eiusdem Societat, 1606 [BVB, BV011361019].

CONSTITVTIONES Societatis Iesv et examen cum declarationibus. Antverpiae: apud Joannem Meursium, 1635 [BVB, BV004289290].

CORTESÃO, Jaime. **Manuscritos da Coleção de Angelis I: Jesuítas e bandeirantes no Guairá (1549-1640)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.

_____. **Manuscritos da Coleção de Angelis II: Jesuítas e bandeirantes no Itatim (1596-1760)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1952.

_____. **Manuscritos da Coleção de Angelis III: Jesuítas e bandeirantes no Tape (1615-1641)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969.

DE BACKER, Aloys; DE BACKER, August; SOMMERVOGEL Charles. **Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jesus**. Liège: Chez l' auter de Becker; Paris: Chez l'auter Sommervogel, 1872-1876 (13 Tomos).

DEL TECHO, Nicolas. **Historia Provinciæ Paraquariæ Societatis Iesu**. Colegio de Córdoba de Tucumán, 1673 [BNE - cópia feita à mão por indígenas].

_____. **Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús**. Madrid: Librería y Casa Editorial A. de Uribe y Compañía (Asunción del Paraguay), 1897 (5 tomos).

DESCARTES, René. **Discours de la Methode pour bien conduire fa raifon, & chercher lla verité dans les fciances. Plus la Dioptrique. Les Meteores. et la Geometrie. Qui font des effais de cete Methode**. Leyde: De l'Imprimerie de Ian Maire, 1637 [BNF, RESM-R-76].

FERNANDEZ, Juan Patricio. **Relacion Historial de las misiones de los índios, que llaman Chiquitos, que eftan à cargo de los Padres de la Compañía de Jesvs de**

la Provincia del Paraguay. Madrid: por Manuel Fernandez, Impreffor de Libros, vive en la Calle del Almendro, 1726 [BNE, 2/26691].

HERVÁS Y PANDURO, Lorenzo. **Catálogo de las lenguas de las naciones conocidas, y numeracion, division, y clases de estas segun la diversidad de sus idiomas y dialectos.** Volúmen I – Lenguas y naciones americanas. Madrid: En la Imprenta de la Administracion del Real Arbitrio de Beneficencia, 1800 [BVB, BV014198507].

JARQUE, Francisco. **Ruiz de Montoya en Indias (1608-1652)**, [1662]. Madrid: editado por Victoriano Suárez, 1900 (4 volumes).

JUVENCIO, Joseph de. **Historiæ Societatis Jesu pars quinta. Tomus posterior ab anno Chrifti MDCXCI. ad MDCXVI.** Romæ: Ex Typographia Georgii Plachi, Cælaturam & Characterum Fuforiam Profitentis, apud S. Marcum. Sveriorvm Avtoritate, 1710 [BNCR, RMLE022948].

LA POPELINIERE, Lancelot Voisin. **L'histoire des histoires, avec l'idée de l'histoire accomplie. [Texte imprimé] Plus le dessein de l'histoire nouvelle des François: et pour avant-jeu, la refutation de la descente des fugitifs de Troye, aux Palus Méotides, Italie, Germanie, Gaules & autres pays : pour y dresser les plus beaux estatx qui soient en l'Europe : & entre autres le royaume des François. Oeuvre ny veu ny traicté par aucun.** A Paris: chez Marc Orry ruë S. Jacques, au lyon rampant. 1599 [BNF, FRBNF30739473].

_____. **L' Histoire des histoires ; L'Idée de l'histoire accomplie ; Le Dessein de l'histoire nouvelle des François.** Paris: Fayard, 1989.

LEONHARDT, Carlos (org). **Cartas Ânuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la Compañía de Jesús.** Buenos Aires: Talleres, Casa Jacobo Peuser, 1927-1929 (Documentos para la Historia Argentina, Tomos XIX-XX).

LOYOLA, Ignácio de. **Exercícios Espirituais – Escritos de Santo Inácio.** São Paulo: Loyola, 2000.

LOYOLA, SANCTI Ignatii de. **Espistolæ et Instruciones, in: Monumenta Ignatiana ex autographis vil ex antiquioribus exemplis collecta.** Tomus 1. Matriti: Typis Gabrielis Lopez del Horno, 1903 (Monumenta Historica Societatis Iesu, vol. 22).

LOYOLAE, Ignatii. **Exercitia Spiritvalia.** Antvepiae: apud Joannem Meursium, 1635 [KB, KW 3030 F 7 [3]].

LOZANO, Pedro. **Descripción chorographica de Terreno Ríos, Arboles, y Animales de los dilatadísimas provincias del Gran Chaco, Gualamba, y de los**

Ritos y Costumbres de la innumerables naciones de barbaros e infieles que le habitan. Con una cabal Relacion Histórica de lo que en ellas han obrado para conquitfarlas algunos Gobernadores y Miniftros Reales, y los Miffioneros Jefuitas para reduciras a la fe del Verdadero Dios. Córdoba: En el Colegio de la Afsumpcion por Jofeph Santos Balbas, 1733 [BNE, R/4895].

_____. **Relacion de la vida y virtudes del venerable martyr P. Julian de Lizardi, de la Compañia de Jesus de la Provincia del Paraguay.** Salamanca: Antonio Villargordo, 1741 [BNE, 3/8286].

_____. **Meditaciones sobre la vida de Nuestro Señor Jesu-Christo, para cada día del año, estendidas en lengua italiana por el P. Fabio Ambrosio Espinola, de la Compañia de Jefus.** Madrid: por Manuel Fernandez, Impreffor del Real, y Supremo Confejo de la Inquificion, de la Reverenda Camara Apoftolica, y del Real Convento de la Encarnacion, en la Caba Baxa, 1747-1748 (2 partes), [BCM, BH FLL 2382-2383].

_____. **Historia de la Compañia de Jesús en la Provincia del Paraguay.** Madrid: Imprenta de la viuda de Manuel Fernandez, y del Supremo Confejo de la Inquificion, 1754-1755 (2 tomos), [BNE, 2/62025-62026].

_____. **Maximas Eternas propuestas en lecciones, para quien se retira à los Ejercicios Efpirituales de San Ignacio.** (Obra posthuma). Madrid: En la Imprenta de D. Gabriel Ramírez, y à su cofta, 1754 [BVB, BV001770123].

_____. **Ejercicios Espirituales de San Ignacio, obra posthuma, escrita en italiano por el P. Carlos Ambrosio Cataneo.** En Madrid: En la Imprenta de D. Gabriel Ramirez, y à su cofta, 1754 [BNE, 2/38819].

_____. **Diario de un viage á la costa de mar magallánica en 1745:** desde Buenos Aires hasta el Estrecho de Magallanes formado sobre las observaciones de los PP. Cardiel y Quiroga. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836.

_____. **Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán.** Buenos Aires: Casa Editora Imprenta Popular, 1873-1875 (5 tomos) [BNE, HA/43997-44001].

_____. **Historia de las Revoluciones de la Provincia del Paraguay en la America Meridional desde el año de 1721 hasta el de 1735.** Buenos Aires: Edición Cabaut e Cia, 1905 (2 volumes).

_____. **Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán.** Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia, 2010.

_____. **Descripción corográfica del gran Chaco Gualamba (Córdoba 1733).**

Milano: Franco Angeli, 2011.

MACHONI DE CERDEÑA, Antonio. **Arte y Vocabulario de la lengua Lule, y Tonocote.** En Madrid: por los Herederos de Juan Garcia Infanzon, 1732 [BNE, R/39076].

MAEDER, Ernesto Joaquín Antonio. **Cartas Anuas de la Provincia Jesuitica del Paraguay (1637 – 1639).** Buenos Aires: Fundación para la Educación, la Ciencia y la Cultura, 1984.

MEMMI, Giovanni Battista. **Relazione istorica dela nuova chriftianità degl'Indiani detti cichiti.** Roma: per Antonio de' Roffi, nella Strada del Seminario Romano, 1729 [BNE, 2/14838].

MONTENEGRO, Pedro de. **Libro Primero y Segundo, de la Propiedad, y Birtveds, edlos Arboles, l Plantas, edlas Misiones, y Provincia edl Tvcvman, con algvnas edl Brassil, y del Oriente,** enlaf laf Mifsionef del Paraguay, 1711 [BNE, MSS/10314].

_____. **Materia Medica Misionera.** Buenos Aires: Edición de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 1945.

OVALLE, Alonso. **Historica Relatione del Regno di Cile, e delle miffioni, e minifterij che efercita in quelle la Compagnia di Giesv.** Roma: Appreffo Francefco Caualli, 1646 [BMC, BH FLL 34535].

_____. **Historica Relacion del Reyno de Chile, Y delas miffiones, minifterios que exercita en el la Compañia de Iesvs.** Roma: por Francifco Cauallo, 1648 [BCM, 3GR-7256].

POLANCO, Juan de. **Ignatii Loiolae et rerum Societatis Jesu.** Historia [*Chronicon Societatis Jesu*], in: Polanco Historia Societatis Iesu. (Tomus I-VI). Matriti: Excudebat Typographorum Societas sub patrocínio Sancti Francisci Salesii constituta/ Excudebat Augustinus Avrial via S. Bernardi, 1894-1898 (Monumenta Historica Societatis Iesu, vols. 1, 3, 5, 7, 9, 11).

RATIO Ataqqe Institvtio Stvdiorvm Societatis Iesv. Romæ: In Collegio Romanum ciufden Societatis, 1606 [BVB, BV001471662].

RATIO Atqqe Institvtio Studiorvm. Antverpiæ: Apud Ioannem Mevrsivm, 1635 [BVB, BV004272069].

Ratio Studiorum Oficial 1599. in: VÁSQUEZ POSADA, Carlos; REMOLINA VARGAS, Gerardo; CUARTAS CHACÓN, Carlos Julio; ARANGO, Julio. **Compañía de Jesús**

Apostolado Educativo: Documentos Corporativos I. Colombia: JaverSoft. Direccion de Sistemas/Pontificia Universidad Javeriana, 1999, pp. 13-135.

REGLAS DE LA COMPAÑIA DE JESUS, y la Carta de la Obediencia de Nuefiro Gloriofo Padre San Ignacio, Formulas de los Votos, y documentos del mifmo Santo Padre. Sevilla: Con licencia de los Superiores, 1735 [BCM, BH FLL 18578].

RIBADENEIRA, Pedro de. **Del Flos Sanctorm, o libro de las vidas de los santos em la qual se contienen las vidas de Chrifto N. S. y de fu Santifsima Madre; y de todos los Santos de que reza la Yglefia Romana, por todo el año.** Madrid: Por Luis Sanchez impreffor del Rey nuefiro Señor, y a fu cofta, 1624 (em duas partes), [BVB, BV042594267].

RUIZ DE MONTOYA, Antonio. **Conqvista espirital hecha por los religiosos de la Compañia de Iesus, en las Prouincias del Paraguay, Parana, Vruguy y Tape.** Madrid: Imprenta del Reyno, 1639 [BNE, R/6539].

_____. **Tesoro de la lengva gvarani.** Madrid: Iuan Sanchez, 1639 [BNCR, BV042594267].

_____. **Apología en defensa de la doctrina cristiana que en la lengua guaraní tradujo el venerable padre fray Luís de Bolaños de la familia franciscana por el mismo Antonio Ruiz de Montoya (1651).** Asunción: Fondec/CEPAG, 2008

SOMMERVOGEL, Carlos. **Bibliothèque de La Compagnie de Jésus.** Première Partie: bibliographie. Bruxelles: Oscar Schepens, Société Belge de Librairie; Paris: Alphonse Picard, Libraire des Archives Nationales et de l'École des Chartes, 1890-1960 (12 Tomos).

TRASLADO del Menologio de Varones Illustres de la Compañia de Iesus, cuyos elogios aprobados por Nuefros PP. Generales fe leen los días, que correponden en la Cafa Profeffa de Roma. Sacanse estos traslados fielmente traducidos à nuestro idioma, para mayor conveniencia de nuefros Collegios en fu domeftico vfo, y para mayor vtilidad, exemplo, è imitación en los nuefros, y para provada memoria, y veneracion nuefros Mayores. En Madrid: Con Licencia de los Superiores, 1729 [BCM, BH FLL Res.999].

VALDIVIA, Luis de. **Relacion de lo qve svcedio en el Reyno de Chile, despues qve el Padre Luys de Valdiuia, de la Compañia de IESVS, entrô en el con svsocho compañeros Sacerdotes de la mifma Compañia, el año de 1612** [BNE, R/17270(8)].

VESPUCIO, Amerigo. **Lettera di Amerigo Vespucci delle isole nuovamente trovate in quatro suoi viaggi**. Venecia: Gian Stefano, 1505 [BCM, ICI19990061939m].

VIANNA, Hélio. **Manuscritos da Coleção de Angelis IV: Jesuítas e bandeirantes no Uruguai (1611-1758)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1970.

XARQUE, Francisco [JARQUE]. **Vida Prodigiosa, en lo vario de los svcesos, exemplar en lo heroico de religiosas virtudes, admirable en los fauores del Cielo, gloriofa en lo Apoftolico de fus empleos, del Venerable Padre Antonio Rviz de Montoya, Religiofo Profefo, Hijo del Iluftrifsimo Patriarca San Ignacio de Loyola, Fundador de la Compañía de Iesvs**. Zaragoza, por Miguel de Luna, Imprefor de la Ciudad, y del Hofpital Real, y General de N. S. de Gracia, 1662 [BCM, 3GR-7843].

_____. **Insignes misioneros de la Compañía de Jesvs en la Provincia del Paraguay. Estado presente de sus misiones en Tucumàn, Paraguay, y Rio de la Plata, que comprehende fu Difrito**. Pamplona: por Juan Micòn, Impreffor, 1687 [BVB, BV001747295].

ZAMORA, Alonso de. **Historia de la Prouincia de San Antonio del Nvevo Reyno de Granada, del Orden de Predicadores**. Barcelona: en la Imprenta de Joseph Llopis, 1701 [BNE, R/14037].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A LEITURA: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier, *in*: CHARTIER, Roger (dir.). **Práticas de Leitura**. 4ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009, pp. 231-253.

ABBAGNANO, Nicola. **Dizionario di Filosofia**. Torino: UTET, 1961.

ACERO DURÀNTEZ, Isabel. La técnica lexicográfica empleada por el franciscano Maturino Gilberti en su Vocabulario en lengua Michoacán (1559). *In*: BUENO GARCÍA, Antonio; VEGA CERNUDA, Miguel Ángel. **Lingua, cultura e discorso nella traduzione dei francescani**. Perugia: Università per Stranieri di Perugia, 2011, pp. 649-666.

ADVERTENCIA, *in*: CHARLEVOIX, Pedro Francisco Javier de; MURIEL, Domingo; HERNÁNDEZ, Pablo. **Historia del Paraguay**. Tomo I. Madrid: Librería General de Victoriano Suarez, 1910, pp. 7-14.

AGUILAR, Jurandir Coronado. **Conquista Espiritual: A História da Evangelização na Província Guairá na obra de Antônio Ruiz de Montoya, S.I. (1585-1652)**. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 2002.

ALCANTARA BOJORGE, Dante Alberto. Las disposiciones historiográficas de Claudio Aquaviva. Características e influencias en las crónicas novohispanas de principios del siglo XVII, *in*: **Anais da XII Jornadas Internacionais sobre las Misiones Jesuíticas**: “Interacciones y sentidos de la conversión. Buenos Aires: Manzana de las luces y Convento Meredário, 2008, pp. 1-10.

_____. El proyecto historiográfico de Claudio Acquaviva, *in*: **EHN** 40, 2009, pp. 57-80. Disponible en: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/ehn/article/view/15317>. Acceso en 11 de abril de 2011.

ANAGNOSTOU, Sabine; FECHNER, Fabian. Historia Natural y Farmacia Misionera entre los jesuitas en el Paraguay, *in*: WILDE, Guillermo. **Saberes de la conversión: jesuitas, indígenas e imperios coloniales en las fronteras de la cristiandad**. Buenos Aires: SB, 2011, pp. 175-190.

ARIÈS, Philippe. **O Tempo da História**. Lisboa: Teorema, 1987.

ASTRAIN, Antonio. **Historia de la Compañía de Jesús de la Asistencia de España**. Madrid: Administración de Razón y Fe; Est. Tipográfico ‘Sucesores de Rivadeneyra’ Impresores de la Real Casa, 1909-1925.

AUBERBACH, Erich. **Mimesis**. A representação da realidade na literatura Ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2001.

AVELLANEDA, Mercedes. Guayaibirity, descontrol y caída del movimiento comunero, *in*: **Historia Paraguaya**, vol XLVIII, 2007, pp. 201-227. Disponible en: https://www.academia.edu/3559010/_Guayaibirity_descontrol_y_caída_del_movimiento_comunero_.En_Historia_Paraguaya_vol._XLVIII_2007_201-227. Acceso en 18 de agosto de 2015.

_____. El recurso de la violencia como mecanismo de cambio social en la sociedad del Paraguay Colonial a principios del Siglo XVIII, *in*: **História UNISINOS**, Vol 11, n. 2 – mai/ago. 2007, pp. 145-159.

_____. Poder y Justicia a principios del siglo XVIII. Una aproximación al análisis de la Revolución de los Comuneros, *in*: **Resistencia y Rebelion**, Anuario 4, 2008, pp.

78-98. Disponível em: https://www.academia.edu/3559005/_Poder_y_Justicia_a_principios_del_siglo_XVIII._Una_aproximaci3n_al_an3lisis_de_la_Revoluci3n_de_los_Comuneros._.En_Resistencia_y_Rebeli3n._De_la_Puna_argentina_al_Ri3o_d_e_la_Plata._Anuario_4_2008_78-98. Acesso em 18 de agosto de 2015.

_____. **Guaraníes, criollos y jesuitas.** Luchas de poder en las Revoluciones Comuneras del Paraguay. Asunción: Editorial Tiempo de Historia, 2014.

_____. **El rol de los distintos sectores del Clero en la Revolución de los Comuneros.** Disponível em: https://www.academia.edu/7629552/El_rol_de_los_distintos_sectores_del_Clero_en_la_Revoluci3n_de_los_Comuneros. Acesso em 20 de abril de 2016.

BAPTISTA, Jean Tiago. **Jesuítas e Guarani na Pastoral do Medo:** Variáveis do discurso missionário sobre a natureza (1610-1650), 2004. 149 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

_____. Igrejas, capelas e Opy: as áreas de reza das lideranças missionais, *in*: **XXIV Simpósio Nacional de História.** São Leopoldo/RS: UNISINOS, 2007, pp. 1-8.

_____. **O Eterno:** crenças e práticas missionais. São Miguel das Missões: Museu das Missões, 2009.

BARCELOS, Artur Henrique Franco. **Espaço e Arqueologia nas Missões Jesuíticas:** o caso de São João Batista. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

_____. Os jesuítas e a ocupação do espaço platino nos séculos XVII e XVIII, *in*: **Revista Complutense de Historia da América,** 26, 2000, pp. 93-116.

_____. A cartografia indígena no Rio da Prata colonial, *in*: **X Encontro Estadual de História,** 2010, pp. 1-15.

_____. Expedições jesuíticas e cartografia americana: séculos XVII e XVIII, *in*: **3º Simpósio Iberoamericano de História da Cartografia,** 2010, p. 1-15.

_____. **Mergulho no Seculum:** exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América Espanhola Colonial. Porto Alegre: Editora Animal, 2013.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação, *in*: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade:** Em torno de Bakhtin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

BARROS, Maria Cândida Drumond Mendes. A relação entre manuscritos e impressos em tupi como forma de estado da política linguística jesuítica no século XVIII no Amazônia, *in: Revista Letras*, nº 61, especial, 2003, pp. 125-152.

BARROS, Mariana Leal de; MASSIMI, Marina. Releituras da Indiferença: um estudo baseado em carta jesuítas dos séculos XVI e XVII. **Revista eletrônica quadrimestral Paidéia**- USP, vol. 15, n.31, agosto/2005, pp. 195-205. Disponível em <http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/31/06.htm>. Acesso em 20 de maio de 2011.

BARTHES, Roland. **Écrivains et écrivants. Essays critiques**. Paris: Seuil, 1964.

_____. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

BERGUIRITZAN, Justo. El padre Juan Pastor y su inédita Historia de la Provincia del Paraguay, *in: Estudios: Revista mensual redactada por la Academia Literaria de La Plata*, Tomo LXXV, n. 116., 1946, pp. 149-155.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario Portuguez & Latino, Aulico, Anatômico, Architectonico, Bellico, Botânico, Brafilico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico, Dialectico, Dendrologico, Ecclefiastico, Etymoligico, Economico, Florifero, Forenfe, Fructifero, Geographico, Geometrico, Gnomonico, Hydrographyco, Homonymico, Hierologico, Ichtyologico, Indico, Ifagogico, Laconico, Liturgico, Lithologico, Medico, Mufico, Meteorologico, Nautico, Numerico, Neoterico, Ortographico, Optico, Ornithologico, Poetico, Philologico, Pharmaceutico, Quidditativo, Qualitativo, Quantitativo, Rhetorico, Ruftico, Romano, Symbolico, Synonimico, Syllabico, Theologico, Therapeutico, Technologico, Uranologico, Xenophonico, Zoologico**. Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu; Lisboa: na Officina de Pascoal da Sylva; Lisboa: Joseph Antonio da Sylva; Lisboa: na Patriarcal Officina da Musica, 1712-1728 (10 tomos).

BORJA GÓMEZ, Jaime Humberto. Historiografía y hagiografía: vidas ejemplares y escritura de la historia en el Nuevo Reino de Granada, *in: Fronteras de la historia*, año/vol. 012, 2007, pp. 53-78. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/833/83301202.pdf>. Acesso em 14 de outubro de 2012.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As escolas históricas**. Mem Martins/Portugal: Publicações Europa-América, 1990.

BOUZA, Fernando. **Corre manuscrito**. Una historia cultural del Siglo de Oro. Madrid: Marcial Pons, 2001.

_____. Costeadores de impresiones y mercado de ediciones religiosas en la alta Edad Moderna ibérica, *in*: **Cuadernos de Historia Moderna**, Anejo XIII, 2014, pp. 29-48.

BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso, *in*: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 1994, pp. 11-27.

BUONO, Giuseppe. **Il vocabulario della missione**: Breve saggio di missiologia contemporanea. Bologna: Editrice Missionaria Italiana, 2008.

CADIOU, Frédéric. (et. all). **Como se faz a História**. Porto Alegre: Editora Vozes, 2007.

CALDERON DE CUERVO, Elena María. **El discurso del Nuevo Mundo**. Buenos Aires: Nueva Hispanidad, 2001.

CAÑIZARES ESGUERRA, Jorge. **Cómo escribir la historia del Nuevo Mundo**: Historiografías, epistemologías e identidades en el mundo del Atlántico del siglo XVIII. México: Fondo de Cultura Económica, 2007.

_____. Histórias emaranhadas: Historiografias de fronteiras em novas roupagens?, *in*: FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira (Org.). **História das Américas**: historiografia e interpretações. Ouro Preto, MG: EDUFOP/PPGHIS, 2012, pp. 14-39.

CARDOZO, Efraim. **Historiografía paraguaya**. México: Instituto Panamericano de Geografía e Historia, 1959.

CARGNEL, Josefina Guadalupe. Pedro Lozano S.J., un historiador oficial, *in*: **Projeto História**, n. 35, dez. 2007, pp. 315-323.

_____. "... le llegó merced de su Majestad...". El Derecho de Patronato en un historiador jesuita del siglo XVIII, *in*: **Anais da XII Jornadas Internacionales sobre las Misiones Jesuíticas**: "Interacciones y Sentidos de la Conversión", 2008, pp. 1-12.

_____. La Historia de la conquista en las versiones de Pedro Lozano y José Guevara. Estudios comparados de la producción escrita de la Compañía de Jesús en el siglo XVIII, *in*: **História Unisinos**, 13 (3), Setembro/Dezembro 2009, pp. 297-307.

_____. La escritura de la Orden en la provincia jesuítica de Paraguay, *in*: **XII Jornadas Interescuelas/ Departamentos de Historia**, 2009, pp. 1-19.

_____. **La historiografía de la Compañía de Jesús**: Pedro Lozano, su historiador, 2015. 279 f. Tese (Doutorado em História) - Facultad de Filosofía y Humanidades. Universidad Nacional de Córdoba, Córdoba, 2015.

CARVALHO, Roberta Lobão. **Crônica e História: a Companhia de Jesus e a construção da história do Maranhão (1698-1759)**, 2012. 200 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

CASTAÑEDA, Luzia Aurélia. História Natural e as idéias de geração e herança no século XVIII: Buffon e Bonnet, *in: História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, II (2), Jul.-Oct.1995, pp. 33-50.

CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. **Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil 1580-1620**. Bauru/SP: Edusc, 2006.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Historia de la cultura escrita: ideas para el debate, *in: Revista Brasileira de História da Educação*, nº 5, jan/jun. 2003, pp. 93-124.

_____. «El mejor retrato de cada uno» La materialidad de la escritura epistolar en la sociedad hispana de los siglos XVI y XVII, *in: Hispania*, LXV/3, num. 221, 2005, pp. 847-876.

CATROGA, Fernando. Ainda será a História Mestra da Vida?, *in: Revista de Estudos Ibero-Americanos*, nº 2, 2006, pp. 7-34.

CAVALIERI, Ricardo. As fontes orais e sua relevância nos estudos linguístico-historiográficos, *in: D.E.L.T.A.*, 29:2, 2013, pp. 367-377

CERVEIRA, Luís Alexandre. A paixão como motor da guerra - a revolução dos comuneros (Assunção/Paraguai, primeira metade século XVIII), *in: Revista Latino-Americana de História*, v. 1, n. 2, fevereiro de 2012, pp. 101-115. Disponível em: <http://projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/download/48/35>. Acesso em 17 de agosto de 2015.

_____. Jesuítas contra Franciscanos, religião e política na Revolução dos Comuneros do século XVII, *in: Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 5, jan/2013, pp. 59-73. Disponível em: http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdfespecial_2013/4.pdf. Acesso em 20 de agosto de 2015.

_____. **Dos levantes de Castela às revoluções comuneras do Paraguai: apropriações e ressignificações de um conceito em três atos**, 2014. 246 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, 2014.

CEVOLINI, Alberto. *Ratio legendi et excerptendi*, *in: CHINCHILLA PAWLING, Perla. Lexicón de formas discursivas cultivadas por la Compañía de Jesús*. México: Universidad Iberoamericana, A. C., 2018, pp. 702- 715 [publicação eletrônica].

CHARTIER, Roger. **História Cultural**: Entre práticas e representações. Rio de Janeiro/RJ: Bertrad, 1990.

_____. O Mundo como Representação, *in*: **Estudos Avançados**, 11 (5), 1991, pp. 173-191.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **La Historia o la lectura del tiempo**. Barcelona: Editorial Gedisa, S.A., 2007.

_____. As práticas de escrita, *in*: CHARTIER, Roger (org.). **História da Vida Privada**: da Renascença ao Século das Luzes (Vol. 3). São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 113-162.

_____. História intelectual do autor e da autoria, *in*: CHARTIER, Roger. **Autoria e história cultural da ciência**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012, pp. 37-64.

_____. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (Orgs.). **História da Leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, Roger (dir.). **Práticas de Leitura**. 4ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

CHINCHILLA PAWLING, Perla. Las “formas discursivas”. Una propuesta metodológica, *in*: CHINCHILLA PAWLING, Perla. **Lexicón de formas discursivas cultivadas por la Compañía de Jesús**. México: Universidad Iberoamericana, A. C., 2018, pp. 34 - 71 [publicação eletrônica].

COELLO DE LA ROSA, Alexandre; MARTÍNEZ, Teodoro Hampe (Eds.). **Escritura, imaginación política y la Compañía de Jesús en la América Latina [siglos XVI-XVIII]**. Barcelona: Edicions Bellaterra, S.L., 2011.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DARNTON, Robert. História da leitura, *in*: BURKE, Peter. **A Escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1992, pp. 199-236.

_____. **A questão dos livros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [publicação eletrônica].

_____. **Censores em ação**: como os Estados influenciaram a literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2016 [publicação eletrônica].

DE CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **El lugar del otro:** Historia religiosa y mística. Buenos Aires: Katz Editores, 2007.

DEBATE: Autor e autoria no mundo das técnicas eletrônicas, *in*: CHARTIER, Roger. **Autoria e história cultural da ciência.** Rio de Janeiro: beco do Azougue, 2012, pp. 65-80.

DELUMEAU, Jean. **De religiões e de homens.** São Paulo: Loyola, 2000.

DESCARTES, René. **Discurso do Método; Regras para a Direção do Espírito.** São Paulo: Martin Claret, 2002.

DÍAZ PEREZ, Viriato. **La Revolución de los Comuneros del Paraguay y sus antecedentes hispánicos.** Asunción: Editorial El Lector, 1973.

DURÁN RODRÍGUEZ ARANA, Norma. *Acta Sanctorum*, *in*: CHINCHILLA PAWLING, Perla. **Lexicón de formas discursivas cultivadas por la Compañía de Jesús.** México: Universidad Iberoamericana, A. C., 2018, pp. 134-137 [publicação eletrônica].

ELIAS, Norbert. **La sociedad cortesana.** Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1996.

ENTREVISTA com Roger Chartier (Rio de Janeiro, 6 de julho de 2007), *in*: CHARTIER, Roger. **Autoria e história cultural da ciência**, 2012, pp. 81-124.

ESPINO MARTÍN, Javier; GONZÁLEZ GALLARDO, María Fernanda. Cópia, *in*: CHINCHILLA PAWLING, Perla. **Lexicón de formas discursivas cultivadas por la Compañía de Jesús.** México: Universidad Iberoamericana, A. C., 2018, pp. 339 - 381 [publicação eletrônica].

ESTEVE BARBA, Francisco. **Historiografía Indiana.** Gredos: Mexico, 1964.

FABRE, Pierre-Antoine; GALÁN TAMÉS, Genevieve. Ejercicios espirituales, *in*: CHINCHILLA PAWLING, Perla. **Lexicón de formas discursivas cultivadas por la Compañía de Jesús.** México: Universidad Iberoamericana, A. C., 2018, pp. 450-469 [publicação eletrônica].

FAULHAUBER, Priscila. Uma leitura da história do autor e da autoria, *in*: CHARTIER, Roger. **Autoria e história cultural da ciência.** Rio de Janeiro: beco do Azougue, 2012, pp. 25-35.

FAULHABER, Priscila; LOPES, José Sérgio Leite. Introdução, *in*: CHARTIER, Roger. **Autoria e história cultural da ciência.** Rio de Janeiro: beco do Azougue, 2012, pp. 9-15.

FILLOL, José V. **Sumario de las lecciones de un curso de literatura general.** Tomo II. Valencia: Imprenta de La Opinion, á cargo de José Domenech, 1865.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. **Sentir, adoecer e morrer – Sensibilidade e devoção no discurso missionário jesuítico do século XVIII**. 1999. 353 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

_____. De mancebas auxiliares do demônio a devotas congregantes: mulheres e condutas em transformação, *in*: **Estudos Feministas**, 14 (3): 272, setembro-dezembro/2006, pp. 617-634. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2006000300003/7248>. Acesso em 20 de agosto de 2009.

_____. Pedro Montenegro: um jesuíta com “particular inclinação ao descobrimento e averiguação das plantas”, *in*: FLECK, Eliane Cristina Deckmann; RODRIGUES, Luiz Fernando Medeiros; MARTINS, Maria Cristina Bohn. **Enlaçar Mundos: três jesuítas e suas trajetórias no Novo Mundo**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2014, pp. 103-182.

_____. **A ciência por escrito, teses em movimento: uma reflexão historiográfica sobre a contribuição de médicos e boticários jesuíta para a cultura científica da América platina**, pp. 1-10. Disponível em: https://www.academia.edu/13842441/A_ci%C3%Aancia_por_escrito_teses_em_movimento_uma_reflex%C3%A3o_historiogr%C3%A1fica_sobre_a_contribui%C3%A7%C3%A3o_de_m%C3%A9dicos_e_botic%C3%A1rios_jesu%C3%ADtas_para_a_cultura_cient%C3%ADfica_da_Am%C3%A9rica_platina. Acesso em: 17 de fevereiro de 2019.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann; AMANTINO, Marcia Sueli. Uma Só Ordem Religiosa, Duas Coroas: Os Colégios Da Companhia De Jesus Do Rio De Janeiro e De Córdoba (Séculos XVI-XVIII), *in*: **Antíteses**, v. 7, n. 14, jul.-dez. 2014, pp. 442-468.

FLECK, Eliane Deckmann; FANTIN, Odair José. “*Para enumerar, glosar y dar testimonio de los actos de heróica virtude en los caminos*”: um estudo sobre as rotas e os protagonistas das missões de evangelização (Província Jesuítica do Paraguai, século XVII). **Revista Ultramares – Dossiê**, nº 1, vol. 1, jan.-jul./2012, pp. 43-68. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWVpbnxyZXZpc3Rhdx0cmFtYXJlc3xneDoyODMyZjlxYTVIZGE0ODII>. Acesso em 30 de novembro de 2012.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann; JOAQUIM, Mariana Alliatti; BIEHL, Maico. En orden a sus virtudes y facultades medicinales: um estudo sobre o Paraguay Natural

Ilustrado de José Sánchez Labrador SJ.. Corpus. Archivos virtuales de la alteridad americana, v. 06, 2016, pp. 01-43.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann; JOAQUIM, Mariana Alliatti. Sobre os 'hijos del Paraguay' e as 'personas naturales inteligentes': uma análise dos relatos sobre saberes e práticas tradicionais indígenas no Paraguai Natural Ilustrado, de José Sánchez Labrador SJ. (1771-1776).. Memoria Americana - Cuadernos de Etnohistória, v. 25, p. 29-46, 2017

FLORESCANO, Enrique. **La Historia y el historiador**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 2003.

_____. **La función social de la historia**. México: FCE – Fondo de Cultura Económica, 2012.

FONTANA, Josep. **La historia de los hombres**. Barcelona: Critica, 2000.

_____. **La Historia que se piensa: conferencias, clases y conversaciones en Chile**. Concepcion: Escaparate Ediciones, 2011.

FORCELLINI, Aegidio. **Lexicon Totius Latinitatis [1688-1768]**. Seminarii Patavini: Typis Seminarii, 1828.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 5ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FRANCO, Claudia Pereira da Cruz. Intertextualidade e produção textual, *in*: **Revista dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras UFF**, n.06, 2011, pp.43-62.

FRANCO, José Eduardo. **O mito dos jesuítas: das origens ao Marquês do Pombal**. Volumes I e II. Lisboa: Gradiva, 2006.

FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. **Os jesuítas portugueses e espanhóis e sua ação missionária no sul do Brasil e Paraguai (1580-1640): um estudo comparativo**. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

FURLONG, Guillermo. El P. Pedro Lozano, S.J.: Su personalidad y su obra, *in*: **Revista de la Sociedad "Amigos de la Arqueología"**, tomo IV, 1930, pp. 241-342.

_____. **Entre los Vilelas de Salta**. Buenos Aires: Academia Literaria del Plata, 1939.

_____. **Entre los Lules de Tucumán**. Buenos Aires: Talleres Gráficos "San Pablo", 1941.

_____. **Joaquín Camaño, S. J., y su "Noticia del Gran Chaco," 1778**. Buenos Aires: Librería del Plata, 1955.

_____. **Pedro Lozano, S. J. y sus “Observaciones a Vargas” (1750)**. Buenos Aires: Librería del Plata S. R. L., 1959, pp. 5-154.

_____. **Los jesuitas y la cultura rio-platense**. Buenos Aires: Ediciones Universidad del Salvador, 1984.

GARAY, Blas. **El comunismo de las misiones de la Compañía de Jesús en el Paraguay**. Madrid: Est. Tip. Viuda e Hijos de M. Tello, 1897.

GARCÍA ACEVEDO, Daniel. Documentos inéditos de Lozano, *in*: **Revista Histórica de la Universidad**, año II, enero de 1909, pp. 147-193.

GENETTE, Gérard. **Introdução ao Arquitexto**. Lisboa: Veja – Gabinete de Edições, 1987.

_____. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Vega, 1995.

_____. **Paratextos editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

_____. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

GONÇALVES, Eliana de Oliveira. **A intertextualidade e a compreensão do discurso literário: Arraia de fogo e Nove noites**, 149 f. 2011. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras, Goiânia, 2011.

GRAFTON, Anthony. **Los orígenes trágicos de la erudición**. Breve tratado sobre la nota al pie de página. México: FCE, 1998.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____. **Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

HERNANDEZ, Pablo. El Padre Lozano, *in*: **Revista Eclesiástica del Arzobispado de Buenos Aires**, tomo 4, 1904, pp. 457-460 e 589-590.

_____. Un jesuita misionario del Paraguay e no Tribunal de Felipe IV, **Razón y Fe**, nº 33, 1912, pp. 71-91; 215-222.

HERNÁNDEZ DÁVILA, Carlos Arturo. Crónica, *in*: CHINCHILLA PAWLING, Perla. **Lexicón de formas discursivas cultivadas por la Compañía de Jesús**. México: Universidad Iberoamericana, A. C., 2018, pp. 351 - 367 [publicação eletrônica].

IMOLESI, María Elena. **Dos historiadores modernos de las antiguas misiones del Paraguay, Pablo Hernández y Guillermo Furlong**, 2014, pp. 1-42. Disponível em: https://www.academia.edu/22888133/Dos_historiadores_modernos_de_las_anti

guas_misiones_del_Paraguay._Pablo_Hern%C3%A1ndez_y_Guillermo_Furlong.

Acesso em 06 de julho de 2015.

JUSTO, María de la Soledad. Paraguay y los debates jesuíticos sobre la inferioridad de la naturaleza americana, *in*: WILDE, Guillermo (dir.). **Saberes de la conversión:** jesuitas, indígenas e imperios coloniales en las fronteras de la cristiandad. 1ª. Ed. Buenos Aires: SB, 2011, pp. 155-174.

_____. Testigos directos de la naturaleza paraguaya. Novedad y tradición en las historias y crónicas jesuitas entre el Renacimiento y la Ilustración, *in*: **Páginas – Revista Digital de la Escuela de Historia**, año 4, n.º. 7, 2012, pp. 35-55. Disponível em: <http://revistapaginas.unr.edu.ar/index.php/RevPaginas/article/view/81/81>. Acesso em 01 de junho de 2017.

_____. La Compañía de Jesús y la Corona hispánica durante los siglos XVI y XVII, *in*: **VIII Jornadas de Historia Moderna y Contemporánea**. Encuentros entre la política, la economía, la cultura y la sociedad, 2012, pp. 1-15. Disponível em: https://www.academia.edu/13019721/La_Compa%C3%B1a_de_Jes%C3%BAAs_y_la_Corona_hisp%C3%A1nica_durante_los_siglo_XVI_y_XVII. Acesso em 10 de fevereiro de 2017.

_____. “Que no es todo para todos”. El deber de escribir en la Compañía de Jesús, *in*: **Actas y Comunicaciones del Instituto de Historia Antigua y Medieval**, volumen 9, 2013, pp. 1-10. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4722844>. Acesso em 14 de julho de 2016.

_____. Maravilla, horror y curiosidad en la naturaleza paraguaya. Literatura de viajes y relato misional en las Crónicas jesuíticas de Paraguay, *in*: **XIV Jornadas Interescuelas**, 2013, pp. 1-24. Disponível em: <http://cdsa.academica.org/000-010/241.pdf>. Acesso em 05 de abril de 2016.

_____. Revisitando la Descripción de la Patagonia del Padre Tomás Falkner. Modelos retóricos y escritura jesuita, *in*: **Atek Na**, 5, 2015, pp. 233-269. Disponível em: https://www.academia.edu/26897305/REVISITANDO_LA_DESCRIPCIÓN_DE_LA_PATAGONIA_DEL_PADRE_THOMÁS_FALKNER._MODELOS_RETÓRICOS_Y_ESCRITURA_JESUITA. Acesso em 05 de dezembro de 2017.

KOSSELECK, Reinhart. **Futuro pasado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LAFONTE QUEVEDO, Samuel Alejandro. Prólogo, *in*: SÁNCHEZ LABRADOR, José. **Paraguay Católico con sus principales provincias convertidas á la Santa Fe y vasallaje del Rey de España por la predicación de los misioneros celosos de la Compañía de Jesús en gran parte arruinadas por los mamelucos del Brasil y restablecidas por los mismos misioneros (año de 1770?)**. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos, 1910, pp. VII- XX.

LAMALLE, Edmond. L' archivo di un grande ordine religioso: quello della Compagnia di Gesù, *in*: **Archiva Ecclesiae**, anni XXIX-XXV, 1, 1981-1982, pp. 89-120.

LAMAS, André. Introduccion, *in*: LOZANO, Pedro. **Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán**. Buenos Aires: Casa Editora Imprenta Popular, 1873, pp. III-CXLVIII.

_____. Introduccion, *in*: GUEVARA, José. **Historia del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman hasta fines del siglo XVI**. Buenos Aires: En venta en todas las Librerías, 1882, pp. V-XL.

LE GOFF, Jacques. **Pensar la Historia**. Paidós: Barcelona, 1982.

LECONTE, Alain; LÉON, Jacqueline; MARANDIN, Jean-Marie. Análise do discurso: estratégias de descrição textual (1984), *in*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pecheux**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997, pp. 283-310).

LEDEZMA, Domingo; MILLONES FIGUEROA, Luis. Introducción: los jesuitas y el conocimiento de la naturaleza americana, *in*: LEDEZMA, Domingo; MILLONES FIGUEROA, Luis. **El saber de los jesuitas, historias naturales y el Nuevo Mundo**. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2005, pp. 9-26.

LEITE, Bruno Martins Boto. Verdes que em vosso tempo se mostrou. Das boticas jesuíticas da Província Jesuítica do Brasil (séculos XVII-XVIII). In: KURY, Lorelai B. (org.). **Usos e circulação de plantas no Brasil (séculos XVI-XIX)**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial Ltda., 2013, pp. 52-93.

LEONHARDT, Carlos. El P. Pedro Lozano (S.J.) Historiador Rioplatense, *in*: **Boletín del Instituto de Investigaciones Historicas**, año III, n. 23, 1925, pp. 201-232.

LOPES, José Sérgio Lopes. Algo sobre a trajetória da prática do autor científico Roger Chartier, *in*: CHARTIER, Roger. **Autoria e história cultural da ciência**. Rio de Janeiro: beco do Azougue, 2012, pp. 17-24.

LOWENTHAL, David. **El pasado es un país extraño**. Madrid: Ediciones Akal, S.A., 1998.

- LOZANO, Jorge. **El discurso histórico**. Madrid: Alianza Editorial, S.A., 1987.
- LUHMAN, Niklas. **La sociedad de la sociedad**. Mexico: Iberoamericana, 2006.
- MAEDER, Ernesto Joaquín Antonio. Estudio preliminar. *in*: RUIZ DE MONTOYA, Antonio. **Conquista Espiritual hecha por los religiosos de la Compañía de Jesús en las Provincias de Paraguay, Parana, Uruguay y Tape (1639)**. Rosário: Equipo Difusor de Estudios de Historia Iberoamericana, 1989, pp. 9-37.
- _____. **Historia del Chaco**. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1996.
- _____. Estudio preliminar, *in*: LOZANO, Pedro. **Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán**. Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia, 2010, pp. 3-37.
- MANCINI, Lorenzo. Bibliotheca, *in*: CHINCHILLA PAWLING, Perla. **Lexicón de formas discursivas cultivadas por la Compañía de Jesús**. México: Universidad Iberoamericana, A. C., 2018, pp. 215 - 230 [publicação eletrônica].
- MARIN, Louis. Ler um quadro, *in*: CHARTIER, Roger (dir.). **Práticas de Leitura**, 2009, pp. 117-140.
- MARRAS, Gianna Carla. Introduzione, *in*: LOZANO, Pedro. **Descripción corográfica del gran Chaco Gualamba (Córdoba 1733)**. Milano: Franco Angeli, 2011, pp. 7-44.
- MECENAS, Ane Luise. “O que importa para a fé e os bons costumes”: a censura e a publicação de impressos jesuíticos em Portugal (1623-1684), *in*: **História**, v. 36, e. 30, 2017, pp. 1-20.
- MEDEIROS, Bruno Franco. **Plagiário, à maneira de todos os historiadores: Alphonse de Beauchamp e a escrita da história da França nas primeiras décadas do século XIX, 184 f.** 2011. Dissertação (Mestrado) — Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2011.
- _____. **Plagiário à maneira de todos os historiadores**. Jundiaí: Paca Editorial, 2012.
- MELIÀ, Bartomeu. Missão por redução. **Estudos Leopoldenses**, v. 25, nº 110maio/junho de 1989, pp. 21-36.
- _____. Etimología y semántica en un manuscrito inédito de Antonio Ruiz de Montoya (1651). **Actes Du Colloque International: La “découverte” des langues des écritures d’Amérique**. Paris: Association d’Ethnolinguistique Amérindienne, 1995, pp. 331-340.
- _____. La *Apología* de Montoya lingüística, etnología e historia. *In*: RUIZ DE MONTOYA, Antonio. **Apología en defensa de la doctrina cristiana que en la lengua**

guaraní tradujo el venerable padre fray Luís de Bolaños de la familia franciscana por el mismo Antonio Ruiz de Montoya (1651). Asunción: Fondec/CEPAG, 2008, pp. 391-404.

_____. Montoya saca a luz a su *Tesoro*. In: RUIZ DE MONTOYA, Antonio. **Tesoro de la lengua guaraní (1639)**. Asunción: CEPAG, 2011, pp. IX-XLV.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raíces clássicas da historiografia moderna**. Bauru: Edusc, 2004.

MORALES, Martín María. Introducción, in: MORALES, Martín María. **A mis manos han llegado**. Cartas de los PP. Generales a la Antigua Provincia del Paraguay (1608-1639). Madrid: Universidad Pontificia Comillas; Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 2005, pp. 7-83.

_____. **Javier dormido, Javier vigilante**. Roma, 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/6509766/Francisco_Javier_dormido_Francisco_Javier_vigilante. Acesso em 09 de abril de 2016.

_____. El arte se me ha perdido. Aproximaciones a la historiografía jesuítica, in: **Historia y Grafía**, núm. 29, 2007, pp. 17-56. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/589/58922909002/>. Acesso em 17 de junho de 2016.

_____. ¿Guaraníes? Una lectura de la obra de Peramas “De administratione guaranica comparate ad Republicam Platonis commentarius” (1793), in: CHINCHILLA, Perla. **Los jesuitas formadores de ciudadanos: la educación dentro y fuera de sus colegios**. México: Universidad Iberoamericana, 2010, pp. 205-244.

_____. La respiración de los ausentes. Itinerario por la escritura jesuítica, in: WILDE, Guillermo (dir.). **Saberes de la conversión: jesuitas, indígenas e imperios coloniales en las fronteras de la cristiandad**. 1ª. Ed. Buenos Aires: SB, 2011, pp. 29-52.

_____. Las huellas de la resistencia, in: **Società e storia**, n. 134, 2011, pp. 711-734.

_____. La parábola de la biblioteca, in: **Revista del Departamento de História – Universidad Iberoamericana**, nº 38, enero-junio/2012, pp. 59-94.

_____. La ricostituzione della Compagnia di Gesù, in: **La Civiltà Cattolica**, Quindicinale, Anno 165, 6 settembre 2014, pp. 375-389.

_____. Las cartas de los jesuitas, los pliegues de un género, in: **Historia y Grafía**, año 22, núm. 43, julio-diciembre, 2014, pp. 51-76. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/589/58939151004.pdf>. Acesso em 30 de março de 2017.

_____. **La fábrica de la historia:** Antonio Astrain. Roma, 2014, pp. 1-21. Disponível em: <http://2014elregreso.blogspot.com.br/search/label/Seminario%202012>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

_____. **The space for desire and its maps.** Roma, s/d., pp. 1-17. Disponível em: https://www.academia.edu/6509728/The_space_for_desire_and_its_maps. Acesso em 09 de abril de 2016.

_____. Carta de General *in*: CHINCHILLA PAWLING, Perla. **Lexicón de formas discursivas cultivadas por la Compañía de Jesús.** México: Universidad Iberoamericana, A. C., 2018, pp. 277- 290 [publicação eletrônica].

MORALES MOYA, António. La historiografía española del siglo XVIII, *in*: **Revista de História das Ideias: História, Memória, Nação**, vol. 18, 1996, pp. 7-43. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/41922/1/La_historiografia_espanola_del_siglo_XVIII.pdf. Acesso em 19 de março de 2018.

MOURA, Gabriele Rodrigues de. **“Qualquer dia estes padres vão amanhecer sem cabeça”:** O Guairá como palco de representações no livro *Conquista Espiritual*, 2008. 99 f. Monografia (Bacharelado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

_____. **“Señores de la palabra”:** histórias e representações na obra de Antonio Ruiz de Montoya (1612-1652), 243 f. 2013. Dissertação (Mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, 2013.

_____. Don Bernardino de Cárdenas, O.F.M.: as acusações e os atos de antijesuitismo feitas pelo Bispo do Paraguay (1644-1651), *in*: **IHS. Antiguos jesuitas en Iberoamérica**, Vol. 4 nº 1, enero-junio 2016, pp. 107-117.

NEUMANN, E. “Ni V.E. ignora que no he tenido ociosa la pluma”: a polémica produção escrita de um jesuíta durante o Tratado de Limites, *in*: **Revista de Estudos du Cultura**, nº. 05, mai.ago./2016, pp. 35-48. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revec/article/download/5933/4942>. Acesso em 19 de junho de 2017.

O’NEILL, Charles Edwards; DOMÍNGUEZ, Joaquín María. **Diccionario histórico de la Compañía de Jesús:** bibliográfico-temático Madrid: Universidad Pontificia de Comillas; Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 2001 (IV volumes).

OBERMEIER, Franz. Redescubierta de un manuscrito perdido del Padre Pedro Lozano, un tomo de su Diccionario histórico-índice de 1748, *in*: **Estudios Históricos**,

año VI, diciembre 2014, n. 13, pp. 1-12. Disponível em: <http://ri.conicet.gov.ar/bitstream/handle/11336/8311/334-334-1-PB.pdf?sequence=2>.

Acesso em 15 de julho de 2015.

OLIVEIRA, Paulo Rogério Melo de. Um estilo jesuítico de escrita da história: notas sobre estilo e história na historiografia jesuítica, *in: História da Historiografia*, número 7, nov./dez. 2011, pp. 266-278. Disponível em: <https://www.historia.dahistoriografia.com.br/revista/article/view/221>. Acesso em 11 de abril de 2012.

_____. Clio na Companhia de Jesus: historiografia jesuítica das reduções do Paraguai, *in: Revista de Teoria da História*, ano 7, volume 4, número 2, novembro 2015, pp. 78-108. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/39249>. Acesso em 20 de abril de 2017.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PAGE, Carlos Alberto. Historiografía antigua y fuentes de información para la historia de la Compañía de Jesús en Argentina, *in: II Jornadas de Historia de los Pueblos de Paravachasca Calamuchita y Xanaes*, Museo Casa del Virrey Liniers, 19 Y 20 de Noviembre de 1999, pp. 15-31. Disponível em: <http://www.carlospage.com.ar/wp-content/2008/06/Historiografía-antigua-y-fuentes1.pdf>. Acesso em 02 de janeiro de 2016.

_____. El desarrollo del género biográfico entre los jesuitas del Paraguay antes de la expulsión de España, *in: História, histórias*, vol. 2, n. 4, 2014, pp. 5-22. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/11562/9359>. Acesso em 25 de março de 2015.

PAIVA, Raul. **São Francisco Xavier: Um jesuíta nos caminhos do Oriente**. São Paulo: Loyola, 1984.

PALOMO, Federico. “Disciplina christiana”: Apuntes historiográficos en torno a la disciplina y el disciplinamiento social como categorías de la historia religiosa de la alta edad moderna, *in: Cuadernos de Historia Moderna*, nº 18, 1997, pp. 119-136. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=123168>. Acesso em 20 de junho de 2017.

_____. De algunas cosas que sucedieron estando en misión. Espiritualidad jesuita y escritura misionera en la península ibérica (siglos XVI y XVII), *in: Actas do Colóquio Internacional: A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos sécs. XVI e XVII*. (Vol. 1). Porto: Humbertipo, 2004, pp. 119-150. Disponível em:

https://www.academia.edu/1072058/De_algunas_cosas_que_sucedieron_estando_en_misi3n_espiritualidad_jesuita_y_escritura_misionera_en_la_península_ibérica_siglos_XVI_y_XVII_. Acceso em 01 de janeiro de 2017.

_____. Corregir letras para unir espíritus. Los jesuitas y las cartas edificantes en el Portugal del siglo XVI, *in*: **Cuadernos de Historia Moderna**, IV, 2005, pp. 57-81. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/CHMO/article/view/CHMO0505220057A>. Acceso em 20 de março de 2014.

_____. Limosnas impresas. Escritos e imágenes en las prácticas misioneras de interior en la península Ibérica (siglos XVI-XVIII), *in*: **Manuscripts**, 25, 2007, pp. 239-165. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/Manuscripts/article/view/87062>. Acceso em 10 de junho de 2017.

_____. Cultura religiosa, comunicación y escritura en el mundo ibérico de la Edad Moderna, *in*: SERRANO, Eliseo (Coord.). **De la tierra al cielo**. Líneas recientes de investigación en Historia Moderna. Zaragoza: Institución <<Fernando el Católico>> (C.S.I.C.), 2013, pp. 53-88.

_____. Clero y cultura escrita en el mundo ibérico de la Edad Moderna, *in*: **Cuadernos de Historia Moderna**, Anejo XIII, 2014, pp. 11-26. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/CHMO/issue/view/2628/showToc>. Acceso em 10 de setembro de 2015.

_____. Conexiones atlánticas: Fr. Apolinário da Conceição, la erudición religiosa y el mundo del impresso em Portugal y la América portuguesa durante el siglo XVIII, *in*: **Cuadernos de Historia Moderna**, Anejo XIII, 2014, pp. 111-137. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/CHMO/issue/view/2628/showToc>. Acceso em 10 de setembro de 2015.

PASTELLS, Pablo; MATEOS, Francisco. **Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay**. (Tomos VI e VII). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas Instituto Santo Toribio de Mogrovejo, 1946-1948.

PAZ, Carlos Daniel. **La “nación” de los abipones. ¿Un experimento político exitoso?**, 2009. 209 f. Tese (Doutorado em História) - Facultad de Ciencias Humanas. Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires - UNCPBA, Tandil, 2009.

_____. El discurso jesuita sobre los indios del Gran Chaco y la ‘buena acción’ misional (siglo XVIII), *in*: WILDE, Guillermo (Ed.). **Saberes de la conversión: jesuitas,**

indígenas e imperios coloniales en las fronteras de la cristiandad, Buenos Aires: Editorial SB, 2011, p. 373-388.

_____. **Guillermo Furlong, S. J. y los pueblos indios del Chaco y las Pampas.** Su mirada historiográfica sobre el siglo XVIII [enviado para publicação].

PAZ, Carlos Daniel; CARGNEL, Josefina Guadalupe. Crónicas de la barbarie. Categorías y formas de organización de la política nativa chaqueña, analizadas y narradas por la Compañía de Jesús, *in: Revista Digital de la Escuela de Historia*, año 4, nº7, 2012, pp. 9-33.

PAZ, Carlos Daniel; MOURA, Gabriele Rodrigues de. Pedro Lozano, SJ y su aporte a la construcción de un saber cosmopolita sobre la América meridional *in: Anais do XVI Simpósio Internacional IHU*. Companhia de Jesus. Da supressão à restauração. São Leopoldo: Casa Leiria, 2014, pp. 428-454.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas/SP: Editora da UNICAMPI, 1995.

_____. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Campinas/SP: Pontes Editores, 2012.

PÉCORA, Alcir. Cartas à segunda escolástica, *in: NOVAES, Adauto (Org.). A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp. 373-414.

PEÑA DÍAZ, Manuel. Libros permitidos, lecturas prohibidas (siglos XVI-XVII), *in: Cuadernos de Historia Moderna*, Anejos, 2002, pp. 85-101.

PERRONE, Nicolás Hernán. Algunas aproximaciones a la construcción literaria de enemigos en la historiografía jesuítica iberoamericana. Cambios y permanencias entre los siglos XVIII y XX, *in: Archivum Historicum Societatis Iesu*, vol. 84, 2014, pp. 111-129.

_____. Un recorrido historiográfico sobre la Compañía de Jesús: la bibliografía jesuita y laica sobre las expulsiones, la supresión y la restauración de los jesuitas, *in: Anuario IEHS*, 31 (1), 2016, pp. 149-172.

_____. Un documento olvidado de un jesuita expulso tucumano: la “Carta crítica sobre el uso de la Santa Biblia en lengua vulgar” de Diego León de Villafañe (1741-1830), *in: IHS. Antiguos jesuitas en Iberoamerica*, vol. 4, nº 2, julio-diciembre 2016, pp. 80-94.

PELOZATTO REILLY, Mauro Luis. Las intervenciones de la Real Audiencia de Charcas y su influencia sobre diversos asuntos de interés público municipal en Santa

Fe colonial (Gobernación del Río de la Plata, 1617-1627), *in*: **ESTUDIOS HISTÓRICOS – CDHRPyB**, Año X, n. 19, Juli-2018, pp. 1-33.

PINHEIRO, Lidiane Santos de Lima. Contribuições da Análise do Discurso ao Estudo da Comunicação Organizacional, *in*: **VI Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas – “VI Abrapcorp 2012 – Comunicação, Discurso, Organizações”**, 26 a 28 de abril de 2012, pp. 1-15.

POLETTTO, Roberto. **Uma trajetória por escrito: Pedro Montenegro SJ. e sua Matéria Médica Misionera**, 218 f. 2014. Dissertação (Mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, 2014.

PONCELA GONZÁLEZ, Ángel. **Francisco Suárez, lector de metafísica Γ y Λ . Posibilidad y límite de la aplicación de la tesis ontoteológica a las *Disputaciones Metafísicas***. León: Editorial Celarayn S. L., 2010.

_____ (ed.). **La Escuela de Salamanca. Filosofía y Humanismo ante el mundo moderno**. Madrid: Editorial Verbum, S. L., 2015.

QUINTILIANO, Marco Fabio. **Instituições oratorias de M. Fabio Quintiliano escolhidas dos seus xii livros traduzidas em linguagem, e illustradas com notas criticas, historicas e rhetoricas, para uso dos que aprendem: Ajuntão-se no fim as peças originaes de eloquencia, citadas por Quintiliano no corpo d'estas instituições**. 2. ed. Paris: Aillaud, 1836.

RABASA, José. **De la invención de América: la historiografía española y la formación del eurocentrismo**. México: Universidad Iberoamericana, 2009.

RABUSKE, Arthur. Antônio Ruiz de Montoya: vida e obra em geral. **Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missionários - Montoya e as reduções num tempo de fronteiras**. Santa Rosa: Fac. Filos. Ciências e Letras Dom Bosco, 1985, pp. 43-56.

_____. **Pe. Antônio Sepp, S.J.: O gênio das Reduções Guaranis**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

REBESCHINI, Monica. La biografia come genere storiografico tra storia política e storia sociale. Questioni e prospettive di metodo, *in*: **Acta Histriae**, 14, 2006/2, pp. 427-446. Disponível em: <https://www.dlib.si/stream/URN:NBN:SI:DOC-S3GKZ5G0/db4d9406-13fe-44a3-af35-05a05b224160/PDF>. Acesso em 04 de setembro de 2010.

REYES GÓMEZ, Fermín de los. **El libro en España y América**. Legislación y censura (Siglos XV-XVIII). Madrid: Arco/Libros, 2000.

ROARO, Jorge. La Escuela de Salamanca y la interpretación histórica del Humanismo renacentista español, *in: Disputatio. Philosophical Research Bulletin*, 4, 2014, pp. 189-261.

ROBLEDO PÁEZ, Santiago. Arte de la lengua, *in: CHINCHILLA PAWLING, Perla. Lexicón de formas discursivas cultivadas por la Compañía de Jesús*. México: Universidad Iberoamericana, A. C., 2018, pp. 200 - 214 [publicação eletrônica].

RODRIGUES, Graça Almeida. **Breve história da censura literária em Portugal**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1980.

RODRIGUES, Luiz Fernando Medeiros. “A mis em Xpo. Muy amados padres y hermanos dela Compañía de Jesu”. A escrita jesuítica segundo Inácio de Loyola. **Revista Clio – Revista de Pesquisa História**, volume 28.2, 2010, pp. 1-20.

_____. *A Formula Scribendi* na Companhia de Jesus: origem, leitura paleográfica e fonte documental para o estudo da ação dos jesuítas. **Anais do X Encontro Estadual de História**. Santa Maria: ANPUH/RS, 2010, pp. 1-17.

_____. *Ad ommium solatium et aedificationem*. Os Menológios da Companhia de Jesus: gênero, desenvolvimento e reforma, *in: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo: ANPUH/SP, 2011, pp. 1-19. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312831437_ARQUIVO_Adommi_umsolatiummetaedificationemLuizRodriguesseminario90.pdf. Acesso em 05 de abril de 2012.

_____. As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia, *in: Cadernos IHU Ideias*, ano 9, nº 151, 2011, pp. 1-52.

ROUILLON ARRÓSPIDE, José Luis. **Antonio Ruiz de Montoya y las Reducciones del Paraguay**. Asunción, Paraguay: Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”, 1997.

SALVAT, Ignasi. **Servir en Misión Universal**. Bilbao: Ediciones Mensajero S. A. U; Santander: Sal Terrae, 2002.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SÃO TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980 (11 volumes).

_____. **Suma Teológica**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1990 (5 volumes).

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. **Teoria da literatura**. Coimbra: Almedina, 1982.

SISMONDI, Jean Charles Leonard Simonde de. **História de la Literatura Española**. Tomo Segundo. Sevilla: Imprenta de Alvarez y Compañía, 1842.

SOUSA, Jesus Maria. Os jesuítas e a Ratio Studiorum: as raízes da formação de professores na Madeira. **Isleña**, n.32, 2003, pp. 26-46. Disponível em <http://www3.uma.pt/jesussousa/Publicacoes/31OsJesuitaseaRatioStudiorum.PDF>.

Acesso em 09 de junho de 2011.

SUÁREZ, Marcela Alejandra; SÁNCHEZ, Luis; JUSTO, María de la Soledad. La Biblioteca del Antiguo Colegio de Santa Catalina de la Compañía de Jesús de Córdoba (España): estudio bibliográfico de las secciones de Historia Profana y Filosofía, *in*: **IHS. Antiguos jesuitas en Iberoamerica**, vol. 4, nº. 2, julio-diciembre 2016, pp. 1-97. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/ihs/article/view/17647>. Acesso em 04 de fevereiro de 2017.

TEDESCHI, Stefano. Una letteratura fra ritardi, incertezze e ansia di modernità, *in*: YURKIEVICH, Saúl; PUCCINI, Dario. **Storia della civiltà letteraria ispanoamericana**. (Volume 1). Torino: Utet, 2000, pp. 284-341.

TISSERA, Ramón. **Chaco Gualamba, historia de un nombre**. Resistencia – Chaco: Ediciones Cultural Nordeste, 1972.

TORALES PACHECO, María Cristina. Los jesuitas novohispanos y la naturaleza en el siglo XVIII, *in*: LEDEZMA, Domingo; MILLONES FIGUEROA, Luis. **El saber de los jesuitas, historias naturales y el Nuevo Mundo**. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2005, pp. 195-224.

TORRES, Luiz Henrique. **Historiografia sul-rio-grandense: o lugar das missões jesuítico-guaranis na formação histórica do Rio Grande do Sul (1819-1975)**, 1997. 208 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

TORRES LODOÑO, Fernando. Escrevendo Cartas. Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI, *in*: **Revista Brasileira de História**, v. 22, nº 43, 2002, pp. 11-32. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n43/10908.pdf>. Acesso em 10 de abril de 2011.

VARELLA, Flávia. Quando plagiar é escrever a história: Alphonse de Beauchamp entre a historiografia antiga e moderna, *in*: **Topoi**, v. 14, n. 27, jul./dez., 2013, pp. 543-548.

WHITE, Hayden. **Meta-História: a imaginação histórica do século XIX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

WOODMAN, Anthony John. **Rhetoric in classical historiography**: four studies. Portland: Aeropagítica Press, 1998.

XAVIER, Newton da Rocha. **No solo regado a sangue e suor**: A cartografia da Província Jesuítica do Paraguai (Século XVIII), 2012. 173 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ZUPANOV, Ines G. **Disputed Mission**. Jesuit Experiments and Brahmanical Knowledge in Seventeenth Century India. Oxford University Press: Nueva Delhi, 1999.